ÉSIO MACEDO RIBEIRO

**O RISO ESCURO OU O PAVÃO DE LUTO:
UM PERCURSO
PELA POESIA DE LÚCIO CARDOSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. **Cláudia de Arruda Campos**.

SÃO PAULO
agosto/2001

$\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}$ **BANCA EXAMINADORA**

Profª. Drª. Cláudia de Arruda Campos – Orientadora

Profª. Drª. Norma Seltzer Goldstein
Universidade de São Paulo - SP

Profª. Drª. Ruth Silviano Brandão
Universidade Federal de Minas Gerais - BH

Copyright © 2001 by Ésio Macedo Ribeiro

Foto de Lúcio Cardoso (capa): reprodução da revista *Manchete*, 1965.

Ilustração: Jeronymo Ribeiro, *Retrato de Lúcio Cardoso*, litogravura, 1944.

**A meu companheiro, George Finkelstein,
pelo amor, carinho e compreensão
durante toda a caminhada**

**A tia Jovita Ribeiro Guedes,
que sempre acreditou em mim,
com saudade**

**A Raimundo Barbadinho Neto,
que me apresentou a literatura de Lúcio Cardoso,
pelo carinho e amizade eternos**

AGRADECIMENTOS

A Cláudia de Arruda Campos, orientadora e amiga, pela sinceridade e seriedade com que apresentou problemas e soluções em e para meu trabalho.

As professoras Ivone Daré Rabello e Tereza de Almeida, pelas observações, críticas e sugestões apresentadas durante o exame de qualificação.

Aos professores Alfredo Bosi, Antonio Soares Amora (*in memoriam*), Claus Clüver, Flávio Aguiar, Lígia Chiappini Moraes Leite, Maria dos Prazeres S. Mendes e Norma Seltzer Goldstein, pelos ensinamentos recebidos.

A Enaura Quixabeira Rosa e Silva e Ruth Silviano Brandão, amigas devotadas, que me estimularam a não desistir.

A Oscar D'Ambrosio, meu primeiro leitor, pelas sugestões, críticas e advertências indispensáveis e tudo quanto mais se abriga sob o teto generoso da amizade.

A André Seffrin, pela leitura atenta e ajuda inestimável durante a revisão final da bibliografia.

A Marcos Bagno, amigo-enciclopédia, Amigo de todas as horas.

A CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento do Ensino Superior), pela bolsa concedida.

A Fundação Casa de Rui Barbosa, na pessoa gentilíssima de Eliane Vasconcellos.

A Andréa Vilela e Rafael Cardoso, sobrinhos-netos de Lúcio Cardoso, pelas conversas reveladoras.

Aos funcionários do Setor de Pós-Graduação, especialmente a Luiz de Mattos Alves.

Aos amigos Adriana Saldanha Guimarães, Almandrade, Alonso Álvares, Ana Cordeiro, Antonio Carlos Secchin, Augusto de Campos, Carmen Cinira Teixeira, Cassiano Nunes, Cláudio Giordano, Cleuza Maria C. Bettoni, Donizete Galvão, Edson Mônaco, Egon de Oliveira Rangel, Emanuel Araújo, Emil de Castro, Fabio Weintraub, Fernanda Benevides, Flávio Carlos Pagliúca, Flávio Moreira Chamarelli (*in memoriam*), Florivaldo Menezes, Gênese Andrade Silva, Geni Leopoldino Cypriano, Gonzalo Calejas Varela, Hamilton dos Santos, Hélcio Santana Moura Cardoso, Humberto Werneck, Ivan Teixeira, João Silvério Trevisan, Joel Rosa de Almeida, Jorge Schwartz, José Luís Monteiro, José Mindlin, José Paulo Paes (*in memoriam*), Julio Castañon Guimarães, Lúgia Reinach, Luiz Ruffato, Lygia Campos D'Ambrosio, Márcia Lúgia Guidin, Maria Augusta Fonseca, Maria Bonomi, Maria Helena Torres, Marília de Andrade, Norberto Antonio Rodrigues Neto, Paulo Bruscky, Philadelpho Menezes (*in memoriam*), Raunel Novaes, Renato Bittencourt Gomes, Renina Katz, Ronaldo Cagiano, Sérgio Roberto Montero Aguiar, Tadeu Bandoni, Waldemar Torres, Valéria Lamego, Vivaldo Trindade e Wilton Rossi.

A minha família.

[illegible]

This essay shows the main important aspects of the poetical work of Lúcio Cardoso (1912-1968), from his assumed first poem (“Poema do ferro e do sangue” – 1934) till his second published book, (*Novas poesias* – 1944). It also discusses some unpublished texts and offers some comments about his posthumous book (*Poemas inéditos* – 1982). The main purpose is to understand the theme evolution in his poetry. It also shows traces of the dialogue between Cardoso’s poetry and Brazilian second generation Romanticism, Symbolism, Expressionism, Surrealism and Modernism. This essay also has the objective of discussing the connection between Cardoso’s themes and his biography, mostly considering the comments present in his *Diário completo* (1970). This essay shows themes, constants and trends that points out how some aspects of Cardoso’s poetry are also present in his prose. Finally, it also contains a reviewed and enlarged bibliography by and about the author.

$\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}$ ABREVIATURAS UTILIZADAS NESTA DISSERTAÇÃO

ALC = Arquivo Lúcio Cardoso

AMLB = Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

CHP = *Cadernos da Hora Presente*

DC = *Diário completo*

FCRB = Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)

LC = Lúcio Cardoso

NP = *Novas poesias*

P = *Poesias*

PI = *Poemas inéditos*

s/d. = Sem data

S.l. = Sem identificação de local

	O quarto enfeitado	163
	Voto	164
	APÊNDICE 2: Dossiê	165
	Carta de Emil de Castro	166
	Carta de Maria Helena Cardoso	168
	Figura	176
	E-mail da Biblioteca Nacional (RJ)	177
ANEXO:	Levantamento bibliográfico de e sobre Lúcio Cardoso	178
	INTRODUÇÃO	179
	I. BIBLIOGRAFIA DE LÚCIO CARDOSO	183
	a) Livros publicados	184
	Romances	184
	Novelas	185
	Poesias	186
	Diários	186
	Peças teatrais	186
	Literatura infanto-juvenil	187
	Ensaio	187
	Opúsculos	187
	Traduções	189
b) Artigos, contos, novelas, romances (trechos), crônicas e poemas dispersos		189
	c) Entrevistas e depoimentos	197
	d) Exposições de pintura e retrospectiva	199
	e) Capas de livro	199
	f) Obras traduzidas pelo autor	200
g) Filmes em que Lúcio Cardoso colaborou		201
	h) Prefácios	203
	i) Inéditos	203
	Romances	203
	Novelas	203
	Contos	204
	Poesias	204
	Crônica	204
	Peças teatrais	204
	Crítica literária	205
	Diários	205
	Ensaio	205
	Artigos	205
	Conferências	206
	Entrevistas	206
	Obras traduzidas pelo autor	206
	Notas	206
	j) Correspondência ativa	207
	k) Roteiros inéditos	207
	l) Desenhos	207
	II. BIBLIOGRAFIA SOBRE LÚCIO CARDOSO	208
	a) Livros	209
	b) Dissertações e teses	230
	c) Artigos de jornais e de revistas	232
	d) Obras de referência	274
e) Documentários e filmes baseados na vida e na obra de Lúcio Cardoso		275
	f) Correspondência passiva	278
	g) Correspondência de terceiros	283
	h) Inéditos	283
	i) Inéditos de autores não-identificados	284

Pois quem, senão tu
trará do abismo a voz que eu procuro
e que longe de mim
refulge como a estrela
suspensa sobre o inferno em que habito.

Lúcio Cardoso

A literatura de Lúcio Cardoso (LC) viveu um longo período na obscuridade até a passagem dos 30 anos de sua morte, em 1998, quando muito se comentou sobre sua obra. Os eventos referentes estenderam-se até o ano seguinte, com o lançamento da edição comemorativa de 40 anos da primeira edição de sua obra-prima, *Crônica da casa assassinada*.

Mesmo antes desta redescoberta, eu já pensava em trabalhar com a obra de LC e optei, para objeto de minha dissertação de mestrado, por sua poesia, pouco ou nada divulgada até a presente data. Em meu trabalho, faço uma apresentação desta poesia, que reúne traços do romantismo da segunda geração, do simbolismo, do expressionismo, do surrealismo e do modernismo.

O título *O riso escuro ou o pavão de luto: Um percurso pela poesia de Lúcio Cardoso* foi retirado de um romance incompleto e inédito de LC.¹ Encontra-se aí a contraposição entre dois pares de elementos: riso — escuro / pavão — luto. Enquanto o riso evoca imagens de alegria, felicidade e prazer, o escuro conota tristeza, desgraça e medo.

Fenômeno semelhante ocorre ao confrontar o pavão com o luto. A ave desperta no leitor analogias com cores, vaidade e esplendor, termos opostos ao luto, caracterizado, no Ocidente, pelo negro, pela modéstia e pelo decoro. Desse embate, irrompe o desespero, que encontra, na poesia de LC, a catarse que permite ao poeta sobreviver psiquicamente em um mundo que se lhe revela hostil.

A obra poética de LC é formada por três livros, dois publicados em vida (*Poesias* [P],² 1941; e *Novas Poesias* [NP],³ 1944) e um póstumo (*Poemas inéditos* [PI],⁴ 1982), cuja seleção de poemas e montagem foi realizada por seu amigo, o escritor Octávio de Faria.⁵ Há ainda 484 páginas de poesias inéditas

¹ Lúcio Cardoso. “O riso escuro ou o pavão de luto” (romance incompleto). S.I., s/d., 21 fls. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 31 pi. [anexo: notas e outra versão].

² ———. *Poesias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. Todas as citações deste trabalho se referem a esta transcrição.

³ ———. *Novas Poesias*. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. Todas as citações deste trabalho se referem a esta transcrição.

⁴ ———. *Poemas inéditos*. Apres. e ed. de Octávio de Faria, “Paixão segundo São João” (poema) de Augusto Frederico Schmidt, pref. de João Etienne Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Todas as citações deste trabalho se referem a esta transcrição.

⁵ Apesar de ter publicado apenas dois livros de poesias em vida, LC nunca deixou de publicar seus poemas em jornais e revistas. E depois de sua morte, os amigos se incumbiram de levantar os inéditos e os foram publicando aqui e ali, na tentativa de manter acesa a chama poética e o nome do escritor. Octávio chegou até a

depositadas no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira [AMLB], Fundação Casa de Rui Barbosa [FCRB], no Rio de Janeiro, que abriga o arquivo do escritor: Arquivo Lúcio Cardoso [ALC].

Ao longo desta dissertação, trabalhei basicamente com os dois livros organizados e publicados em vida pelo escritor, só ocasionalmente fazendo referência ao seu terceiro livro e aos textos que permanecem inéditos.

A poesia de LC se vale das imagens para atingir as conotações que apontam a desarmonia do poeta com o universo que o leva ao sofrimento e à solidão. A noite, as sombras, a morte e ressonâncias de temáticas medievais são constantes de uma obra poética em que predominam a obscuridade, a ambigüidade e o hermetismo.

Inicialmente, no Capítulo I, busco oferecer um esboço biobibliográfico e um painel da multifacetada relação de LC com as artes. É feita, também, uma revisão da literatura brasileira dos anos 1930/40 e uma síntese dos movimentos literários dos Séculos XIX e XX, aos quais a obra poética cardosiana está relacionada, exemplificando com trechos de poemas de LC. Finalmente, é revista a atenção que a sua poesia recebeu da crítica.

No capítulo seguinte, faço um levantamento da gênese e da fortuna crítica de poesia cardosiana, a partir de “Poema do ferro e do sangue”,⁶ passando por *O riso inútil*,⁷ cujos originais serviram de base para a publicação de *P*, e ainda pela antologia publicada na revista *Cadernos da Hora Presente* [CHP], “10 poemas de Lúcio Cardoso”.⁸

Nestes dez poemas, apresento as modificações realizadas por LC para a publicação em *P*, embora o objetivo maior da dissertação não seja a crítica

por anúncio em jornal solicitando às pessoas que tivessem poemas de LC, que os enviassem para ele, quando este preparava a edição de *PI* (1982).

⁶ Lúcio Cardoso. “Poema do ferro e do sangue”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 abr. 1934a; *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 22 maio 1934b, Coluna “Os Nossos Poetas”, p. 2; *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 maio 1934c.

⁷ Não se tem notícia do paradeiro dos manuscritos de *O riso inútil*, parecem restar somente as menções, deste suposto primeiro livro de LC, feitas por Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira e Octávio de Faria, de sua existência.

⁸ Lúcio Cardoso. “10 poemas de Lúcio Cardoso”. *Cadernos da Hora Presente*, Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte, jul.-ago. 1939, ano I, n. 3, p. 122-9. Todas as citações deste trabalho se referem a esta transcrição.

genética, mas uma apresentação da pouco conhecida obra poética do escritor. Em seguida, descrevo a constituição dos livros *P* e *NP*, que serão motivo de posterior estudo.

No Capítulo III, discuto o que vem a ser poesia, apoiado em críticos como Roman Jakobson, Hugo Friedrich e Walter Benjamin. Tomo ainda as conceituações de metáfora de Marcus B. Hester e Francisco Filipak e a importância da imagem conforme proposta por Lucia Santaella, entre outros críticos, que, como Octavio Paz, trabalham na fronteira entre a palavra escrita e a imagem, tanto na literatura, como nas artes plásticas e no cinema.

Realizo, ainda, um mapeamento dos termos recorrentes nos dois primeiros livros (*P* e *NP*) e, apoiado no estudo do Motivo, tal como exposto por Wolfgang Kayser, verifico como ele predomina. Faço também uma leitura de poemas de *P* e *NP*, para obter uma maior compreensão da obra poética que LC publicou em vida. A questão da imagem é priorizada por ser um dos recursos lingüísticos mais enfatizados na obra cardosiana.

Os textos “Poemas do colégio interno”, “Mazepa”, “Os simuladores”, “Poema escrito na penumbra”, “A voz de Lázaro”, “Estrela”, “O anjo da noite”, e “A porta”, de *P*; e “Auto-retrato”, “A uma estrela”, “Sinos”, “O apelo da noite”, “Corsário”, “A floresta”, “O quarto enfeitado” e “Voto”, de *NP*, recebem uma atenção maior por serem os mais representativos no estudo do Motivo.⁹

Desse modo, torna-se possível verificar as ocorrências que comprovam o emparelamento na obra poética de um escritor que, mais conhecido por *Crônica da casa assassinada* (1959), tem, em seus livros de poesia, uma faceta menos estudada. Sua obra em versos ilumina aspectos dos seus textos em prosa, principalmente aqueles em que noite, morte e sombras predominam. Assim, o presente trabalho é de interesse tanto para estudiosos da obra de LC como para aqueles que buscam conhecer melhor a literatura brasileira dos anos 1930/40.

⁹ Estes poemas estão reunidos na antologia presente no Apêndice 1, que busca apresentar ao leitor os poemas mais representativos dos dois primeiros livros de LC.

No Apêndice 1, reúno uma antologia de poemas de LC (V. nota 9) e, no Apêndice 2, apresento documentos que comprovam a autenticidade ou não de poemas constantes em *PI* e em textos em prosa de LC.

No Anexo, faço um amplo levantamento bibliográfico de e sobre LC. A pesquisa foi iniciada nos anos 80, a partir de conversas com o professor Raimundo Barbadinho Neto, da Academia Brasileira de Filologia, que foi quem me apresentou a literatura de LC. Posteriormente, aprofundi essa pesquisa por meio do levantamento bibliográfico realizado por Mario Carelli, para a edição crítica da *Crônica da casa assassinada*;¹⁰ e pelo de Rôselange Florido Rangel e Eliane Vasconcellos Leitão, para o *Inventário do arquivo Lúcio Cardoso*,¹¹ que se encontra na FCRB. Utilizei ainda a atualização bibliográfica de e sobre o autor realizada pela professora doutora Enaura Quixabeira Rosa e Silva.¹²

Embora não possa dar como definitivo este levantamento, estou certo de que ele em muito irá colaborar para os presentes e futuros estudos da obra cardosiana. Esta dissertação, portanto, apresenta temas, constantes e tendências que revelam como aspectos da obra em prosa do escritor mineiro também se manifestam em suas poesias.

Assim, é possível verificar como as imagens e a estrutura dos versos de LC encontram ressonância em suas novelas e romances, bem mais estudados pela crítica, que já dedicou pelo menos 24 trabalhos acadêmicos, entre dissertações e teses,¹³ a variados aspectos do artista, sempre deixando a sua obra poética em segundo plano.

Tímido, atormentado e solitário, o poeta de Curvelo morreu pelos excessos da vida boêmia, atingindo o status de escritor maldito, que o acompanha até hoje, já que a academia ainda lhe deve uma fortuna crítica mais generosa. O presente

¹⁰ Lúcio Cardoso. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. Mario Carelli. Espanha: Archivos/CSIC, 1991.

¹¹ *Inventário do Arquivo Lúcio Cardoso*. Rosângela Florido Rangel & Eliane Vasconcellos Leitão, org. Rio de Janeiro: FCRB, 1989.

¹² Enaura Quixabeira Rosa e Silva. *A condição humana na obra de Lúcio Cardoso: Eros e Tântos, a alegoria barroca brasileira* (Tese de Doutorado). Maceió: Universidade Federal de Alagoas; Paris: Université Stendhal-Grenoble 3, France, 1999, 234 p.

¹³ V. Anexo, p. 229-31.

trabalho, portanto, busca preencher essa lacuna, especificamente no que diz respeito a sua obra em verso.

CAPÍTULO I: ESCORÇO BIOBIBLIOGRÁFICO

[...] eu acompanhei desde o primeiro
lodo a indisciplina de sua sabedoria e a multiplicidade
de seus caminhos [...]¹⁴

Jorge de Lima

“Nunca eu soubera o segredo da alegria alheia./ Ouvia os risos que enchiam o pátio de recreio/ e sofria dessa dor sem nome de sentir a vida/ muito mais cedo do que os outros sentem.”¹⁵ Supostamente escritos em 1933,¹⁶ estes primeiros quatro versos de “Poemas do colégio interno - I”, texto que abre *P* (1941),¹⁷ primeiro livro de poemas de LC, são um bom ponto de partida para conhecer a poesia cardosiana.

Nestes versos, o eu lírico manifesta seu alheamento em relação à alegria e aos risos. Permanece com sua solidão e sua dor de viver, que o acompanham desde a infância e prosseguem até o fim de seus dias, estando presentes em “Voto”, poema que encerra *NP*: “Só — sem este terror ante o espaço aberto,/ sem esta vontade que falece a cada instante/ sem esta angústia, meu Deus, sem esta angústia/ ante a visão de um céu que não responde.” (v. 23-6).

Não se pense que estamos diante de alguém que se tornou reconhecido unicamente como romancista. O artista em questão é multifacetado, tendo atuado ainda como poeta, contista, dramaturgo, roteirista, cineasta, artista plástico, cronista, ensaísta e tradutor.

Mario Carelli afirma que LC se dedica “à une activité créatrice multiforme. Pour comprendre les audaces, les rythmes et les métaphores qui illuminent sa prose, il convient de se rappeler qu’il a publié divers recueils de poèmes. L’intensité dramatique, le souci de la notation des décors, et la visualisation des

¹⁴ Jorge de Lima. “Um anjo de tentação baixou junto ao poeta”. In: *Obra poética – edição completa* (1 vol.). Otto Maria Carpeaux, org. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1950, p. 379-81. Poema dedicado a LC.

¹⁵ As citações dos poemas de LC foram feitas de acordo com a ortografia oficial atualmente vigente.

¹⁶ Segundo data constante na abertura do capítulo em que este poema se encontra no livro. No Capítulo II, na parte em que trato dos poemas publicados em *CHP*, explicarei melhor esta minha afirmação.

¹⁷ A edição foi de 500 exemplares. Cf. Manuel Bandeira, org. *Obras primas da lírica brasileira*. Notas de Edgard Cavalheiro. São Paulo: Martins, 1943, p. 374.

scènes romanesques sont certainement dus à sa longue expérience d'homme de théâtre et de cinéma, doublé d'un peintre.”¹⁸

Também os críticos Waltensir Dutra e Fausto Cunha, em *Biografia crítica das letras mineiras*, verificaram a riqueza das incursões estéticas de LC. Dizem eles que LC afasta-se um pouco do clima penumbroso praticado, por exemplo, por um seu contemporâneo, Cornélio Penna, “preferindo o fantástico, mas lírico. Há nele [LC] uma preocupação literária mais forte — prova-o a sua incursão noutros gêneros, na poesia e no teatro.”¹⁹

Desde muito cedo, LC se interessou pela imagem, seja no cinema, na literatura ou nas artes plásticas; seja nos quatro filmes em que participou como roteirista, diretor, produtor executivo ou mesmo ator, como é o caso do curta-metragem baseado em sua vida e obra, *O enfeitado* (1968), de Luiz Carlos Lacerda; seja nos vários textos que escreveu; seja nos quadros que pintou.

A plasticidade imagética de seus romances e de sua obra como um todo suscitou, além destes quatro filmes, outros seis sobre sua vida e obra. Um destes, *O viajante*, de Paulo César Saraceni, foi lançado em 1998, aos 30 anos da morte de LC. O diretor, em entrevista concedida ao crítico de cinema José Carlos Monteiro, quando do lançamento de outro filme seu, baseado na obra *Crônica da casa assassinada*, diz que LC “foi um escritor cinematográfico”,²⁰ o que estimula a transposição de suas obras para as telas.

Paulo Emílio Salles Gomes, no artigo “Crimes que compensam”, publicado em 10 de novembro de 1962, para o extinto Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, elogia o filme *Porto das caixas*, de Paulo César Saraceni, baseado em história de LC. Afirma que o que faz a diferença no filme é o fato de a personagem

¹⁸ Mario Carelli. “Post-face”. In: CARDOSO, Lúcio. *Chronique de la maison assassinée*. Traduction du portugais (Brésil) par Mario Carelli. Paris: A. M. Métailié/Mazarine, 1985, p. 418. [“a uma atividade criadora multiforme. Para compreender as audácias, os ritmos e as metáforas que iluminam sua prosa, convém lembrar que ele publicou diversos volumes de poesia. A intensidade dramática, o cuidado da notação dos cenários, e a visualização das cenas romanescas devem-se com certeza à sua longa experiência de homem de teatro e de cinema, combinado com o pintor.” (Trad. Marcos Bagno)].

¹⁹ Waltensir Dutra & Fausto Cunha. *Biografia crítica das letras mineiras*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1956, p. 108. (Biblioteca de Divulgação Cultural, V).

²⁰ Entrevista a José Carlos Monteiro para o folheto de divulgação de *A casa assassinada* (Rio de Janeiro: UCB, 1971), Cf. José Carlos Avellar. *Cinema e literatura no Brasil*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994, p. 74.

da assassina ser destituída de amor, filhos, e até mesmo de ódio: “A natureza exata da paixão, terrível e humana, que a faz agir não é claramente expressa ao longo do filme. Essa tensão obscura, esse mistério gelado dão alento ao drama cuja secura implacável lança o espectador num jogo cujas regras são diversas das que lhe são familiares em cinema”.²¹

No fim da vida, impossibilitado de escrever por um derrame cerebral, LC pintou. Entre 1965 e 1968, realizou quatro bem-sucedidas exposições individuais, uma em São Paulo, na galeria Atrium (1965);²² duas no Rio de Janeiro, nas galerias Goeldi (1965)²³ e Décor (1968); e uma em Belo Horizonte, no Automóvel Clube de Minas Gerais (1966),²⁴ como o comprova a série de artigos referentes a estas exposições e ao seu trabalho plástico.²⁵

As exposições obtiveram repercussão e boas críticas, recolocando LC no cenário nacional. A revista *Fatos e Fotos*, na edição de 05 de junho de 1965, publicou um artigo intitulado “A nova arte de Lúcio”, relatando que, após perder a palavra e os movimentos, ele, “vencendo a doença, volta à atividade, mas desta feita como pintor, e dos bons, como bem o demonstra sua exposição na Galeria Goeldi”.²⁶ Apesar disso, tanto essa atividade como o romance *O viajante*, já em fase final, foram definitivamente interrompidos quando o artista veio a falecer, a 24 de setembro de 1968, vítima de novo derrame.

As artes plásticas sempre fizeram parte da vida de LC, como pude averiguar ao consultar o material inédito que se encontra no ALC, AMLB, FCRB. Lá, encontrei, entre seus manuscritos, diversos desenhos, feitos nos mais variados tipos de papel, às vezes timbrados, e segundo testemunhos nos mais inusitados lugares, como bares, restaurantes e hotéis.

²¹ Paulo Emílio Salles Gomes. *Crítica de cinema no suplemento literário*. Rio de Janeiro: EMBRAFILME/Paz e Terra, 1982, vol. II, p. 411-6.

²² A vernissage aconteceu em 16 de junho de 1966, LC expôs 30 obras. Cf. “Lúcio Cardoso, o escritor laureado, expõe em São Paulo”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 jun. 1966, 2º Caderno, p. 2.

²³ A vernissage aconteceu em 19 de maio de 1965, LC expôs 39 trabalhos. Cf. Carlos Drummond de Andrade. “A mão esquerda”. In: *Auto-retrato e outras crônicas*. Sel. de Fernando Py. Rio de Janeiro: Record, 1989, p. 69-70.

²⁴ A vernissage aconteceu em 23 de setembro de 1966 (exposição: 24 set. a 2 out. 1966), LC expôs 26 quadros. Cf. “Lúcio Cardoso volta a Minas após 43 anos para apresentar os seus quadros”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 set. 1966.

²⁵ V. Anexo, Bibliografia sobre Lúcio Cardoso.

²⁶ “A nova arte de Lúcio”. *Fatos e Fotos*, Rio de Janeiro, 05/06/1965.

LC chegou a fazer até capa de livro, como a de uma antologia de poetas novos, organizada por seu amigo Walmir Ayala, publicada em 1965 pela Editora Cadernos Brasileiros,²⁷ entre outras. Portanto, em LC, o artista plástico e o escritor convivem lado a lado.

Era inevitável e doloroso para ele não exercer alguma dessas atividades e, mesmo sendo grande apreciador das bebidas alcoólicas, para dizer o menos, encontrou tempo para criar desenfreadamente. A necessidade do fazer artístico lhe era vital. Em seu diário, LC escreve: “É verdade que eu não saberia viver sem a paixão; mas é verdade também que são tão poderosas suas forças na minha alma, que o seu tumulto me mata. Sobrevivo, pela graça de ser poeta.” (DC, p. 101). E mais a frente diz: “o que escrevo liberta-me da morte.” (DC, p. 266).

Maria Helena Cardoso, irmã de LC, questiona em *Vida-vida*: “O que seria dele, um escritor, quando se desse conta de que não podia mais escrever?”²⁸ Refere-se ela ao tempo em que ele já estava hemiplégico. E continua se questionando: “Meu Deus, por que ferir dessa maneira um artista que não tinha sua obra concluída?”²⁹ Mas quando LC faz seu primeiro desenho a giz (“uma cabeça de mulher”), na lousa que ela tinha lhe dado, agradece a Ele: “Deus, Deus querido, você ainda lhe deixou alguma coisa. Nem tudo está perdido.”³⁰

LC tinha consciência de seu talento. Era mesmo um pavão, mas enlutado, um ser ensimesmado. Sem meias-palavras em seus discursos e ações, conquistou pessoas, que foram suas amigas até o fim; e desafetos, creio, em número bem mais significativo. A começar por seu Estado natal, Minas Gerais, de onde queria distância. Dizia:

Meu inimigo é Minas Gerais. O punhal que levanto, com a aprovação ou não de quem quer que seja é contra Minas Gerais. Que me entendam bem: contra a família mineira. Contra a literatura mineira. Contra o jesuitismo mineiro. Contra a religião mineira. Contra a

²⁷ *Novíssima poesia brasileira II* (antologia). Walmir Ayala, org. Capa de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Cadernos Brasileiros, 1965. V. Bibliografia de LC (Capas de livro), p. 199.

²⁸ Maria Helena Cardoso. *Vida-vida: memória*. Pref. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973, p. 93.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 99.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 109.

concepção da vida mineira. Contra a fábula mineira. Contra o espírito judaico e bancário que assola Minas Gerais. Enfim, contra Minas, na sua carne e no seu espírito.³¹

A amiga Rachel de Queiroz conta que LC tinha a estranha mania de convidar os amigos para irem com ele ao necrotério da Santa Casa do Rio de Janeiro. Uma vez ela aceitou, mas com a condição de só acompanhá-lo até a porta. Chegando lá, ela ficou na calçada enquanto ele entrou e, dali a dois ou três minutos, voltou completamente esverdeado e saiu “feito louco” pela calçada, percorrendo-a até o fim e então vomitando no chão.³²

Esta constante busca de LC exerceu em mim o fascínio que me impulsionou a escrever a presente dissertação de mestrado, que objetiva minimizar a escassa divulgação da sua obra, agora passados mais de 30 anos de sua morte.

O homem e a obra

Nascido em Curvelo, MG, a 14 de agosto de 1912, filho de Joaquim Lúcio Cardoso, que provinha de uma família de fazendeiros de Valença, RJ, e de Maria Venceslina Cardoso, oriunda de família aristocrata mineira, a quem o filho chamava de Nhanhã, Joaquim Lúcio Cardoso Filho herdou do pai o espírito cheio de ilusões, sonhador e aventureiro. Aliás, foi justamente a constante inquietação do marido que levou Maria a viajar, em 1914, com os filhos para Belo Horizonte, onde ele ia visitá-los ocasionalmente.

O menino LC estudou no Jardim de Infância Bueno Brandão e no Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Aluno endiabrado, muito faltava às aulas, enfurecendo a mãe. Em princípios de 1923, ocorreu a mudança para o Rio de Janeiro, mas a situação da família continuou precária. O sustento vinha de um dos filhos e da ajuda de um parente.

Mais tarde, LC matriculou-se no Instituto Lafayette, no Rio de Janeiro, mas continuou sem estudar. Seu único interesse era pelas letras e chegou a fazer

³¹ Lúcio Cardoso. “Depoimento”. *Ficção*, Ano II, n. 2, Rio de Janeiro, fev./1976, p. 72. Depoimento a Fausto Cunha, em 1961.

³² Depoimento de Rachel de Queiroz para o documentário *Lúcio Cardoso*, dirigido por Eliane Terra e Karla Holanda, em 1993.

jornal manuscrito em que publicou folhetim do tipo capa-e-espada, monótono e infundável, sob influência da leitura de Alexandre Dumas, o primeiro autor que conheceu.

Péssimo aluno, a família o internou no Colégio Arnaldo, de Belo Horizonte, após novo regresso à capital mineira, em 1924, mas ele foi convidado a se retirar no final do ano. Com imaginação fértil e em busca de um estilo, só se saía bem nas disciplinas em que tinha que discorrer sobre algum assunto. Aos 15 anos, terminado o estágio, começou a escrever mais sistematicamente. Nessa época, lia Eça de Queirós, Conan Doyle, José de Alencar, Salgari, Ibáñez,³³ Vargas Vila.³⁴

Retornou ao Rio de Janeiro, em 1929, e lá permaneceu até o fim da vida. Nesse período, escreveu ainda a peça *O reduto dos deuses* e a mostrou ao seu irmão Adauto, que a levou para Aníbal Machado, que não só leu o texto atentamente como animou o jovem escritor com seus comentários. Matriculado no Instituto Superior de Preparatórios, fundou, juntamente com Nássara e José Sanz, a revista *A Bruxa*, na qual escrevia textos policiais.

Paralelamente, LC lia Tolstói, Lesage,³⁵ Oscar Wilde e Dostoiévski. Produziu ainda os romances *São Francisco de Assis*, em que mostrava o santo como um devasso, e *A vida impossível*. Tenta a publicação e envia então dois contos para a revista *O malho*: “A valsa” e “O regresso do filho pródigo”, que aparentemente não foram publicados, segundo minha pesquisa.³⁶

Coube ao desenhista e cenógrafo paraibano Santa Rosa guiar LC pela leitura de obras sobre o teatro experimental, interessando o jovem por essas questões. Em 1932, ambos fundaram *Sua Revista*, que apresentava traduções de Ibsen, Pirandello e Dostoiévski. Não passou do primeiro número.

LC trabalhava então numa companhia de seguros, que funcionava no mesmo prédio onde estava a Livraria Schmidt. Era lá que o jovem literato ouvia os comentários sobre os emergentes escritores regionalistas. Recebendo essa

³³ Vicente Blasco Ibáñez (1867-1928), romancista, jornalista e político espanhol.

³⁴ LC foi sempre um leitor voraz, em seu diário, menciona sistematicamente suas leituras e, às vezes, as comenta. Cito uma destas passagens, escrita em 06 de outubro de 1957: “Reli *Os Mortos* de James Joyce, sem grande entusiasmo. Outrora esta história me arrancava gritos de entusiasmo.” (DC, p. 228).

³⁵ Alain René Le Sage (ou Lesage) (1668-1747), romancista e dramaturgo francês.

³⁶ Informação confirmada pela pesquisadora Maria das Graças, da Divisão de Informação Documental, da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, através de e-mail, em 24/11/1999. V. Apêndice 2, p. 177.

influência, resolveu escrever sua obra regionalista, o romance *Maleita*, que conseguiu publicar em 1934, graças a seu tio, Oscar Neto, amigo do poeta Augusto Frederico Schmidt. No ano seguinte, publicou *Salgueiro*, romance que mereceu boa recepção da crítica e do público.

De *Maleita*, disse Carlos Drummond de Andrade: “A impressão que ele me deixou, lido há meses, perdura. Você tem grandes coisas a fazer na seara das letras, e *Maleita* é uma bela antecipação do que será você, romancista, quando o tempo houver realizado a obra de depuração”,³⁷ antevendo o futuro do escritor.

Em 1936, LC dá um grande salto em sua carreira, publica o romance *Luz no subsolo*, “o primeiro romance de atmosfera de Lúcio Cardoso.”³⁸ E pelos “Numerosos elementos estruturais, temáticos e estilísticos permitem-nos afirmar que *Luz no subsolo* é uma longínqua prefiguração de *Cônica da casa assassinada*.”³⁹

Segundo Mario Carelli, “A transição laboriosa entre romances da juventude e a obra-prima da maturidade foi assegurada não pelo romance, mas pelas novelas.”⁴⁰ Entre 1936 e 1959, LC só publicou um romance, o autobiográfico *Dias perdidos* (1943), tendo prevalecido neste período a novela: *Mãos vazias* (1938); *O desconhecido* (1940), *Inácio* (1944), que fazia parte, junto com *O enfeitiçado* (1954) e *Baltasar* (inacabada), da trilogia que chamou de “O mundo sem Deus”, que não foi concluída, pois faltou a publicação do último título citado; *A professora Hilda* (1946); e *O anfiteatro* (1946). Destes, dois tiveram versão cinematográfica: *Mãos vazias*, por Luiz Carlos Lacerda, em 1971; e *O desconhecido*, por Ruy Santos, em 1978.

Sobre a novela *Mãos vazias*, escreve Erico Verissimo a LC: “Gostei muito de sua novela. Acho que [*sic*] todos nós que brincamos de romancista no Brasil você e o Graciliano são os que melhor nos dão o drama interior, os que melhor

³⁷ Carta de Carlos Drummond de Andrade a LC, datada: “Rio, 8 dezembro 1934.” In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 12 cp, 1 fl.

³⁸ Mario Carelli. *Corcel de fogo – vida e obra de Lúcio Cardoso (1912-1968)*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988, p. 166.

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 168.

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 177.

sabem criar um ambiente de drama, de *impending disaster* [desastre iminente] como aquele de *Of mice and men*.⁴¹

Clarice Lispector faz comentários sobre *Inácio*. Em uma carta enviada de Nápoles a LC, diz:

gostei de *Inácio* com tanta curiosidade e tanto interesse como dos seus outros. Ele é uma mistura (nesse livro mais, me parece) de coisas em que a gente sempre toca, como a Duquesa fazendo café à moda da roça e a flor 'sem serventia nenhuma', com coisas que a gente nunca toca, como Inácio, meu Deus... Quando chegou o momento em que o rapazinho diz finalmente: eu queria saber como minha mãe e você se conheceram, eu parei e fiquei descansando uns 15 minutos. E quando ele fica louco, que alívio. Quando dá a gargalhada, a gente respira: o livro todo prepara a gargalhada.⁴²

Clarice escreve como leitora e amiga, não como crítica, e deixa isso claro na mesma carta. A amizade deles era tão forte, e ela confiava tanto na opinião de LC para publicar ou não seus livros, que, em outra carta, enviada de Belém (PA), em 24 de maio de 1944, Clarice pede a LC que retire, de um suposto livro dela, *Atlântico*, uma vírgula que a incomodava: “eu gostaria que você a retirasse em nome de nossa amizade... Se você acha que não serve para publicar, o caso é outro.”⁴³

Em 1937, LC escreveu a peça *O escravo*, encenada em 1943,⁴⁴ e, a partir de 1947, dedicou-se intensamente ao gênero teatral, produzindo e levando à cena diversos trabalhos, tendo para isso criado a companhia Teatro de Câmara,⁴⁵

⁴¹ Carta de Erico Verissimo a LC, datada: “Porto Alegre, 15 de maio de 1938”. In: ALC, AMBL, FCRB, pasta LC 212 cp, 1 fl. *Of mice and men*, de John Steinbeck, traduzido para o português para *Ratos e homens*.

⁴² Carta de Clarice Lispector a LC, datada: “Nápoles, 26 março 1945”. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 127 cp, 2 folhas, fl. 1. Sobre esta gargalhada da personagem Inácio, também fala Mario Carelli: “Inácio a traversé la vie de Lúcio Cardoso et son rire glace encore notre sang.” [“Inácio atravessou a vida de Lúcio Cardoso e seu riso ainda gela nosso sangue.” (Trad. Marcos Bagno)]. Mario Carelli. “Inácio, l’ensorceleur” [“Inácio, O feiticeiro”]. In: Lúcio Cardoso. *Inácio*. Traduit du portugais (Brésil) par Mario Carelli. Paris: A. M. Metailié, 1991, p. 7-12.).

⁴³ *Ibidem*, datada: “Belém, 24 maio 1944”. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 127 cp, 1 fl. (frente e verso), p 1.

⁴⁴ Sobre este ano, Pontes de Paula Lima, fornece outras informações: “Junto de Santa Rosa, Brutus Pedreira, Luísa Barreto Leite, Gustavo Dória, Agostinho Olavo, na mesma temporada em que Ziembinski dirigiu *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, Lúcio Cardoso contribuía para o repertório de Os Comediantes com *O Escravo* — isto em 1943. Para o Teatro Experimental do Negro, escreveu *O filho pródigo* [...]”. Pontes de Paula Lima. “Decenário de Lúcio Cardoso, uma noite mágica de Lúcio no teatro”. *Minas Gerais*, Ano XIII, n. 634, Belo Horizonte, 25 nov. 1978, Suplemento Literário, p. 5.

⁴⁵ Aparece também, em alguns textos, como Teatro de Câmera.

subvencionada pelo governo. Na fundação desse teatro, LC apresentou a peça *A corda de prata* (1947).

Para apoiar o seu projeto, LC pede textos aos principais escritores brasileiros — dentre eles Clarice Lispector, que em resposta ao seu pedido, escreve:

Os autores, cenaristas e artistas que trabalham para o 'Teatro de Câmara' asseguram a realização de seu propósito — fazer o gesto recuperar o seu sentido, a palavra o seu tom insubstituível, permitir que o silêncio, como na boa música, seja também ouvido, e que o cenário não se limite ao decorativo e nem mesmo à moldura apenas — mas que todos esses elementos, aproximados de sua pureza teatral específica, formem a estrutura indivisível de um drama".⁴⁶

No entanto, essa aproximação de LC com o teatro não obteve repercussão, o que o fez desistir do projeto.

Desilusão semelhante ocorreu ao tentar escrever roteiros cinematográficos e dirigir um filme, *A mulher de longe* (1949), o qual, por problemas técnicos, de produção e por sua inexperiência como cineasta, levou-o a escrever muitas páginas em seu diário sobre as dificuldades para fazer cinema e, especificamente, aquele filme. Num destes trechos, ele relata: "Não sei, não tenho certeza de continuar o filme. O dinheiro escasseia, os artistas não se resignam a trabalhar sem receber as multas combinadas, a situação se agrava de minuto a minuto." (DC, p. 45).

Em 1939, entre a publicação de romances e novelas, LC faz uma incursão pelo gênero infantil, com o livro de contos *Histórias da lagoa grande*, que teve uma elevada tiragem inicial de cinco mil exemplares,⁴⁷ embora trate de temas, principalmente voltados ao público adulto, como vingança, traição, orgulho, ambição, entre outros.

Nelly Novaes Coelho, em seu *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira – 1882-1982*, dedica um verbete à obra. Menciona que LC opta pelo

⁴⁶ Carta de Clarice Lispector a LC, datada: "Berna, 13 de agosto de 1947". 1 fl. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 127 cp.

⁴⁷ Cf. carta de Barcellos, Bertaso & Cia (Livraria do Globo) a LC, datada: "Porto Alegre, 8 de novembro de 1939". ALC, AMLB, FCRB, LC 26 cp.

“fabulário tradicional, onde a ‘forma’ é lúdica, mas os ‘temas’, em geral, são dramáticos (sempre o poder do mais forte prevalecendo sobre o mais fraco...)”.⁴⁸

O livro de LC chegou à terceira edição, todas esgotadas. Novaes Coelho alerta que, mesmo não sendo recomendado ao público infantil, ele “poderá fornecer excelentes subsídios para os pesquisadores interessados na obra literária ‘adulta’ do sensível ficcionista que foi Lúcio Cardoso; ou para aqueles que pretendem estudar a produção brasileira em seus vários períodos.”⁴⁹

Menino efeminado, caçula mimado pelas irmãs, LC gostava de brincar de boneca e tinha temperamento inquieto, marcado pela imaginação herdada do pai. Assim, acabou não se fixando em nenhuma das atividades que exerceu. Teve dezenas de empregos, tais como redator da Agência Nacional, colaborador de *A manhã* e colunista literário da *Revista da semana*.

Nove anos após seu ingresso na literatura, LC ganha o Prêmio Felipe de Oliveira de 1943, pelo conjunto de romances publicados até aquele ano. Isto teve grande repercussão nos círculos literários do país. Um artigo publicado no jornal *A Manhã*, em 1944, dizia sobre o prêmio: “O romancista premiado é um dos valores mais expressivos da nova literatura brasileira. Numa admirável série de livros, o sr. Lúcio Cardoso revelou e firmou excelentes qualidades de romancista, conseguindo — logo de início — um lugar de destaque na ficção brasileira.”⁵⁰

Em março de 1951, tornou-se redator do IAPC (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários) e começou a elaborar o romance *O viajante* (1973). No ano seguinte, em *A noite*, manteve uma curiosa seção, publicando um conto diário, sempre baseado em um registro policial.

Nesta época, LC conseguiu comprar uma fazenda no interior do Estado do Rio de Janeiro, próxima a Rio Bonito.⁵¹ Dela, fala sua irmã, Maria Helena Cardoso:

⁴⁸ Nelly Novaes Coelho. *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira – 1882 – 1982*. São Paulo: Quíron, 1983, p. 510.

⁴⁹ *Idem, ibidem*.

⁵⁰ “Lúcio Cardoso”. *A manhã*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1944.

⁵¹ Num artigo não assinado, que se encontra no ALC, AMLB, FCRB, encontrei outras informações sobre a compra da fazenda. Neste, é dito que LC às vésperas de completar 40 anos, comprou “uma pequena fazenda no Município Fluminense de Silva Jardim, onde se ocupa da criação de gado e outros misteres rurais”. “Perigos do ócio”. Coluna Porta de Livraria, [1952].

“Levantei-me cedo naquela manhã para irmos à fazenda de Nonô.⁵² Ele vinha nos convidando há muito tempo e finalmente tinha chegado o dia. Comprara-a com o financiamento do IAPC, do qual era funcionário, e quando me contou não acreditei. Era um sonho dele de muitos anos...”⁵³

Sobre este sonho, escreve LC em seu diário, em 30 de julho de 1950: “Penso, com uma insistência que parece se misturar ao meu sangue, numa fazenda qualquer, num sítio, onde possa atirar-me para escrever histórias, as infundáveis histórias que me enchem a cabeça, os olhos, as mãos, e que formam esse angustiado personagem que transita pela vida diária.” (DC, p. 108). Realizar o sonho ele conseguiu, mas o problema, segundo Maria Helena Cardoso, era manter a fazenda, já que LC não tinha recursos financeiros para isso.⁵⁴

Em 1959, ele lançou *Crônica da casa assassinada*, romance que marcou sua maturidade literária e o consagrou no campo da ficção, tendo inclusive sido traduzido para o francês. Desse livro, deixou três manuscritos e três datiloscritos, que hoje se encontram no ALC, AMLB, FCRB, que resultaram no alentado romance de 507 páginas, caracterizado pelo rigor estilístico e formal.

No ano seguinte, *O viajante*, já em fase final de elaboração, teve que ser interrompido devido ao derrame cerebral que LC sofreu, seguido de uma lenta recuperação. Este romance só foi publicado postumamente, em 1973, organizado por seu amigo Octávio de Faria.

Próximo de completar 40 anos de idade, LC se impõe uma tarefa, a de escrever um diário, que é publicado sob o título *Diário I*, em 1961. Sobre essa obra, fala Octávio de Faria: “Só nos faltava travar conhecimento com o Lúcio Cardoso, autor de *Diário*, que agora se nos revela em toda sua força e riqueza interior aliadas a uma beleza estilística raras vezes atingida entre nós.”⁵⁵ Posteriormente, este volume foi incorporado ao *Diário completo* (1970), cobrindo o período de 1949 a 1962.

⁵² Nonô, era como chamavam LC na intimidade.

⁵³ Maria Helena Cardoso. *Op. cit.*, p. 30.

⁵⁴ *Idem, ibidem*, p. 31.

⁵⁵ Octávio de Faria *Apud* “O julgamento da crítica brasileira sobre a obra de Lúcio Cardoso”. In: DC, p. xii e xiii.

A partir de 1962, quando uma hemiplegia o privou do uso da palavra e da faculdade de escrever, adotou a pintura como terapia ocupacional. Autodidata, recriou, em seus desenhos e telas, um clima de paixão e tormento próximo ao de seus romances e poesias.

Ao receber o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, em 1966, pelo conjunto de sua obra, seu nome atingiu a consagração no meio literário. Em seu diário, LC diz: “Não se ama os poetas. O que se ama é a obra deixada para especulação literária. Os poetas, grande engano — são seres solitários e destinados à morte. Morte sem perdão — porque não há perdão para os poetas.” (DC, p. 233). Curiosamente, a obra em versos de LC permanece esquecida, enquanto seus livros em prosa vêm obtendo reconhecimento da crítica.

LC nunca esteve do lado “correto” da vida: insurrecto desde os anos de colégio, vivendo sem a presença paterna por perto, foi, como poucos, fiel aos seus princípios e visões de mundo até o fim. Em seu diário, confirma esta posição: “indago de mim mesmo quem sou, de que modo resolver este mistério que há tantos anos me segue, tal é a intensidade com que me sinto à parte, flutuando à margem das pessoas e das coisas.” (DC, p. 132).

Ele teve que se submeter a diferentes tipos de trabalho para se sustentar, a começar pelas traduções e os 18 opúsculos sobre o Brasil e figuras de destaque nacional como, Aleijadinho, Machado de Assis, Castro Alves, Barão de Mauá, Álvares de Azevedo e Osvaldo Cruz, que produziu para o Ministério da Educação e Cultura, entre outras atividades.

Mas o que ele desejava era escrever e escrever: “literatura para mim não é fábula, mas uma condição de vida.” (DC, p. 283). E como realizar este sonho se não tinha proventos suficientes para viver exclusivamente disso?⁵⁶

A arte era tudo para LC. Mesmo nos últimos seis anos de vida, impossibilitado de escrever e/ou de falar, LC pintou. Tinha que mostrar o seu interior dilacerado às pessoas, precisava de cúmplices para caminharem com ele.

⁵⁶ É importante constatar que apenas dois livros de LC, *Maleita* e *Crônica da casa assassinada*, tiveram uma segunda edição durante a vida do autor. Grande parte de seus livros não ultrapassou tiragem superior a mil exemplares, exceção feita a *Histórias da lagoa grande* (1939).

A poesia, ao que pude constatar em minha pesquisa, foi a primeira manifestação literária de LC e também, por informação de André Seffrin, talvez a última. Isto porque, em 03 de novembro de 1962 ele escreveu o poema intitulado “Doação a Cida”, fato relevante, se pensarmos que a 07 de dezembro de 1962 (ou seja, um mês e quatro dias depois) LC sofreria o segundo derrame, que o impediria definitivamente de escrever. Como um predestinado, sentencio nos três últimos versos deste poema: “dão de mim o que me sobra,/ não a obra,/ mas o cego”, que transcrevo na íntegra:

DOAÇÃO A CIDA⁵⁷

A Cida Lacerda Guimarães

Doado por querer neste Paço
onde vão meus santos devotoiros,
seguido passo a passo
onde ainda vão pregados meus inteiros,
forjado no esconjuro
deste aço
onde no escuro
me desfaço sem pudor dos verdadeiros
de mim, que me desfaço —
doado ao obscuro
que sempre traça o que me faço —
aos meus legítimos herdeiros.
Lego
por ordem e lei e jura de madraço
as coisas que me sobram
no terreno onde sou cego.
Lego
uma específica cor que não ensino
mas que são mares onde soçobram
coisas esquisitas de menino
na água onde navego.
Lego
um mandado de juiz
que por traçado já da lei
doa àqueles a que não dei
senão o meu de pobre,
em cobre
esse avaro ouro que se diz estanho

⁵⁷ Havia uma preocupação em LC, em deixar algum legado para as pessoas, tanto é assim, que escreveu alguns poemas enfocando o tema do testamento. Em *PI*, Octávio de Faria incluiu dois destes poemas: “Testamento” (p. 96) e “Testamento de Lúcio Cardoso feito em nome de Liliane Lacerda de Meneses” (p. 97-8). Cotejei a edição de Emil de Castro (V. nota 147) com o manuscrito que se encontra no ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 18 pi, 2 fls., e verifiquei erros na transcrição. A versão que ora apresento é fidedigna ao original deixado por LC.

e cobre sem luxo
(mas também sem covardia)
o coração do estranho.
Lego o que abandono.
Lego o luxo de que não me acanho
nem o amor de que não me acovardo.
Lego o tardo
que me faz luzir subindo à tarde
enquanto arde
a noite.
O que lego não tem nome
some
no imenso azul da tarde —
e assim dôo por querer
este que de mim por não sofrer
acaba-se.
Há mil modos de morrer,
mas a mais sutil, a mais estranha,
este dourado vínculo de aranha
que se envilece em seu entretecer —
ganha —
dôo a minha teia,
e doando o fogo que me ateia
dôo aquilo que não nego,
que lúcido em verde me incendeia —
que me empalidece, me torna em rosa
ou fogo —
dôo de mim o que me sobra,
não a obra,
mas o cego.

Rio, 3-XI-62

A seguir, apresento a versão publicada por Emil de Castro:

DOAÇÃO A CIDA

A Cida Lacerda Guimarães

Doado por querer neste Paço
onde vão meus santos devoteiros,
seguido passo a passo
onde ainda vão pregados meus inteiros,
forjado no esconjuro
deste aço
onde me comovo
me desfaço sem pudor dos verdadeiros
de mim, que me desfaço —
doado ao obscuro
que sempre traço o que me faço —
aos meus legítimos herdeiros.

Lego
por ordem e lei e jura de madrastra
as coisas que me sobram
no terreno onde sou cego.

Lego
uma específica cor que não ensino
mas que são mares onde soçobram
coisas esquisitas de menino
na água onde navego.

Lego
um mandado de juiz
que por traçado já da lei
doa aqueles a que não dei
senão o meu de pobre,
em cobre
esse avaro ouro que se diz estanho
e cobre sem luxo
(mas também sem covardia)
o coração do estranho.

Lego o que abandono.
Lego o luxo de que não me acanho
nem o amor de que não me acovardo.
Lego o tardo
que me faz luzir subindo à tarde
enquanto arde
a noite.

O que lego não em nome —
some
no imenso azul da tarde
e assim dão por querer
este que de mim por não sofrer
acaba-se.

Há mil modos de morrer,
mas a mais sutil, a mais estranha,
este dourado vínculo de aranha
que se envilece em seu estretecer —
ganha —
dão a minha teia,
e doando o fogo que me ateia
dão aquilo que não nego,
que lúcido em verde me incendeia,
que me empalidece, me torna em rosa
ou fogo —
dão de mim o que me sobra,
não a obra,
mas o cego.

Encontrei outro poema, “Retrato de Yêda”,⁵⁸ datado de 11 de novembro de 1962, que diminui o tempo entre a suposta última escritura e o último derrame de LC. O poema é, em sua maior parte, escrito em latim, fato bastante curioso em se tratando de um autor moderno. Eis o poema:

RETRATO DE YÊDA

Aedo obvio in aqua observarium
em sua tristíssima natura
por sob o aedo frígido aquarium
da ura.
Por que estranhas vias de paúra
essa polenta magenta o sol ovarium?
Purpuríssimo.
Olenta marginarium. Na clausura
inventa pisces obseleta aparium.
Risca madura.
Obseleto riso in su naturam
pasce —
a esquisita dura — ola —
enquanto pisces, flores, adagas
resplandecem —
ostenta nua a sola cosa pura.

11-XI-62 A Yêda

Realizei uma possível tradução para o poema, feita em colaboração com Flávio Carlos Pagliúca, professor de Latim e Teoria Literária da Universidade Paulista – UNIP. É possível assim observar como LC tematiza uma mulher — Yêda —, ressaltando o seu corpo (“Ostenta nua a solitária coisa pura”), assunto pouco comum em sua obra poética.

[RETRATO DE YÊDA

O rouxinol banal vai de encontro à água observando
em sua tristíssima natureza
por sob o aquário da fresca rouxinol
o berne.
Por que estranhas vias de medo
essa polenta magenta o sol dos ovários?
Purpuríssima.
Cheiro aromático nas margens. Na clausura

⁵⁸ Lúcio Cardoso. “Retrato de Yêda” (poema inédito). S.I., 11 nov. 1962, 1 fl. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 28 pi.

descobre aparecendo peixes selecionados.
Cofre maduro.
Seleto riso na sua natureza
apascenta —
a estranha e áspera — folha de palmeira —
enquanto peixes, flores, adagas
resplandecem —
ostenta nua a solitária coisa pura.
11-XI-62 A Yêda]

Os anos 1930/40

Os anos 1930/40 são de especial relevância na literatura brasileira. Na prosa, o regionalismo ganha destaque. As paisagens e as personagens são regionais, mas começam a ser usados para abordar assuntos de interesse universal. Surgem então prosadores como José Américo de Almeida, Erico Verissimo, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos.

Em contraponto a este grupo, surge o grupo católico, do qual faziam parte Tristão de Athayde, Octávio de Faria, Cornélio Penna, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Jorge de Lima e LC. Alfredo Bosi menciona que estes escritores, juntamente com o grupo socialista (Astrojildo Pereira, Caio Prado Jr., Josué de Castro e Jorge Amado), “selaram com a sua esperança, leiga, ou crente, o ofício do escritor, dando a esses anos a tônica da participação, aquela ‘atitude interessada diante da vida contemporânea’, que Mário de Andrade reclamava dos primeiros modernistas.”⁵⁹

O romance brasileiro do período caracterizava-se por uma produção motivada pela questão social, e as produções mais expressivas da ficção mineira, nessa época, “mergulhavam no subjetivismo denso da exploração da vida interior das personagens”.⁶⁰

Neste contexto, surge LC, com dois romances, *Maleita* (1934) e *Salgueiro* (1935); o primeiro, ambientado no interior do país; e o segundo, urbano, sobre o Morro do Salgueiro no Rio de Janeiro. As duas obras já apontavam para o brilhante futuro do escritor, depois comprovados em sua obra-prima, *Crônica da*

⁵⁹ Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira* (1970). 32. ed. rev. aum. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 384.

⁶⁰ Fábio Lucas. *Mineiranças*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991, p. 186.

casa assassinada (1959), e em seu romance póstumo e inacabado, *O viajante* (1973).

Ao publicar seu livro *Maleita*, cuja temática era regionalista, LC foi inserido no grupo do romance de 30. De acordo com a pesquisadora Cássia dos Santos, LC rejeitava ser enquadrado no grupo dos escritores do chamado “romance do nordeste”, considerados de esquerda, e preferia ser incluído entre os escritores católicos, considerados de direita.⁶¹

Na poesia, nesse período, os destaques são Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Augusto Frederico Schmidt e Henriqueta Lisboa. Segundo Mário de Andrade, em “A poesia em 1930”, ensaio publicado em *Aspectos da literatura brasileira*,⁶² aquele ano terá para sempre um lugar marcado na poesia brasileira pelo aparecimento dos seguintes livros: *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade; *Libertinagem*, de Manuel Bandeira; *Pássaro cego*, de Augusto Frederico Schmidt; e *Poemas*, de Murilo Mendes.

Nesse mesmo artigo, o autor de *Macunaíma* critica o aparecimento de numerosos falsos poetas, que mal sabiam trabalhar com o ritmo de seus versos. Como o verso livre, uma das principais conquistas da Semana de Arte Moderna de 1922, permitia maior liberdade de criação, multiplicava-se o número de poetas incompetentes que publicavam livros, fato que em nada agradava a um poeta que soube, como poucos, trabalhar esse recurso com talento.

Mário de Andrade estabelece inclusive uma relação etária, rechaçando não a feitura, mas a publicação de poemas por menores de 25 anos, idade que estabeleceria então a maioridade, por julgar que tal ato seria precipitado e não traria nenhuma contribuição para a literatura brasileira.⁶³ Embora não tenhamos notícia sobre o fato, é tentador imaginar como ele avaliaria a poesia de LC, que apresenta poemas em que os versos livres são usados com certa gratuidade.

A produção de LC se localiza, em sua maior parte, nos anos 30 e 40, não se filiando explicitamente a nenhum movimento ou geração. O poeta caminha

⁶¹ Cássia dos Santos. *Polêmica e controvérsia: o itinerário de Lúcio Cardoso de Maleita a O enfeitado* (Dissertação de Mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1997, p. 9.

⁶² Mário de Andrade. “A poesia de 1930”. In: *Aspectos da literatura brasileira*. Apres. da col. Álvaro Lins. Rio de Janeiro: Americ=Edit., 1943, p. 41-65. (Col. Joaquim Nabuco).

⁶³ *Idem, ibidem*, p. 42.

sozinho entre seus pares e cria uma obra que dialoga com o romantismo da segunda geração, o simbolismo, o expressionismo, o surrealismo e o modernismo, como mencionei anteriormente.

Movimentos literários

O romantismo, ao qual a poesia de LC está vinculada, é uma tendência que se manifesta nas artes e na literatura do final do século XVIII até o fim do século XIX. Seu berço é a Alemanha, a Inglaterra e a Itália, mas ele ganha força na França, de onde se espalha pela Europa e pelas Américas, sempre marcado pela oposição ao racionalismo e ao rigor neoclássico. Isso significa a defesa da liberdade de criação e o privilégio da emoção. Nos textos do movimento, ocorre geralmente a valorização do individualismo, do sofrimento amoroso, da religiosidade cristã, da natureza, dos temas nacionais e do passado, dentro do princípio rosseauniano de que o homem nasce bom mas a sociedade o corrompe, seguindo os ideais da Revolução Francesa.

A poesia lírica é a principal expressão do romantismo na literatura, embora também existam romances de grande realização artística. Frases diretas, vocábulos estrangeiros, metáforas, personificações e comparações são as principais características do movimento, além da presença, em seus textos, de amores irrealizados, morte e fatos históricos que constituem a base da cultura nacional.

Como bem aponta o crítico Erich Auerbach, em *Introdução aos estudos literários*, “O Romantismo é um fenômeno internacional e assaz complexo.”⁶⁴ O termo é muito usado e designa, dependendo do país, diferentes modos de expressão. A maioria, no entanto, tem alguns elementos em comum, principalmente a revolta contra a predominância do gosto clássico francês.

Segundo o crítico Antonio Candido, em *Na sala de aula*, um dos traços mais importantes do romantismo é a presença da noite, geralmente associada ao mistério, ao inexplicável e ao indefinível. Durante a noite também há

⁶⁴ Erich Auerbach. *Introdução aos estudos literários*. Trad. de José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Cutlrix, 1972, p. 227.

acontecimentos fantásticos e/ou sobrenaturais. No romantismo, predomina “o gosto pela noite da alma, modo de ser melancólico ou lutuoso, dominado pelas emergências do inconsciente”.⁶⁵

Conhecido como o poeta da noite, do sono e do sonho, Álvares de Azevedo é o paradigma dessa segunda fase do romantismo: “Na sua obra as amadas são vistas dormindo, o autor do enunciado também dorme com frequência, ou sonha, ou se debate com a insônia.”⁶⁶ Em sua análise do poema “Cavalgada ambígua”, Candido destaca as facetas oníricas e obscuras da poesia de Álvares de Azevedo: “[...] para ele sono e sonho são estados favoráveis à expressão, inclusive porque dão acesso a certo tipo de espaço, o mais adequado à visão convulsa do Romantismo fantástico e macabro”.⁶⁷

O movimento romântico, no Brasil, apresenta três fases: a indianista, a do “mal do século” e a abolicionista.⁶⁸ Especificamente para este estudo, interessa a segunda — que tem como foco o individualismo, a subjetividade e a desilusão perante a vida e o amor — e mais especificamente o poeta Álvares de Azevedo.

Há, na poética cardosiana, uma forte vertente imagética oriunda do romantismo. Os poetas que a crítica enquadrou nessa estética tinham, segundo Auerbach, o sentimento de serem “estranhos entre os homens.”⁶⁹ Isso significava ser “melancólico, extremamente sensível”,⁷⁰ além de amar a solidão e exagerar todo tipo de sentimento, vivendo ainda um constante desespero perante a natureza.

Em LC, observa-se, por exemplo, a predominância do sentimento de melancolia perante o mundo, como se pode notar em “Poemas do colégio interno” (P, p. 7): “Nunca eu soubera o segredo da alegria alheia./ Ouvia os risos que enchiam o pátio de recreio/ e sofria dessa dor sem nome de sentir a vida/ muito mais cedo do que os outros sentem.” (v. 1-4) e em “Tema” (NP, p. 57): “Vem!

⁶⁵ Antonio Candido. *Na sala de aula – caderno de análise literária*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 44.

⁶⁶ *Idem, ibidem*, p. 46.

⁶⁷ *Idem, ibidem*.

⁶⁸ Como há certa divergência entre os autores que têm procurado situar os grupos e subgrupos caracterizadores do romantismo entre nós, estou utilizando a definição dada pelo crítico Otto Maria Carpeaux. In: *Pequena bibliografia da literatura brasileira* (1951). 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1955.

⁶⁹ Erich Auerbach. *Op. cit.*, p. 228.

⁷⁰ *Idem, ibidem*.

Espalha sobre mim o teu austero fluido/ e o ópio da tua nostalgia. Livra-me/ das brancas sepulturas das cidades/ onde os homens arrastam sinistras ambições.” (v. 10-13).

Já o simbolismo se define nas artes plásticas, na literatura e no teatro ao final do século XIX. Surge na França, espalha-se pela Europa e chega ao Brasil com suas principais características: subjetivismo, individualismo e misticismo. Também rejeita a abordagem da realidade e a valorização do social afirmadas pelo realismo e pelo naturalismo, propondo palavras e personagens com significados simbólicos.

Para os simbolistas, a arte é vista como uma síntese entre a percepção dos sentidos e a reflexão intelectual. Buscam assim revelar o outro lado da mera aparência do real, geralmente enfatizando a pureza e a sensibilidade das personagens.

Na literatura, o simbolismo se manifesta basicamente na poesia, com versos que exploram a sonoridade. Além disso, as obras costumam usar símbolos para sugerir objetos — por exemplo, a cruz para falar do sofrimento. Também são rejeitadas as formas rígidas do parnasianismo, mas diferenciando-se do romantismo pela expressão da subjetividade ausente de sentimentalismo.

Charles Chadwick, em *O simbolismo*, define o movimento como “a arte de exprimir idéias e emoções, não descrevendo-as directamente, nem definindo-as através de comparações patentes com imagens concretas, mas sugerindo o que são essas idéias e emoções, e recriando-as no espírito do leitor através do emprego de símbolos não explicados.”⁷¹ Por isso, a imagística da poesia simbolista é muitas vezes considerada “obscura ou confusa”,⁷² como acontece, por exemplo, com “Poema” (*NP*, p. 9), que transcrevo na íntegra e que será melhor tratado mais à frente:

Quando na escuridão o teu riso retinia,
eu chamava baixinho: Egito...
E ela desnudava a espádua onde estava gravada

⁷¹ Charles Chadwick. *O simbolismo* (1971). Trad. Maria Leonor de Castro H. Telles. Lisboa: Lysia, 1975, p. 13.

⁷² *Idem, ibidem*, p. 15.

como marca de fogo, a rosa do amor.
Egito! O ar palpitava como se um pássaro voasse
e eu fechava os olhos — tão grande era a paixão que me queimava.
Às vezes, quando a noite nos envolvia na sua ânsia mortal,
sentia o seu coração bater — e dizia comigo que ela era humana
e sua alma estava aprisionada à minha.

Mas nós ainda jazíamos por trás das grandes muralhas.
As flores faziam-na fremir como dedos vorazes,
as cantigas dos rios deixavam-na febril,
o grito dos chacais causava-lhe desmaios.
Egito! Ó Egito, porque me abandonaste,
porque envenenaste o ar que eu respirava?
Junto de ti as violetas fenecem, o mel se torna ácido,
junto de ti o amor não é senão castigo e tormento.
Ah, de que terrível noite nasceste, ó desejo,
de que fonte de amargura, ó luz crepuscular!
Egito! Mistério do céu infinito
desdobrado sobre mim como negro sudário —
que força me revelará o teu verdadeiro nome,
Esmeralda, Safira, constelação de astros efêmeros e malditos!

Chadwick aponta também a existência de um simbolismo tradicional e de um simbolismo humano. Isso significa a ocorrência de um “movimento do plano dos objectos materiais e sensações que provocam para o plano dos conceitos abstratos e sentimentos pessoais, das imagens visuais e dos sons e dos aromas para as noções ou emoções que inspiram”,⁷³ como ocorre em “Sol da serra” (*P*, p. 45): “Que estranha paz é esta que me envolve,/ pura como o sereno nascido no limiar da noite,/ que segredo anima essa obscura felicidade,/ esse sono que me envolve como uma nuvem de estranha claridade?” (v. 5-8).

O mesmo ocorre em “Soneto” (*NP*, p. 12): “Sinto renascer em mim a nostalgia das viagens,/ o perfume noturno das estradas sepultadas no silêncio,/ a nublada visão de aldeias olhadas na infância,/ e a linha negra das montanhas contra o céu de rosa.” (v. 1-4).

Quanto ao expressionismo, é um movimento artístico e literário que se caracteriza pela manifestação de intensas emoções. Por isso, suas obras não têm preocupação com o padrão de beleza tradicional e costumam enfocar a vida de forma pessimista, marcada por angústia, dor, inadequação do artista diante da realidade e, em diversos casos, necessidade de denunciar problemas sociais.

⁷³ Charles Chadwick. *Op. cit.*, p. 29.

A poesia de LC apresenta quase todos esses enfoques, exceto o último mencionado. Explicitamente, ele não imprime em seus versos denúncia de problemas sociais. O enfoque é introspectivo. Não há nele uma preocupação social maior, a não ser a própria existência, como se pode ver em “Poemas do colégio interno” (*P*, p. 7): “Ouço os bondes que passam na pureza da madrugada./ Decerto os bancos vão vazios e o condutor adormeceu,/ ouvindo as rodas que cantam nos trilhos.” (v. 24-6) e em “A loucura” (*NP*, p. 18):

Vejo-te enorme sobre as casas fechadas,
espreitando as cortinas onde o crime acontece.
Vejo o sangue espirrar sobre os alvos cetins,
portas violadas, o incêndio e o tumulto.
E vejo-te dentro de mim mesmo,
no esforço atroz de uma luta primitiva,
aprisoada em mim como o silêncio num cadáver... — v. 8-14.

A predominância de elementos urbanos, como “bondes” e “tumulto”, presentes em LC, é importante em Manuel Bandeira, em poemas como “Profundamente” (“Apenas de vez em quando/ O ruído de um bonde/ Cortava o silêncio/ Como um túnel.”)⁷⁴ e em “O martelo” (“As rodas rangem na curva dos trilhos/ Inexoravelmente.”).⁷⁵ Em ambos, o cotidiano é tratado com tristeza e melancolia, fatores que também acompanham o conjunto da poesia de LC.

Embora seja mais conhecido pelas artes plásticas, o expressionismo também se manifesta na literatura, como aponta o crítico Rodolfo E. Modern, em *El expresionismo literario* [O expressionismo literário]. Para o autor “Los expresionistas tienen gusto a muerte en la boca, y el coraje de enfrentarla sabiéndose inermes.”⁷⁶ Argumenta que o movimento tem duas características importantes, uma de fundo e outra de forma. A primeira seria o irracionalismo exacerbado, que buscaria intuir “en forma directa e inmediata el ser de las cosas, su verdad propia y auténtica, fenómeno que se repite a lo largo de la literatura

⁷⁴ Manuel Bandeira. “Profundamente”. In: *Poesia e prosa* (2 vol.). Intr. geral de Sérgio Buarque de Holanda & Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958, vol. I, p. 210.

⁷⁵ *Idem*. “O martelo”. In: *Ibidem*, p. 279.

⁷⁶ Rodolfo E. Modern. *El expresionismo literario*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1958, p. 36. (Compendios Nova de iniciación Cultural, 23). [“Os expressionistas têm o gosto pela morte na boca, e a coragem de enfrentá-la sabendo-se inermes.”].

alemana (*Sturm und Drang*).⁷⁷ A segunda é o reconhecimento do grito como expressão legítima desse irracionalismo. Portanto, “Los poetas expresionistas — no lo mejores — ‘gritan’, cargan las palabras de un énfasis y una intencionalidad emocional excepcionales.”⁷⁸ “Los expresionistas procuran inyectarle nueva fuerza al lenguaje, tratan de contagiarle la exaltación anímica y la energía que los inflama.”⁷⁹

A morte também tem um lugar especial no expressionismo: “es también vieja amiga y poderoso estímulo poético para los expresionistas porque, según se ha señalado, el movimiento nació bajo un signo trágico de destrucción, que allí encuentra su arquetipo y ámbito natural”.⁸⁰ Os expressionistas, segundo Modern, teriam dedicado à morte suas visões mais demoníacas e tremendas. Como exemplo, menciono o tratamento dado a essa temática por LC, em “Poema” (*NP*, p. 14):

Sabe que esta sede de partida,
esta ânsia de lutas e bandeiras,
este tédio e a cólera deste riso,
são a poesia atormentada do impossível,
visões que se debatem na minha alma,
carne que grita à morte: vem! — v. 13-8.

Ocorre aqui o explícito chamamento da morte. Perante um passado desagradável e melancólico, a morte é apresentada como um objetivo a ser alcançado por um eu angustiado perante a realidade que o cerca e por suas contradições existenciais.

A obra poética cardosiana foi analisada por Mario Carelli, seguindo parâmetros derivados do expressionismo, em “Lúcio Cardoso: Un romancier d'intention expressionniste” [“Lúcio Cardoso: Um romancista de intenção expressionista”]. Ao focar o escritor mineiro, o crítico aponta inicialmente que

⁷⁷ Rodolfo E. Modern. *Op. cit.* [“na forma direta e imediata o ser das coisas, sua verdade própria e autêntica, fenômeno que se repete ao longo da literatura alemã (*Sturm und Drang*).”].

⁷⁸ *Idem, ibidem*, p. 37. [“Os poetas expressionistas — não os melhores — ‘gritam’, carregam as palavras de uma ênfase e uma intencionalidade emocional excepcionais.”].

⁷⁹ *Idem, ibidem*, p. 43. [“Os expressionistas procuram injetar nova força à linguagem, tratam de contagiar a exaltação anímica e a energia que as inflama.”].

⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 51. [“é também velha amiga e poderoso estímulo poético para os expressionistas porque, segundo se tem assinalado, o movimento nasceu sob um signo trágico de destruição, que ali encontra seu arquetipo e âmbito natural”].

“Ces éléments biographiques nous permettent de relire une oeuvre romanesque dans laquelle Lúcio Cardoso va transfigurer son vécu d’écrivain maudit, miné par le remords, tiraillé entre ses convictions religieuses et sa fascination pour l’interdit, son goût pour l’alcool.”⁸¹

Sobre o gosto pelo álcool, LC deixou o poema [“No porre sou”], publicado em *PI*:

[NO PORRE SOU]

No porre sou
No porre estou
Divino fui
Não sei quem sou
Porém quem era
Morreu, passou
E hoje espera
Quem desertou
Desta tapera

Baseado na definição do *Le Robert, Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française* [*Le Robert, Dicionário alfabético e analógico da língua francesa*], o expressionismo é a forma de arte que consiste no “valeur de la représentation dans l’intensité de l’expression”.⁸² Carelli conclui que a obra cardosiana apresenta um “expressionnisme baroque”⁸³ já que LC seria herdeiro “d’une tradition spirituelle catholique où les conflits entre un ordre théocentrique et les pulsions anarchiques de l’individu se résolvent dans une création artistique aux matrices baroques.”⁸⁴ Versos como

Jamais me vencerás no lúcido combate.
Mas aí de mim, quando a noite baixa,
vejo a tua imagem levantar-se enorme,

⁸¹ Mario Carelli. “Lúcio Cardoso: un romancier d’intention expressioniste”. In: *Transformations of literary language in latin american literature. From Machado de Assis to the vanguards*. Edited by K. David Jackson. Austin: Abaporu Press, 1987, p. 98. [“Estes elementos biográficos nos permitem reler uma obra romanesca na qual Lúcio Cardoso vai transfigurar sua vivência de escritor maldito, atormentado pelo remorso, dilacerado entre suas convicções religiosas e sua fascinação pelo proibido, e seu gosto pelo álcool.”].

⁸² *Le Robert, Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Apud *Idem, Ibidem*, p. 101. [“valor da representação na intensidade da expressão.”].

⁸³ Mario Carelli. *Op. cit.*, p. 102. [“expressionismo barroco”].

⁸⁴ *Idem, ibidem*, p. 102. [“de uma tradição espiritual católica onde os conflitos entre a ordem teocêntrica e as pulsões anárquicas do indivíduo se resolvem numa criação artística de matrizes barrocas.”].

hirta num mar de negras chamas,
luzindo como o sinal do meu degredo,
obstinada — ó cruz do meu inferno! — v. 21-6,

do poema “O punhal” (NP, p. 35), ilustram o expressionismo na poética cardosiana pela presença da “noite”, das “negras chamas” e do “inferno”, índices do mundo psiquicamente atormentado presente no expressionismo.

Na poesia cardosiana, encontram-se ainda ecos do surrealismo. O movimento reúne artistas anteriormente ligados ao dadaísmo e se caracteriza por forte influência das teorias psicanalíticas de Sigmund Freud, principalmente no que diz respeito ao papel do inconsciente na atividade criativa.

Para os surrealistas, a arte deve se libertar das exigências da lógica, expressar o inconsciente e os sonhos, livre do controle da razão e de preocupações estéticas ou morais. Isso se manifesta pela rejeição de valores considerados burgueses, como a pátria e a família.

Ao se basear na espontaneidade do ser humano, o surrealismo também se relaciona fortemente com o sonho. O grande segredo dos prosadores e poetas surrealistas seria levar em conta as revelações dos sonhos, transformando-os em obras de arte.

Como a filosofia ocidental limita qualquer manifestação que não esteja relacionada com explicações lógicas sobre o conhecimento do homem e do universo, o surrealismo teve, para o crítico Yves Duplessis, “a originalidade de reabilitar o sonho e atribuir-lhe uma importância tão grande, talvez maior que a vigília, sob o duplo ponto de vista psicológico e metafísico.”⁸⁵

A loucura surrealista, ainda para Duplessis, encaixa-se nos limites da paranóia, pois ela realiza uma síntese do real com o imaginário. Nesse caso, as impressões externas da realidade, experimentadas pelo indivíduo, apenas ilustram as fantasias interiores de seu espírito. “Para o paranóico, o mundo é um teatro e ele o principal ator. Nada acontece aí de maneira objetiva, mas, como no universo dos primitivos, tudo é animado por intenções ocultas que se trata de descobrir.”⁸⁶

⁸⁵ Yves Duplessis. *O Surrealismo*. Trad. Pierre Santos. 2. ed. rev. e corrigida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963, p. 38-9. (Col. Saber Atual, 35).

⁸⁶ *Idem, ibidem*, p. 40-1.

A escrita automática é apresentada nos manifestos surrealistas como o resultado de um estado de sonho ou de loucura que permite a manifestação do inconsciente. Relaxando a atividade de controle mental, a escrita automática surge como uma sondagem no subconsciente — e ela tem grande interesse porque enriquece a visão que o homem tem de si mesmo e do mundo.

À estética surrealista vinculam-se poetas como Guillaume Apollinaire, pintores como Salvador Dalí e cineastas como Luis Buñuel. LC dialoga com este universo onírico, principalmente quando dá vazão ao seu inconsciente expressando a sua visão de mundo de forma livre, como ocorre nos poemas que abrem e fecham os dois livros aqui analisados.

Finalmente, o movimento modernista reage contra as engessadas academias de arte, o parnasianismo, o romantismo, o realismo, o naturalismo e o simbolismo. O resultado é uma estética que reúne elementos do expressionismo, do cubismo, do dadaísmo, do surrealismo e do futurismo.

Segundo o crítico Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira*, “O que a crítica nacional chama de *Modernismo* está condicionado por um *acontecimento*, isto é, por algo datado, público e clamoroso, que se impôs à atenção da nossa inteligência como um divisor de águas: A Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo.”⁸⁷

Uma das principais inovações da literatura modernista é a abordagem de temas do cotidiano, com ênfase para a realidade brasileira e os problemas sociais, geralmente com um tom combativo, que se liberta da linguagem culta e se torna mais coloquial, admitindo inclusive gírias.

As orações, muitas vezes, não seguem uma seqüência lógica e o humor costuma estar presente. A objetividade e a concisão também são características bastante presentes, sendo que, na poesia, os versos se tornam livres e deixa de ser considerado obrigatório o uso de rimas ricas e métricas perfeitas.

Produzida após o modernismo consagrado com a Semana de 1922, a lírica de LC não apresenta temas típicos dessa estética. Por isso, entre outros motivos,

⁸⁷ Alfredo Bosi. *Op. cit.*, p. 303. [Grifos do autor].

sua poesia assemelha-se mais, em muitos momentos, à dos românticos brasileiros da segunda geração e à dos simbolistas.

Há, no entanto, um inédito poema sem título de LC que apresenta numerosas características do modernismo, principalmente a irreverência, o bom-humor, o procedimento por enumeração e a justaposição. Vale a pena transcrevê-lo:

[Gilberto Amado vence o tempo]⁸⁸

Gilberto Amado vence o tempo
Rachel de Queiroz e o estilo dona de casa
Saudades de Oswald de Andrade
Estudantes no tempo de Bilac
A estrela de Schmidt
José Lins do Rego é do Sport
Aníbal Machado tal como ele é
Ronald, o heleno
Alceu e Tristão — o homem e o autor
Jorge Amado vai e vem
Os três grandes (Bandeira, Schmidt, Drummond)
O Rio de copo na mão
Gilberto Freyre em 3 tempos
Copacabana cintila à noite
História de grandes desastres (incêndio, naufrágio, desabamento)
Madame Alonso ainda existe
Mundo teatral
Os jardins do Burle-Marx

Este poema remete-me, principalmente o verso grifado, aos poemas do livro *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade* (1927), do próprio Oswald, em que a ironia, o humor e o tom jocoso são patentes.

É possível denominar LC como um poeta “neo-romântico”. Os versos do autor não se inserem em nenhum dos movimentos apresentados, mas LC os assimila e os transforma em seus exercícios poéticos.

⁸⁸ Lúcio Cardoso. “[Gilberto Amado vence o tempo]” (poema inédito). S.I., s/d., 2 fls. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 28 pi. [Uma folha manuscrita, outra datiloscrita].

A crítica

A crítica literária não podia ficar alheia a uma trajetória tão diversificada e rica em qualidade e quantidade. Entre aqueles que enfocaram a obra de LC, está a crítica italiana Luciana Stegagno Picchio, que diz encontrar na obra cardosiana “um clima de inefabilidade, de impasse existencial, de perplexidade angustiosa”,⁸⁹ e ainda, de “Educação católica, introspecção e práxis narrativa assim como reconstrução de ambientes psicológicos disfarçadamente recuperados (...) de cujo satanismo se imbuíra Dostoiévski, mas também numa problemática tomada de Ibsen e de J. Green”.⁹⁰

O ensaísta Fábio Lucas diz que LC “tipifica a criação de heróis da consciência, os novos construtores de tensões dramáticas baseadas em íntimas dilacerações, em substituição aos heróis de ação, cujos projetos e malogros se operam no confronto com a realidade exterior”.⁹¹

O artista mineiro já motivou dissertações e teses sobre sua obra novelística e romanesca mas, ao que me consta, não há nenhum trabalho acadêmico especialmente sobre sua obra poética, a não ser artigos e ensaios de escritores e críticos como Octávio de Faria, Manuel Bandeira, Almeida Salles, Vinicius de Moraes, José Guilherme Merquior, Hildon Rocha e Jayme de Barros, entre outros que analisaram a sua obra em versos.

LC surge, na poesia, em 1941, com o livro *P*; e, segundo José Guilherme Merquior entra, ao tratar sobre a morte e a “dor do existir”, para o rol dos poetas existenciais, como Augusto Frederico Schmidt, Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa e Vinicius de Moraes.⁹²

⁸⁹ Luciana Stegagno Picchio. *História da literatura brasileira* (1972). Trad. de Pérola de Carvalho & Alice Kyoko, rev. e atual. biblio. de Paulo Roberto Dias Pereira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 431.

⁹⁰ *Idem, ibidem*, p. 540. A professora Teresinha de Almeida Arco e Flexa [Tereza de Almeida] já havia percebido o parentesco entre a obra de Lúcio Cardoso e a de Julien Green. Tanto, que, em 1990, defendeu tese confrontando a obra em prosa dos dois autores. Diz que resolveu estudar as obras deles por serem “ambos dotados de uma consciência estética e religiosa voltada angustiadamente para a imagem do crime e da culpabilidade na personagem” (Terezinha de Almeida Arco e Flexa. Lúcio Cardoso e Julien Green: transgressão e culpa (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990, 2 vols., 378 p., p. 11).

⁹¹ Fábio Lucas. *Op. cit.*, p. 186.

⁹² José Guilherme Merquior. “A forma e a febre”. In: *O elixir do apocalipse*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 154. (Col. Logos).

Mario Carelli, em seu *Corcel de fogo*, situa LC na “filiação lírica da poesia católica de Augusto Frederico Schmidt”.⁹³ Neste contexto, Merquior afirma que LC é um “Poeta (dramaturgo e romancista) ‘maldito’ de verso eminentemente *agônico*, num pathos de dilaceração íntima muito diverso do tom elegíaco de Schmidt”.⁹⁴

Carelli já notara a influência de Fernando Pessoa em LC. Menciona, porém, que o poeta mineiro “não constrói uma poesia nacional (o que ele admirava em Pessoa). Aliás, entre os românticos brasileiros, preferia Álvares de Azevedo”⁹⁵ a Castro Alves. “Essa filiação é clara, não somente na poesia, mas ainda na prosa. Lúcio não é poeta de uma causa, sente-se obrigado a escrever para exorcizar a dor, para escapar à dominação da loucura”.⁹⁶

Cabe acentuar que, entre LC e o heterônimo pessoano Álvaro de Campos, encontrei pelo menos duas similitudes: as odes e os versos longos, como será explorado no Capítulo III. Como exemplo, posso citar a “Ode perplexa ante sentimentos de imortalidade” daquele: “Que canto eu ao longo disto que agora me invade,/ e é pasmo, sentimento do eterno e o que sobre os matos deste mundo/ rutila o seu poliforme fulgor?” (*PI*, p. 102, v. 1-3) e “Ode triunfal” do segundo: À DOLOROSA LUZ das grandes lâmpadas elétricas da fábrica/ Tenho febre e escrevo./ Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,/ Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos”.⁹⁷

Outro exemplo de diálogo entre LC e Álvaro de Campos pode ser encontrado no poema “Soneto já antigo”: “Olha, Daisy: quando eu morrer tu hás de/ dizer aos meus amigos aí de Londres,/ embora não o sintas, que tu escondes/ a grande dor da minha morte [...]”,⁹⁸ que se relaciona aos seguintes versos do poema “[Quando, Jayme, aqui eu não estiver]” (*PI*, p. 38), de LC: “Quando, Jayme, aqui eu não estiver/ e o mundo for sua carreira cega —/ não me importa o que se disser/ desse mal, que é minha entrega”. (v. 1-4).

⁹³ Mario Carelli. *Op. cit.*, p. 106.

⁹⁴ José Guilherme Merquior. *Op. cit.*, p. 152. [Grifo do autor].

⁹⁵ Mario Carelli. *Op. cit.*, p. 110.

⁹⁶ *Idem, ibidem*.

⁹⁷ Fernando Pessoa. “Ode triunfal”. In: *Obra poética* (1960). 5. ed. Org., intr. e notas Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1974, p. 306. Poesia de Álvaro de Campos.

⁹⁸ *Idem*. “Soneto já antigo”. In: *Ibidem*, p. 356.

Em ambos os textos, existe a consciência da própria morte e a sugestão de que a vida continua e de que um legado pode ser deixado por meio da escritura, que se torna, desse modo, um veículo de comunicação entre aquele que parte e os que permanecem vivos. O mesmo se dá em “Lembrança de morrer”, poema de Álvares de Azevedo: “Quando em meu peito rebentar-se a fibra/ Que o espírito enlaça à dor vivente,/ Não derramem por mim nem uma lágrima/ Em pálpebra demente.”⁹⁹

Quanto à capacidade interpretativa demonstrada por LC em relação à obra de Fernando Pessoa, Edson Nery da Fonseca, na “Apresentação”, de *Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa: Cecília Meireles, Murilo Mendes e Lúcio Cardoso*, revela que o autor nascido em Curvelo “foi quem primeiro salientou a unidade existente na diversidade heteronímica: um tema magistral e exaustivamente desenvolvido, três anos depois dele, pelo eminente Professor Jacinto do Prado Coelho em sua obra *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*.”¹⁰⁰ Isso, ocorreu em “A voz de um profeta”,¹⁰¹ escrito por LC em 1946, texto que teria sido “a terceira exegese brasileira de Fernando Pessoa”, após Cecília Meireles e Murilo Mendes.¹⁰²

As similitudes entre LC e Álvares de Azevedo, como já apontei anteriormente, estão mais nas temáticas abordadas do que na estrutura do poema propriamente dita. Ao tratar da morte, por exemplo, o primeiro se vale de versos livres:

Nem sequer a vida que cantei na mocidade,
nem a cor, nem a luz dos olhos que amei,
nem o frio perfume dos idílios de Junho.
Só este grande vazio, só esta noite sem fim,
só esta amarga obsessão do que não vive,
este tédio das coisas, este gosto da morte. — “Poema”, *NP*, v. 16-21.

⁹⁹ Álvares de Azevedo. “Lembrança de morrer”. In: *Lira dos vinte anos* (1853). Apres. e notas de José Emílio Major Neto. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, p. 185. (Clássicos para o Vestibular; 10).

¹⁰⁰ Edson Nery da Fonseca. “Apresentação”. In: *Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa: Cecília Meireles, Murilo Mendes e Lúcio Cardoso*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1985, p. 14.

¹⁰¹ Lúcio Cardoso. “A voz de um profeta”. In: *Ibidem*, p. 31-44.

¹⁰² Edson Nery da Fonseca. *Op. cit.*, p. 13.

Enquanto isso, o segundo utiliza formas mais tradicionais, como podemos ver no poema “Tarde de verão”, em *Lira dos vinte anos*:

Deixai que eu morra só! enquanto o fogo
Da última febre dentro em mim vacila,
Não venham ilusões chamar-me à vida,
De saudades banhar a hora tranqüila!

Meu Deus! que eu morra em paz! não me coroaem
De flores infecundas a agonia!
Oh! não doire o sonhar do moribundo
Lisonjeiro pincel da fantasia!¹⁰³

Como se vê, a obra poética de LC dialoga com algumas fontes consagradas das literaturas brasileira e portuguesa, como Álvares de Azevedo, em relação à temática da morte, empregando os versos livres tão caros ao modernismo; e Fernando Pessoa, a respeito da indagação existencial sobre o significado da vida e a desigualdade entre o mundo real e aquele que o eu deseja.

Seis anos antes da publicação do primeiro livro de poemas de LC, *P*, que tinha inicialmente o título *O riso inútil*, Octávio de Faria faz, em “Nota final” ao seu livro *Dois poetas: Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes*, a seguinte afirmação: “(...) esse poeta, que sem dúvida já é grande, mas que se anuncia muito maior, vem se colocar absolutamente no caminho dos outros dois que analisamos, confirmando e ao mesmo tempo continuando, cheio da mesma angústia que está em Augusto Frederico Schmidt e cheio de sofrimento que está em Vinicius de Moraes, mas também possuído de toda uma emoção nova que só está nele porque é essa a sua originalidade, a sua marca de poeta independente e de grande poeta...”¹⁰⁴

Os motivos que levaram LC a não publicar anteriormente sua primeira obra em versos é um mistério, assim como muitos outros que acompanham toda sua vida e obra. Afirmo isto porque, mesmo sendo Octávio de Faria um autor renomado e também conceituado crítico, não conseguiu, com seu parecer favorável, um editor para os primeiros versos de LC. O poeta, ao que se percebe,

¹⁰³ Álvares de Azevedo. “Tarde de verão”. In: *Op. cit.*, p. 146.

¹⁰⁴ Octávio de Faria. *Dois poetas: Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes*. Rio de Janeiro: Ariel, 1935, “Nota final” [Lúcio Cardoso], p. 336.

somente subsistiu nas várias referências feitas à sua poesia por alguns amigos que tinham lido os originais do então chamado *O riso inútil*. Chamaram-me a atenção os fragmentos de um poema em que LC fala da mãe, mencionado por Octávio de Faria nesta “Nota final”, e que curiosamente não aparece em *P*:

Mãe, estou de volta agora
Vê os meus olhos como ardem
vê o meu corpo como treme!
.....
Mãe, tu me chamavas príncipe
sorrindo nos teus olhos a esperança.
.....
Contempla o vulto vil que chega
contempla o príncipe que regressa.
As vestes rotas, o rosto exausto
a garra das insônias no olhar.
Quando nos tétricos momentos de dúvida
pensava em ti, sorria de pavor.
Carne tua, olha agora o que retorna
cansado de gritar e de sofrer!
Não mais vôos de aves pelo céu,
não mais ondas do mar se debatendo,
não mais inspiração sempre criando,
não mais poesia inútil dos meus lábios...
Contempla agora o que precisa de silêncio,
chora comigo a desdita esmagadora
desse príncipe bêbado de angústia!...

Mãe, tu me chamavas príncipe...¹⁰⁵

Sobre estes versos, Octávio de Faria diz que o poeta “quer voltar à infância, à confiança primeira que nada mais poderá abalar. E a recordação do passado choca-se violentamente com o presente que o poeta sente que representa”.¹⁰⁶ No que se refere à infância, LC diversas vezes apresentou esta problemática em sua poesia, a começar pelo poema “Poemas do colégio interno”, o qual será analisado no Capítulo III deste trabalho.

Significativamente, LC intitulou seu quarto romance *Dias perdidos* (1943) texto considerado autobiográfico, no qual a presença do pai é fundamental e onde prevalecem fantasias pessoais e familiares que acompanham boa parte de sua trajetória artística.

¹⁰⁵ Lúcio Cardoso. “[Mãe, estou de volta agora]” (poema). *Apud* Octávio de Faria. *Op. cit.*, p. 343.

¹⁰⁶ Octávio de Faria. *Op. cit.*, 1935, p. 343.

LC nunca se referiu em seus textos, explicitamente, a seus parentes, mas sim aos seus amigos. Por isso, este poema é sugestivo, sugere tratar-se da mãe do poeta, personagem muito importante em sua formação, devido à ausência do pai. As grandes mulheres da vida de LC, além de Clarice Lispector, foram a mãe, Maria Venceslina Cardoso, chamada carinhosamente de Nhanhã, e a irmã, Maria Helena Cardoso, a Lelena. Esta última esteve com ele até o fim de seus dias.

Convém mencionar que existem três versões datiloscritas no ALC, AMLB, FCRB do poema dedicado à mãe e mencionado por Octávio de Faria. Após cotejar as três versões, estabeleci a ordem de escritura dos textos. A primeira versão teve por título “Elegia”; quanto à segunda, por estar faltando a primeira parte (primeira página), não me foi possível levantar o título. Já na terceira, alterado para “Os dias perdidos”, remete ao romance autobiográfico de LC, *Dias perdidos* (1943).

Lendo a versão anotada por Octávio de Faria em seu ensaio, percebem-se várias modificações em alguns dos versos, o que sugere a existência de uma quarta versão, já que as três existentes não apresentam estas alterações. Nenhuma das versões está datada. Transcrevo aqui a versão estabelecida por mim deste poema dedicado à mãe:

OS DIAS PERDIDOS¹⁰⁷

Mãe, estou de volta agora.
Quis fugir de ti, é verdade,
ser forte, iludir a minha fraqueza.
Mas voltei... e que triste volta!
Atrás de mim se desenrolam como vagas
as noites de vigília — as longas noites
passadas no silêncio e no espanto.
Volta os teus olhos para mim,
vê como tremem as minhas mãos.
Deixa que a obscuridade me envolva,
quero adormecer no abandono desta hora.
Serei como a flor que sobre o pântano
eleva a sua eterna solidão —
ah! quem não conhece as lágrimas
que amanhecem silenciosas como ao orvalho?
Dá-me de novo o embalo do passado

¹⁰⁷ Lúcio Cardoso. “Os dias perdidos” (poema inédito). S.l., s/d., 3 fls. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 128 pi.

na voz da minha infância morta.
Dá-me força para chorar com aqueles
que a fatalidade do tempo aprisiona —
porque é preciso lançar um olhar de piedade
para os que desde a madrugada
conhecem da velhice o peso prematuro.

Não me reconheço, sinto-me ausente.
Alguma coisa me fascina para a morte.
Ampara-me — tu que durante tantos anos,
foste a força rondando o meu repouso.
O dia se levanta.
Quero esquecer que no espaço trêmulo
as formas resvalam num contínuo desmaio.
Na sombra se alonga o meu único caminho.
É a névoa que perturba a luz dos olhos,
mas que nome dar a esta misteriosa força
que me obriga a repetir obstinadamente:
aparte! E como é terrível existir
contemplando em silêncio a eterna despedida,
as faces que desaparecem no horizonte imóvel.
Porque Deus gravou na minha carne
o sinal que não perdoa — e onde quer que eu vá
é sempre o seu olhar que me acompanha
como um grande sol acusador.
Porque, porque este horror de permanecer
de olhos abertos, quando até as flores dormem
à sombra das copas azuladas?
No silêncio palpita o eco das palavras
que não disse — sou pequeno, mãe,
sou pequeno para o mundo.
Abre os braços ao teu filho abandonado
e recebe o sonho que tive como herança.

É o medo de cair que me acompanha,
é o medo de rolar quando já não é possível,
sufocar o amargo desprezo de mim mesmo.
Tenho medo de ser fraco. É porque sei
que só é grande a carne castigada.
Da distância sobe esta seiva impetuosa,
o grande rio, obscuro como o sangue.
Quem de nós nunca sentiu
que na vasta solidão silenciosa
um outro ser misterioso nos habita?
Algumas vezes — como um sopro —
o seu hálito que passa...

É nessa hora que ressurgem o meu passado.
Onde sopra o vento dos dias fugitivos?
Como as águas que descem da montanha,
não poderei voltar onde passei.
Sufoca-me a lembrança
dos caminhos não trilhados. Ó eterna paisagem!
Ao longo da estrada que a noite obscurece
irei descendo — o vento das praias
lançar-me-á ao rosto a sua amarga saliva.

onde ouvir a voz que exprime a vida,
estrelas, frutos, paisagens — alma secreta
da infância para sempre estiolada?
Só a noite. A noite contínua e imóvel.
E a certeza de que os dias mortos nunca mais virão.
Então, à luz do astro que brilha no infinito,
erguerei os braços — ó angústia, ó tormento
de se perder entre tantos fragmentos
de sonhos devorados...

Na solidão os rumores se transformam,
são vozes que o tempo aniquilou.
Menino, já no seu peito a música nascia:
sons, estranhos sons descendo a noite azul,
rios, águas como brancas cabeleiras
sacudidas no espaço hostil das cachoeiras...
Portas abertas para a distância,
nuvens em ondas sobre os altos rochedos
além — onde a estrela fulgura como a lágrima
no olhar infantil das manhãs.
E devagar a harmonia que se desenlaça
e às palavras envolvem.
Agora, suave como a tarde,
a renúncia se alonga nos meus versos.
Tenho medo de mim, a insônia
arde em noites largas da minha vida.
Vigílias sem conta vão passando
e ai de mim — sinto os homens dormindo
e minha voz como um alfange
decependo apenas o silêncio que avoluma.

Mãe, tu me chamavas príncipe,
sorrindo nos teus olhos a esperança.
Tu me chamavas docemente,
eu fugia para as aves do céu.
Cansado das tristes caminhadas,
eis-me diante de ti, envergonhado.
Contempla o vulto vil que chega,
contempla o príncipe que regressa,
as vestes rotas, o rosto exausto,
a garra das insônias no olhar.
Quando em mim nascia a voz da dúvida,
pensava em ti, sorria. E sorria de pavor.
Carne tua, olha agora o que retorna,
cansado de gritar e de sofrer.
Não mais vôos de aves pelo céu,
não mais ondas do mar se debatendo,
não mais inspiração sempre criando,
não mais poesia inútil dos meus lábios...
Contempla agora o que precisa de silêncio,
chora comigo a desdita esmagadora
deste príncipe que na fria madrugada
rola — e passa como um naufrago perdido...

Mãe, tu me chamavas príncipe...

Neste poema, aparecem vários elementos fundamentais para a apresentação do acervo poético de LC, a ser realizada no Capítulo III. Destacam-se, por exemplo, as presenças da noite, morte, infância e o tom romântico pela nostalgia em relação ao vínculo interrompido com a mãe e com “os dias perdidos” de um passado que não retorna mais.

Manuel Bandeira, um dos amigos que também teve acesso aos originais de *O riso inútil*, após a publicação dos dois primeiros livros de poemas de LC, em seu livro *Apresentação da poesia brasileira*, diz que “A expressão mais cabal de Lúcio Cardoso (...) está nos seus romances e contos, aliás de densa atmosfera poética. Todavia, sente-se em seus poemas (*Poesias*, 1941, *Novas poesias*, 1944) a mesma vocação.”¹⁰⁸ E ainda, referindo-se ao poema “Mazepa”, presente em *P*, que será motivo de análise mais detalhada: “Poesia angustiada, que se compraz nos longos espasmos dos versos livres de amplíssimo ritmo.”¹⁰⁹

O poeta de *Cinza das horas* não se limitou a esses comentários elogiosos. Inseriu LC na antologia que organizou, *Obras-primas da lírica brasileira*, com notas de Edgard Cavalheiro. Este último, para justificar a presença do poeta na antologia, diz: “Lúcio Cardoso não poderia (...) faltar a esta parada de líricos, pois na centena de páginas do volume em que reuniu alguns momentos de boa poesia, não faltam exemplos de uma personalidade poética robusta e original.”¹¹⁰

Já Almeida Salles, em uma resenha sobre *P*, na revista *Clima*, não gosta nem um pouco da obra. Menciona que talvez esteja na “ânsia plástica a característica fundamental da poesia de Lúcio Cardoso”.¹¹¹ Para ele, LC não faz poesia verdadeiramente, simplesmente pinta palavras, num retrocesso aos avanços adquiridos pela poesia desde a Semana de Arte Moderna de 1922. Chega ao ponto de, ao se referir a LC, tratá-lo por “corpo seco de palavras”, embora amenize isto, dizendo que há em seus versos “uma grande corrente de poesia”,¹¹² mas que não flui.

¹⁰⁸ Manuel Bandeira. *Apresentação da poesia brasileira*. In: *Idem. Op. cit.*, vol. II, p. 1123.

¹⁰⁹ *Idem, ibidem*.

¹¹⁰ Edgard Cavalheiro. “Notas”. In: Manuel Bandeira, org. *Obras-primas da lírica brasileira*. São Paulo: Martins, 1943, p. 374.

¹¹¹ Almeida Salles. “Lúcio Cardoso – *Poesias*”. *Clima*, n. 3, São Paulo, ago. 1941, p. 74.

¹¹² *Idem, ibidem*, p. 73.

Segundo Salles, a poesia precisa exprimir uma realidade substancial e não visar somente à exaltação das formas, como faria LC. Diante desta crítica, pode-se ver o escritor mineiro como precursor da geração de poetas dos anos 50, 60 e 70, no sentido de valorizar a criação de imagens pela palavra. Esse processo de construção poética exige leitores mais atentos para captar toda a substância do que está sendo apresentado. Caso contrário, corre-se o risco de ler os poemas de LC sem atingir a densidade existencial que suas imagens propiciam.

Assim como Manuel Bandeira, Almeida Salles exalta a grandeza de LC como romancista e contista. Reconhece isto e menciona as dificuldades de julgamento da poesia de LC por ele ser um escritor renomado, algo que parecia não incomodar o autor de *Estrela da manhã*.

A obra poética de LC tem seus defensores. Em um artigo manuscrito, que se encontra no ALC, AMLB, FCRB, Vinicius de Moraes afirma que o autor de *Inácio* (1944) “(...) tem a natureza de um verdadeiro poeta. Ao lermos [seus poemas] passam aos nossos olhos todos esses estados que parecem lutar na alma do poeta, o vazio, o tédio, o temor, às vezes a volúpia, e mesmo o entusiasmo da mocidade. Seus gritos parecem apelos terríveis”.¹¹³

Os “apelos terríveis” a que Vinicius se refere dão o tom angustiante da poesia de LC. Tal característica pode ser notada em versos e metáforas em que a agonia de existir é tematizada muitas vezes sob o prisma de um eu atormentado e sem saída para seus dilemas existenciais.

Vinicius de Moraes foi uma das raras pessoas que leram os originais de *O riso inútil*, por volta de 1936, cinco anos antes da publicação, com o título *P*. Além de reconhecer a habilidade de LC como poeta, ele percebia que a necessidade da extrapolação da própria “loucura” estava na tessitura dos romances. Para Vinicius, já em seu primeiro livro, *Maleita* (1934), LC demonstrava o que surgiria a partir dali.

¹¹³ Vinicius de Moraes. “Lúcio Cardoso, poeta e romancista”. Campo Belo – MG, 1936. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 18 pit, 10 fls., p. 4.

Mesmo reconhecidamente considerado maior como romancista, o poeta LC não ficava incógnito para os apreciadores de literatura. Vinicius de Moraes, de forma premonitória, já apontava que a prosa se sobreporia à poesia: “E são tão imperiosas as exigências do drama na alma do Sr. Lúcio Cardoso, que elas próprias o afastarão mais tarde da poesia”.¹¹⁴

José Guilherme Merquior, em seu *O elixir do apocalipse*, reunião de ensaios publicados em jornal, dedica um capítulo à análise do livro *PI*. Ele menciona o fato de o livro ter sido organizado por Octávio de Faria. Ainda que perceba em alguns poemas traços de inconclusão, avalia que estes não desmerecem a obra. Para Merquior, o estado geral dos versos “não permite a menor dúvida: estamos diante de um caso de alta voltagem poética”.¹¹⁵

O crítico Hildon Rocha, por sua vez, hesitando entre considerar LC “romancista que se desdobra em poeta” ou “poeta que se deu quase que inteiramente ao romance”, indica que, ao tratar da solidão, do isolamento e da evasão para o desconhecido, LC “(...) é conduzido por estranha e peregrina força criadora, — dessas que geram belezas imponderáveis, intangíveis paisagens subjetivas, — tudo se desenvolvendo em uma abafada atmosfera de misticismo e angústia, de inquietação e desespero”.¹¹⁶

Situação similar se dá com o crítico Jayme de Barros, que em *Poetas do Brasil*, ao analisar *P*, afirma que LC “encontrou na poesia a melhor forma de expressão do seu pensamento”.¹¹⁷ Observou ainda que “Um romancista que se perdia com tanta facilidade no atraente nevoeiro das idéias imprecisas, das imagens obscuras, dos pensamentos indefinidos, da mística religiosa, não era um romancista, mas um poeta.”¹¹⁸ Refere-se, aqui, aos dois primeiros livros de LC, *Maleita* e *Salgueiro*. Conclui dizendo: “Dos poemas do Sr. Lúcio Cardoso, cheios de imagens e de símbolos, eleva-se a voz de um verdadeiro poeta. Sua alma

¹¹⁴ Vinicius de Moraes. *Op. cit.*, p. 5.

¹¹⁵ José Guilherme Merquior. *Op. cit.*, p. 151.

¹¹⁶ Hildon Rocha. “As ‘Novas poesias’ de Lúcio Cardoso”. *Letras Brasileiras*, Rio de Janeiro: A Noite, abr. 1945, n. 24, p. 35.

¹¹⁷ Jayme de Barros. *Poetas do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944, p. 212.

¹¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 213.

inquieta, onde uma singular religiosidade se mistura a um voluptuoso panteísmo, a um sentimento pagão da paisagem, se ajusta de maneira perfeita à poesia.”¹¹⁹

O que posso apreender após a leitura da fortuna crítica de LC é, sem dúvida, a poeticidade nele presente. Mesmo Almeida Salles, por exemplo, que não apreciou sua poesia, não deixou de lhe fazer deferência.

No tocante ao intrincamento da vida e da obra de LC, não será difícil dizer que sua poesia pode ser vista como uma maneira de esconjurar sua “loucura”, ou seja, a forma que ele encontrou para conseguir ultrapassar as paredes do inferno existencial que vivenciou intensamente. Por meio da literatura, especialmente da poesia, que o acompanhou até que a hemiplegia o privasse de suas faculdades motoras, em 1962, menos de um ano após a publicação de seu último livro, *Diário* / [1961], LC expressava seu sentimento agônico.

Seria LC um poeta verdadeiro? É o que me pergunto após entregar-me à leitura de suas poesias, publicadas e/ou inéditas. Em seu livro *Corcel de fogo* (1988), Mario Carelli o chamou de “romântico *out of date*” [“romântico fora de época”],¹²⁰ com o que concordo em parte, já que encontramos nele mais do que um romântico a evocar seus momentos de loucura e de lucidez.

Sobre a arte poética, LC, em entrevista ao *Jornal de Letras*, diz que João Cabral de Melo Neto não foi inaugurador de coisa nenhuma mas, sim, um dos instituidores do que ele chama de “a facilidade do difícil”. Continua LC, “Outrora, quando em céus permanentes fulgia a grande estrela poética do Sr. Augusto Frederico Schmidt, os poetas surgiam ‘fáceis’, à moda do nosso caudaloso cantor — hoje, são difíceis, mas tanto como naquele tempo gostaríamos de ver os ‘fáceis’ fazer poesia difícil, agora sentimos que seria necessário aos ‘difíceis’ fazer um pouco de poesia fácil... Afinal de contas, uma certa generosidade, [sic] é que, como um atestado de autenticidade, nunca fez mal a poeta algum...”¹²¹

LC não seguiu em sua poesia o que propõe nesta citação. Seus poemas não são fáceis, desses que basta uma primeira leitura para detectar o seu

¹¹⁹ Jayme de Barros. *Op. cit.*, p. 215.

¹²⁰ Mario Carelli. *Op. cit.*, p. 106.

¹²¹ “Reaparição de Lúcio Cardoso” (entrevista). *Jornal de Letras*, Ano III, n. 27, Rio de Janeiro, set. 1951, p. 5.

significado. São herméticos, nutridos de beleza e nebulosidade. Fica sempre a impressão de alguém que fazia poemas para si mesmo, com imagens extremamente subjetivas e/ou pessoais, como podemos verificar nos seguintes versos do poema “Os simuladores”, em *P*:

Desciam as grandes águas mudas e sem cores.
Eram levados para regiões de brancos sofrimentos,
onde o gesto é morto e o coração cala como uma rocha fechada. — v. 6-8.

.....
Mas da febre noturna outros céus renasciam.
Um novo espaço azul cintilava sem astros.
Flores de faces serenas subiam como lâmpadas acesas
e se queimavam nos altos céus que a aurora dominava. — v. 46-9.

Resta a indagação sobre por que LC não publicou novos livros de poesias após seu último, *NP* (1944). Há esta lacuna, entre outras tantas, em sua biografia, mas elucidá-las foge ao objetivo do presente trabalho. Trata-se de mais um mistério sobre LC. Criou-se, em torno dele, pelos amigos e por ele mesmo, um mito, que vem fascinando os estudiosos que têm se dedicado a pesquisar sua vida e obra.

Não é possível, no entanto, negar a inconstância da qualidade de sua poesia, como já apontei anteriormente. Há poemas com valor literário e outros nem tanto, mas quem foi perfeito sempre?

Havia em LC, ao que pude constatar em seus manuscritos, uma constante insatisfação. Por isso, escrevia e reescrevia várias vezes seus textos, fossem em prosa ou em verso. Confirmei isto ao encontrar até cinco versões de um mesmo poema, caso do soneto “[Quando, Jayme, aqui eu não estiver]”, publicado em *PI*.

O escritor é um artesão, que nem todo dia está inspirado e/ou motivado a escrever, quiçá fazer uma obra-prima a cada manhã. LC não foge à regra. Escreve e deixa a cargo do tempo o questionamento sobre a boa ou má qualidade da literatura que faz.

CAPÍTULO II: GÊNESE E FORTUNA CRÍTICA DA POESIA CARDOSIANA

Não foi com um livro de versos que LC estreou como escritor. O romancista já consagrado não guardava para si seus momentos de poesia, os quais inseria em seus livros de prosa. Neles, a poesia chamava a atenção do leitor. Mas o escritor só muito tempo depois deu voz ao poeta, que terminaria por focar os mesmos temas que o romancista, como veremos mais adiante neste trabalho.

Quanto à coexistência do poeta com o romancista, a que me referi, limito-me por agora a um só aspecto: a presença de achados poéticos, e vou buscá-los nos textos em prosa, como neste trecho de *O viajante* (1973). Neste exemplo, o narrador relata o momento em que Donana, uma das principais personagens do livro, está prestes a jogar Zeca, seu filho paraplégico, pela ribanceira, e o rapaz, percebe, num átimo, a morte se avizinando de sua vida:

[...] Mas para Zeca, para sua alma eternamente imatura, alguma coisa acabara de suceder, e era tão grave, tão decisiva como se lhe fosse outorgada uma maturidade postiça, e ele, a quem a infância fora dada como destino, viesse bruscamente a perceber o equilíbrio e o tempo, pois o que sentira, mais do que vira ou percebera, fôra uma emoção funda e desgarradora, uma certeza sem palavra, sem nome, sem classificação, sem nada que pudesse admiti-la ou revelá-la, de que a vida existia — essa coisa infrene, cega, voluptuosa e azul, que do outro lado, com um poder sobrenatural erguia a paisagem e a sustinha em seus luminosos alicerces. Descobrimo a vida, Zeca ao mesmo tempo descobrira a si mesmo e aos outros — tudo o que ele não identificara durante aquele tempo, Donana, o homem ensangüentado, a cortina, as vozes, aquela flor que sustinha na mão — tudo, todas essas realidades — rapidamente encaminharam para seus lugares, ocuparam os nichos vazios, deram consistência, cor e veracidade ao mundo. E descobrimo tudo isto, Zeca havia descoberto a morte. Rápido, seu olhar voltou-se para Donana, de preto — ela pressentiu a descoberta —, um grande tumulto se fez dentro dela — enérgica, gritou: 'lá, o azul' — e empurrando a cadeira, deixou-a escorregar pela ribanceira.¹²²

LC poderia ser aproximado de Rubem Braga, catalogado como cronista nas nossas histórias da literatura, mas poeta antes de tudo. É esta a opinião de Sérgio Milliet: "Já observei que as crônicas de Rubem Braga são pura poesia. Há nelas um mínimo de concessões que se fazem necessárias para que não sejam poemas, porém crônicas. Entretanto, em mais de um trecho, a crônica desaparece por completo e em seu lugar surge o poema."¹²³

¹²² Lúcio Cardoso. *O viajante* (romance inacabado). Ed. de Octávio de Faria. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 13.

¹²³ Sérgio Milliet. *Diário crítico VI* (1950). 2. ed.. São Paulo: Martins/Edusp, 1981, p. 178.

Se Braga foi um cronista-poeta, LC, sob certos aspectos, pode ser considerado, analogamente, um romancista-poeta, como será estudado e exemplificado no Capítulo III desta dissertação.

Poema do ferro e do sangue

Levando-se em conta que 1934 marca a estréia de LC na literatura com o livro *Maleita*, o primeiro poema publicado pelo escritor, segundo minha pesquisa, foi “Poema do ferro e do sangue” — curiosamente, um dos poucos com temática política.

Esse poema fora divulgado primeiramente em *O Globo*, jornal do Rio de Janeiro, em 9 de abril de 1934, e, posteriormente, na coluna “Os Nossos Poetas”, do *Diário da Tarde*,¹²⁴ e no *Estado de Minas*, jornais de Belo Horizonte, em uma mesma data, 22 de maio daquele ano. LC, em seu primeiro provável poema (se as minhas pesquisas seguiram o rumo certo) envereda pelo caminho da participação política, tema a que só voltou no livro *NP*, com “Poema heróico” (p. 45), que tratarei no Capítulo III. Abandonada essa vertente, parte para o que levaria avante até o fim de sua carreira literária, o caminho da introspecção. Transcrevo o primeiro poema:

Poema do ferro e do sangue

Esqueceram os campos revolvidos
onde vegetam perdidos
os ossos obscuros
calcinados
de dez milhões de mortes.

Esqueceram as cruzes improvisadas
erguendo para o alto
preces de galhos retorcidos.

¹²⁴ Ao consultar o arquivo do *Diário da Tarde*, em Belo Horizonte, sobre este poema, constatei que grandes nomes da poesia brasileira, de várias gerações, colaboravam com esse jornal à época, tais como: Raimundo Correia, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Ribeiro Couto, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Emílio Moura, Alphonsus de Guimarães Filho, LC, Dante Milano e Mauro Mota. Como se percebe, o jornal não privilegiava apenas uma tendência da poesia, publicava do parnasiano Raimundo Correia aos ainda inéditos em livro, Alphonsus de Guimarães Filho (*Lume de estrelas*, 1940), LC (*P*, 1941), Dante Milano (*Poesias*, 1948) e Mauro Mota (*Elegias*, 1952), como se vê pelos títulos e datas, entre parênteses, das suas primeiras publicações.

E esqueceram o rumor das granadas
revolvendo a terra e os vivos
devorando os mortos
destruindo.

Na cabeça do homem só existe
o rumor de ferro que forja
novos canhões
novas metralhas
novos fuzis
para a geração condenada do futuro.”¹²⁵

“Poema do ferro e do sangue”, no último verso de sua primeira estrofe, refere-se a “dez milhões de mortes”. O número não parece arbitrário, pois, de fato, durante a Primeira Guerra Mundial, a quantidade de civis mortos por fome, por epidemias e em massacres atingiu, ao que se estima, nove milhões de mortes. Além destes, cerca de oito milhões mais teriam morrido em combate.

Paralelamente, o poema parece aludir ao contexto mundial dos anos 1930, momento em que Hitler e Mussolini estavam ascendendo ao poder — respectivamente, na Alemanha e na Itália. Em 1934, o primeiro foi aclamado *Führer* e restabeleceu o treinamento militar, desafiando o Tratado de Versalhes, com o qual se tentou impedir que conflitos como o da Primeira Guerra se repetissem. Além disso, os dois líderes conferenciaram naquele ano, em Veneza, fazendo os primeiros contatos da aliança que os seus países formariam na Segunda Guerra.

Vocábulos como “cruzes” e “galhos retorcidos” acentuam a presença da morte no poema, que ainda inclui “granadas”, “destruindo”, “canhões”, “metralhas” e “fuzis”, elementos que enfatizam uma espécie de antevisão poética, por parte de LC, de que um novo conflito mundial de grandes proporções se avizinhava, amedrontando a “geração condenada do futuro”.

¹²⁵ Lúcio Cardoso. “Poema do ferro e do sangue”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 abr. 1934a; *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 22 maio 1934b, Coluna “Os Nossos Poetas”, p. 2; *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 maio 1934c.

O riso inútil

O riso inútil será publicado em 1941, com o título alterado para *P*. Isso ocorre seis anos depois de LC mostrar os originais do livro a Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira e Octávio de Faria,¹²⁶ merecendo deste último, mesmo antes da publicação, um ensaio no livro *Dois poetas: Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes* (1935), como mencionei em momento anterior.

Ao que se percebe, LC não acreditava de todo nestas críticas favoráveis ao seu primeiro conjunto de poemas e ia reescrevendo seu livro, processo pelo qual passava toda sua obra, seja em versos ou em prosa, como o comprova a série de versões manuscritas de seus vários livros, depositadas na FCRB, onde se encontra o arquivo pessoal do escritor.

Enquanto Octávio de Faria falou de *O riso inútil* em 1935, os poemas de *P* são datados até 1940, demonstrando que, além de ter retirado poemas, LC acrescentou outros, em uma constante busca da perfeição, como o comprovam os dez poemas que aparecem na revista *CHP*, e que depois foram incluídos em *P*.

Depois do início com *O riso inútil*, obra ao que tudo indica acessível apenas a alguns amigos, LC só viria a publicar sua primeira antologia de poemas em 1939, em *CHP*. Vale registrar que esses textos foram publicados em *P* com algumas alterações, tais como títulos, pontuação, versos, estrofes e datas. Para que o leitor possa perceber como LC trabalhava seus versos e como estava

¹²⁶ Há uma curiosa carta, de 12 páginas, de Octávio de Faria a LC, escrita em 22 de junho de 1934, onde ele analisa o suposto livro *O riso inútil*, que, à época, segundo esta, não tinha nem sequer título, diz ele: “No verso de uma das páginas há um título escrito a lápis: ‘O Riso Inútil’. É o título do livro? Como você me disse que ainda não tinha achado nenhum, pergunto se esse é um. Ou se tem outros em perspectiva.” (p. 12). Nela menciona que o livro era composto de 50 poemas e, destes, Octávio diz que não gostou de quatro e menciona-os, assim como outros vinte de que gostou muito e entre estes cita quatro como seus preferidos: “‘Mazepa’, ‘A força estranha’, ‘Correntes’ e ‘Cantiga’” (p. 10). Octávio pede autorização a LC para que possa mencionar seu suposto livro, mesmo antes da publicação, no livro de ensaios que está preparando sobre Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes, *Dois poetas: Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes*. Infelizmente não temos a resposta (se é que o fez; LC era muito preguiçoso para responder cartas; Clarice Lispector sempre pedia em suas cartas a ele para que deixasse de ser preguiçoso e lhe escrevesse) de LC a Octávio, mas se percebe, a partir desta carta, que ele reelaborou o livro, mudou o título geral e de alguns poemas e o reduziu a 34 poemas. Carta de Octávio de Faria a LC, datada: Campo Belo, 22/6/34, 12 p. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 90 cp.

sempre preocupado com sua escritura,¹²⁷ apresento as modificações (em vermelho) destes dez primeiros poemas:

10 POEMAS DE LÚCIO CARDOSO

TABELA 1: MODIFICAÇÕES DE *CHP* PARA *P*¹²⁸

CADERNOS DA HORA PRESENTE	POESIAS
<p>P1. “Venho de março” (1933), p. 122. v. 10: “Carregavam uma criança que acabara de morrer,” v. 11: “e um sino batia no horizonte como um pássaro alucinado.”</p>	<p>P1. “Cantiga” (1934), p. 20. v. 10: “Carregavam uma criança que acabara de morrer” v. 11: “e um sino soava lentamente no fundo do horizonte.”</p>
<p>P2. “Amanhecer” (1934), p. 122.</p>	<p>P2. “Amanhecer” (1934), p. 25.</p>
<p>P3. “A chama noturna” (1935), p. 123-4. v. 7: “e que da terra desprende-se como um incenso o odor do musgo.” v. 11: “eu sinto, eu sei, eu juro que as rosas estão morrendo” v. 15: “Meus olhos nas asas do minuto que desliza” v. 18: “o desamparo do homem que dorme com a face agasalhada pela sombra.” v. 22: “nem vê a solidão crescendo de todas as fendas da terra” v. 23: “e o aniquilamento pesando,”</p> <p>Obs.: Este poema foi alterado de seis para sete estrofes, o verso 14 que fazia parte da quinta estrofe foi transformado na quinta estrofe, em <i>P</i>.</p>	<p>P3. “A chama noturna” (1934), p. 21. v. 7: “e que da terra desprende-se como um incenso, o odor do musgo.” v. 11: “eu sinto, eu sei, eu juro que as rosas estão morrendo,” v. 15: “Meus olhos nas asas do minuto que desliza,” v. 18: “o desamparo do homem que dorme com a face agasalhada na sombra.” v. 22: “nem vê a solidão crescendo como a bruma dos vales,” v. 23: “o aniquilamento pesando,”</p>
<p>P4. “A metamorfose” (1936), p. 124-5. v. 5: “— a criança que nasce traz ainda nos olhos a imagem da morte —”</p>	<p>P4. “A metamorfose” (1936-37), p. 43. v. 5: “— a criança que nasce traz ainda no olhar a imagem da morte —”</p>
<p>P5. “Rosa verde” (1936), p. 125-6. v. 9: “Oh! o mistério desse amor que aprisiona no desconhecido” v. 15: “Escondido nos líquens o meu corpo de escravo te aguarda,”</p>	<p>P5. “Rosa verde” (1936-37), p. 46. v. 9: “Oh! O mistério desse amor que no desconhecido enlaça” v. 15: “Escondido nas algas o meu corpo de escravo te aguarda,”</p>

¹²⁷ Em uma entrevista feita por seu amigo Waldir Ayala, para a revista *BBB*, em 1959, quando perguntado como realizava sua literatura, mais especificamente seus romances, LC declarou: “Não tenho hora certa para escrever, nem método de espécie alguma. Mas pela manhã sempre me sinto mais bem disposto. Quanto ao modo como me coloco diante da história... não sei, não é fácil dizer, mas misturo-me a ela, invento, ajunto pedaços, dissolvo, torno a fazer, recorro daqui e dali, à imaginação, à observação, à memória...” (“Lúcio Cardoso diz que considera-se um grande pecador, porém confia na indulgência divina”. *BBB*, Vol. VII, n. 4, Rio de Janeiro, maio 1959, p. 172-3.).

¹²⁸ **P**=Poesia; **v.**=verso.

v. 16: “ vem , antes que seja tarde!” v. 21: “quero desaparecer na tua boca onde as algas amargam,”	v. 16: “ Vem , antes que seja tarde!” v. 21: “quero desaparecer na tua boca onde os limos amargam,”
P6. “ Fragmento ” (1937), p. 126. v. 1: “... noites , noites em que a insônia povoa o meu silêncio,” v. 6: “esta paisagem que me acompanha como um castigo?...” v. 12: “lançado no vasto e tenebroso oceano que atravesso...”	P6. “ Fragmento de um poema de Natal ” (1933), p. 10. v. 1: “... Noites , noites em que a insônia povoa o meu silêncio,” v. 6: “esta paisagem que me acompanha como um castigo?” v. 12: “lançado no vasto e tenebroso oceano que atravesso.”
P7. “ A uma rosa ” (1937), p. 126-7. v. 2: “ adormecida na penumbra azul da velha sala...” v. 6: “Mas, agora, na tua carnação febril só recolhes a sombra” v. 7: “ das violetas que te rodeiam num abraço mortal... ” v. 11: “ostenta ainda uma vez na cúmplice penumbra,”	P7. “ Rosa vermelha ” (1936-37), p. 48. v. 2: “ Adormecida na penumbra azul da velha sala.” v. 6: “Mas agora, na tua rósea carnação só recolhes a sombra” v. 7: “ roxa, azul, lilás, das violetas que ao teu espectro rodeiam. ” v. 11: “ostenta na cumplicidade da penumbra”
P8. “ Mar ao meio dia ” (1938), p. 127.	P8. “ Mar ao meio-dia ” (1939-40), p. 90.
P9. “ Estrela ” (1938), p. 127-8, v. 20: “que nas cisternas viram boiar a tua imagem loura? ” v. 23: “o teu perfil de prata, carnação de lírios violados?...”	P9. “ Estrela ” (1939-40), p. 91. v. 20: “que nas cisternas viram boiar a tua loura imagem? ” v. 23: “o teu perfil de prata, carnação de lírios violados?”
P10. “ O anjo da noite ” (1938), p. 128-9.	P10. “ O anjo da noite ” (1939-40), p. 93.

As alterações, ao que se percebe, foram principalmente mudanças na pontuação, nas conjunções, nas letras (normalmente de minúsculas para maiúsculas) e nas preposições. Há também as alterações nas datas dos poemas, do que tratarei mais à frente, comentando o livro *P*.

Dos dez títulos dos poemas, apenas quatro sofreram modificações: “**Venho de março**” foi mudado para “**Cantiga**”; “**Fragmento**” sofreu somente um acréscimo: “**Fragmento de um poema de Natal**”; o poema “**A uma rosa**”, assim como o primeiro mencionado, apresentou mudanças mais significativas, sendo modificado para “**Rosa vermelha**”, perdendo seu caráter dedicatório e ganhando uma caracterização: a cor. Por fim, “**Mar ao meio dia**” sofreu apenas uma correção: “**Mar ao meio-dia**”.

Quanto às alterações substanciais dos versos de *CHP*, são poucas e, normalmente, os versos são suavizados por LC para a publicação em *P*. Cito três exemplos: no verso 11, do poema 1, passou de “e um sino **batia no horizonte como um pássaro alucinado**”, para “e um sino **soava lentamente no fundo do horizonte**”; de “nem vê a solidão crescendo **de todas as fendas da terra**” para “nem vê a solidão crescendo **como a bruma dos vales**,” no verso 22, do poema 3; e, por fim, de “**das violetas que te rodeiam num abraço mortal...**”, para “**roxa, azul, lilás, das violetas que ao teu espectro rodeiam.**”, no verso 7 do poema 7.

Nas modificações em *P*, termos como “soava”, “lentamente” e “fundo” do poema 1; “bruma”, no 3; e “espectro”, no 7, transformam estes poemas de *CHP*, dando-lhes um tom mais próximo do simbolismo, criando imagens mais etéreas, menos concretas e com maior profusão de cores.

Quanto à forma dos poemas, apenas o poema 3, “A chama noturna”, sofreu modificação. Foi alterado de seis para sete estrofes. O verso 14, que fazia parte da quinta estrofe, foi transformado na quinta estrofe, no livro *P*.

Esta primeira publicação de poemas, ao que tudo indica, talvez se deva à ajuda de seu amigo de Belo Horizonte, Guilhermino César, que fazia parte da equipe editorial da sucursal da revista *CHP*, em Minas Gerais. Confirmando isto, meu exemplar de *P*, adquirido em um sebo de São Paulo, pertenceu ao crítico e ensaísta mineiro. Há nele uma dedicatória de LC: “Ao Guilhermino César, cuja boa vontade tanto contribuiu para a publicação deste livro, Lúcio Cardoso Rio, 1941”, como se vê abaixo:

Poesias e Novas poesias

LC, ao longo de sua obra poética, dialogou com várias tendências artísticas, como romantismo, simbolismo, expressionismo, surrealismo e modernismo, mas não se prendeu a nenhuma. Analisando seus poemas, é possível verificar os elos entre sua visão poética e a forma como concebia o mundo, já que seus versos são, de certo modo, uma válvula de escape para uma alma atormentada por diversos motivos, como o homossexualismo e a solidão, que se aprofundou nos últimos anos de sua vida.

A sua controvertida poesia gerou cartas, diálogos e alguns artigos na imprensa. Em uma carta a LC, datada de 14 de maio de 1935, Vinicius de Moraes diz: “Faça uma estátua e enterre o chefe-da-escola Frederico Schmidt. Só há três poetas no Brasil atualmente. Você, o Murilo e este seu criado.”¹²⁹

O poeta Augusto Frederico Schmidt, por seu turno, em carta de agradecimento pelo artigo “Sobre um poeta”, escrito por LC, diz: “O mesmo

¹²⁹ Carta de Vinicius de Moraes a LC, datada: “14-5-35”, 3 p. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 155 cp.

sangue que corre na minha poesia – está palpitando na sua obra ainda imprecisa de linhas mas de tão grandes proporções. Assim você me sentiu bem porque ambos viemos do mesmo sangue – o sangue que está descendo da Cruz sobre as nossas cabeças.”¹³⁰

Fernando Sabino também escreve sobre seu conterrâneo. Embora longa, a transcrição mostra como a obra de LC não era indiferente aos seus contemporâneos. O autor de *O encontro marcado* o considera :

[...] o poeta da noite atormentada, do céu escuro a esconder as estrelas que não se foram embora, mas estão lá, lá atrás, perdidas na imensidão, e que ainda haverão de aparecer nos nossos olhos ávidos de luz. [...] A impressão que o livro de poesias de Lúcio Cardoso nos causa é que ele é um poeta seguro, igual. Por natureza mais voltada para a profundidade, sua poesia não se alça a vãos muito elevados (a não ser a sonoridade compacta de certos versos definitivos, como: ‘Quase sempre, sozinho, nada sou senão um passado que vela’, ou ‘Se uma realidade existe em mim, é no silêncio que ela se revela’). Houve quem dissesse que seus versos se assemelham às frases de seus romances, e que ficariam muito bem na boca de seus personagens. Talvez. Não há lirismos nem os chamados arroubos poéticos. Há tão somente angústia, desespero, tormento, saudades pungentes de dias que se foram, fora uma ou outra esperança se insinuando e o desejo de uma paz que ele quase chega a sentir de vez em quando. Há trevas cerradas, profundezas misteriosas, abismos insondáveis: o poeta ‘floresce para a sombra’. Qualquer coisa que faz lembrar Vinicius de Moraes, como aquele poema (...) ‘Os simuladores’.¹³¹

Diz ainda, em momento anterior, que:

Com seus poemas, Lúcio Cardoso não vem trazer nenhuma contribuição notável à poesia brasileira. Não criou nada de novo. Mas é inegável que se trata de um grande poeta. Poemas como ‘O banco’, ‘A vida impossível’, ‘Os simuladores’ (talvez o melhor do livro) são definitivos. É o mesmo tormento quase desesperado do romancista. Sua poesia não é clara, brilhante, como manhãs de sol, lembra-nos a noite, muitas vezes a noite feia, embruscada, que entristece e que angustia. Mas aqui e ali vemos estrelas a brilhar nessa noite escura e sentimos uma aragem melancolicamente macia trazer-nos de leve o frescor e o perfume que deve haver em algum lugar, que são sempre uma promessa e uma esperança. Promessa de um sol que ainda há de nascer para aqueles que ainda esperam.¹³²

Exemplo de como a poesia de LC circulava à época pode ser dado por meio de uma carta de Clarice Lispector a ele, enviada de Belém, datada 21 de março de 1944. Nela, a escritora comenta que um professor, que ela conhecera

¹³⁰ Carta de Augusto Frederico Schmidt a LC, S.I., s/d., 1 p. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 195 cp.

¹³¹ Fernando Tavares Sabino. “O poeta da sombra”. Este artigo encontra-se na ALC, AMLB, FCRB e as únicas referências constantes são: 27 de julho de 1941, p. 4 e 6.

¹³² *Idem, ibidem.*

por lá, dera um curso sobre os romances de LC, e que um aluno, chamado Plínio, fizera um trabalho sobre as poesias, o que surpreendera o professor: “[...] de fato ele dera em aula ‘romances de Lúcio Cardoso’, mas não falara nas poesias porque naquele tempo só conhecia algumas publicadas nos *Cadernos da Hora Presente*. Encontram-se o professor e o aluno assim de repente, o professor convidou o aluno para casa e ficaram amigos.”¹³³

O crítico Mário Cabral, em outro artigo sobre o livro *P*, e diferentemente de Fernando Sabino, que não é crítico, trata do estilo e do conteúdo da poesia de LC, diz que ele faz

Versos largos, versos extensos, fugindo à velha e sempre nova técnica do metro e da rima, nem por isso os versos de Lúcio Cardoso deixam de ser harmoniosos. A sua poesia está cheia de angústia universal, estereotipada, claramente, num poema íntimo, num caso pessoal. Pessimista, cheio dessa tristeza imensa que Olavo Bilac, em conferência imortal, afirmou ser inerente ao verdadeiro poeta, Lúcio Cardoso, com *Poesias*, firmou-se, agora, na literatura brasileira, como um poeta de alta inspiração. [...] ‘Os simuladores’, ‘A morte submissa’, ‘Memória’, são inegavelmente, poemas que não têm apenas a beleza formal do estilo, mas têm, sobretudo, a beleza imortal da idéia, do pensamento, do raciocínio filosófico. Lúcio Cardoso de *Poesias* não ficou atrás do Lúcio Cardoso de *O Desconhecido*. Na sua pessoa estão o poeta e o prosador, o idealista e o realista, o homem que **sente** e **sonha** e o homem que **vê** e **observa**.¹³⁴

O crítico Rosário Fusco, por carta, dá palpites à poesia de LC. Isto já no ano de 1944, quando LC já havia publicado os dois primeiros livros, ou seja: LC continuava a fazer poesia e a mostrá-la aos amigos e a publicá-la esporadicamente em jornais e revistas. Nesta carta, Fusco diz sobre os versos de LC:

Acho-os, de modo geral, excelentes, desidratados, secos. Tal secura é a surpresa da poesia captada na raiz das palavras. [...] Faço literatura para explicar, em poucas palavras, o meu entusiasmo pelos seus poemas de agora. Tanto mais quanto eles não são alógicos e isso me interessa particularmente. Balanceiam-se e constroem uma música de rede que muitos detestam, menos eu.¹³⁵

¹³³ Carta de Clarice Lispector a LC, datada: “Belém, 21-3-44”, 3 p. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 127 cp, p. 2.

¹³⁴ Mário Cabral. “Poesias, Lúcio Cardoso”. In: *Correio de Aracaju*, Aracaju, 24 maio 1941, Coluna Vida Literária. [Grifos do autor].

¹³⁵ Carta de Rosário Fusco a LC, S.I., set. 1947, 5 p. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 103 cp, p. 1-4.

A seguir, Fusco passa a dar conselhos sobre o fazer poético:

Procure lê-los em voz alta, lápis na mão. Não despreze a pontuação da gramática (é tolice pensar que ela não seja emocional): falando, qualquer sujeito fica entre quintas e oitavas, limite da tonalidade dos sentimentos. Mas que se expressam. Não há poesia gritada, nem num grito, nem num barulho. Castro Alves gritou: poeta para surdos. A questão é ouvir passos de mortos, o ruído que a terra faz em torno de seu eixo. Quem não dispuser de ouvidos capazes disso não se encontrará, jamais, com a poesia. O teste é mesmo este porque a poesia é uma escamoteação do que a gente palpa.¹³⁶

Os críticos que já conheciam ou tinham ouvido falar das poesias de LC esperavam ansiosamente por vê-las publicadas. João Etienne Filho, em uma carta a LC, pergunta: “E as Poesias, quando as teremos? Creia que muita gente as espera, com ansiedade.”¹³⁷

Em uma resenha feita para a *Revista da Semana*, um crítico, identificado apenas pelas iniciais J. L., após questionar o título do livro, se deveria se chamar *Poesia* ou *Poesias*, diz da poesia de LC:

Prosa poética ou poesia em prosa, aqui se nos oferecem as cogitações dum espírito singular e as vibrações duma fina sensibilidade. Domina quase sempre a amargura e a cada momento surge uma nota de pessimismo. Logo na primeira página e no começo dos ‘Poemas do colégio interno’, o autor nos conta como ‘sofria dessa dor sem nome de sentir a vida/ muito mais cedo do que os outros sentem’. [...] Seria deveras lamentável que as fortes e ardorosas — embora ainda um tanto indisciplinadas — qualidades literárias que se revelam no conto e no romance, passassem, na poesia em prosa ou na prosa poética, a exprimir um estado de alma feito de melancolia, de sombra desanimadora e de tendência para a tudo renunciar.¹³⁸

No artigo “O poeta e romancista Lúcio Cardoso”, publicado no *Correio da Manhã*, em que como crédito de autoria constam apenas as iniciais N. C., o autor do texto trata, especificamente, do livro *P*: “Essa é uma das feições menos conhecidas, mas igualmente original, como se pode verificar por essas primeiras estrofes dos ‘Poemas do Colégio Interno’.”¹³⁹

Outro crítico que também se manifesta sobre a poesia de LC é Nascimento Moraes, no artigo “Lucio Cardoso, romancista e poeta”, em que afirma:

¹³⁶ Carta de Rosário Fusco a LC. *Op. cit.*

¹³⁷ Carta de João Etienne Filho a LC, S.I., s/d., 2 p. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 88 cp, p. 2.

¹³⁸ J. L. “Poesias, de Lúcio Cardoso”. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 12 jul. 1941, p. 10.

¹³⁹ N. C. “O poeta e romancista Lúcio Cardoso”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1959, Vida Cultural.

Há uma diferença muito grande entre o poeta e o prosador. Aliás essa diferença não se encontra somente na personalidade literária de Lúcio Cardoso. De modo geral, ela se verifica nos prosadores que são poetas. Em Lúcio Cardoso, a poesia deve muito à sua imaginação. O romancista, observador profundo das misérias de uma sociedade de infortunados, apresenta um livro de versos que se nos afigura um templo, de esplendida arquitetônica [sic], de majestosas galerias, onde a luz e a sombra se harmonizam para revesti-lo de uma majestade insinuante e dominadora. Assim é que ‘Poemas do colégio interno’, ‘Fragmento de um poema’ e ‘Natal’¹⁴⁰, ‘Caminho inútil’, ‘A imagem da planície’, ‘Momento’, ‘Cantiga’, ‘A chama noturna’, representam aspectos de uma poesia vigorosa que se revela toda num elevado plano de sentimentalidade, e o que vale tudo — toda nova, sob o domínio exclusivo de sua concepção artística e de seu temperamento.¹⁴¹

O poema, “A imagem da planície”, mencionado por Nascimento Moraes, fora publicado anteriormente na *Revista Acadêmica*. LC guardou a página da revista, que agora se encontra no ALC, AMLB, FCRB, sem os dados bibliográficos. LC fizera alterações no poema a começar pelo título — de “Único poema de amor”, para o acima mencionado. Transcrevo aqui os dois poemas e as alterações, marcadas em vermelho:

ÚNICO POEMA DE AMOR

tudo tão calmo
a vida dormindo
como **agora** que tombasse sem murmúrio
na planície do meu pensamento...
folhas mortas que não voam,
pássaros imóveis que não cantam,
água parada que não **corre**...

e teu corpo como um lírio sobre a terra,
e a terra muda impregnada de perfume,
teus olhos grandes como flores noturnas,
flores que se abrem na doçura do silêncio
e minha sombra como uma nuvem perdida
debruçada sobre teus cabelos **imóveis**
que **bóiam** na água da planície...¹⁴²

A IMAGEM DA PLANÍCIE

Tudo tão calmo,
a vida dormindo
como **água** que tombasse sem murmúrio
na planície do meu pensamento.

¹⁴⁰ Há um erro aqui, o correto é “Fragmento de um poema de Natal”.

¹⁴¹ Nascimento Moraes. “Lúcio Cardoso, romancista e poeta”. *Diário Oficial*, Maranhão, 29 abr. 1941, p. 1-2.

¹⁴² Lúcio Cardoso. “Único poema de amor”. *Revista Acadêmica*. In: ALC, AMLB, FCRB.

Folhas mortas que não voam,
pássaros imóveis que não cantam,
águas sombrias que não correm.

...E teu corpo como um lírio sobre a terra,
e a terra muda impregnada de perfume.
Teus olhos grandes como flores noturnas,
flores que se abrem na doçura do silêncio,
e minha sombra como uma nuvem perdida
debruçada sobre teus cabelos gelados
que — ai — flutuam eternamente na água da planície. — *P*, p. 17.

No artigo “Lúcio Cardoso – poeta da melancolia”, o crítico Augusto de Almeida Filho faz algumas observações às *P*. Embora extensas, julgo pertinentes:

Ao lermos as suas poesias notamos, logo à primeira vista, a ascensão de sua técnica e a sua fidelidade enorme com a ‘melancolia’, o *leit-motiv* poético do livro. Lúcio Cardoso é antes de tudo um poeta triste. Os temas que inspiram os seus versos são todos eles manchados pela sombra de uma saudade sem dimensões. A saudade aparece nele não somente como uma recordação suave de um passado longínquo mas se apresenta, também avançando no tempo, sofrendo num sutil masoquismo, o mistério indevassável do que ainda não chegou. O problema do tempo é aliás para o poeta, de uma importância vital. Sempre ele aparece em seus versos com uma constância e uma precisão militar. E o poeta lamenta esta espécie à horas em muitos de seus poemas. Ora, na melancolia dos poemas do ‘Colégio Interno’ (...) ora na nostalgia de ‘Os simuladores’. (...) Ou ainda na ‘patética lamentação’ de ‘A um morto’. E no ‘desamparo’ de ‘Memória’. (...) Há na poesia de Lúcio Cardoso o sopro de um amor que distancia no tempo ou no espaço. O amor para o poeta surge envolto em misticismo e no mistério e é principalmente uma miragem sentimental. A ‘morte’ e o ‘sentimento da culpa original’ aparecem também na poesia de Lúcio Cardoso, como um desdobramento de sua personalidade. O poeta reflete em alguns de seus poemas a dúvida dramática do adolescente diante da vida (...). Lúcio Cardoso faz de sua poesia um desafoço íntimo, um extravasamento da melancolia que enluta a sua vida interior. É pois a melancolia a característica marcante de seus versos, o grande sopro de sua inspiração poética. E consequência desta melancolia nós assistimos no livro o desenvolvimento de todos os outros temas, desde o amor impossível até o desânimo destes versos repletos de um dolente pessimismo: ‘Mas para que caminhar tanto, se eu sou apenas um passado/ e nos meus cabelos rola como gotas, o tempo que para mim é sempre o mesmo.’ Lúcio Cardoso faz uma poesia vertical, sem intenções, preconceitos ou proselitismo estéril e por isso ficará na moderna poesia brasileira como um bom poeta, o maior da nossa melancolia.¹⁴³

Por seu turno, o crítico Luciano Mesquita, no artigo “Lúcio Cardoso, o poeta”, diante de *P*, diz:

Senti que o romancista não se traiu. Isto é, senti que o poeta não foge ao romancista, ou melhor, continua o romancista. Seus poemas poderiam ser diluídos e recitados por alguns

¹⁴³ Augusto de Almeida Filho. “Lúcio Cardoso – poeta da melancolia”. *Carioca*, Ano VII, Rio de Janeiro, p. 3.

dos seus personagens, em frases soltas, perdidas aqui e ali, no diálogo mesmo das ações. É que Lúcio Cardoso conserva na sua poética a mesma linguagem estranha, de um sentido dificilmente apreensível na primeira leitura. Suas expressões são originais e se fecham no mesmo ambiente oculto e misterioso de certas frases de personagens seus, frases que nos determinam criaturas debruçadas sobre abismos, presas de um certo terror, almas prisioneiras do desconhecido. (...) E outras, muitas outras expressões estranhas, expressões vivas de um sabor um tanto mórbido, de quem vive em mundos densos e opacos, de quem se encontra imergido nas sombras de mundos ignorados e poeirentos. Existe ainda um certo 'impressionismo' em muitos dos seus poemas. (...) E uma coloração intensa do mundo abstrato. (...) E as rosas, as inumeráveis rosas, as quais se apresentam de uma policromia extravagante e variada: verdes, vermelhas, amarelas, cor de ouro, de prata, negras e noturnas. (...) Lúcio Cardoso é um precoce.¹⁴⁴

Ao que me consta, Mesquita foi quem primeiro abordou o lado noturno na poesia de LC, no artigo acima citado, embora não tenha sido possível precisar a data de sua publicação. Para o crítico

Não há meio-dia em Lúcio Cardoso. Daí sua ansiedade permanente de luz: 'Pudesse o teu amor extinguir o hálito da morte, pudesse ele destruir tudo o que em mim floresce para a sombra.' Um **sentido noturno** da vida o acompanha, como se a vida fosse uma busca constante de luz na morte, o que de fato é. E a angústia se faz numa esperança um tanto trêmula e indecisa de lâmpada pequena. E o poeta tem então uma certeza, como se fosse uma lembrança remota, algo que o traz ligado ao infinito princípio, onde as coisas flutuam, sem a segurança ainda do afogamento absoluto.¹⁴⁵

Outro que também aponta o lado noturno na poesia de LC é o poeta Lêdo Ivo, no artigo "No cinquentenário de Lúcio Cardoso":

Criaturas sozinhas, incompreendidas, desamparadas, muitas delas lembrando figuras medievais tocadas pelo demônio, eis os indivíduos da criação poética de Lúcio Cardoso. São os emissários da noite. Com os seus exemplos e destinos, esses comparsas às vezes indesejáveis, esses tremidos fantasmas de um passado irreversivelmente sepulto, nos contam do outro lado que jamais poderíamos abolir a topografia dos espíritos. E para produzir essa variada e rica xilogravura do Absoluto, legítima crônica do subsolo das cidades e das almas, com as suas transfusões de dramático e de cômico, (...) criou um estilo admirável, em claro-escuro, em que as palavras se acendem e se apagam como luzes ao longe, na escuridão.¹⁴⁶

Este "sentido noturno" apontado por Mesquita e o "claro-escuro", por Lêdo Ivo, são o que mais desperta a atenção na poesia de LC, como já mencionado, e que fora estudado mais largamente pela crítica Maria Terezinha Martins, em seu

¹⁴⁴ Luciano Mesquita. "Lúcio Cardoso, o poeta". *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 17-8.

¹⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 18. [Grifo meu].

¹⁴⁶ Lêdo Ivo. "No cinquentenário de Lúcio Cardoso". *Minas Gerais*, Ano III, n. 118, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Suplemento Literário, p. 6.

Luz e sombra em Lúcio Cardoso. Embora, neste estudo, ela não trate especialmente da poesia.

Em síntese, versos como “Fala, ó poesia! a hora é chegada em que o olhar sem véus à sombra desce” apresentam os dois livros de poemas de LC, *P* e *NP*, obras onde o mundo apresentado é escuro, sem esperança, cheio de sombra e de mistério, corroborando a biografia de LC, um ser atormentado que viveu solitário em seu inferno pessoal, um universo dilacerado pelo conflito existencial de viver dividido entre a fé e o pecado.

Primeiro livro de LC, *P* é composto de 34 poemas, divididos em seis partes: “I - 1933”, “II - 1934”, “III - 1935”, “IV - 1936-37”, “V - 1938” e “VI - 1939-40”. *NP* é composto de 39 poemas e não tem divisão. *PI* é composto de 221 poemas,¹⁴⁷ divididos em três partes — a primeira, “Poemas inéditos”, se subdivide em três seções: “Sonetos”, “Em tom de” e “Poesias dedicadas”; a segunda, “Poemas diversos”, em quatro seções: “I - A angústia do poeta”, “II - O mundo angustiado do poeta”, “III - Variações da angústia do poeta” e “IV - Fragmentos e variações”; e a última parte: “Prosa poética”.

Os poemas de *P* foram escritos em épocas diferentes, as datas na abertura de cada capítulo sugerem a época de feitura dos poemas. Ao observar, porém, as datas dos dez poemas que compõem a antologia publicada em *CHP*, anteriormente apresentados, percebe-se que há divergências entre as datas nas duas publicações.

Editado em 1941, *P* teve uma tiragem de quinhentos exemplares em papel *buffon* especial, numerados e assinados pelo autor. Os versos de *NP*, diferentemente de *P*, são formados por poemas, em sua maioria, curtos e de apenas uma estrofe. O livro foi editado em 1944 e a capa, feita por Santa Rosa, amigo de LC. De *NP*, não encontrei em minha pesquisa nenhuma referência à tiragem.

¹⁴⁷ O livro *PI* é composto, na verdade, de 224 poemas, mas há três poemas que não são de autoria de LC, pertencem ao poeta Emil de Castro, são eles: 1) “Procissão das almas”, p. 143; 2) “A gardênia”, p. 174; e 3) “Primeira manhã após a cegueira”, p. 195. Além disso, o poema “Doação a Cida”, p. 69, aparece incompleto, talvez por desconhecimento de Octávio de Faria de sua versão integral. Foi publicado na íntegra no jornal dirigido por Emil de Castro: *Poesia etc.*, Rio de Janeiro, out. 1997, ano 1, n. 2, p. 6. Há uma carta de Maria Helena Cardoso a Emil de Castro, a mim enviada, onde ela diz que retificará estas incorreções nas futuras edições, acompanhada de carta do próprio Emil. (V. Apêndice 2).

Sobre *NP*, escreveu o poeta Carlos Drummond de Andrade a LC, em 24 de outubro de 1944:

Estou recebendo, via João Cabral, as suas *Novas Poesias*. E verificando que em V. romancista e poeta se ligam na mesma personalidade profunda e capaz de penetrar na medula das coisas. E como as coisas nos parecem diferentes, vistas na sua essência! De cada sensação, idéia ou sentimento V. nos dá um desenho fantasmagórico, banhado em luz difusa, e que impressiona sobretudo pela sua deliberada inconformidade com o desenho aparente e convencional da superfície. Há nos seus versos, essa 'região solene e primitiva como a noite', que V. canta e em que eu descubro uma grave beleza.¹⁴⁸

É curioso notar que Drummond fora um dos poucos que falaram sobre o livro *NP* e, como se vê, também, como outros críticos, percebeu o lado sombrio da poética cardosiana. Mesmo assim, escreve mais como uma obrigação de amigo e admirador do que como crítico. Encontrei, é verdade, muito poucos artigos sobre *NP*. Parece-me que toda a curiosidade passou com a publicação de *P*.

Ambos os livros foram publicados pela editora José Olympio, que prestigiou a poesia de LC, que até aquele momento havia publicado os romances *Maleita* (Schmidt, 1934), *Salgueiro* (José Olympio, 1935) e *A luz no subsolo* (José Olympio, 1936); as novelas *Mãos vazias* (José Olympio, 1938), *Céu escuro* (*Vamos Ler!*/A Noite, 1940) e *O desconhecido* (José Olympio, 1940); e o livro de contos infantis *Histórias da lagoa grande* (Globo, 1939). Entre a publicação de *P* e *NP*, LC só publicou mais uma novela, *Inácio*, pela editora Ocidente, na mesma data do segundo volume de poemas, 1944.

Diferentemente do que fez no seu primeiro livro de poesia, LC apresentou poemas mais curtos em *NP*, como já mencionei. O maior é o poema "O tédio das cidades", com cinco estrofes de 43 versos, sem nenhuma divisão. Em *NP* há dois poemas, "Soneto" e "Num jardim", que têm a forma do soneto branco, praticado por alguns poetas modernistas, como Jorge de Lima e Augusto Frederico Schmidt. Em *P*, não encontrei nenhum praticado nestes moldes, principalmente pelo fato de ali encontrar principalmente poemas de versos muito longos, como o que se segue, retirado de "A voz de Lázaro" (*P*, p. 68): "É verdade, já não é possível

¹⁴⁸ Carta de Carlos Drummond de Andrade a LC, datada: "Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1944", 1 p. In: ALC, AMLB, FCRB, LC 12 cp.

duvidar, pois quem, senão tu, poderia conceder-me a graça de reverdecer como a planta seca pelos anos.” (v. 25).

Em *NP*, há sete poemas com o título de “Poema” (às páginas, 9, 14, 27, 30, 32, 55 e 74), optando o poeta pelo meio mais fácil de denominá-los. Já em *P*, isto acontece apenas uma vez, à página 27. Há ainda, em *NP*, dois poemas em que LC faz um acréscimo ao título acima mencionado. São eles: “Poema **heróico**” (p. 45) e “Poema **escrito num circo**” (p. 51). Em *P*, encontrei ainda: “Poemas **do colégio interno**” (p. 7) e “Poema **escrito na penumbra**” (p. 62). Com o título “Cantiga”, encontrei apenas dois poemas em *P*, sendo que o segundo acompanhado de complemento: “Cantiga **da sede**”, respectivamente às páginas 20 e 49. E há um com o título “Ode”, à página 94. Este título também aparece em *NP*, à página 37.

Reiterando o que já mencionei, ambos os livros são destituídos de prefácio, agradecimentos e mesmo de dedicatórias nos poemas, diferentemente do que ocorre em *PI* e nos poemas que permanecem inéditos, depositados no ALC, AMLB, FCRB. É fato que, neste livro póstumo, a mão de Octávio de Faria falou mais alto. O autor de *Mundos mortos* inseriu uma nota editorial, um poema de Augusto Frederico Schmidt dedicado a LC, um prefácio de João Etienne Filho, e vários poemas com dedicatórias, destacados num dos capítulos com o título de “Poesias dedicadas”.

Percebi, após cotejar os manuscritos e datiloscritos que se encontram no ALC, com os poemas publicados em *PI*, que muitos deles apresentam erros de transcrição. Seja por substituição de um termo por outro,¹⁴⁹ seja pela alteração em algumas estrofes, seja pela incompletude de alguns poemas, ou pela inserção de outros não pertencentes a LC, como mencionei na nota 147.¹⁵⁰

Estes fatos vêm reforçar minha opção por não analisar este livro. Seria necessário, como aponta Kayser, que “Seja como for que um texto haja de ser

¹⁴⁹ Cito mais um exemplo para comprovar esta afirmação. No poema “[Não suporto o que vai envelhecendo]” (*NP*, p. 201), em vez de: “se carrego um chapéu de flores pretas.”, aparece: “se carrego no chapéu de flores pretas.” (ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 28 pi).

¹⁵⁰ Além do poema que mencionei estar incompleto na nota 147, há outros. Apresento aqui mais um exemplo: no poema “[Opala morta. Flor fechada]” (*NP*, p. 149-50), Octávio de Faria suprimiu a parte final do poema, ou seja, nove versos.

investigado — a primeira condição preliminar é a sua autenticidade.”¹⁵¹ Para ele, no caso de um autor morto, isto se torna mais complicado, embora crescente que, para a compreensão da obra e para a investigação teórica, geralmente “a ortografia em que esta se nos apresenta”¹⁵² tenha pouca importância. Mas, alerta Kayser: “Já é porém mais importante o caso da pontuação. Uma vírgula, substituída por um ponto, e outras modificações análogas, introduzidas pelo último editor, com o fim de facilitar a leitura, podem alterar o significado de uma frase.”¹⁵³ E conclui: “O único meio de salvação parece ser o regresso à primeira edição, mais próxima da vontade do poeta.”¹⁵⁴ No caso de LC, seria necessário retomar seus manuscritos e datiloscritos.

Não há nenhuma dedicatória nos poemas dos dois livros, o que também ocorre com boa parte dos que permanecem inéditos. Em *PI*, Octávio de Faria inseriu alguns dos poemas que contêm dedicatórias. Em *P*, há as datações ao início de cada capítulo, o que já mencionei anteriormente, mas nenhuma data aparece nos poemas separadamente. *NP*, por sua vez, não apresenta nenhuma menção às datas de confecção dos poemas.

Ao que pude constatar, LC não desejava ficar apenas nestes dois livros, tinha planos para escrever novos poemas, segundo registrou em seu diário em 20 de agosto de 1950 (“Duas odes que eu imagino incansavelmente, sem forças para transportá-las ao papel: ‘Ode ao Pranto’ e ‘Ode a uma Varanda Inexistente’”. — *DC*, p. 114) e em 8 de setembro de 1957 (“Trabalho: um poema ‘As Cores’, a ser refeito”. — *DC*, p. 220).

Além disso, demonstra a intenção de escrever pelo menos mais um livro, que teria por título, *Cantos*, como nos mostra esta passagem, escrita no dia 21 de outubro de 1957:

¹⁵¹ Wolfgang Kayser. *Análise e interpretação da obra literária (introdução à ciência da literatura)* (1948). 7. ed. portuguesa totalmente revista pela 16. alemã por Paulo Quintela. Coimbra: Arménio Amado, 1985, p. 21-2. (Col.Studium).

¹⁵² *Idem, ibidem.*

¹⁵³ *Idem, ibidem.*

¹⁵⁴ *Idem, ibidem.*

Plano. Um livro de poesias com o título de *Cantos*. Títulos das partes: ‘As Invenções do Luxo’, ‘Vinho Cego’ e, provavelmente, ‘Cavernas’. Na parte das ‘Invenções’ os poemas sobre as cores, pedras preciosas e tecidos.¹⁵⁵ A série de cantos sobre os homens luxuosos: Marlowe, Blake, Verlaine, Poe (um pouco batido, talvez) [sic] Winckelmann e Pound. Sobretudo Marlowe, Winckelmann e Pound. — DC, p. 231.

Isto se reafirma em 23 de outubro de 1957 (“Terminada a primeira fase dos ‘Homens Luxuosos’. Apenas três: Marlowe, Winckelmann, Ezra Pound”. — DC, p. 232) e em 25 de outubro de 1957 (“Trabalhei até a exaustão os poemas de Marlowe,¹⁵⁶ Winckelmann¹⁵⁷ e Pound.¹⁵⁸ Incluí Thomas Lowel, ‘Beddoes’,¹⁵⁹ cuja vida me parece particularmente interessante”. — DC, p. 232).

No diário, também há menção a um poema sobre o velório de uma amiga chamada intimamente de Dazinha (Alzira Netto). E em 10 de novembro de 1957, LC registra: “(...) Do lado de fora, sobre a mesa um papel: ‘Funeral de Alzira Netto’, que ninguém assina. A mim mesmo, e como homenagem a essa criatura que me pareceu ser a encarnação da falta de capacidade de se fazer amar — e no entanto, foi tudo o que ela mais desejou na vida... — prometo fazer um poema que conserve aquele título.” (DC, p. 233).

LC cumpriu o prometido, escreveu o poema com o título referido em seu diário, mas infelizmente não o viu publicado. Isto só ocorreu após sua morte, quando Octávio de Faria o inseriu em *PI*.¹⁶⁰

¹⁵⁵ Quanto aos poemas sobre cores, imagino tratar-se da série de poemas intitulada “Em tom de...” (“Em tom de rosa”; “Em tom de roxo”; “Em tom de verde”; “Em tom de azul”; “Em tom de branco”; “Em tom de preto”; “Em tom de ouro”; “Em tom de pardo”; “Em tom de brique”; “Em tom de chama”; “Em tom de carne”; “Em tom de sangue”; “Em tom de quente”; “Em tom de malva”; e “Em tom de ode”), inserida em *PI*, p. 49-59. Há, ainda, outros poemas que tem como tema a cor, são eles: “Do rosa” e “Azul” (ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 28 pi, 2 p. e 1 p., respectivamente), “[Branco, é imaginar]” (*PI*, p. 190) e “[A estática cor, o ausente]” (*PI*, p. 37-8). Sobre pedras preciosas, o único poema que trata explicitamente do tema é: “[Opala morta, flor fechada]”, publicado incompleto no mesmo livro, p. 149-50 (Existem duas versões deste poema: uma em duas páginas datiloscritas e outra em uma página manuscrita — ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 28 pi). Em relação a tecidos, não encontrei nenhum poema que tratasse especificamente do tema.

¹⁵⁶ Para Marlowe, LC escreveu: “[Escuro amigo]” (*PI*, p. 158). Há erro de transcrição do datiloscrito, deixado por LC, para o livro *PI*. Em vez de: “que te louvou e consumiu.”, aparece: “que te levou e consumiu.” (ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 28 pi, 1 p.).

¹⁵⁷ Johann Joachim Winckelmann (1717-1768), historiador de arte e arqueólogo alemão. Segundo minha pesquisa, não há nenhum poema dedicado a ele.

¹⁵⁸ Para Pound, LC escreveu: “Ezra Pound” (*PI*, p. 179).

¹⁵⁹ Há um erro aqui, o correto é: Thomas Lovell Beddoes (1803-1849), dramaturgo e poeta inglês. Para ele, LC escreveu: “[A ti, amante, que sonhou dúplice]” (*PI*, p. 179-80).

¹⁶⁰ Publicado em *NP*, com o título “Funeral de Alzira Neto” (p. 176-8), com apenas um “T” em “Neto”.

CAPÍTULO III: IMAGENS, TEMAS E MOTIVOS

NA POESIA CARDOSIANA – ALGUMAS OCORRÊNCIAS

No presente capítulo discuto diversos conceitos de poesia e de metáfora; e faço um mapeamento dos termos recorrentes em *P* e *NP*, verificando nestes, a predominância do termo *noite* e realizando uma leitura dos poemas mais significativos apresentados neles.

Conceitos de poesia

Em “O que fazem os poetas com as palavras”, o ensaísta russo Roman Jakobson lembra que a palavra *poesia*, de origem grega, está ligada ao verbo *criar*. Portanto, ao se tratar de um texto em versos, está se falando de criação e de criatividade. Isso inclui desde a construção de um decassílabo heróico a um verso livre.

Especificamente quanto ao verso livre, para o lingüista, “não são os acentos, não são as sílabas, mas a entonação da frase que se repete, formando por essa reiteração regular a própria base do verso”.¹⁶¹ Isto se aplica à poética de LC, que usa preferencialmente o verso livre, exceção feita pelo dois únicos poemas em forma de soneto, que aparecem em *NP*: “Soneto” (p. 12) e “Num jardim” (p. 66).

A questão fundamental em poesia, de acordo com Jakobson, reside “nas relações entre som e sentido”.¹⁶² O ensaísta aponta ainda a importância do paralelismo, que ocorre na repetição de sons, de categorias gramaticais e de construções frásicas. Esse tipo de fenômeno, presente tanto na *Bíblia* como na poesia contemporânea, identificaria o fato poético.

Seria exatamente no diálogo entre identidades e diferenças que ocorreria a poesia. Jakobson insiste nesse ponto, destacando: “o que dá valor a um poema, convém insistir, é a relação entre sons e sentidos, é a estrutura dos significados — problema semântico, problema lingüístico no sentido mais amplo do termo”.¹⁶³

¹⁶¹ Roman Jakobson. “O que fazem os poetas com as palavras”. *Colóquio/Letras*, n. 12, Lisboa, mar. 1973, p. 6.

¹⁶² *Idem, ibidem*.

¹⁶³ *Idem, ibidem*, p. 9.

O crítico retornou diversas vezes ao tema da importância do fenômeno lingüístico da poesia. Logo na abertura de seu ensaio “O que é a poesia?”, por exemplo, alerta que, para definir a poesia, seria necessário saber o que ela não é. E argumenta: “Mas dizer o que a poesia não é, não é hoje assim tão fácil”.¹⁶⁴ Ele cita, por exemplo, que até a intencionalidade de escrever versos pode ser discutida, pois os dadaístas e surrealistas deixavam o acaso fazer poemas: “A fronteira que separa a obra poética daquilo que ela não é, é mais instável que as fronteiras dos territórios administrativos da China”,¹⁶⁵ afirma.

A poesia, desse modo, assim como toda atividade artística, consiste numa transformação do real, sendo que a transformação poética ocorre por meio da palavra. Desse modo, os versos de um poeta nunca são a fotografia do real, mas sim uma recriação em que predomina aquilo que os formalistas russos chamam poeticidade, em que “A palavra é então experimentada como palavra e não como simples substituto do objeto nomeado, nem como explosão de emoção”.¹⁶⁶

As palavras, sua sintaxe e significação possuem, na obra poética, um valor específico, o qual dá à obra autonomia literária. Para Jakobson, é justamente a poesia “que nos protege contra a automatização, contra a ferrugem que ameaça a nossa fórmula do amor e do ódio, da revolta e da reconciliação, da fé e da negação”.¹⁶⁷

O crítico Wolfgang Kayser, em *Análise e interpretação da obra literária*, ao tratar das atitudes e formas do lírico, lembra que o gênero, desde a Antigüidade, é diferenciado do épico e do dramático. A linguagem lírica é então definida como “a expressão de uma emoção em que se interpenetram objectividade e alma”.¹⁶⁸ A partir da vivência de uma experiência objetiva, uma certa disposição emocional “que impregnou a linguagem, que deu tom a tudo e se comunicou por inteiro ao

¹⁶⁴ *Idem*. “O que é a poesia?”. In: Dionísio Toledo, org. *Estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, s/d., p. 167.

¹⁶⁵ *Idem, ibidem*, p. 168.

¹⁶⁶ *Idem, ibidem*, p. 177.

¹⁶⁷ *Idem, ibidem*.

¹⁶⁸ Wolfgang Kayser. *Op. cit.*, p. 376.

leitor”.¹⁶⁹ Portanto, dentro do lírico, haveria uma faceta épica, pois o eu, também chamado eu lírico ou eu poético, enfrenta uma determinada realidade, apreende-a e a exprime.

O dramático também estaria presente no lírico, para Kayser, quando ocorre um cruzamento entre as esferas anímica e objetiva. As duas interagiriam, gerando uma tensão que desemboca num resultado lírico, entendendo-se este como “a simples auto-expressão da disposição íntima”.¹⁷⁰

Para Kayser, o épico, o lírico e o dramático estão, cada um à sua maneira, presentes dentro daquilo que a crítica costuma chamar de eu lírico. Essa consciência é de grande interesse, pois aponta para uma ausência de antagonismo essencial quando se trata de analisar o fenômeno literário.

O crítico Anatol Rosenfeld também conceitua a lírica: “Pertencerá à Lírica todo poema de extensão menor, na medida em que nele não se cristalizarem personagens nítidos e em que, ao contrário, uma voz central — quase sempre um ‘Eu’ — nele exprimir seu próprio estado de alma.”¹⁷¹ E ele prossegue: “Notamos que se trata de um poema lírico (Lírica) quando uma voz central sente um estado de alma e o traduz por meio de um discurso mais ou menos rítmico. Espécies desse gênero seriam, por exemplo, o canto, a ode, o hino, a elegia.”¹⁷²

O gênero lírico, para Rosenfeld, é o mais subjetivo: “no poema lírico uma voz central exprime um estado de alma e o traduz por meio de orações. Trata-se essencialmente da expressão de emoções e disposições psíquicas, muitas vezes também de concepções, reflexões e visões enquanto intensamente vividas e experimentadas.”¹⁷³

A lírica, portanto, tenderia a ser “a plasmação imediata das vivências intensas de um Eu no encontro com o mundo, sem que se interponham eventos distendidos no tempo (como na Épica e na Dramática).”¹⁷⁴ Rosenfeld define que “a

¹⁶⁹ Wolfgang Kayser. *Op. cit.*

¹⁷⁰ *Idem, ibidem*, p. 377.

¹⁷¹ Anatol Rosenfeld. *O teatro épico*. São Paulo: São Paulo Ed., 1965, p. 5. (Col. Buriti, 5).

¹⁷² *Idem, ibidem*, p. 5-6.

¹⁷³ *Idem, ibidem*, p. 10.

¹⁷⁴ *Idem, ibidem*.

manifestação verbal ‘imediate’ de uma emoção ou de um sentimento é o ponto de partida da Lírica.”¹⁷⁵

No entanto, para o crítico, quase que necessariamente, os poemas líricos seriam breves. “A isso se liga, como traço estilístico importante, a extrema intensidade expressiva que não poderia ser mantida através de uma organização literária muito ampla”,¹⁷⁶ afirma.

Para o crítico Hugo Friedrich, “A poesia quer ser [...] uma criação auto-suficiente, pluriforme na significação, consistindo em um entrelaçamento de tensões de forças absolutas, as quais agem sugestivamente em estratos pré-rationais, mas também deslocam em vibrações as zonas de mistério dos conceitos.”¹⁷⁷ Friedrich diz que “A realidade desprende-se da ordem espacial, temporal, objetiva e anímica e subtraiu as distinções entre o belo e o feio, entre a proximidade e a distância, entre a luz e a sombra, entre a dor e a alegria, entre a terra e o céu.”¹⁷⁸

Para Friedrich são tão imprevisíveis as significações do poetar que “até mesmo ao próprio poeta o conhecimento do sentido daquilo que compôs é limitado.”¹⁷⁹ As fórmulas significativas da lírica contemporânea são muito diferentes daquelas do século anterior. Estas, têm sempre “a finalidade de depreciar. Ou seja, desorientação, dissolução do que é corrente, ordem sacrificada, incoerência, fragmentação, reversibilidade, estilo de alinhavo, poesia despoetizada, lampejos destrutivos, imagens cortantes, repentinamente brutal, deslocamento, modo de ver astigmático, estranhamento”.¹⁸⁰

Todavia, como já dissera Jakobson, a definição de poesia torna-se cada vez mais difícil a partir do século XIX. No ensaio “Sobre alguns temas de Baudelaire”, o filósofo alemão Walter Benjamin deixa isto bem claro ao apontar

¹⁷⁵ Anatol Rosenfeld. *Op. cit.*, p.10.

¹⁷⁶ *Idem, ibidem.*

¹⁷⁷ Hugo Friedrich. *Estrutura da lírica moderna – da metade do século XIX a meados do século XX*. Trad. do texto de Marise M. Curione; trad. dos poemas de Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978, p. 16. (Col. Problemas Atuais e suas Fontes, 3).

¹⁷⁸ *Idem, ibidem*, p. 17.

¹⁷⁹ *Idem, ibidem*, p. 19.

¹⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 22.

que os leitores passaram a ter, com a chegada da modernidade, uma dificuldade progressivamente maior de lidar com a poesia lírica.

Poe, Baudelaire e Valéry são apontados por Benjamin como três escritores numa linha diacrônica que teria essa conscientização artística aliada a uma forte conexão com a sua época. Os três artistas tinham em comum três fatores: responsabilidade social, domínio da língua e a consciência de que escrever exigia essa dupla habilidade de estar conectado ao mundo e aos recursos da palavra.

Nesse período de eclosão da modernidade, a prosa poética ganha força e Baudelaire, sobre ela, afirma: “Quem dentre nós já não terá sonhado, em dias de ambição, com a maravilha de uma prosa poética? Deveria ser musical, mas sem ritmo ou rima, bastante flexível e resistente para se adaptar às emoções líricas da alma, às ondulações do devaneio, aos choques da consciência.”¹⁸¹

O choque e o contato com as massas urbanas, principalmente com as multidões, são, de fato, um dos grandes temas do final do século XIX. Embora sem a força poética encontrada em Baudelaire, a multidão aparece em LC como menção explícita: “A imagem adorada,/ em que esquina virou,/ entre que multidão se perdeu/ quando fugiu de mim?”¹⁸² ou implícita nas imagens negativas da cidade:

Ó minutos que passam como asas
lançadas no espaço febril da minha insônia,
som agonizante que aos poucos se extingue,
trilhos feridos que adormecem na penumbra,
solidão que acorda tão fundo em meu espírito,
a certeza do vazio que demora,
do abandono que me envolve como as vagas ao corpo conquistado...
— “Poemas do colégio interno”, *P*, v. 40-6.

Na poesia de LC, o desalento em relação ao mundo moderno assemelha-se mais à visão dos nossos poetas românticos da segunda geração, refugiados no egotismo, na treva, no mistério.

A aproximação, porém, não vai além disso, já que LC, de acordo com as tendências modernistas, adota o verso livre. Mais ainda difere pelo hermetismo e

¹⁸¹ Charles Baudelaire *Apud* Walter Benjamin. “Sobre alguns temas de Baudelaire”. In: *Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo*. Trad. de José Carlos Martins Barbosa & Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 113. (Obras Escolhidas, vol. III).

¹⁸² Lúcio Cardoso. “Perda” (poema inédito). S.I., s/d., 1 fl. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 28 pi.

dramaticidade das imagens desta poesia em toques simbolistas, expressionistas e surrealistas.

Na poética cardosiana, o “tempo interior” constitui o refúgio do eu. Isto acontece pelo fato de este eu se esquivar “à realidade opressora”.¹⁸³ Essa fuga ocorre pela insatisfação e pela desilusão do eu perante o mundo, semelhante àquelas que os românticos sentiam no século XIX.

Metáfora e Motivo

No universo estético e imagético da poesia cardosiana, a metáfora tem um papel primordial. Em *The great code: The Bible and literature* [O grande código: A Bíblia e a literatura], por exemplo, Northrop Frye, ao ressaltar as conexões entre a imagem literária e a metáfora, fala em metáforas de unidade e integração de particularidade.¹⁸⁴ Todavia, cabe ao crítico Marcus B. Hester um estudo mais detalhado da questão metafórica, em *The meaning of poetic metaphor* [O sentido da metáfora poética].

Nesse livro, Hester diz que a poesia não é universal e abstrata da mesma maneira que o discurso científico: “This fullness of description gives poetry its concreteness. The nature of all words to be universal gives poetry its universality.”¹⁸⁵

A poesia, desse modo, aproxima-se do conceito de ícone, considerando este um fato lingüístico que aponta para algo concreto. Ícones, portanto, representam e reorganizam a realidade, não sendo arbitrários, como os signos, nos quais não existe, por exemplo, uma relação lógica entre o som da palavra árvore e esse elemento da natureza.

O crítico aponta, após analisar argumentos de Sartre, Croce, Dufrenne, Wittgenstein, Wimsatt e Beardsley, que o poema apresenta certas características que permitem ser considerado um fato particular:

¹⁸³ Hugo Friedrich. *Op. cit.*, p. 24.

¹⁸⁴ Northrop Frye. *The great code: the Bible and literature*. San Diego: New York: Hartcourt Brace & Company (A harvest Book), 1983, p. 167.

¹⁸⁵ Marcus B. Hester. *The meaning of poetic metaphor: an analysis in the light of Wittgensteins's claim that meaning is use*. The Hague, Netherlands: Mouton & Co., 1967, p. 73. [“Esta plenitude da descrição confere à poesia sua concretude. A natureza de todas as palavras para serem universais dão à poesia sua universalidade”]. Todas as traduções são do autor desta dissertação.

(a) reading the poem is an experience; (b) poetic language has particularity of detail; and (c) counterlogical elements function iconically in the poem. By universal they respectively mean: (a) the poem as a presentational symbol is cognitively significant; (b) poetic language by its nature is related to wider contexts; and (c) logical elements function iconically.¹⁸⁶

Hester conclui que

*Poetic language is that language in which both sense and sound function iconically, thus yielding a fusion of sense and sensa. [...] Thus poetic language attains the concreteness of an icon. [...] Thus to read a poem is to have an experience. Still this concreteness is in some incomplete sense amenable to analysis. The poem is not only a sensuous form, but a sensuous form having meaning.*¹⁸⁷

Para Hester, *“Reading [...] is a radical openness which seeks as a methodological ideal to let the poem reveal its intention or meaning. Reading is an active openness to the text”*.¹⁸⁸ Nessa mesma linha de raciocínio, afirma que o ato da leitura e da interpretação de um poema *“is a description, not a prescription.”*¹⁸⁹

Ainda segundo Hester, as metáforas lidam essencialmente com imagens, o que não acontece com a escrita literal. Essas imagens, no entanto, não ocorrem por associação livre. Há nelas um certo controle exercido pela memória lingüística e por uma série de associações históricas, que são encontradas, em sua maioria, nos símbolos e tradições da cultura judaico-cristã.

Para Hester, *“imagery is part of the intentional structure or style of the metaphor. The metaphor as a stylized object is definitive of intention”*.¹⁹⁰ E ainda, *“The metaphor, in being read, then, presents a stylized or intentional structure of*

¹⁸⁶ Marcus B. Hester. *Op. cit.*, p. 81. [“(a) ler um poema constitui uma experiência; (b) a linguagem poética tem como particularidade o detalhe; e (c) argumentos são estruturados de modo que o poema seja um ícone. Mas o poema também seria universal, porque: (a) é um símbolo que exige um processo de cognição; (b) a linguagem poética, pela sua própria natureza, está relacionada a contextos mais amplos; e (c) elementos lógicos funcionam de maneira icônica”].

¹⁸⁷ *Idem, ibidem*, p. 96-7. [“A linguagem poética é essa linguagem na qual som e sentido funcionam iconicamente, assim dando uma fusão de sentido e de sensação. [...] Assim, a linguagem poética atinge a concretude de um ícone. [...] Assim, ler um poema é ter uma experiência. Ainda, esta concretude é, em algum sentido incompleto, acessível à análise. O poema é não só uma forma sensorial, mas uma forma sensorial com sentido.”]. [Grifo do autor].

¹⁸⁸ *Idem, ibidem*, p. 131. [“Ler [...] é uma abertura radical que procura como num ideal metodológico permitir que o poema revele seu objetivo ou sentido. Ler é uma abertura ativa ao texto.”]. [Grifo do autor].

¹⁸⁹ *Idem, Ibidem*, p. 133. [“é uma descrição, não uma prescrição.”].

¹⁹⁰ *Idem, ibidem*, p. 149. [“A linguagem figurada é parte da estrutura ou estilo intencional da metáfora. A metáfora como um objeto estilizado é definitiva no propósito.”]. [Grifo do autor].

imagery”¹⁹¹ e “in any creative field, whether literature or physics or philosophy, is always on the cutting edge.”¹⁹²

Em *As figuras de linguagem*, ao se debruçar sobre a metáfora, o crítico Roberto de Oliveira Brandão afirma que a relação metafórica “permite praticamente uma equivalência entre toda e qualquer significação”¹⁹³ e a considera o maior grau de abertura possível entre as significações. Nessa escala, após a metáfora, viriam a metonímia, a sinédoque e a ironia, na qual o grau de liberdade seria bem menor.¹⁹⁴

Desde a Antiguidade Clássica, a metáfora é considerada uma das mais ricas formas de linguagem figurada. Analogamente, pode ser considerada a mais perigosa, pois, se a distância entre as significações for muito grande, há o risco de uma expressão se tornar enigmática, falsa ou mesmo hermética. Quando isso ocorre, a comunicação entre o emissor e o receptor da mensagem fica prejudicada.

O crítico Francisco Filipak, em *Teoria da metáfora*, lembra que a palavra metáfora vem do grego (*meta* = trans + *phérein* = levar), significando uma mudança, transferência ou transposição do sentido próprio de uma palavra para um sentido figurado. Ela é considerada, portanto, um “conjunto genérico-analógico, como um cruzamento de figuras de mudança de sentido.”¹⁹⁵

Filipak alerta para a existência de metáforas sinestésicas, que consistem numa associação de sensações que pertencem a registros sensoriais diferentes; cromáticas, em que ocorre estranhamento cromático e se opera pelo uso recorrente do adjetivo de cor; fanopéicas, que fundem imagens sobre a imaginação visual; arrojadas (também conhecidas como alógicas ou visionárias), em que acontece um desvio às regras lógicas do discurso; e absolutas, que buscam exprimir algo que não pode ser manifestado verbalmente.

¹⁹¹ Marcus B. Hester. *Op. cit.*, p. 149-50. [“A metáfora, em sendo lida, então, apresenta uma estrutura estilizada ou intencional da linguagem figurada”]. [Grifo do autor].

¹⁹² *Idem, ibidem*, p. 184. [“em qualquer campo criativo, ou literatura ou física ou filosofia, sempre está na posição mais avançada.”].

¹⁹³ Roberto de Oliveira Brandão. *As figuras de linguagem*. São Paulo: Ática, 1989, p. 21. (Série Fundamentos, 23).

¹⁹⁴ *Idem, ibidem*, p. 21.

¹⁹⁵ Francisco Filipak. *Teoria da metáfora*. Curitiba: Livros HDV, 1983, p. 24.

Hester, por seu turno, diz que a metáfora é uma parte especializada da linguagem poética, que ele define como “*a fusion of sense and sensa because the seeing as in the metaphorical structure is half thought, half experience*”.¹⁹⁶ Ao ler uma metáfora, portanto, o leitor experimentaria sons e imagens: “*in reading metaphor one experiences imagery and sound ¾ sensa ¾ related in a relevant way ¾ sense*”.¹⁹⁷

Como diz a ensaísta Lúcia Santaella, em seu “Palavra, imagem & enigmas”, as imagens começaram a ganhar destaque ao serem analisadas como o que há de mais interessante na poesia. No Romantismo, ainda segundo Santaella, a imaginação regia as variações de imagens pictóricas, verbais e mentais e, numa progressiva jornada até o Modernismo, a imagem foi ganhando um espaço cada vez maior, até o momento do poema inteiro ser considerado uma imagem ou um ícone verbal, dentro dos princípios e da nomenclatura da semiótica.¹⁹⁸

De acordo com Santaella, a partir do Modernismo, o termo imagem não é mais entendido apenas na sua concepção pictórica, mas, em se tratando de poesia, passa a ser uma “estrutura sincrônica num espaço metafórico”.¹⁹⁹ Dessa maneira, a imagem, na poesia, passa a significar um complexo instante em que o intelectual e o emocional trabalham simultaneamente para operar uma reação no leitor.

O tema da imagem e sua importância na poesia já foram tratados por diversos ensaístas e poetas, como Octavio Paz, em textos como “A imagem”²⁰⁰ e “A consagração do instante”.²⁰¹ Para o intelectual mexicano, “a imagem reproduz o momento de percepção e força do leitor a suscitar dentro de si o objeto um dia percebido”.²⁰²

¹⁹⁶ Marcus B. Hester. *Op. cit.*, p. 187. [“uma fusão de sentido e sensação porque vendo como na estrutura metafórica é metade pensamento, metade experiência.”]. [Grifo do autor].

¹⁹⁷ *Idem, ibidem*, p. 187-8. [“em ler a metáfora nós experimentamos a linguagem figurada e o som ¾ a sensação ¾ relatados de um modo relevante ¾ o sentido.”]. [Grifo do autor].

¹⁹⁸ Lúcia Santaella. “Palavra, imagem & enigmas”. *Revista USP* (Dossiê Palavra/Imagem), n. 16, São Paulo, dez.-jan.-fev. 1992-93, P. 47.

¹⁹⁹ *Idem, ibidem*.

²⁰⁰ Octavio Paz. “A imagem”. In: *O arco e a lira* (1956). Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 119-38. (Col. Logos).

²⁰¹ *Idem*. “A consagração do instante”. *Ibidem*, p. 225-40.

²⁰² *Idem*. *O arco e a lira* (1956). Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 132.

O fundamental é perceber como a poesia pode sempre ser lida de uma maneira mais rica quando se leva em conta a questão visual. Assim como ocorre no cinema, arte que LC conhecia bem, palavras e imagens podem se articular em excelentes resultados estéticos.

O cineasta Luiz Carlos Lacerda disse que LC “pintou nossa paisagem psicológica confundindo-se com ela”.²⁰³ No poema “A imagem da planície” (*P*, p. 17) de LC, por exemplo, o tema é a natureza, sempre apresentada como sendo destituída de vida: “Folhas mortas que não voam” (v. 5), “águas sombrias que não correm” (v. 7), “terra muda” (v. 9), e “nuvem perdida” (v. 12).

A crítica Maria Teresinha Martins diz que “A imagem, o símbolo, mantém intacto o mistério existencial sem deixar, no entanto, de lançar luzes e, em especial, sombras que atraem a magia do que é por natureza indecifrável: a vida e homem”.²⁰⁴ LC, nesse sentido, nos deixou um diário que nos ajuda a compor o retrato da pessoa angustiada que ele foi e a vida que levou: entre o caos e a ordem:

Apalpo e reconheço o caos que tenta me absorver. Mas ah, não devo, não posso, não tenho o direito de perder de vista a secreta ordem que, apesar de tudo, sempre me habitou. A ordem dos amotinados, [*sic*] é verdade, mas contudo a que me permitiu viver até agora e realizar alguma coisa. A ordem, sem a qual existir não é possível... A ordem. — *DC*, p. 101).

A noite foi tomada como fio condutor desta apresentação da obra poética cardosiana pelos seus estreitos limites com a morte, as sombras e as derivações de ambas. Noite, morte e sombras se equivalem muitas vezes pela sua associação com o “escuro”, a “agonia” e a “angústia”. O eu busca na morte a solução de seu percurso existencial, mas, diversas vezes, busca fugir desse destino inexorável.

Essa situação gera mais angústia, e a própria noite coloca-se como equivalente à morte. Esta última assume grande ambigüidade, sendo muitas vezes desejada pelo eu e, outras vezes, rejeitada. Desse jogo de atração e

²⁰³ In: “Retrospectiva de Lúcio Cardoso – pintura – literatura – fotos – projeções de filmes” (Catálogo da exposição). Galeria Rodrigo M. F. de Andrade – Funarte. Rio de Janeiro, 7 a 23 abr. 1981, p. 3.

²⁰⁴ Maria Teresinha Martins. *Luz e sombra em Lúcio Cardoso*. Pref. [orelhas] de Gilberto Mendonça Teles. Goiânia: UCG/CEGRAF, 1997, p. 123. (Col. Orfeu, 4).

repulsão, a noite é o motivo condutor para uma apresentação dos dois livros de LC publicados em vida.

Segundo o crítico Wolfgang Kayser, motivo “é uma situação típica que se repete, e, portanto, cheia de significado humano. Neste caráter de situação reside a capacidade dos motivos de apontar um ‘antes’ e um ‘depois’. A situação surgiu, e a sua tensão exige uma solução. Os motivos são dotados de força motriz, o que justifica afinal a sua designação de ‘motivo’ (derivado de ‘*movere*’)”.²⁰⁵

Após um acurado levantamento dos termos recorrentes na poesia cardosiana, percebi que os três mais utilizados por LC são: noite, morte, sombras e suas respectivas derivações.²⁰⁶ No quadro abaixo aponto, em ordem decrescente, o número de ocorrências destas constantes em sua poética:

TABELA 1: OCORRÊNCIAS DOS TERMOS RECORRENTES

TERMOS	POESIAS	NOVAS POESIAS	TOTAL
Noite e derivações	80	50	130
Morte e derivações	55	17	72
Sombras e derivações	33	23	56

Com esta verificação, é possível fazer uma leitura da poesia cardosiana, ou seja, demonstrar de que modo aparecem estes termos em seus versos. O termo *noite* e suas derivações, como se vê, são o que predomina em ambos os livros. *Sombras* aparece em segundo lugar em *NP*, enquanto em *P* fica em terceiro plano, sendo que *sombras* pode ser considerada uma variação de *noite*, ou está relacionada com aspectos noturnos e de soturnidade, podendo aludir à *morte*.

²⁰⁵ Wolfgang Kayser. *Op. cit.*, p. 57.

²⁰⁶ Noites, noturno, noturna(s), escuridão, escuro(a), escurecer, treva; mortal, morrer, morria, morrem, mortos(as); sombria(s), obscura, penumbra, imagens, respectivamente.

Sendo assim, não tratarei especificamente desse termo, apenas mencionarei quando necessário para a leitura de alguns poemas. A ênfase maior será dada aos outros dois.

Em *P*, o termo *morte* e suas derivações aparecem em segundo lugar e, em *NP*, em terceiro. Os termos recorrentes em LC apontam a predominância de imagens vinculadas ao escuro e às trevas, elementos muito presentes nos dois livros que serão analisados.

A noite é o que mais se apresenta tanto em *P* como em *NP*: mesmo quando a manhã surge, nada muda, como se a noite continuasse presente na vida de um eu atormentado, que não consegue se desvencilhar das garras opressoras do escuro, da soturnidade, vivendo em sua prisão solitária. É como se ele estivesse eternamente em um “colégio interno”, preso, tentando aprender o que não se aprende.

Em *Análise e interpretação da obra literária*, Kayser estuda o Motivo de forma geral e, em particular, o motivo da noite, examinado em quatro poemas líricos: de Addison, da Marquesa de Alorna, de Eichendorff e de Baudelaire. Para o crítico, motivo é “uma situação típica, que se pode repetir indefinidamente.”²⁰⁷

Para Kayser, “Um assunto pode incluir, e de facto inclui, muitos motivos.”²⁰⁸ Isto vale efetivamente para a poesia cardosiana que, como já mencionei, está intrinsecamente ligada ao motivo principal (noite) e dentro deste outros, tais como *morte* e *sombras*. Não é possível esperar que haja um motivo genérico claro na obra analisada, mas “a investigação profunda, neste sentido, promete-nos ainda conhecimentos de maior importância”.²⁰⁹

É possível fazer, após esta investigação uma distinção entre os motivos centrais e os subordinados no seio da obra literária, como observa Kayser.²¹⁰ Na poesia cardosiana, o motivo central é a *noite* e os subordinados são *morte* e *sombras*, entre outros que apontarei ao longo deste capítulo.

²⁰⁷ Wolfgang Kayser. *Op. cit.*, p. 57.

²⁰⁸ *Idem, ibidem.*

²⁰⁹ *Idem, ibidem*, p. 58.

²¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 58-9.

Na poesia de LC, o termo *noite* aparece por intermédio de um eu emparedado, pois a noite é o local onde ele melhor se situa, é o seu hábitat natural. Como um vampiro, ele sai à procura do alimento para preservar a sua vida. A noite é, em LC, o momento em que ele se mostra por inteiro (“A noite está dentro de mim,/ girando no meu sangue.” — “Amanhecer”, *P*, v. 1-2).

A noite aparece sempre como uma tentativa de violação da sua personalidade (“Longe vai o tempo em que a dúvida aprisionou-me contemplando o rio humano que corre sem descanso/ e no qual acreditei que sobre a minha noite um novo sol raiasse” — “Memória”, *P*, v. 13-4) e, ainda, como motivo criador de ambiente poético (“Ó noite, ó treva crispada no sangue das insônias,/ volta, estende a tua sombra augusta,/ deságua como um negro dique que se rompe/ sobre os algodoads vermelhos e os trigos infecundos” — “O apelo da noite”, *NP*, v.14-7).

Para que os motivos sejam autênticos, é preciso que sejam entendidos como situações significativas. Para Kayser, “A sua transcendência não consiste, neste caso, no desenvolvimento da situação de acordo com uma acção, mas sim em se tornarem vivência para a alma humana, em se prolongarem interiormente na sua íntima vibração.”²¹¹ As imagens do poema não podem estar apenas destinadas a ser imagens, mas ser, sim, um motivo, caracterizado pela “invocação pessoal” e pelo uso dos “imperativos”.²¹² Exemplifico citando, na íntegra, o poema “Fragmento de um poema de Natal” (*P*, p. 10):

...Noites, noites em que a insônia povoa o meu silêncio,
em que o remorso acorda como uma grande chama triunfante.
Ó estranho, longínquo pressentimento, força
borbulhando nas profundezas da alma como uma fonte obscura...
De onde, meu Deus, de onde estas vozes,
esta paisagem que me acompanha como um castigo?
Ó dias passados, dias da minha vida,
sois o jardim adormecido sob a chuva triste de inverno,
sois a cantilena permanente desta alma fascinada
como a mariposa que dança na primavera noturna...
Manhãs de límpido terror, permaneceis como um arco
lançado no vasto e tenebroso oceano que atravesso.
Ilhas na minha angústia solitária,

²¹¹ Wolfgang Kayser. *Op. cit.*, p. 59.

²¹² *Idem, ibidem*, p. 59-60.

sois a perpétua revelação. Mesmo que novos dias se levantem,
mesmo que ante mim se desenrolem outras paisagens,
é a face desolada desta infância que estará presente,
como o remorso no pensamento dos agonizantes.
E permita, ó Deus, que ela permaneça,
mesmo que no meu coração germinem as tempestades,
mesmo que aos meus olhos atônitos, perdidos,
oscilem como agora as estrelas fixas na eternidade azul.

Neste poema, em que a noite não é só o motivo central, mas torna-se a materialização de um problema.

Presente, por exemplo, nos versos 29 e 30 (“a noite é imensa e eu sinto a vastidão que se dilata/ e tenho medo de me perder, como o santo a quem o desespero envolve nas trevas da danação.”) do poema “A voz de Lázaro” (*P*, p. 68), a noite é o ambiente essencial do eu na obra poética cardosiana, como confirma meu levantamento dos termos recorrentes. Em “A voz de Lázaro” o eu se sente fortalecido e mais à vontade no ambiente noturno, mas, ao mesmo tempo, é de onde ele quer fugir e atingir algo “Superior” — encontrar a si mesmo e a Deus:

Eis-me Senhor, como no dia em que nasci,
longe do amigo e da mulher que traem o meu ciúme,
longe da casa onde na sala arde a lâmpada para a ceia familiar.
Não disseste ser preciso estar nu como a criança que vem de surgir das
[veias maternas,
Não disseste ser preciso abandonar as terras, os vizinhos e tudo o que
[trouxesse um nome sem som correspondente?
Longe de mim, pois, estão todas as formas que não têm o seu berço no
[espaço que dura,
Longe os muros em que a alma é prisioneira. — v. 8-14.

Kayser menciona dois tipos possíveis de desenvolvimento do motivo num poema. O primeiro é o “desenvolvimento concreto do motivo”,²¹³ o segundo, o desenvolvimento da “objectualidade, a partir de determinado ponto de vista de um eu que sente”.²¹⁴ A diferença entre um e outro é que naquele predomina a razão e neste, o sentimento.

Na poesia cardosiana, pode-se encontrar tanto um quanto outro, como no poema “O apelo da noite” (p. 20), em *NP*, em que a noite é descrita:

²¹³ Wolfgang Kayser. *Op. cit.*, p. 64.

²¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 65.

Ó noite, insondável noite que se abre sobre mim,
vejo no teu bojo escuro o nascimento dos astros,
viajando na escuridão como luzes perdidas —
ouço o romper na bruma o teu primeiro suspiro
e o repassar do vento em cujas ondas, longe,
ondulam velas beijadas na distância azul das praias... — v. 1-6.

Ou em “A chama noturna” (*P*, p. 21), em que a noite corresponde às sensações do eu, como costuma acontecer no romantismo de segunda geração: “A treva é como sangue que escorre da noite,/ sangue denso que cerra as pálpebras das rosas/ e rola pesadamente na terra adormecida.” (v. 1-3).

A noite é a negação da vida, é a morte. Neste contexto, a morte poderia ser considerada sinônimo de libertação. A crítica Enaura Quixabeira Rosa e Silva afirma que

Viver para a morte, sofrer a angústia do existir significa compreender todas as impossibilidades da existência, significa compreender que todas as possibilidades da existência consistem em antecipações ou projetos que pretendem transcender a realidade. A sensação de angústia advém de pensar que até mesmo Deus é uma possibilidade e, em consequência, a morte torna-se a anulação de todas as possibilidades.²¹⁵

Ressalte-se então que o motivo é relevante na obra de LC, aparecendo em numerosos textos, de diversas maneiras, como apontei nesta dissertação, mas sempre sob o prisma da estaticidade e do mistério. Perante uma vida em que o eu não se adapta, resta a alternativa de morrer, visto não como um momento de solidão suprema, mas como válvula de escape.

LC é sensível à influência dos ambientes. A sombra aparece na mesma proporção que a noite em seus dois livros de poemas, ela está diretamente ligada ao fantasma, àquilo que é fugidio, irreal e mutante. O espaço físico de seus poemas é dominado por “muros”, “cercas”, “encostas”, “escarpas”, como se a vida inteira do eu fosse passada na clausura. Se há montanhas, ele está embaixo, na “campina”, na “planície”, nos “vales” ou em regiões desérticas, destituídas de qualquer beleza.

²¹⁵ Enaura Quixabeira Rosa e Silva. *A condição humana na obra de Lúcio Cardoso: entre Eros e Tânatos, a alegoria barroca brasileira* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Alagoas/Université Stendhal-Grenoble 3 (France), 1999, 234 p., p. 35.

Em *P*, perpassa um clima de opressão, de asfixia: mesmo o céu, que é idealmente imenso e onde se poderia voar e ser livre, torna-se, em *LC*, pleno de “nuvens escuras”, “turvo” e com pássaros sobrevoando, como urubus à espreita da morte para saciar sua fome. O céu constitui uma ameaça e a morte, à qual o poeta trata por “musa dos olhos sem luz”, está em todo lugar, mas é inalcançável.

Talvez quem melhor tenha compreendido o complexo universo da poesia cardosiana — que reúne e, ao mesmo tempo, ultrapassa características de diversas correntes literárias — tenha sido a crítica Maria Teresinha Martins, que disse que a obra poética de *LC* “insere-se na órbita dos escritores incompreendidos, porque, ao escapar da temática social, ele imprime ao seu estilo uma imagem melancólica, trágica, que revê a turbulência do ser.”²¹⁶

Em *LC*, segundo a crítica Ruth Silviano Brandão, “a questão da morte marca não só seus romances e novelas, mas também sua poesia, onde ela rege o texto como uma imagem obsessiva que se repete de forma recorrente e repetitiva.”²¹⁷ Entendo, porém, que a idéia de morte se concretiza, freqüentemente, na imagem da noite.

A poesia do anjo da noite

Primeiro livro de *LC*, *P* é formado por versos eminentemente longos, ao contrário de *NP*, onde o autor enxuga ao máximo seus poemas, depurando-os, tornando-os, por assim dizer, menos prosaicos. O poema mais longo de *P*, “Os simuladores”, é composto de 25 estrofes, divididas em três partes, totalizando 96 versos.

O crítico Mário Cabral, na coluna “Vida Literária”, do *Correio de Aracaju*, afirma: “Versos largos, versos extensos, fugindo à velha e sempre nova técnica do metro e da rima, nem por isso os versos de Lúcio Cardoso deixam de ser harmoniosos.”²¹⁸

²¹⁶ Maria Teresinha Martins. *Luz e sombra em Lúcio Cardoso*. Pref. [orelhas] de Gilberto Mendonça Teles. Goiânia: UCG/CEGRAF, 1997, p. 27. (Col.Orfeu, 4).

²¹⁷ Ruth Silviano Brandão. “Lúcio Cardoso: a travessia da escrita”. In: ———, org. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p.26. (Col. Humanitas).

²¹⁸ Mário Cabral. “Poesias, Lúcio Cardoso”. *Correio de Aracaju*, Aracaju, 24 maio 1941, Vida Literária.

Há outros também divididos em partes, como “Poemas do colégio interno”, composto de nove estrofes, divididas em duas partes; “A vida impossível”, composto de três estrofes, divididas em três partes; e “A morte submissa”, composto de seis estrofes, também divididas em três partes. Em geral, os poemas têm entre três e quatro estrofes.

Não posso fazer uma leitura destacada do termo recorrente *noite* sem falar dos outros elementos que estão relacionados ao ambiente noturno, como a morte, o sono, os sonhos, as angústias, as sombras, a obscuridade, o vazio, o despojamento, a aridez e a secura. Estes não só ambientam a composição dos poemas de LC como também a própria existência do ser que, como já mostrei, está tentando se desvencilhar de um emparedamento que o constrange e do qual quer sair, mas ali não existe saída. Em seu diário, LC afirma que “Da luta entre duas partes [querer viver, querer morrer], arrancamos a possibilidade de fazer alguma coisa — mas é inútil quando a parte da sombra reclama o aniquilamento.” (DC, p. 295).

LC é um predestinado, e este é seu mundo, feito de “luz e sombra”, como bem apontou a crítica Maria Teresinha Martins ao analisar, especificamente, a obra em prosa de LC, em seu estudo *Luz e sombra em Lúcio Cardoso*. Mas suas observações valem também para a obra poética cardosiana. Diz Martins que a obra de LC apresenta “clima obscuro, enigmático” e que, ao vislumbrar o “lusco-fusco das imagens”²¹⁹ nesta obra surge a grande questão, sobre o porquê da instauração deste clima penumbroso.²²⁰

Para Martins, “só a ação criadora poderá detonar essas camadas inconscientes que agitam o fundo da alma do escritor, o qual objetiva a criação e, ao fazê-la, emerge sob a forma de imagens em que se concentram carências, desejos e ânsias do ser incontido”.²²¹

²¹⁹ A crítica Enaura Quixabeira Rosa e Silva também observou o jogo do “claro/escuro” na escritura de LC. Para ela que o que acentua o caráter pictural da narrativa de LC, é o uso por ele, do descritivo. O que cria o claro/escuro, revelador às vezes de “uma atmosfera densa [...], outras vezes, mórbida [...], algumas vezes pastoril [...]”. O que faz com que a personagem cardosiana debata-se, “acentuando, ora a claridade da crítica à ordem e ao poder, ora o escuro dramático da abismação metafísica.” Enaura Quixabeira Rosa e Silva. *Op. cit.*, 1999, p. 162-3.

²²⁰ Maria Teresinha Martins. *Op. cit.*, p. 25.

²²¹ *Idem, ibidem.*

Não posso separar estes fatores intrinsecamente relacionados ao ambiente noturno na obra poética de LC. A imagem da morte é apresentada ora como algo que possibilita um ressurgimento para uma situação melhor, ora como a simples ausência de vida, sem nenhum tipo de transcendência. No poema que abre *P*, “Poemas do Colégio interno”²²² (p. 7), a morte aparece como algo que finaliza um dado tempo, que é a infância:

Quis deter o menino que morria,
quis falar alguma coisa ainda não dita,
uma palavra, um soluço,
um riso que era como a sombra de um outro ser,
vivendo do meu sangue.
Mas era muito tarde
e eu sentia os anos implacáveis que chegavam. — v. 17-23.

Mas esta morte inaugura um espaço novo ocupado pelo eu, que se assusta com a novidade. Todo fato novo requer esforço para ser assimilado, e isto não é fácil, principalmente para um eu atormentado. A expectativa é que dali surja algo novo, como mostram estes versos do segundo movimento desse poema:

Ó noites sem termo do colégio interno,
naufrago na hora em que os outros repousam,
pressentindo o carro que voa nas trevas,
vazio, vazio meu Deus,
levado pela mesma angústia, pela mesma dor,
pela loucura inexprimível que me desperta
e me faz arder como a chama nascida
dos misteriosos detritos que fecundam as águas mortas. — v. 33-9.

Aqui, o adjetivo “mortas” conota o que não se pode mudar.

“Poemas do colégio interno” (*P*, p. 7) é dividido em dois movimentos (I e II). O primeiro (v. 1-23) trata da perda da inocência (“e sofria dessa dor sem nome de sentir a vida/ muito mais cedo do que os outros sentem.” — v. 3-4); do sofrimento como condutor da solidão (“Mas que estranha maldição tinha tombado nos meus

²²² No artigo “Breves notas sobre Lúcio Cardoso”, José Afrânio Moreira Duarte faz as seguintes observações sobre a poética de LC: “Suas atividades poéticas foram quase bissextas, mas nem por isso é menor a qualidade dos [seus] versos, alguns deles ficando definitivamente gravado [*sic*] na memória, como o belo trecho de ‘Poemas do colégio interno’: ‘...e sofria dessa dor sem nome de sentir a vida/ muito mais cedo do que os outros sentem’.” José Afrânio Moreira Duarte. “Breves notas sobre Lúcio Cardoso”. *Minas Gerais*, Ano XIII, n. 624, Belo Horizonte, 16 set. 1978, Suplemento Literário, p. 10.

ombros/ para que só eu sentisse o frio das grandes árvores solitárias?” — v. 7-8); e de inquietação existencial — o medo do outro e do estar só (“Sabia que ele [menino] tinha medo do ruído que ouvia,/ mas também tinha medo do silêncio que devora.” — v.11-2); e ainda da passagem do tempo com conotações negativas: “E em breve, vendo o tempo crescer como a noite das águas,/ reconheci a meninice que fugia/ e senti mais funda a dor de compreender/ o terrível e frágil segredo das horas.” (v. 13-6).

No segundo movimento (v. 24-46), há mudança de situação e de ambiente, é enfocada a vida pacata de uma suposta cidade do interior e do que ocorre nela e a seus habitantes, ressaltando a solidão (“solidão que acorda tão fundo em meu espírito” — v. 44) e a noite (“o frio da noite envolve as coisas” — v. 28) como elementos preponderantes do poema. Ao final, retoma o tema inicial da passagem do tempo e da dor que isto causa ao eu do poema. O resultado disso é o deslocamento, a inadequação e a solidão deste eu perante o mundo.

Em poemas como “Poemas do colégio interno”, a noite corre sem rumo (“E em breve, vendo o tempo crescer como a noite das águas” — v. 13) e é ela o mistério que a tudo consome (“o frio da noite envolve as coisas” — v. 28) e ainda aquilo que não tem fim: “Ó noites sem termo do colégio interno” (v. 32). No poema seguinte, “Fragmento de um poema de Natal” (*P*, p. 10), há reiteração da noite, retomando a ligação da noite com a solidão e com a insônia: “...Noites, noites em que a insônia povoa o meu silêncio” (v. 1).

Curiosamente, este poema havia sido publicado anteriormente como sendo dois: “Poema da meninice morta” e “Noturno de colégio interno”. Há, no ALC, AMLB, FCRB, dois recortes do jornal *A Nação*, coletados por LC sem maiores referências bibliográficas, onde aparecem estes poemas, que transcrevo abaixo:

POEMA DA MENINICE MORTA

Nunca eu soubera o segredo
da alegria alheia.

Ouvia os risos que enchiam o pátio de recreio
e sofria dessa dor sem nome de ver a vida
muito mais cedo que os outros vêm...

Tudo cantava na hora do sol
a vida e os outros
a felicidade o resto...
Porém eu sempre sentia o frio das sombras
que descem das grandes árvores centenárias...

É certo que eu lutava para compreender o menino triste
insensível à agitação em torno.
Sabia que ele tinha medo do ruído que ouvia,
mas tinha também medo do silêncio que devora...

E quando a vida passou
e reconheci a meninice que fugia,
senti mais funda a dor de compreender mais...

Quis deter o menino que morria,
quis falar alguma coisa ainda não dita,
quis gritar
quis rir na hora derradeira,
dizer-lhe algo bem sem importância,
e que entretanto me apertava como um nó
como laço de ferro em minha garganta...

Mas era muito tarde
e eu sentia os anos implacáveis que chegavam...

NOTURNO DE COLÉGIO INTERNO

Ouçõ os bondes que passam
na pureza da madrugada.
Decerto os bancos vão vazios
e o motorneiro cansado adormeceu
ouvindo as rodas que cantam nos trilhos...
As árvores dormem ainda
o frio da noite envolve as coisas
o orvalho pinga da beira das casas
o orvalho brilha nos trilhos que fogem...

o silêncio brota da névoa que rola

Noturno de colégio interno
ouvindo os outros que dormem
naufrago na hora morta
presentindo o carro que voa na sombra
vazio vazio meu Deus
gritando de angústia, de dor,
da loucura inexprimível que me desperta
e me faz arder como uma vela, insone,
dentro da vida entorpecida...

E os minutos passam sobre mim
levando o carro que já vai longe
e o grito dos trilhos feridos

que acordo tão fundo em meu espírito
a certeza do vazio
da solidão
do abandono
na tragédia da noite que morre meu Deus!

Percebe-se, após o cotejo destes dois poemas com o publicado em *P*, que eles não podem ser associados, permanecem como dois poemas, embora a intenção sugerida pelo poeta fosse fundi-los, substituindo os dois títulos por um, mas mantendo a divisão em dois movimentos: I e II, como aparece em “Poemas do colégio interno”.²²³

A noite funciona como um refúgio para o eu. No escuro, ele encontra a sua lucidez, que se expande mesmo que dolorosamente, porque no período noturno só encontra uma imagem sombria para antepor a um cruel espelho. Nos poemas que compõem estes dois primeiros livros, LC assume várias máscaras. E é ele mesmo que o diz em seu *DC*:

Dentro de mim, sombra — mas fria e calma. Fora, sombra onde cumpro os gestos que todos sabem. O que aprendemos, é como nos ocultar de um modo banal, como toda gente mais ou menos se oculta. O que ocultamos, é o que importa, é o que somos. Os loucos, são os que não ocultam mais nada — e em vez dos gestos aprendidos, traduzem no mundo exterior os signos do mundo secreto que os conduz. — p. 20.

LC sentia um vácuo em si mesmo e à sua volta, já que na poesia parece falar por ele próprio e não pelas personagens por ele criadas na ficção, como se verifica abaixo:

Como perdemos tudo, como os sentimentos mais fortes se dissolvem, como a vida é um contínuo e tremendo aniquilamento! Ah, como compreendo, sinto e vejo os meus desastres, os meus erros, os meus enganos! Como é triste essa dor de não poder reter coisa alguma, como é horrível ter perdido tanto, e como agora me sinto — e sempre, e cada vez mais — desamparado e triste! — *DC*, p. 59.

E, para LC, dizer o indizível é um desafio, não por ser fugidio ou vago ou transcendente, mas por ser uma esmagadora sensação da frustração do homem que a si próprio se vê. Por isso, conhecer-se não consola, como sugerem estes

²²³ V. transcrição do poema, na íntegra, no Apêndice 1, p. 149-50.

versos de “Poema” (p. 27), em *NP*, nos quais ocorre a reiteração da conjunção “nem” e do advérbio “só”:

Nem sequer a vida que cantei na mocidade,
nem a cor, nem a luz dos olhos que amei,
nem o frio perfume dos idiotas de Junho.
Só este grande vazio, só esta noite sem fim,
só esta amarga obsessão do que não vive,
este tédio das coisas, este gosto da morte! — v. 16-21.

Como se percebe, a noite, neste poema, bem como no poema homônimo (p. 30), também em *NP*, aparece como algo que não tem fim: “Só este grande vazio, só esta noite sem fim” (v. 19, do primeiro) e “flama de uma noite sem aurora, delírio sem manhã” (v. 13, do segundo). Já em “Poema” (*NP*, p. 32), aparece a negação da noite pelo eu: “e tudo o que é da noite me aborrece.” (v. 8).

A morte, como verifiquei, apresenta grande importância na obra poética de LC. Em “Poema” (*NP*, p. 27), o “gosto da morte” aparece no último verso (v. 21). Perante os bons momentos da mocidade, o presente tem sabor de morte. No *DC*, encontrei trechos que elucidam bem este aspecto da passagem do tempo na vida de LC:

Ah, como mudamos e como mudamos depressa! Como perdemos tudo, como os sentimentos mais fortes se dissolvem, como a vida é um contínuo e tremendo aniquilamento! Ah, como compreendo, sinto e vejo os meus desastres, os meus erros, os meus enganos! Como é triste essa dor de não poder reter coisa alguma, como é horrível ter perdido tanto, e como agora me sinto — e sempre, e cada vez mais — desamparado e triste! Escuto o conselho que me dão, enquanto maciamente o automóvel rola pelo asfalto das ruas — rezar. — *DC*, p. 59.

Viver seria como estar morto e a existência não passaria de uma noite sem fim. A morte tem um sabor amargo, mas liberta de um cotidiano sem atrativos. O poema “A visão da colina” (*NP*, p. 29) termina justamente com o anúncio: “vida eterna, amor eterno,/ morte eterna!” (v. 14-5). Os sinos badalam essa mensagem, que é a trilha sonora de uma série de cenas bucólicas, associadas à vida. A morte pode ser eterna, mas assim também o são a vida e o amor.

NP está repleto de imagens de sombra, noite e trevas, indicando a preferência do poeta por construir mundos em que personagens solitários refletem

sobre muros, sombras e lamentos. Há um “frêmito de morte” (v. 16), como se lê no poema “Ode” (p. 37), enlaçando árvores e criando uma atmosfera trágica.

Esta inconstância de atitudes apresentadas por meio do eu nos poemas é reflexo da atitude de ascendência profissional, pelo poeta que, como se pode ler abaixo, não via espaço na sociedade para o seu trabalho: “Somente planos e títulos que se amontoam, enquanto a vida escorre. Viajar seria a grande solução. Mas como? Não tenho senão dívidas a recompor, cifras a devolver, que não sei de onde tirar. Uma existência assim me parece um fato quase sobrenatural.” (DC, p. 101). E mais à frente: “Não há dúvida de que o nosso tempo perdeu o interesse pelos artistas e despreza a arte de um modo geral: abordamos um mundo altamente mecanizado.” (DC, p. 120). Mas era tudo o que ele sabia e queria fazer: “Sobrevivo, pela graça de ser poeta.” (DC, p. 101). E ainda: “[...] que me perdoem, mas não encontro outro jeito de me designar, nem sei direito o que faria, caso não pudesse intitular-me de escritor...” (DC, p. 104).

Em *P*, encontram-se os dois únicos poemas dedicados a personalidades específicas, caso do poema “Mazepa” (p. 28) composto de 29 versos em sete estrofes, e “A voz de Lázaro” (p. 68), de 30 versos em seis estrofes. O título do primeiro refere-se ao ucraniano Ivan Stpanovitch Mazepa²²⁴ (c. 1640-1709), *hetman* (chefe principal) dos cossacos da Ucrânia Ocidental, nos séculos XVII-XVIII, que lutou pela independência da sua nação. O imperador russo tinha um exército muito mais forte e alguns dos cossacos apoiaram o imperador a destituir Mazepa, fazendo com que este fugisse do país em seu cavalo.

O interesse por sua figura atraiu a atenção de Voltaire (1694-1778), que escreveu *A história de Charles XII* (*Histoire de Charles XII*, 1731). Mazepa é o nome de um personagem do livro, que inspirou os poetas Byron (1788-1824), Pushkin (1799-1837) e Victor Hugo (1802-1885) a lhe dedicaram poemas; os músicos Franz Liszt (1811-1886) e Tchaikovsky (1840-1893), a criarem peças sinfônicas em sua homenagem; e o pintor romântico francês, Theodore Gericault (1791-1824), que tomava cavalos por motivo principal de sua pintura, a retratá-lo.

²²⁴ Em alguns textos aparece escrito com dois “p”: Mazeppa.

O livro ainda serviu de inspiração para o cineasta e diretor artístico de um grupo de teatro eqüestre na França, Bartabas, a realizar o filme *Mazeppa: A lenda de uma paixão*.²²⁵ A película retrata a vida de um pintor romântico do século XVIII, que vê nos cavalos sua fonte de inspiração, traz à tona a história de um homem apaixonado, intenso, mergulhado na busca, quase obsessiva, pela arte.

O protagonista chega mesmo a mudar-se para um circo, somente para observar e aprender, com um famoso treinador de animais, novas técnicas para, por meio delas, introduzir maiores referências em sua arte. Mas a chegada de uma linda amazona tumultua seus objetivos, desviando a atenção do pintor, mostrando-lhe outras possíveis fontes de inspiração.

Conta a lenda que Mazepa, quando jovem, foi amarrado ao rabo de um cavalo por um marido traído e arrastado para longe da cidade onde vivia. LC parece conhecer bem este personagem histórico, como se depreende dos versos 28 e 29 do poema: “que eu continue sempre como um Mazepa alucinado/ cavalgando neste mundo de imagens perdidas...”

O poema tematiza a angústia perante a criação ou a ânsia da vida à beira da loucura, já que o eu não consegue existir sem estar eternamente criando. O ato da criação não tem caminhos certos, segue por “estradas absurdas”, sem saber para onde o levarão. O eu poético trafega no limiar entre a razão e a loucura:

Sentir o mundo exterior sufocado
ao jugo poderoso desta música interior.

Não poder reter a imaginação
que galopa sem freios por estradas absurdas.

Agonizar sobre o dorso da loucura
como um Mazepa inconsciente —
sofrer nesta corrida sem limites,
beirar a linha divisória da compreensão [...] — v. 4-11.

E alucinadamente, “[...] faz brotar/ as forças mais secretas da Criação/ num assomo brutal da luta pela claridade” (v. 24-26). A “Criação”, portanto, surge do

²²⁵ *Mazeppa: A lenda de uma paixão*, França, 1993, 117’. Direção: Bartabas; elenco: Miguel Bose, Bartabas, Brigitte Marty, Eva Schakmundes, Fátima Aibout, Bakary Sangare; música: Jean Pierre Drouet; cenário: Claude-Henri Buffard e Bartabas; direção de fotografia: Bernard Zitzermann; montagem: Joseph Licide; produção executiva: Yvon Crenn; produção: Marin Karmitz (MK2 Produções).

inconsciente, dos recônditos da mente humana, próximo da loucura e longe da lógica: “onde a razão humana mal dardeja ainda/ os fogos trêmulos do entendimento” (v. 14-5).

Quanto ao fazer poético, o poema inédito “Negação da poesia” constitui uma autêntica profissão de fé de LC:

NEGAÇÃO DA POESIA²²⁶

Eu não sou poesia,
que não sou esplendor.
Que poesia é tristeza

e não amargura.
Não sou poesia,
que poesia é ternura

e calma apenas,
de quem não deseja.
Não sou poesia,

que poesia não é,
mas, simplesmente está.
Que ninguém aprende poesia,

pois poesia nasce,
como fé para o irremediavelmente perdido,
como porto nascendo das brumas para o navegante noturno.

Não sou poesia,
sou é ânsia.
Não faço versos,
grito apenas.
E me desespero!...

E vou morrendo devagar...

Para LC, poesia não é esplendor e nem amargura, é “tristeza”, “ternura”, “calma” e um estado que não se aprende; ela nasce da busca de um refúgio (“fé” para o que está perdido; “porto” para o navegante noturno). O ato da escritura é angustiante (“ânsia”) para o eu, gerando nele desconforto (“grito”) e por fim, ao entregar-se ao ato da criação poética, ele se “desespera”. Em meio a esse ato catártico, o poeta se exaure (“e vou morrendo devagar...”). Curiosamente, esta

²²⁶ Lúcio Cardoso. “Negação da poesia” (poema inédito). In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 28 pi, 1 fl.

“morte lenta” pode ser associada à biografia de LC. Embora não se possa precisar a data do poema, ele pode ter um caráter premonitório.

A crítica Ruth Silviano Brandão também notou o mesmo em “Poema escrito durante o carnaval”, publicado em *PI* (p. 101): “Na poesia de Lúcio, o desejo constante de se visualizar na morte, na construção dessa fantasia fúnebre presente em seu texto, onde podemos ler um poema que parece, estranhamente, anunciar, de forma pungente, o destino de seu próprio corpo aprisionado, depois do derrame que sofreu”.²²⁷ Eis o poema:

POEMA ESCRITO DURANTE O CARNAVAL

Eu sou a pedra onde se diz adeus,
confluência de encontros, palavras
e soluços ainda não gravados.
Eu sou o silêncio em que se consuma
o gesto final e a partida.
**Uma das minhas mãos está voltada
para onde a noite nasce
e os passos iniciam
o rude trajeto da memória.**
Eu sou a solidão da madrugada.

**A outra mão está voltada
para o país onde as coisas
já se petrificaram.**
Aí surgiu o primeiro gemido
e o espasmo da primeira sombra.
Inutilmente podereis gritar
ante um inferno povoado
de tantas estátuas.
Há milhões de estátuas.
O meu próprio desespero é inútil
e continuo eterno,
com os olhos de mármore.”

Neste poema, o caráter premonitório ganha cores mais acentuadas, como se vê nos versos por mim grifados.

LC escreve no *DC*: “Não discuto o mérito da obra a ser feita — é mesmo possível que não interesse a ninguém — mas só ela me explica perante mim mesmo e é o único testemunho que posso apresentar de uma existência que,

²²⁷ Ruth Silviano Brandão. “Uma escritura de beira abismo”. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 11 ago. 1996, Caderno Cultura, p. 5.

devidamente examinada, é inútil a toda gente.” (p. 55-6). Assim, como os poetas românticos de segunda geração, LC revela certo egocentrismo, afirmando que só escreve para si, sem se importar com a receptividade do público ou da crítica. Ele vive *de* e *para* escrever.

Para LC, “todos os grandes poetas são poetas de transe e de necessidade. A habilidade, em arte, é fator mais do que secundário” (DC, p. 57). Isto confirma minha hipótese de que LC buscava, pela arte, e especificamente, por sua poesia, encontrar uma válvula de escape para os seus infortúnios terrenos.

No universo poético cardosiano, desse modo, a noite é eleita como o ambiente primordial. O caos perpassa poemas como “Caminho inútil” (P, p. 15), onde a noite é apontada como um elemento sinistro (“Cinzas tornaram a tarde sinistra/ e se estenderam ao longo da noite.” — v. 13-4) e a morte aparece como algo aterrorizante (“os mortos vieram novamente/ à flor da terra” — v. 11-2) e também como memória, talvez uma saudade do que se foi, como é evidenciado nos versos 25 e 26: “Pois desde agora estou sentindo/ A saudade muda das coisas que se foram.”

A luz, elemento precursor das sombras, evidencia no poema “Momento” (P, p. 18), em 22 versos divididos em quatro estrofes, também pertencente ao livro P, como a noite aparece de forma circunstancial: “e rolam nas espumas brancas que a noite obscurece devagar” (v. 22). A estagnação da vida no ato da criação é apresentada neste poema, onde morrer é exaurir-se da inspiração, criar de tal modo vigoroso e intenso que ao eu só resta a morte, só a arte subsiste: “Desperta em mim a vontade de criar,/ dar vida a alguma coisa, morrer” (v. 7-8). E nos versos 13 e 14 o eu declara que morre nele este desejo de realizar a criação, por não ter conseguido: “O arrepio que sobe morre num sorriso/ Insatisfeito de amargura e de cansaço.”

Em “Brinde” (NP, p. 39), poema composto de 22 versos em duas estrofes, a noite é exaltada pelo eu (“é que já saúdo a noite que desponta” — v. 10), numa alusão à necessidade deste eu de encontrar-se neste espaço onde se sente melhor, o lugar eleito por ele. O verso 21 alude a um “pacto de morte”, que ocorre sob o signo da noite, da escuridão e das trevas, marcado sempre por uma intensa

nostalgia, pelo frio, pela solidão, pela insônia e pelo delírio, cada vez mais próximo da loucura, bem como pela possibilidade das forças primitivas se libertarem rumo a uma vivência mais plena e verdadeira.

Solidão, frio e morte também estão presentes em “Corsário” (*NP*, p. 41), poema formado por uma estrofe de 32 versos. O título evoca a figura dos aventureiros que pilhavam cargas alheias nos mares. O poema começa com o vocábulo *trágico* e desenvolve suas imagens num universo repleto de “ventos”, “velas”, “mastros”, “tormentas”, da “voz dos marinheiros”, de “âncoras pesadas”, onde “rochedos emergem sobre o mar” e “chuvas se formam”, e a mão de Deus “esculpe o metal dos astros”.

Neste poema, o “terror vagueia” e há um corpo que tomba “úmido de sangue”. É a deusa sanguinária da “vingança”, exercendo seu papel e selando o destino do eu. Isso ocorre quando o príncipe mencionado no poema é uma “alma da solidão sem limites” (v. 25), “velando a fria morte sem luar” (v. 26).

O “sangue”, o “luar” e a “morte” comparecem nesse poema, que evoca textos românticos de clima aventureiro. No entanto, como costuma ocorrer na poesia de LC, qualquer alegria desaparece perante a presença da tristeza do existir: “E assim viveste, ó príncipe,/ alma da solidão sem limites,/ velando a fria morte sem luar.” (v. 24-6).

Enquanto em “Corsário” o príncipe volta o olhar para o céu, em “A floresta” (*NP*, p. 56), composto por uma estrofe de 14 versos, é a loucura que “surge sobre as árvores,/ fitando o céu com olhar cinzento”. O eu do poema é caracterizado como um vivente em estado de estagnação criativa e que chega ao “caos”, que é reconhecido como sendo “verde e úmido”. Mas não é um ambiente caótico, como se poderia pensar, ele é, sim, metafísico.²²⁸ Vale a pena transcrever aqui este poema:

²²⁸ Ao analisar o questionamento metafísico na narrativa cardosiana, Rosa e Silva diz que esta “funda-se na concepção de pecado, oscilando entre o pecado da carne e a falta de esperança. Na visão de Lúcio Cardoso, a perda da esperança formaliza um desafio ao próprio Deus.” (Enaura Quixabeira Rosa e Silva. *Op. cit.*, 1999, p. 112.). Isso mais uma vez comprova que a obra literária de LC, como um todo, apresenta um caráter homogêneo.

A FLORESTA

Chegou o tempo em que as palavras
já não exprimem a idéia,
nem o pensamento condiciona a emoção.
O caos é verde e úmido
como a floresta após a tempestade.
As feras passeiam sobre a névoa,
enquanto a lua sobe solitária,
as abelhas zumbem nas corolas frias
e a memória se extingue.
Um inseto de ouro gira na sombra
e zumbe — enquanto as rosas, vítreas,
suspiram pela morte.
Solene, a loucura surge sob as árvores,
fitando o céu com olhar cinzento.

Como se pode perceber, a lua sobe ao firmamento, trazendo para o poema uma atmosfera romântica e simbolista, principalmente quando as rosas, caracterizadas como sendo de vidro, “suspiram pela morte” (v. 12), fato característico do estilo praticado pelos escritores românticos do século XIX.

Nesse universo, a loucura ganha espaço e as forças primitivas da natureza vem à tona e buscam fitar o céu, “local da liberdade”. Para cada ser vivente neste espaço bestial, é estabelecido um tipo de loucura, de apelo primordial pela vida e pelo poder de contemplar a realidade sem se preocupar com ela: “feras passeiam”, “lua sobe”, “abelhas zumbem”, “memória se extingue”, “inseto de ouro gira na sombra e zumbe”.

Apenas as rosas, que, como o poema sugere, foram ceifadas da planta mãe, desejam a morte — além do “poeta”, que, como sugerem os versos de 1 a 3, não tem mais palavras para exprimir suas idéias, sua emoção. Um e outras, poeta e rosas, estão em estado de letargia e, no entanto, cercados de beleza, mesmo estando a loucura junto deles, sob as árvores. Como se percebe, a poesia de LC reside neste espaço opressivo, de onde se tenta sair, mas onde sempre se está aprisionado.

Em *P*, poemas como “A vida impossível” (p. 53), composto de 36 versos divididos em três partes de uma estrofe cada (“Se dentro de nós pudéssemos calar o furioso desejo de partida,/ como não sentiríamos mais forte o estranho domínio das noites — v. 18-9”), e “A voz de Lázaro” (p. 68) (“[...] a noite é imensa

e eu sinto a vastidão que se dilata/ e tenho medo de me perder, como o santo a quem o desespero envolve nas trevas da danação.” — v. 29-30) apresentam elementos onde predomina um clima de opressão e de dominação, além de ser ainda, em “O anjo da noite”, o ambiente de seres que fundem, num só espaço, a vida eterna (“anjos”, “brancos veleiros solitários”) e a morte (“da noite”, “cadáveres coroados de espumas”).

Ao intitular o poema “A vida impossível” (*P*, p. 53), o autor sugere a relação imediata com a morte. E o primeiro verso (“Pudesse o teu amor extinguir o hálito constante da morte”) aponta justamente para o desejo de que o amor possa vencer a morte.

Ao final da segunda parte do poema, a morte continua dominando:

Se dentro de nós pudéssemos calar o furioso desejo da partida,
como não sentiríamos mais forte o estranho domínio das noites,
como não atenderíamos mais rápidos ao pérfido afago das violetas,
à voz madura dos frutos, ao sol, ao puro movimento —
se pudéssemos, ó amor, aceitar o esquecimento dos amantes,
a morte dos vencidos. — v. 18-23.

Nestes versos, ela surge novamente, qualificada como “dos vencidos”, ou seja, a dos derrotados na luta da vida. O desejo do eu é sempre encontrar a força primordial, na máscara primitiva, como se pode notar nos versos 35 e 36: “viajarei para encontrar a máscara primitiva, a força inicial,/ a fonte sombria que dorme como um coração na floresta inanimada das coisas.”

A busca de Deus está presente no poema “A voz de Lázaro” (*P*, p. 68). O eu quer ouvir a voz de Deus: “És tu, Senhor? És tu que sopras o meu nome de tão longe?” (v. 2); e se apresenta a Deus, demonstrando a solidão em que vive: “Eis-me Senhor, como no dia em que nasci,/ longe do amigo e da mulher que traem o meu ciúme,/ longe da casa onde na sala arde a lâmpada para a ceia familiar.” (v. 8-10).

Tudo o que o prende à vida está distante dele: “longe os muros em que a alma é prisioneira” (v. 14). Como Lázaro, o eu quer ser levantado do túmulo e metaforicamente se autoflagela: “contempla a minha carne marcada pelos vergões de todas as correntes com que me aprisionei em vida.” (v. 16). E o eu sente Deus

pelo pensamento voltado para a sua infância (“Sinto porque do fundo esquecimento renasceu em mim a aurora da infância abandonada” — v. 18) e pede: “Dá-me, Senhor, a fé selvagem que cobre de espinhos o esqueleto das árvores vencidas” (v. 27) por medo de se perder, envolvido “nas trevas da danação” (v. 30).

A figura de Lázaro era muito presente na vida de LC, a tal ponto que não se limitou a tratar do personagem bíblico neste poema. Pintou, após a hemiplegia, um quadro intitulado: “Ressurreição de Lázaro”. A crítica Enaura Quixabeira Rosa e Silva notou, neste trabalho pictórico de LC, um diálogo com a epígrafe da *Crônica da casa assassinada*:²²⁹

[...] as cores são escuras, as figuras indistintas, a percepção não se faz rapidamente. Todavia, o branco derrama-se sobre a tela, conferindo-lhe uma luminosidade fulgurante. É Lázaro que ressuscita, é o homem que intermedeia a manifestação da glória de Deus. É o homem vindo das profundezas da decomposição, transfigurado pela revelação de sua própria divindade. Walmir Ayala já afirmara que Lúcio Cardoso vinha de uma estirpe de fundador de cidade. Entretanto, trazia uma alma de Lázaro. Por isso, fez-se transfigurador de um mundo de que só ele teve a visão e do qual só ele tinha direito a construir sua versão.²³⁰

O poema em que o tema da morte é mais evidente talvez seja “A um morto” (P, p. 56), formado por 25 versos divididos em duas estrofes, texto em que é possível vislumbrar um diálogo com a vida de Jesus. O primeiro verso começa exatamente lembrando de um “homem morto”, que sofre uma queda (“tombado no caos da origem”, v. 10). A conexão com a religião, só que de maneira mais evidente, aparece em “A voz de Lázaro” (P, p. 68), pertencente ao mesmo livro. O termo *Senhor* (v. 2) aparece em letras maiúsculas e Lázaro, o judeu aristocrata, irmão de Marta e Maria, que faleceu e foi ressuscitado por Jesus, ganha voz.

A morte, em “Espectro” (P, p. 59), poema composto por 21 versos em quatro estrofes, é apresentada na forma de “sepulcros onde o tempo consome como uma lâmpada que arde na noite solitária” (v. 16). O espírito, o espectro de

²²⁹ Eis a epígrafe: “Jesus disse: tirai a pedra. Disse-lhe Marta, irmã do defunto: Senhor, ele já cheira mal, porque já aí está há quatro dias. Disse-lhe Jesus: não te disse eu que, se tu creres, verás a glória de Deus? (São João, XI, 39, 40.)”. *Apud* Lúcio Cardoso. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. V.

²³⁰ Enaura Quixabeira Rosa e Silva. “Do desespero à salvação”. *O Jornal*, Maceió, 22 set. 1998, Caderno Dois, p. 1.

Deus é visto como algo que “rola sobre a terra e passa como uma nuvem de tormenta a caminho dos sombrios redutos da Eternidade” (v. 21).

Como disse o crítico Sérgio Buarque de Holanda, LC

elaborou uma encenação cuidadosamente lúgubre para sua coleção de delírios. Tudo está envolto nas trevas ou na luz hesitante de lamparinas e candeeiros. Tudo se passa à noite, nas horas em que esmorecem o trabalho e a agitação exterior dos homens, em que os sentimentos mais torvos, as idéias mais soturnas podem expandir-se livremente. O autor sabe tirar um partido extraordinário desses artifícios e embora seu ‘processo’ seja, às vezes, bem visível, a verdade é que não chega a perturbar a pura emoção que a obra quer infundir.²³¹

Em *NP*, em meio ao clima de opressão instaurado, aparece também o clima de mistério, como no poema “Ode” (p. 37), formado por 18 versos divididos em duas estrofes. A Noite, escrita em letra maiúscula e, portanto, personificada, bem ao gosto do simbolismo, é exaltada logo no primeiro verso em forma de vocativo, como um universo marcado pelo mistério, pelos espectros e pelo silêncio das águas (“Quem mergulha a tua alma no silêncio, ó Noite” — v. 1). E é ela que torna penosa a vida do eu (“não terás trazido da distância, ó Noite impiedosa,/ esse frêmito de morte que às árvores enlaça” — v. 15-6).

Pode-se notar, ainda, o tom do sofrimento do eu em poemas como “O quarto enfeitiçado” (*NP*, p. 61), composto por 27 versos divididos em duas estrofes, em que a noite surge como o ambiente onde o eu habita, onde ele se sente bem e de onde ele quer fugir, o que gera conflito.

O se sentir bem/querer fugir no/do espaço em que o eu habita é um verdadeiro uróboro (a mítica imagem da serpente mordendo a própria cauda), que simboliza um ciclo evolutivo encerrado nele mesmo. Apreende-se daí que nada mudará, sobre o eu continuará preponderando o moto-contínuo no ambiente noturno.

Rosa e Silva, ao analisar a totalidade da produção literária de LC, constatou “uma relação de semelhança entre seus escritos — quer sejam ficcionais quer sejam autobiográficos — que conduz ao raciocínio de que toda a obra cardosiana

²³¹ Sérgio Buarque de Holanda. *O espírito e a letra – estudos de crítica literária I – 1920-1947*. Org., intr. e notas de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 325-6.

está alicerçada em um fio condutor, permitindo identificar um projeto estético literário único, cujas conexões são passíveis de serem analisadas”.²³² LC, ele mesmo, era conhecedor deste eterno repetir-se e se questiona em seu diário: “Mas não é de repetições que se compõe a verdade de cada um, como as notas destacadas, incisivas, da mesma extensa e amargurada melodia?” (DC, p. 148).

Isso nos remete a “O quarto enfeitado” (NP, p. 61), poema marcado pela presença da febre e de uma “descida ao vale em que o sono perdura” (v. 3). A cortina esvoaçante e o sono aproximam o poema do simbolismo, ainda mais quando se fala em “nuvem” e em “silêncio”, tudo isso acompanhado de reticências e pontos de exclamação. O “cemitério da memória” está relacionado ao abismo, a minutos vazios e a aço que sangra, elementos amplamente simbólicos quando se pensa em seu sentido evocativo de todo um campo semântico, repleto de interrogações sobre o porquê da existência, da vida e da morte.

No versos 15 e 16 (“Cale-se a voz do desespero, pois a noite/ criou junto a mim o seu imundo sortilégio.”), a noite trama contra o eu do poema, apontando seu destino pouco venturoso. O mar é representado por “um grande peixe”, por “brumas geladas” e por uma estrela que brilha sobre a água, “no declive dos mares”. A cidade, por sua vez, é apresentada como um local pouco agradável para se viver: “Não será a ameaça desta rubra madrugada/ rolando sobre os negros tetos da cidade?” — v. 23.

A morte comparece na forma de um anjo do remorso, que conduz as mãos dos poetas, “marcadas para o crime!” (v. 14). Como o próprio título do poema sugere, o eu está enclausurado em um quarto “enfeitado”,²³³ e chama para ficarem com ele, todos os seres que não conseguiram o seu espaço (“A mim, os flagelados. A mim, os parricidas,/ A mim, os poetas a quem o anjo do remorso/

²³² Enaura Quixabeira Rosa e Silva. *Op. cit.*, 1999, p. 21.

²³³ Esta situação foi mais de uma vez utilizada por LC. Em 1954, ele publica a novela *O enfeitado*, que apresenta a personagem Inácio envelhecido e envolvido com a bebida, o que o fortalece para realizar seus desejos proibidos. Apesar de enfeitado, ele é consciente de seu enfeitamento, demonstrando, na verdade, não se sentir aprisionado. LC, antes, escreveu *A luz no subsolo* (1936), romance que desde o título, segundo Rosa e Silva, “reporta-se à idéia do enclausuramento das consciências, de seres que, premidos no ‘subsolo’, tentam evadir-se, romper esse mundo tenebroso, superar a condição de criaturas perdidas pelo medo de si mesmas.” (Enaura Quixabeira Rosa e Silva. *Op. cit.*, 1999, p. 31.). Em *Crônica da casa assassinada*, a personagem Demétrio vive enclausurada em seu quarto, e de lá só sai para o velório de Nina, na sala. Ele, como outros personagens deste romance, permanecem enclausurados na Chácara dos Meneses.

conduz as mãos marcadas para o crime!” — v. 12-4). O eu se sente solitário neste espaço restrito e tenta reverter a situação, mas percebe que as lembranças continuam a prendê-lo (“Não! Pálido, sinto agitar-se neste quarto,/ subindo como uma onda fria dos lençóis,/ a imagem deste passado que retorna/ e acusa pela voz dos seres que eu amei.” — v. 24-7).

A morte conduz a vida de LC, que cria, na maioria dos seus textos, ambientes claustrofóbicos, em que a noite e o escuro predominam, como acontece no poema “A loucura” (*NP*, p. 18), formado por 14 versos divididos em duas estrofes, sendo que o verso final menciona “o silêncio num cadáver” (v. 14), indiciando a idéia de sofrimento.

A loucura em questão estaria, assim, dentro de cada um, pronta a explodir. O sangue e o tumulto que a loucura comporta seriam prisioneiros das convenções da sociedade, aniquilando o espírito primitivo e o desejo de revolta. A grande questão está nas lembranças que restam àqueles que se aproximam da morte, permanecendo, nesse processo de reflexão sobre o passado, uma lágrima arrebatada à morte pela esperança, como se percebe nos versos 5 a 8 do soneto “Num jardim” (*NP*, p. 66): “Quando a hora vier em que o solene adeus/ velar na sombra a visão daquilo que foi meu,/ que outra voz repetirá estes gritos terríveis/ com que maldisse o esplendor da minha vida?”

Essa angústia também está presente no poema “Olhos” (*NP*, p. 68), composto de 18 versos em três estrofes, em que a chegada da morte é anunciada por “um vento frio e azul” (v. 16), “terrivelmente azul” (v. 17). A descrição dos órgãos da visão é feita com detalhamento, com muitas cores (cinza, violeta, ouro de luz, chamas e o mencionado azul) e por metáforas iniciadas por anáforas:

Eram dois olhos enormes, de glaucos reflexos,
Dois muros de cinza sob um céu de tormenta. — v. 1-2.

.....
Eram dois olhos que ressuscitavam lendas
Dois rios de luz que cantavam sorrindo. — v. 6-7.

.....
Eram dois mundos em que a música nascia
Eram o ar estranho de um sonho. — v. 13-4.

Ocorre um diálogo semelhante entre os olhos e a morte no poema “Febre” (*NP*, p. 72), com 18 versos em uma estrofe: “São olhos que longos se entreabrem/ na fria morte do estranho gabinete.” (v. 11 e 12), onde “mistério”, “tormenta”, “aves [...] escuras e solenes” se mesclam em um poema que, já a partir do título, alude ao delírio e a uma vida repleta de momentos “rápidos vibrantes” (v. 15): “[...] se incrustam como vagas/ ao mistério crescente do remorso. — v. 17-8.

Ao longo de ambos os livros, perpassa um clima de mistério. Em poemas como “A um morto” (*P*, p. 56), a noite se apresenta de forma circunstancial, e instaura uma atmosfera lúgubre a partir das lembranças de uma pessoa falecida: “[...] uma véspera de Natal, quando por sobre as árvores a noite parece se desfazer numa onda de perfumes” (v. 21).

No poema “Espectro” (p. 59), também em *P*, o mistério aparece como elemento principal da vida do eu, que clama a ele: “ó noite, ó solidão, ó elemento eternamente líquido onde flutuam as raízes da minha consciência” (v. 2).

Como se pode perceber, no poema “A morte submissa” (*P*, p. 71), formado por 49 versos, divididos em três partes e cinco estrofes, a noite ora aparece como protetora do eu (“só as corolas abandonadas às forças agasalhadas pela noite” — v. 5), ora como algo que envolve as coisas em sua teia de mistério (“[...] o sopro da névoa que da noite baixa à rosa assassinada” — v. 12), e ainda como elemento amplificador da solidão: “[...] como a árvore que na solidão a noite faz maior.” (v. 44).

O poema enfoca o tema da morte de forma direta e começa justamente com um vocativo (“Ó Morte”, v. 1), que se repete na segunda parte do poema (“Ó Musa dos olhos sem luz [...]”, v. 17), onde a morte é substituída pela “Musa”. Na primeira parte, no verso 14, a Morte é chamada de: “grande deusa que no silêncio das antigas catacumbas levanta do pó o seu manto esfarrapado”, passando a ser caracterizada, na segunda parte, como uma “Musa dos olhos sem luz” (v. 17). Areias são qualificadas de “mortas” (v. 18) e “os mortos se amontoam, uns sobre os outros, milhares de formas que se esboroam no silêncio” (v. 27), versos que remetem às imagens do inferno do pintor Giotto e ao inferno do poeta Dante

Alighieri.²³⁴ O eu do poema se identifica com a morte, como se percebe no verso 30: “Quem sou eu, pois, senão a Morte mesma, vivendo a vida que os outros desconhecem”.

Na terceira parte do poema, a morte é chamada “Magnífica”, sendo tratada com respeito, sendo “o sinal da derradeira submissão” (v. 45) do eu ao poder de Deus, ou seja: ela é vista como parte da vida e, portanto, algo inevitável, do que não adianta fugir.

O mistério é preponderante nesse poema (“A morte submissa”) bem como em “Poema escrito na penumbra” (*P*, p. 62), composto de 22 versos, em uma única estrofe, que instauram, a partir do título, um clima de soturnidade em que todos os elementos estão intrinsecamente relacionados ao campo semântico da noite (“Crepúsculo”, “Sombra”, “Escuridão”). Mais uma vez, o eu transfere para Deus suas dores e lástimas, mas uma outra voz o chama: “Se ouvisse esta voz que me chama e que é como o arrepio daquele que no fundo da carne sente passar o olhar de Deus” (v. 11).

E o poeta se questiona (“o infernal na vida é a beleza das coisas?...” — v. 16), culpa a Deus, interiormente, o que é sugerido pelo uso do verso entre parênteses: “(Um sorriso de Deus as levantou do caos efêmeras e solitárias como coisas em si e nós, descobrindo-as na sombra, erigimo-las em ídolos no fundo do coração)” (v. 17). Busca, assim, a resposta em um Deus que não responde: “É por isso que permaneço sempre, vendo, com o olhar que desse abismo lanço para o alto” (v. 20).

É desse espaço envolto em mistério que o eu quer fugir, como mostra o poema “Memória” (p. 65), no mesmo livro: “[...] acreditei que sobre a minha noite um novo sol raiasse” (v. 14), mas o eu se desvencilha deste espaço para terminar no mesmo lugar; o que confirma a minha observação anterior sobre a presença do uroboro na poesia de LC: “[...] pois o que fui, sinto brotar neste minuto do meu

²³⁴ Assim fala LC do inferno e do seu inferno, em particular: “O nosso inferno, o inferno particular de cada um, é a obrigação de suportar aquilo que mais profundamente nos fere e do qual procuramos fugir com insistência. O meu inferno, por exemplo, seria uma câmara gelada, onde perdesse de vista o resto da humanidade”. *DC*, p. 160.

sangue, como pássaros que nascem e fogem deslumbrados em plena noite...” (v. 24).

Em “A mulher adormecida” (*P*, p. 87), surge o “mortal arrepio que o vento arranca do seio cansado das vagas...” (v. 21) e o questionamento sobre se o “beijo fará afluir o sangue às suas formas modeladas de morte?” (v. 32). A mulher que intitula o poema é uma “esposa coroada de rosas como um cadáver na câmara nupcial” (v. 34). Nesse universo em que a morte está presente, pulsa o coração da poesia, como se pode perceber nos versos 39 e 40: “[...] ó estranha poesia da imobilidade, deusa egoísta no silêncio puro das coisas eternas”.

Assim, a poesia surge como uma alternativa para enfrentar a morte. Como bem aponta a crítica Maria Teresinha Martins, em LC “só a ação criadora poderá detonar essas camadas inconscientes que agitam o fundo da alma do escritor”.²³⁵ Essas camadas inconscientes estão intrinsecamente relacionadas com a busca do escritor por uma organização em sua conturbada vida, uma catarse como forma de romper as barreiras de seu infortúnio terreno.

Há ainda dois outros poemas em *P* que nos remetem aos mistérios da noite. São eles: “Paisagem” (p. 83), constituído por 14 versos em quatro estrofes; “Adeus” (p. 85), de 24 versos divididos em três estrofes; e “Estrela” (p. 91), formado por 28 versos divididos em quatro estrofes. A noite, nestes poemas, parece ser detentora de mistérios: “Ó profundez, mistério da noite e do desespero...” (“Paisagem” — v. 14). Em “Adeus”, o mesmo se dá: “treme, oscila, desaparece como uma lágrima na face secreta da noite.” (v. 24). Já em “Estrela”, a noite é mostrada como sendo imensa e medonha: “E dentro da noite voluptuosa que agoniza” (v. 13). Ou seja: é o ambiente em que o eu se sente melhor, mas ao mesmo tempo é o local da opressão em que ele busca uma resposta; onde as emoções se tornam “defuntas” (v. 7), reencarnando e se desfazendo como uma miragem que “retorna ao nada” (v. 8) e sob este clima de incerteza, o eu projeta seu destino para o corpo celestial: “sinto cristalizar-se na tua alma de luz/ o meu destino — ó grande, imaterial estrela” (v. 26-7).

²³⁵ Maria Teresinha Martins. *Op. cit.*, p. 25.

Curiosamente, LC encerra o livro *P* com o sugestivo poema, “A porta” (p. 96), onde a morte é considerada, metaforicamente, um grande anjo, em cujas mãos se encontra o destino do eu: “Vai! Sacode a poeira das tuas asas dormentes,/ sobe à noite límpida que te aguarda,/ aos lívidos céus, à verde imensidão...” (v. 30-2).

O eterno repetir-se, na obra poética de LC, instaura um caráter opressivo, em que a noite e elementos do ambiente noturno envolvem o eu, conferindo a seus dois primeiros livros a idéia de que se trata de um único longo poema, desdobrado em vários movimentos. Este, parece-me, foi o modo que o escritor encontrou para transcender um mundo que considera leviano e ir ao encontro de Deus, a “Luz”. Isto só pode ser conquistado, como evidenciam alguns poemas, por meio da morte. Só ela libertará o eu das suas dores, angústias, emparedamento. No entanto, a morte aparece também ao longo de *P*, associada ao escuro, à tristeza de existir e ao tédio. Surge mesmo com proporções dantescas, como um ente pronto a devorar um eu inepto a viver no cotidiano e que busca na poesia uma tábua de salvação, como se a palavra pudesse ser o caminho a resgatá-lo da agonia em que vive. O autor tem uma visão paradoxal da morte.

Em *NP*, encontrei as mesmas representações da noite. Em “A barca” (p. 34), por exemplo, a noite é vista como uma entidade repleta de surpresas, e nela a barca que intitula o poema é o objeto do desejo do eu. No poema “Margens” (p. 70), ela aparece como a chegada de um espírito que pertence ao campo semântico da morte e da ausência de luz (“Mas ai, sinto a luz fugir do que amei/ e lento vir a mim o espírito da noite.” — v. 15-6). A noite aparece, ainda que apenas por uma vez, como metáfora de pessoa, em “A chama noturna” (p. 21), em *P*: “[...] a noite freme ao contato dos meus dedos” (v. 9).

Como evidência de soturnidade, no livro *P*, posso citar o poema “Cantiga” (p. 20): “Sou as tardes que passavam como os rios/ e que seguiram rolando pela noite povoada de gemidos.” — v. 2-3. Neste poema, também há a presença da morte, apresentada em seu sentido real, ou seja, o deixar de existir: “Carregavam uma criança que acabara de morrer” (v. 10). Já em “A chama noturna” (*P*, p. 21), ao eu foi dado o poder de predizer o ambiente que o cerceia: o desejo

representado pelas “rosas ardentes” (v. 10) está deixando de existir (“eu sinto, eu sei, eu juro que as rosas estão morrendo” — v. 11). Mas é o próprio eu que as está matando com sua solidão e seu sofrimento: “e vejo — ó pétalas mortas pelo desespero” (v. 17).

No poema “Rosa vermelha” (*P*, p. 48), a noite não comparece, mas o ambiente está envolvido na penumbra, que é mencionada duas vezes, reiterando a lugubridade da visão poética do eu (“No teu esplêndido jazigo de cristal, agonizas, ó rosa/ adormecida na penumbra azul da velha sala.” — v. 1-2), estado em que a flor permanecerá até se extinguir, como evidenciam os versos finais deste poema: “ostenta na cumplicidade da penumbra/ a majestade triste da sua carne extinta.” (v. 11-2).

Em *NP*, como já mencionei, a *noite*, como termo explícito, não é elemento preponderante. Há, sim, indícios da sua presença e do campo semântico correlato. O clima soturno, porém, está presente em vários poemas, como em “Auto-retrato” (p. 5), “A uma estrela” (p. 7), “Poema” (p. 9), “Sinos” (p. 11), “Soneto” (p. 12), “O apelo da noite” (p. 20), “Algas” (p. 43) e “Tema” (p. 57).

No poema “Auto-retrato” (p. 5), por exemplo, a noite não comparece explicitamente. Sua presença se dá em termos como *negro*, *sombras* e *trevas*. Este poema é composto de uma estrofe de 13 versos longos, sendo que o menor deles tem treze sílabas. O título remete à pintura, onde o termo é mais comumente utilizado. O eu metaforiza a pintura de seu retrato pela escrita.

O poema poderia até ser a continuação do que fecha o livro *P*, “A porta”, onde o eu pedia ao anjo que o levasse para junto de si. “Auto-retrato” é constituído de conflitos interiores (“Os olhos, alvo onde se fundem os elementos de discórdia” — v. 4), da imagem do desejo de prazer (“os lábios que se abrem ávidos para os turvos vinhos da terra.” — v. 8), e da solidão (“a memória maldita dos beijos sem resposta” — v. 9), característicos na poesia de LC e constituintes deste retrato.

O eu somente se entremostra no título do poema, pelo fato de referir-se a um auto-retrato. O poema, em seu teor geral, é descritivo, como se o poeta contemplasse um retrato e o traduzisse em palavras. Não se descreve, porém, a aparência material, ou superficial. O rosto do eu vai se compondo sem contornos,

seccionado em quatro partes (“fronte”, “olhos”, “narinas”, “lábios”) ao longo do poema para, ao final, ser transformado em sombras, emprestando-se-lhe “um ar alucinado” (v. 11), que desemboca em algo surpreendente: o eu deseja “arrancar das trevas o anjo adormecido” (v. 13). Tenta, desse modo, fugir da sua condição de sofrimento. É como se este anjo estivesse em um espaço que não lhe pertencesse (“nas trevas”) — ou seja: o anjo fora enviado pelo eu aos espaços ínferos, de onde não consegue ser arrancado. O anjo permanece adormecido, mantendo acesos no eu o sofrimento, a solidão e a angústia, já que os “beijos” não têm resposta e as “trevas” continuam a existir.

O termo *centelha*, no verso 3, conota a idéia do processo de criação presente em mitos como o de Prometeu, visto assim como *nûs* (inteligência, em grego), ou seja, o sopro da criação que leva o artista a criar. No mesmo verso, o eu explicita o vínculo forte com a poesia (“[...] e o mistério sempre renovado da **música** que nasce” — v. 3), demonstrando seu desejo de criar música, vale dizer, arte [grifo meu]. Os “mares abertos” (v. 5) e os “lábios que se abrem” (v. 8) indiciam a possibilidade de um encontro com o anjo escondido nas “trevas”. O anjo, porém, permanece “adormecido” (v. 13).

“Auto-retrato” pode ser visto como uma declaração do fazer poético do eu. Termos como *mar*, *música*, *cores* e *anjos*, que aparecem ao longo do poema, são uma constante. É significativo o fato de *NP* ser aberto por este poema que pode ainda ser visto como uma passagem para os outros poemas que compõem o livro. Melhor dizendo, LC constrói primeiro o seu retrato, para ser compreendido a partir dele.

No poema seguinte, “A uma estrela” (*NP*, p. 7), formado por 15 versos divididos em duas estrofes, o eu afirma: “meu domínio é o do sonho” (v. 7). A estrela em questão é Vésper (“E só tu, Vésper [...]”, v. 13), a estrela da tarde, vinculada ao planeta Vênus e ao Ocidente — portanto, ao fim das coisas, opondo-se ao Oriente, que é o local onde o sol nasce e a vida surge. De fato, na poesia de LC como um todo, as trevas, a escuridão e a noite predominam e, na maioria dos casos, estes elementos indiciam a presença ou a sugestão da morte.

O título dedicatório remete a algo com que se pode travar um diálogo pela imaginação. O eu solitário estabelece a comunicação por meio de anáforas nos versos 4 a 6 (“Só tu saberás o segredo da minha predestinação./ Só tu saberás a extensão de tantas caminhadas,/ só tu conhecerás a casa humilde em que morei.”), que enfatizam a importância da estrela como referencial. Envolvido pela solidão (“Quem saberia romper o sortilégio que me cerca” — v. 7) e pela culpa (“Mas não reflitas nunca o gesto que condena” — v. 9), só resta ao eu pedir à estrela que aplaque sua dor (“só tu poderás depositar nesta carne crispada,/ o beijo que nas trevas dá ao sono a serenidade do repouso” — v. 14-5), através da morte — ou seja, do desejo insatisfeito, torturado.

Como em “Auto-retrato”, em “A uma estrela” há idéias de dilaceramento interior (“luz do desespero”), além de conflito com o meio (“Ai, este país é o da eterna aridez”). Acrescente-se que a referência a uma estrela evoca a poesia de Manuel Bandeira, principalmente em seus livros que têm o vocábulo estrela como título: *Estrela da manhã* (1936), *Estrela da tarde* (1959) e *Estrela da vida inteira* (1966). A própria estrela merece reflexão como uma presença constante na poesia romântica, indiciando solidão e brilho, desespero e visibilidade luminosa, numa ambigüidade bastante presente na poesia cardosiana.

A noite não é explícita em “A uma estrela” (NP, p. 7). Há, sim, elementos do noturno, como “tormenta” que “obscurece” o céu e “o beijo” que se encontra “nas trevas” e dá “ao sono a serenidade do repouso”. A presença das trevas indica inclusive a proximidade entre o sono e o repouso, lembrando que o primeiro, na mitologia, é irmão da morte. Significativamente, esses dois termos (*sonho* e *morte*) são emblemáticos na poesia de LC.

Em “Poema” (NP, p. 9), comparecem os astros, vistos agora não como confidentes, mas como “efêmeros e malditos” — v. 23. O poema pode ser visto então como um exemplo de como a noite assume, para o eu, feições aterrorizantes. Em 23 versos divididos em duas estrofes, este poema apresenta ambigüidade ao mencionar o vocábulo *Egito*. Ao mesmo tempo, evoca o país

africano — local místico e sagrado por excelência, graças às suas pirâmides e cultura milenar — e sugere um ser andrógino.²³⁶

Nos versos finais, o eu reforça o clima de mistério e de ambigüidade que envolve todo o poema: “Egito! Mistério do céu infinito/ desdobrado sobre mim como negro sudário — / que força me revelará o teu verdadeiro nome,/ Esmeralda, Safira, constelação de astros efêmeros e malditos!” (v. 20-3).

A imagem da noite é saliente, aparecendo nos versos 7 (“[...] a noite nos envolvia na sua ânsia mortal”) e 18 (“Ah, de que terrível noite nasceste, ó desejo”). No primeiro, é mencionada como uma “ânsia mortal”; no segundo, como “terrível”. Em ambos os casos, portanto, apresenta uma face assustadora, reforçada pela imagem do “negro sudário” (v. 21).

Na Antiguidade, sudário era o véu com que se cobria a cabeça dos mortos, e ainda uma espécie de lençol para envolver os cadáveres. O Santo Sudário é a tela que representa o rosto de Cristo ensangüentado. No poema, o eu deseja desvendar o mistério que envolve aquele ser “andrógino”, a musa inspiradora.

Como se pode perceber, pelos versos acima citados, um sudário é desdobrado sobre o eu, mas o sudário do poema é qualificado como sendo “negro”, o que demonstra que, além de velar os olhos do eu, ele os cega completamente, mantendo o mistério.

O poema “Sinos” (NP, p. 11) é composto de doze versos, divididos em três estrofes. Seus versos indiciam grande desespero, ao iniciarem uma estrofe marcada por interrogações seqüenciais, com versos que começam pelo pronome interrogativo *que*: “que outras palavras, que outros soluços,/ que outras tardes, meu Deus, que outras tardes mais frias,/ que tons mais pungentes na gelada distância?” (v. 2-4).

²³⁶ Rosa e Silva, ao analisar uma tela de LC, intitulada “Auto-retrato”, faz a seguinte observação: “um rosto adolescente contrasta com um fundo de vermelho intenso. Um rosto andrógino que faz pensar na bela e enigmática Nina ou no belo e inocente Alberto. Os lábios estreitos, bem marcados, abusando da pintura, lembram a maquiagem desmedida de Timóteo. Os olhos, todavia, reproduzem os olhos quase infantis de Nina. O masculino e o feminino permeiam, como em um mesmo desafio, os dois códigos artísticos — literatura e pintura —, mesclando-se para dar unidade a um ser dividido que durante toda a vida buscara ser um e ser muitos no difícil e doloroso processo de criação. (Enaura Quixabeira Rosa e Silva. *Op. cit.*, 1999, p. 44-5.). Além da androginia apontada por Rosa e Silva, a tela dialoga com o primeiro poema do livro NP, que tem título homônimo. V. Apêndice 2 (Figura), p. 176.

A “sombra”, no verso 8, e “meia-noite”, no verso 10, indicam a presença do escuro, embora o poema termine com a “luz vermelha” das medusas, numa imagem repleta de uma plasticidade bastante comum nos versos de LC, um artista da palavra, mas com uma produção também significativa nas artes visuais.²³⁷

Num recorte de jornal que foi guardado pelo autor e se encontra no ALC, AMLB, FCRB, encontrei o mesmo poema, publicado com título homônimo, dedicado a Eudes Barros, mas com alterações (em vermelho) no poema, como se verifica a seguir:

SINOS²³⁸

A Eudes Barros

...mas que poderão dizer estes sinos
que outras palavras, que outros soluços,
que outras tardes, meu Deus, que outras tardes mais frias,
que **outros** tons mais pungentes na gelada distância?

Que gritos nascerão dos seus lábios de bronze,
que blasfêmias rolarão sobre o abismo vazio das catedrais?...

(Ó inacessível realidade, fumo, cinza,
silêncio dormente das longas naves abandonadas...)

Mas dentro da sombra onde o teu desespero se agita,
nasce a meia-noite dos festivos oceanos
onde passeiam antigos veleiros naufragados,
iluminados pelas tochas vermelhas das medusas...

Para uma melhor apreciação das alterações produzidas por LC, transcrevo também a versão publicada no livro *NP*:

SINOS

...mas que poderão dizer estes sinos,
que outras palavras, que outros soluços,
que outras tardes, meu Deus, que outras tardes mais frias,
que tons mais pungentes na gelada distância?

²³⁷ A preocupação com a imagem era patente na tessitura da obra de LC. Tudo era meticulosamente planejado por ele, como se fora um roteiro para um filme. Como exemplo disso, posso citar o mapa da Chácara dos Menezes, que ele desenhou e introduziu ao início do romance *Crônica da casa assassinada*. A partir do mapa, é possível visualizar os movimentos das personagens pelos espaços da Chácara dos Menezes.

²³⁸ Lúcio Cardoso. “Sinos”. In: ALC, AMLB, FCRB.

Que gritos nascerão dos seus lábios de bronze,
que blasfêmias rolarão sobre o abismo vazio das catedrais?

Mas canta, pobre alma alucinada,
dentro da sombra onde o teu desespero se agita,
canta manhãs, canta as praças ao sol,
canta o adeus dos que partiram para a meia-noite dos festivos oceanos,
os que desfilam agora junto aos veleiros naufragados
avultando à luz vermelha das medusas...

Como se pode perceber, LC suprimiu e acrescentou termos e mudou alguma pontuação em ambos os poemas, alterando radicalmente da primeira (jornal) para a segunda versão (livro). O poema, que antes tinha quatro estrofes, foi reduzido para três. A terceira e quarta estrofes da primeira versão e a terceira estrofe da segunda foram totalmente alteradas. Já as duas primeiras permaneceram quase intocadas, exceto pela supressão do pronome *outros* da primeira estrofe e das reticências após o ponto de interrogação da segunda estrofe da segunda versão.²³⁹

No poema “Soneto” (*NP*, p. 12), “perfume noturno”, no verso 2; “nublada visão de aldeias olhadas na infância”, no verso 3; “linha negra da montanha”, no verso 4; e “sombras mortas desse amor”, no verso 10, explicitam a presença de elementos ligados à noite, àquilo que não é claro, ao escuro e às sombras. No “esplendor dessa vida que não tive”, o eu se encontra e viver, portanto, pode ser tido, neste sentido, como sinônimo de morrer. Ele agoniza no quarto e se une às ervas daninhas, distanciando-se uma vez mais da vida. Um amor perdido é aludido como “sombras mortas” (v. 1), acentuando a tristeza e melancolia de quem perdeu aquilo que o tornava feliz.

Em “O apelo da noite” (*NP*, p. 20), a cidade é qualificada como “monstruosa”, “envenenada pela respiração dos suicidas” (v. 19). Existe, portanto, uma atmosfera de opressão, agonia e desespero a caracterizar a existência do eu.

As noites, no poema “Algas” (*NP*, p. 43), formado por 21 versos divididos em três estrofes, são submersas e podem até ser esplêndidas, mas estão

²³⁹ Há ainda, uma pequena nota publicada ao lado desse poema, sem menção de autoria, que diz: “‘Sinos’ — exprime toda a serena melancolia das naves abandonadas que ecoam os dobres de bronze ao cair das primeiras sombras.”

dominadas pela presença da tragédia, da sombra e da morte “o trágico esplendor das noites submersas” (v. 21).

E, por fim, no poema “Tema” (*NP*, p. 57), com 27 versos em três estrofes, o eu, aprisionado no dia, solicita ao sonho que lhe abra as portas: “Quando o relógio fixar **a hora extrema**,/ abre as portas que vedam teus domínios,/ rompe o selo do castigo e deixa-me partir/ para o país dos jardins alucinados!” (v. 14-7). Não há menção explícita da palavra noite, apenas aludida no primeiro verso no trecho por mim grifado. A morte comparece sob o aspecto de formas que “fenecem” (v. 8) nas cidades que contêm “brancas sepulturas” (v. 12).

Assim como no suposto primeiro poema de LC, o “Poema do ferro e do sangue”, em “Poema heróico” (*NP*, p. 45), composto de por 17 versos em quatro estrofes, o universo da morte mais uma vez comparece e, como naquele poema inaugural, o cenário mostrado é o de um campo de batalha. Vocábulos como *espadas, bandeiras, estandartes e flâmulas* mesclam-se a “tambores”, “mãos ensangüentadas” e “clarins”, numa atmosfera repleta de fumaça. A morte está presente e a “plena eternidade” (v. 17) aparece como esperança de salvação. Os dois poemas têm de similar o uso do adjetivo calcinados(as): “[...] vegetam perdidos/ os ossos obscuros/ calcinados”, em “Poema do ferro e do sangue” e “folhas que tristonhas surgiam calcinadas”, no segundo poema.

Nesses dois poemas, surgem numerosos signos referentes ao universo da guerra, das trevas (“fumaça”) e da morte, vinculados ao termo recorrente *noite* como ambiente do eu, característica da poesia romântica da segunda geração.

Em poemas como “Amanhecer” (*P*, p. 25), formado por 26 versos e três estrofes, a noite é mostrada como sendo “Deus”, a força vital, sua casa: “A noite está dentro de mim” (v. 1). O que é reiterado, enfaticamente, no verso 14: “E a noite está dentro de mim.”

No poema “Os simuladores” (*P*, p. 33), composto de 25 estrofes divididas em três partes e 96 versos, a noite surge como o momento do dia em que a solidão e o silêncio se instalam (“No silêncio da noite as velas se erguiam arquejantes/ e iam se arrastando pesadas como braços abertos.” — v. 1-2) e onde se arrastam os seres que só têm as sombras e o escuro por companheiros: “eles

se debruçavam com o coração flamejando ao vento do remorso/ sobre o escuro da noite e a miséria do próprio destino” — v. 90-1”.

De forte conteúdo mítico, o poema permite diversas analogias, como, por exemplo, com a *Bíblia*. Na primeira parte (v. 1-29), os homens vivem num cotidiano destituído de sentido (“Eram levados para regiões de brancos sofrimentos,/ Onde o gesto é morto e o coração cala como uma rocha fechada.” — v. 7-8). Num segundo momento (v. 30-49), os “simuladores” vêem o quanto o ser humano é frágil diante da vida que se lhes apresenta. O fingimento, a mentira, o ódio e todos os elementos ligados à maldade eram sentimentos de desejo, amor e solidão que tornam tais “simuladores” tristes e melancólicos.

Os “simuladores”, como o próprio nome diz, são aqueles que representam algo que não são. Fingem e vivem numa atmosfera que lhes é falsa e, imersos na ilusão, buscam uma alternativa para suas vidas, uma esperança, uma luz, fato comum em diversas crenças que esperam a chegada de um Salvador, Messias ou Libertador. Enquanto isso não ocorre, sentem-se desesperados, angustiados, e tudo se torna amargo. Anseiam então a vinda de algo que os retire daquela condição de miséria existencial, anunciada no início da terceira parte (v. 50-96): ““Esperai um dia — gritara o profeta — virá das mãos de Deus/ e trará a alegria perfeita”” (v. 50-1).

Mas os “simuladores” imaginavam que esse ser Salvador viria, faria milagres e melhoraria suas vidas: “Mas ora, em vez da estrela encontraram uma criança nua./ E pasmaram.” (v. 63-4). Esse Salvador, como ocorre com Jesus, Prometeu e em diversos mitos da criação, foi mutilado, tendo o coração (símbolo da vida) arrancado e o sexo (índice da reprodução e da multiplicação da vida) destruído (“e antes que o sol surgisse se atiraram sobre o corpo frágil,/ arrancaram-lhe o coração e destruíram-lhe o sexo” — v. 81-2). A natureza e os animais sofrem com isto. Os homens percebem o erro que cometeram e o quão grave fora seu crime e sentem-se culpados e tristes (“eles se debruçavam com o coração flamejando ao vento de remorso/ sobre o escuro da noite e a miséria do próprio destino.” — v. 92-3).

A morte aparece de maneira marcante na segunda estrofe, na qual o “gesto é morto” (v. 8) e “o amor que mente é morte para o homem” (v. 10). Na primeira estrofe da segunda parte deste poema, menciona-se um “rio morto” (v. 34) e, no último verso da terceira parte, o “frio sono da morte” (v. 96).

A última estrofe, por sua vez, fala exatamente de indícios de escuro, como “lassidão noturna” (v. 94) e “sombrios velames” (v. 95), criando uma atmosfera em que predomina a noite, a escuridão e “a miséria do próprio destino” (v. 93).

No poema seguinte, “A metamorfose” (*P*, p. 43), composto por 17 versos distribuídos em quatro estrofes, assim como neste, tudo está tranquilo para o eu, até que ocorre uma mudança e ele se transforma num ser pessimista e amargo (“Mas em breve o fumo espesso desce das noites violadas/ — Como o sol é triste! Como a vida é amarga!” — vs. 8-9). O mesmo se dá em “Sol da terra” (p. 45), formado por 17 versos em quatro estrofes, em *P*: “Que estranha paz é esta que me envolve,/ pura como o sereno nascido no limiar da noite” (v. 5-6).

No poema “A metamorfose”, como o próprio título indica, há a presença de uma mudança, de uma transformação. No verso 5, é mencionada uma criança que “[...] traz ainda no olhar a imagem da morte”, mas que sente no corpo “[...] a seiva nova dos trigos ressuscitados” (v. 6) — ou seja, a vida é ceifada ainda no seu apogeu. No verso 14, é mencionado um leito de musgo “frio como as paisagens da morte”. É feita, portanto, a associação da morte como um lugar gelado, paralisado em que as ações se congelam, ocorrendo o domínio da estática sobre a dinâmica da vida.

Na loucura de encontrar uma saída para seu desespero, a noite se instala sobre o oceano, como se observa no poema “Rosa verde” (*P*, p. 46), com 22 versos em duas estrofes, no qual a noite aparece como elemento permanente na vida do eu poético: “e a noite desce ao oceano imóvel.” (v. 18). Aqui a morte surge como um ente “vigilante no fundo do horizonte” (v. 7), sempre à espreita, pronta a atacar os seres vivos e a destruir pessoas e seres da natureza: “a morte abre as grandes asas do silêncio” (v. 17). Noite e morte caminham lado a lado, enquanto o eu expressa seu desejo de desaparecer no mar: “onde os limos amargam” (v. 21) e “descer ao fundo abismo onde reina a tua carne apodrecida” (v. 22), aludindo

aos espaços íferos dantescos. Mais uma vez, portanto, a morte aparece associada ao mar.

No poema “O tédio das cidades” (*NP*, p. 63), a morte surge com sua “foice vingadora” (v. 34), sendo a seguir chamada, por meio de um vocativo: “Ó Morte, ergue a tua espada, fere,/ fere com a tormenta e o relâmpago,/ o escuro rebanho destes tetos” (v. 39-41). Clama-se pelo uso da “espada”, da “tormenta” e do “relâmpago” como maneiras de punir as coberturas de cidades paralisadas pelo medo “à espera de ressacas” (v. 43).

No poema “Ocaso” (*P*, p. 23), formado por 24 versos divididos em seis estrofes, a morte remete ao título do poema, quando o sol desaparece no horizonte, trazendo a noite (“o sol morre/ na boca das flores das encostas” — v. 5-6). Isso é reafirmado no verso 20, mas, desta vez, não é o “sol” que morre, mas a “tarde”: “na tarde que morre sobre os campos perfumados.”

Em “Cantiga da sede” (*P*, p. 49), o refúgio do eu, o local onde a infância se esconde é “no coração noturno das florestas” (v. 24), acentuando o valor da noite na obra poética de LC. Já no poema “O banco” (p. 79), também pertencente ao livro *P*, a noite é denominada infantil, remetendo a algo bom, a momentos de sonho vividos na infância: “O que fomos um dia no segredo da noite infantil” (v. 6).

Na noite que abriga almas, em “Mar do meio-dia” (*P*, p. 90), há “limo onde se revolvem carnes mortas” (v. 7). Mais uma vez, portanto, a infernal imagem dantesca está presente, agora, neste curto poema, onde o eu reafirma a sua condição de ser na noite: “— que olhos viram jamais a noite que abrigas na tua alma” (v. 6).

No último poema de *P*, “A porta” (p. 96), composto de 34 versos e cinco estrofes, a noite é apresentada como algo bom (“sobe à noite límpida que te aguarda” — v. 31) e é para onde o eu deseja que o anjo (tema do poema) traga paz para seu infortúnio terreno: “rompe com a tua grande lâmina de fogo/ a silenciosa vastidão das terras condenadas” (v. 15-6). “A porta” (*P*, p. 96) trata da agonia do eu em existir em um mundo infernal, repleto de escuridão, demonstrado pelo questionamento ao longo do poema (“Que negra imagem se gravou nas tuas pupilas de pedra/ para que elas exprimissem tão grande terror?” — v. 7-8). O

poema segue neste clima até a última estrofe, quando o eu encontra uma saída para seu infortúnio e pede que tudo termine: “Sobe! — Que eu veja o teu manto arder no espaço,/ fugir de mim — destino e sonho meu!” (v. 33-4).

No poema “O apelo da noite” (p. 20), composto de 19 versos distribuídos em três estrofes, a presença da noite como ambiente do eu é uma constante, desde o título até o último verso. Vocábulos como *noite*, *escuro*, *escuridão*, *catástrofe*, *sombra* e *negro* compõem o universo tétrico de uma cidade monstruosa, “envenenada pela respiração dos suicidas” (v. 19). O poema apresenta a adoração do eu para com a noite e seus sortilégios, o que é acentuando pela alta densidade emocional, pelo mistério e o ambiente de penumbra.

Os vocativos ao início da primeira (“Ó noite, insondável noite que se abre sobre mim”, v. 1) e da última estrofe (“Ó noite, ó treva crispada no sangue das insônias”, v. 14) conferem à noite um lugar de destaque na vida desse eu que a exalta. Neste poema, assim como em outros mencionados anteriormente, LC muito se valia do vocativo para exprimir suas idéias.

A cidade mencionada no poema é o local escolhido por ele para sua existência marcada pela agonia, pela insegurança e pelo medo. O tempo é o da noite, do vago, do desconhecido e do silêncio na cidade “envenenada pela respiração dos suicidas” (v. 19). É à noite que as imagens são mais fugidias e os silêncios mais longos, assim como as esperas. Por isso, o eu pede: “[Noite] volta, estende a tua sombra augusta,/ deságua como um negro dique que se rompe/ sobre os algodoais vermelhos e os trigos infecundos” — v. 15-7).

No poema “Luar” (NP, p. 26), formado por 15 versos divididos em duas estrofes, o eu vive a noite do existir, lembrando de um passado em que se considerava feliz: “Canta as velhas pontes de outrora,/ azul e branco, o céu da minha infância,/ alegria da vida, esplendor que se apagou!” (v. 13-5).

A noite é preponderante em poemas como “Paisagem sonâmbula” (NP, p. 49), composto de 16 versos distribuídos em três estrofes, já que o poema trata do sonho e este está associado àquela. O escuro da noite é forte e vence as batalhas, engolindo, carregando — para dentro de seu ventre — pessoas, cidades

e civilizações (“na convulsão de um mundo em transe,/ desfeito sob o céu que a noite faz baixar.” — v. 3-4).

De forma semelhante, em “Poema escrito num circo” (*NP*, p. 51), com 19 versos em duas estrofes, o eu trafega pelo ambiente noturno, com seus escuros, suas sombras, mas, neste poema, há na noite um ambiente constituído de prazer, de onde se espera ouvir a voz de Deus (“só alguma coisa além de mastros que balançam,/ além da grande noite sem mistério, além,/ no jardim onde passeiam os que se foram/ e esperam, agora, olhar em Deus.” — v. 16-9).

Nota-se nos três primeiros versos deste poema, a declaração, por parte do eu, de que a febre da vida realiza-se por completo no túmulo, na morte, na libertação da dor e do sofrimento de integrar o mundo: “Sinto em mim uma grandeza que só a morte satisfaz,/ sede que somente a sombra eterna desaltera,/ febre que só no túmulo será chama”.

“A floresta” (*NP*, p. 56) apresenta também o desejo pela morte, só que desta vez são as rosas vítreas que “suspiram pela morte” (v. 12). Paralelamente, a loucura surge “com olhar cinzento” (v. 15). Nesse universo, as palavras não se atrelam mais às idéias e o pensamento deixa de dominar as emoções.

Em “Poema” (*NP*, p. 55), composto de 16 versos distribuídos em uma única estrofe, o eu sente a noite subsistir nele, como “solene e primitiva” (v. 2), ou seja: algo que ele teme e glorifica e de onde não consegue fugir. Ocorre o mesmo no poema “Adeus” (*NP*, p. 59), no qual o eu rememora tudo que viveu, numa espécie de retrospectiva. Tudo o que vê é substituído dentro de si pela noite: “nesta noite imensa que explode/ dentro de mim!” (v. 23-4).

Em “Poema” (*NP*, p. 74), com 23 versos em três estrofes, o eu mostra a noite como o momento do dia em que a solidão se instaura em sua vida: “pressentimento de paisagens vindouras,/ de ilhas ao primeiro espasmo da noite!” (v. 15-6).

O livro se encerra com um poema, “Voto” (*NP*, p. 77), composto de 26 versos reunidos em uma estrofe. A reiteração do “não” (“não violento”, v. 1; “não atento”, v. 2; “não desejado”, v. 4; “não com a música”, v. 7; “não com a voz”, v. 10; e “não com a carne”, v. 15) e do “nem” (“nem mentindo”, v. 5; “nem com o

amor”, v. 10; “nem com o som”, v. 15; “nem com a branda púrpura da rosa”, v. 16; e “nem com o bafo das águas”, v. 17) e “sem” (“sem este terror”, v. 23; “sem esta vontade”, v. 24; e “sem esta angústia” — duas vezes —, v. 25) tem quase um tom de manifesto. O eu se declara solitário, de olhos baixos. Em meio às “noites sem mistério” (v. 20), faz seu voto, que é viver sem nada, isolado, sem sequer um Deus em quem possa confiar para prosseguir a sua caminhada: “Só e com humildade, olhos baixos,/ o silêncio das noites sem mistério/ e esse calmo desejo de viver/ sob a roxa unção das catedrais.” (v. 19-22). Mas, no fim, não consegue. Só resta diante de si “[...] a visão de um céu que não responde.” (v. 26).

Há um diálogo entre o poema inicial (“Auto-retrato”) e o último (“Voto”), em *NP*. Ambos adotam um tom confessional, como se neles, mais explicitamente do que em outros poemas, o poeta LC estivesse fazendo sua declaração existencial de princípios, marcada sempre pela angústia do existir e pela presença da noite como um elemento relevante e constante em toda sua poética e em sua vida.

CONCLUSÃO

Procurei mostrar, nesta dissertação, como a poesia de LC está intrinsecamente vinculada ao seu universo literário e à sua vida como um todo. As similitudes entre a sua poesia e a sua prosa são notórias. Por meio da noite, LC escapava de um mundo no qual não se enquadrava. Angustiado, produziu uma obra literária marcada pela presença constante da melancolia e da morte, tanto real quanto simbólica. Ele mesmo diz em seu diário: “Sou consciente da enorme tristeza dos meus livros” (DC, p. 299). Talvez esteja aí a razão do descaso das editoras para com a reedição da sua obra.

No dia 17 de outubro de 1962, ele escreve pela última vez em seu diário — uma mensagem dirigida ao seu amigo, o romancista Cornélio Penna: “Não há, Cornélio, pior sofrimento do que permanecer à margem.” E na última frase diz: “E aqui estou: tudo o que amo não me ouve mais, e eu passo com a minha lenda, forte sem o ser, príncipe,²⁴⁰ mas esfarrapado.” (DC, p. 304). Era o desabafo de um ser que não se adequava no “novo tempo” que surgia diante de si.

Desde a infância, LC era um “diferente”. Isso se manifestou em sua aversão à escola, em seu isolamento em relação aos colegas e em uma progressiva relação de angústia com a sociedade que o cercava. Estes traços de sua personalidade se refletem em sua poesia, caracterizada pela prevalência do escuro, das sombras e do mistério.

Para melhor compreensão da poética cardosiana, tomei o conceito de Motivo do crítico Wolfgang Kayser. O *corpus* escolhido foram *P* e *NP*, os dois únicos livros de poemas publicados em vida por LC. Neles, o termo recorrente *noite* se faz presente quantitativa e qualitativamente.

Ao iniciar os livros *P*, com “Poemas do colégio interno”, e *NP*, com “Auto-retrato”, LC apresenta a existência como um universo angustiante. No primeiro poema, o eu se angustia perante a realidade que o cerca e, no segundo, ele constrói seu retrato com feições expressionistas, como mostrei no Capítulo III.

Ao encerrar os livros com os poemas “A porta” e “Voto”, respectivamente, LC transmite a idéia de que para a vida não há saída. A poesia cardosiana

²⁴⁰ Príncipe foi o título dado a ele por sua mãe, conforme declaração dele mesmo, no poema “Os dias perdidos”, que transcrevi nas páginas 53-55.

perpetra um estado urobórico, um moto-contínuo. A tentativa de evasão de seus infortúnios, por meio de prazeres, divertimentos e também da escrita, mantêm na circularidade a “vida” do eu poético e do homem LC.

LC nunca fez concessão a modismos e nunca foi influenciado pelo gosto popular ao escrever seus textos, o que talvez explique, mais uma vez, as poucas edições de seus livros e, em consequência, o pequeno número de leitores de sua obra.

Ao ler a poesia de LC observei algumas características primordiais: o uso significativo das reticências, criando uma atmosfera de vaguidade e mistério (“Outras plagas o chamam... vai partir” — “Ocaso”, *P*, p. 24, v. 21); os pontos de exclamação, principalmente na utilização de vocativos (“E agora tu, suprema inspiração!” — “Adeus”, *NP*, p. 59, v. 1); e as interrogações que o eu se faz sobre questões existenciais (“Que sei fazer, meu Deus, senão amar?” — “Poema”, *P*, p. 27, v. 1).

Das figuras de linguagem, a metáfora prevalece na poética cardosiana. A imagem também é fundamental, sendo ressaltada pela utilização dos travessões que, ao fragmentar a discursividade dos poemas em prosa, estabelecem uma justaposição de imagens próxima ao expressionismo e ao surrealismo em seus momentos mais poéticos (“Eis — gritaram — é uma águia! — e os dedos agudos apontavam/ e os olhos seguiam o grande vôo no céu deserto.” — “O simuladores”, *P*, p. 36-7, v. 59-60).

A poesia de LC se vale primordialmente do verso livre, característica que a aproxima do modernismo. No entanto, a presença da noite, da morte, das sombras, do escuro e da agonia do existir são típicas do romantismo da segunda geração. Portanto, LC pode ser tido como um poeta moderno de expressão “neo-romântica”.

Este trabalho se propôs a ser uma apresentação da poesia de LC à luz dos princípios da teoria literária e a fornecer subsídios para futuros pesquisadores da obra do autor e, mais especificamente, da sua poesia. Nesse sentido realizei um amplo levantamento bibliográfico de e sobre LC, revisando e ampliando a bibliografia já existente. Com esta tarefa, acredito estar contribuindo para o

estabelecimento de um perfil completo do que LC escreveu e do que escreveram sobre ele.

Ao realizar o esboço biobibliográfico de LC, constatei a sua inadequação perante o mundo. A literatura, e a sua poesia em especial, funcionou como uma válvula de escape, uma maneira de manter a sanidade mental, que lhe permitiu criar poemas em que o termo recorrente *noite* e as metáforas trazem à tona a busca de respostas às suas inquietações.

A fortuna crítica da poesia cardosiana apontou o diálogo entre os seus versos, sua obra em prosa e sua biografia, rica em manifestações artísticas, seja no teatro, no cinema e, por último, na pintura.

Na leitura de alguns poemas, foi possível verificar o cuidado lingüístico de LC na criação de sua poesias. Ao cotejar diferentes versões de um mesmo poema, pude observar o cuidado na seleção vocabular, na pontuação, na escolha dos adjetivos, na seleção dos títulos e na busca de soluções formais que atendessem às suas necessidades artísticas e existenciais.

Coube a Octávio de Faria o papel de colocar pela primeira vez a poesia de LC no mesmo patamar de poetas como Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes. Em “Nota final”, ele afirmou que LC era “cheio da mesma angústia que está em Augusto Frederico Schmidt e cheio do sofrimento que está em Vinicius de Moraes, mas também possuído de toda uma emoção nova que só está nele porque é essa a sua originalidade, a sua marca de poeta independente e de grande poeta...”²⁴¹

Quanto à angústia, é uma constante não só em sua obra poética, mas também em seus trabalhos em prosa. O mundo para LC não é uma morada ideal, mas sim um local de uma inadequação que se manifestou por toda a sua biografia, seja pela condição homossexual ou pela não-filiação explícita a correntes literárias, embora estas, como mostrei, influenciassem-no.

O sentimento de desajuste no mundo gerava um sofrimento expresso em versos em que o eu se coloca perante a realidade como espectador infeliz.

²⁴¹ Octávio de Faria. *Op. cit.*, p. 336.

“Poemas do colégio interno” (*P*, p. 7) ilustra justamente o sentimento de “diferente” do eu e a sua dor durante esse processo.

Octávio de Faria aponta ainda que LC apresenta como “originalidade” uma “emoção nova”. Ela estaria justamente na sua independência para trilhar caminhos.

Em sua trajetória poética, LC se valeu da poesia como forma de expressão e, embora ainda não devidamente valorizado pela crítica, concretizou seu sentimento de alheamento em versos livres, muitas vezes longos e densos, repletos de metáforas nas quais predomina o termo *noite*.

A noite, na poesia de LC, é uma constante e, mesmo quando surgem elementos luminosos, como no poema “Amanhecer” (*P*, p. 25), ela volta a predominar, num círculo urobórico do qual não há saída:

Então sinto a noite fugindo de mim,
sinto a noite fugindo dos homens
e o sol que avança na garupa do mar
e as nuvens curvas que enchem o céu
como grandes corcéis de fogo cor de rosa
desaparecendo sugadas pela treva. — v. 21-6.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

a) **Obras de Lúcio Cardoso:**

“Poema do ferro e do sangue”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 abr. 1934a.

“Poema do ferro e do sangue”. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 22 maio 1934b,
Coluna “Os Nossos Poetas”, p. 2.

“Poema do ferro e do sangue”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 maio 1934c.

“[Mãe, estou de volta agora]” (poema). In: FARIA, Octávio de. *Dois poetas – Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes*. Rio de Janeiro: Ariel, 1935, “Nota Final” [Lúcio Cardoso], p. 343.

“10 poemas de Lúcio Cardoso”. *Cadernos da Hora Presente*, ano I, n. 3, Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte, jul.-ago. 1939, p. 122-9.

Poesias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

Novas poesias. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

“Reaparição de Lúcio Cardoso” (entrevista). *Jornal de Letras*, ano III, n. 27, Rio de Janeiro, set. 1951, p. 5.

Crônica da casa assassinada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

Diário completo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

O viajante. Ed. de Octávio de Faria. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

“Depoimento”. *Ficção*, Ano II, n. 2, Rio de Janeiro, fev. 1976, p. 71-2. [Depoimento a Fausto Cunha, em 1961].

Poemas inéditos. Apres. e ed. de Octávio de Faria, “Paixão segundo São João” (poema) de Augusto Frederico Schmidt, pref. de João Etienne Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

“A voz de um profeta”. In: *Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa: Cecília Meireles, Murilo Mendes e Lúcio Cardoso*. Reunião e apres. de Edson Nery da Fonseca. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1985, p. 31-44.

Crônica da casa assassinada. Edição crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991.

2. ed. rev. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996. (Col. Archivos, 18).

- “Doação a Cida” (poema). *Poesia etc.*, Ano 1, n. 2, Rio de Janeiro, out. 1997, p. 6.
- “O riso escuro ou o pavão de luto” (romance inédito). S.l., s/d., 21 fls. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 31 pi.²⁴²
- “[Gilberto Amado vence o tempo]” (poema inédito). S.l., s/d., 2 fls.²⁴³ In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 28 pi.
- “Cinco minutos... com Lúcio Cardoso”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 out. 1962. [Entrevista a Armindo Pereira].
- “[Quando, Jayme, aqui eu não estiver]”. S.l., s/d., 1 fl. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 28 pi.
- “Perda” (poema). S.l., s/d., 1 fl. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta, LC 28 pi.
- “Poema da meninice morta”. In: ALC, AMLB, FCRB.²⁴⁴
- “Noturno de colégio interno” (poema). In: *Ibidem*.
- “Negação da poesia” (poema inédito). In: *Ibidem*, 1 fl.
- “Único poema de amor” (poema). In: *Ibidem*.²⁴⁵
- “Sinos” (poema). In: *Ibidem*.
- “Doação a Cida” (poema). Datado: “Rio, 3 nov. 1962”. In: *Ibidem*.
- “Retrato de Yêda” (poema inédito). S.l., 11 nov. 1962, 1 fl. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 28 pi.
- “Os dias perdidos” (poema inédito). S.l., s/d., 3 fls. In: *Ibidem*.

b) Obras sobre Lúcio Cardoso:

- ALMEIDA FILHO, Augusto de. “Lúcio Cardoso – poeta da melancolia”. *Carioca*, Ano VII, Rio de Janeiro, p. 3.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. “[Carta a Lúcio Cardoso]”. Datada: “Rio, 8 de dezembro 934”, 1 p. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 12 cp.
- . “[Carta a Lúcio Cardoso]”. Datada: “Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1944”, 1 p. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 12 cp.

²⁴² Anexo: notas e outra versão.

²⁴³ Uma manuscrita, outra datiloscrita.

²⁴⁴ Poema publicado em *A Nação*.

²⁴⁵ Publicado na *Revista Acadêmica*.

- . “A mão esquerda”. In: *Auto-retrato e outras crônicas*. Sel. de Fernando Py. Rio de Janeiro: Record, 1989, p. 69-70.
- “A nova arte de Lúcio”. *Fatos e Fotos*, Rio de Janeiro, 05 jun. 1965.
- ARCO E FLEXA, Teresinha de Almeida.²⁴⁶ *Lúcio Cardoso e Julien Green: transgressão e culpa* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, 1990, 2 vol., 378 p.
- AVELLAR, José Carlos. *Cinema e literatura no Brasil*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994, p. 74.
- AYALA, Walmir. “Lúcio Cardoso diz que considera-se um grande pecador, porém confia na indulgência divina” (entrevista). *BBB*, Vol. VII, n. 4, Rio de Janeiro, maio 1959, p. 172-3.
- BANDEIRA, Manuel, org. *Obras-primas da lírica brasileira*. Notas de Edgard Cavalheiro. São Paulo: Martins, 1943, p. 374-376.
- . “Apresentação da poesia brasileira”. In: *Poesia e prosa* (2 vol.). Intr. geral de Sérgio Buarque de Holanda & Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958, vol. II, p. 1008-128.
- BARCELLOS, Bertaso & Cia (Livraria do Globo). “[Carta a Lúcio Cardoso]”. Datada: “Porto Alegre, 8 de novembro de 1939”, 1 fl. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 26 cp.
- BARROS, Jayme de. *Poetas do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944, p. 212-5.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. “Uma escrita de beira abismo”. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 11 ago. 1996, Caderno Cultura, p. 5.
- . “Lúcio Cardoso: a travessia da escrita”. In: ———, org. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 25-45. (Col. Humanitas).
- CABRAL, Mário. “Poesias, Lúcio Cardoso”. *Correio de Aracaju*, Aracaju, 24 maio 1941, Coluna Vida Literária.
- CARDOSO, Maria Helena. *Vida-vida: memória*. Pref. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973.

²⁴⁶ Tereza de Almeida.

- CARELLI, Mario. "Post-face". In: CARDOSO, Lúcio. *Chronique de la Maison assassinée*. Traduction du portugais (Brésil) par Mario Carelli. Paris: A. M. Metailié/Mazarine, 1985, p. 417-9.
- . "Lúcio Cardoso: un romancier d'intention expressionniste". In: *Transformations of literary language in latin american literature. From Machado de Assis to the vanguards*. Edited by K. David Jackson. Austin: Abaporu Press, 1987, p. 98-110.
- . *Corcel de Fogo – vida e obra de Lúcio Cardoso (1912 - 1968)*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- . "Inácio, l'ensorceleur". In: CARDOSO, Lúcio. *Inácio*. Traduit du portugais (Brésil) par Mario Carelli. Paris: A. M. Metailié, 1991, p. 7-12.
- CAVALHEIRO, Edgard. "Notas". In: BANDEIRA, Manuel, org. *Obras-primas da lírica brasileira*. São Paulo: Martins, 1943, p. 374-376.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira – 1882-1982*. São Paulo: Quíron, 1983, p. 508-11.
- DUARTE, José Afrânio Moreira. "Breves notas sobre Lúcio Cardoso". *Minas Gerais*, Ano XIII, n. 624, Belo Horizonte, 16 set. 1978, Suplemento Literário, p. 10.
- DUTRA, Waltensir & CUNHA, Fausto. *Biografia crítica das letras mineiras*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1956. (Biblioteca de Divulgação Cultural, V).
- ETIENNE FILHO, João. "[Carta a Lúcio Cardoso]". S.l., s/d., 2 p. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 88 cp.
- FARIA, Octávio de. "[Carta a Lúcio Cardoso]". Datada: "Campo Belo, 22/6/1934", 12 p. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 90 cp.
- . *Dois poetas – Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes*. Rio de Janeiro: Ariel, 1935, "Nota final" [Lúcio Cardoso], p. 333-43.
- . *Apud* "O julgamento da crítica brasileira sobre a obra de Lúcio Cardoso". In: CARDOSO, Lúcio. *Diário completo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970, p. xii e xiii.
- FONSECA, Edson Nery da. "Apresentação". In: *Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa – Cecília Meireles, Murilo Mendes e*

- Lúcio Cardoso*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1985, p. 7-15.
- FUSCO, Rosário. “[Carta a Lúcio Cardoso]”. S.l. Datada: “set. 1947”, 5 p. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 103 cp.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra – estudos de crítica literária I – 1920-1947*. Org., intr. e notas de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 325-6.
- INVENTÁRIO do arquivo Lúcio Cardoso*. RANGEL, Rosângela Florido & LEITÃO, Eliane Vasconcellos, org. Rio de Janeiro: FCRB, 1989.
- IVO, Lêdo. “No cinqüentenário de Lúcio Cardoso”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 6.
- J. L. “Poesias, de Lúcio Cardoso”. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 12 jul. 1941, p. 10.
- LIMA, Jorge de. “Um anjo de tentação baixou junto ao poeta” (poema dedicado a LC). In: *Obra poética – edição completa* (1 vol.). CARPEAUX, Otto Maria, org. Rio de Janeiro: Getulio Costa, 1950, p. 379-81.
- LIMA, Pontes de Paula. “Decenário de Lúcio Cardoso, uma noite mágica de Lúcio no teatro”. *Minas Gerais*, Ano XIII, n. 634, Belo Horizonte, 25 nov. 1978, Suplemento Literário, p. 5.
- LISPECTOR, Clarice. “[Carta a Lúcio Cardoso]”. Datada: “Belém, 21-3-44”, 3 p. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 127 cp.
- . “[Carta a Lúcio Cardoso]”. Datada: “Belém, 24 maio 1944”, 1 fl. (frente e verso). In: *Ibidem*, pasta LC 127 cp.
- . “[Carta a Lúcio Cardoso]”. Datada: “Nápoles, 26 março 1945”, 2 fls. In: *Ibidem*.
- . “[Carta a Lúcio Cardoso]”. Datada: “Berna, 13 de agosto de 1947”, 1 fl. In: *Ibidem*.
- LUCAS, Fábio. *Mineiranças*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991, p. 186, 199, 239 e 253.
- “LÚCIO Cardoso”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1944.

- “LÚCIO Cardoso, o escritor laureado, expõe em São Paulo”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 jun. 1966, 2º Caderno, p. 2.
- “LÚCIO Cardoso volta a Minas após 43 anos para apresentar os seus quadros”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 set. 1966.
- MARTINS, Maria Teresinha. *Luz e sombra em Lúcio Cardoso*. Pref. [orelhas] de Gilberto Mendonça Teles. Goiânia: UCG/CEGRAF, 1997. (Col. Orfeu, 4).
- MERQUIOR, José Guilherme. “A fome e a febre”. In: *O elixir do apocalipse*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 151-5. (Col. Logos).
- MESQUITA, Luciano. “Lúcio Cardoso, o poeta”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 17-8.
- MORAES, Vinicius de. “[Carta a Lúcio Cardoso]”. Datada: “14-5-35”, 3 p. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 155 cp.
- . “Lúcio Cardoso, poeta e romancista”. Campo Belo - MG, 1936, 10 fls. In: *Ibidem*, pasta LC 18 pit.
- NASCIMENTO MORAES. “Lúcio Cardoso, romancista e poeta”. *Diário Oficial*, Maranhão, 29 abr. 1941, p. 1-2.
- N. C. “O poeta e romancista Lúcio Cardoso”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1959, Vida Cultural.
- “PERIGOS do ócio”. Coluna Porta de Livraria, [1952].
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira* (1972). Trad. Pérola de Carvalho, rev. e atual. de Alice Kyoko, Biblio. de Paulo Roberto Dias Pereira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 431, 540, 575, 634, 687, 704.
- QUEIROZ, Rachel de. “Depoimento”. In: *Lúcio Cardoso* (documentário, curta-metragem - 19'), dir. Eliane Terra e Karla Holanda, Rio de Janeiro, 1993.
- “RETROSPECTIVA de Lúcio Cardoso – pintura – literatura – fotos – projeção de filmes” (Catálogo da exposição). Galeria Funarte Rodrigo M. F. de Andrade. Rio de Janeiro, 7 a 23 abr. 1981.
- ROCHA, Hildon. “As ‘Novas poesias’ de Lúcio Cardoso”. *Letras Brasileiras*, n. 24, Rio de Janeiro: A Noite, abr. 1945, p. 35-6.

ROSA E SILVA, Enaura Quixabeira. “Do desespero à salvação”. *O Jornal*, Maceió, 22 set. 1998, Caderno Dois, p. 1.

———. *A condição humana na obra de Lúcio Cardoso: entre Eros e Tânatos, a alegoria barroca brasileira* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Alagoas/Université Stendhal-Grenoble 3 (France), 1999, 234 p.

SABINO, Fernando [Tavares]. “O poeta da sombra”. 27 jul. 1941, p. 4 e 6. In: ALC, AMLB, FCRB.

SALLES GOMES, Paulo Emílio. *Crítica de cinema no suplemento literário*. Rio de Janeiro: EMBRAFILME/Paz e Terra, 1982, Vol. II, p. 411-6.

SALLES, Almeida. “Lúcio Cardoso – Poesias”. *Clima*, n. 3, São Paulo, ago. 1941, p. 72-5.

SANTOS, Cássia dos. *Polêmica e controvérsia: o itinerário de Lúcio Cardoso de Maleita a O enfeitiçado* (Dissertação de Mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1997.

SCHMIDT, Augusto Frederico. “[Carta a Lúcio Cardoso]”. S.l., s/d., 1 p. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 195 cp.

VERISSIMO, Erico. “[Carta a Lúcio Cardoso]”. Datada: “Porto Alegre, 15 de maio de 1938”, 1 folha. In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 212 cp.

c) Obras literárias:

AZEVEDO, Álvares de. “Tarde de verão”, “Lembrança de morrer” e “Soneto”. In: *Lira dos vinte anos* (1853). Apres. e notas de José Emílio Major Neto. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, p. 146, 185 e 318. (Col. Clássicos para o vestibular, 10).

BANDEIRA, Manuel. “Profundamente” e “O martelo”. In: *Poesia e prosa* (2 vol.). Intr. geral de Sérgio Buarque de Holanda & Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958, vol. I, p. 210-1 e 279.

PESSOA, Fernando. “Ode triunfal” e “Soneto já antigo”. In: *Obra poética* (1960). Org., intr. e notas de Maria Aliete Galhoz. 5. ed. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1974, p. 306-11 e 356. (Poesias de Álvaro de Campos).

d) **Obras de teoria:**

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Trad. de José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

BENJAMIN, Walter. "Sobre alguns temas de Baudelaire". In: *Carles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo*. Trad. de José Carlos Martins Barbosa & Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 103-49. (Obras Escolhidas, vol. III).

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *As figuras de linguagem*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos, 47).

CHADWICK, Charles. *O simbolismo* (1971). Trad. de Maria Leonor de Castro H. Telles. Lisboa: Lysia, 1975.

DUPLESSIS, Yves. *O surrealismo*. Trad. Pierre Santos. 2. ed. rev. corrigida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963. (Col. Saber Atual, 35).

FILIPAK, Francisco. *Teoria da metáfora*. Curitiba: Livros HDV, 1983.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna – da metade do século XIX a meados do século XX*. Trad. do texto de Marise M. Curione; trad. dos poemas de Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978. (Col. Problemas Atuais e suas Fontes, 3).

FRYE, Northrop. *The great code: the Bible and literature*. San Diego: New York: Harcourt Brace & Company (A Harvest Book), 1983.

HESTER, Marcus B. *The meaning of poetic metaphor: an analysis in the light of Wittgenstein's claim that meaning is use*. The Hague, Netherlands: Mouton & Co., 1967.

JAKOBSON, Roman. "O que é a poesia?". In: TOLEDO, Dionísio, org. *Estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, s/d., p. 167-80.

KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária (introdução à ciência da literatura)* (1948). 7. ed. portuguesa totalmente rev. pela 16. ed. alemã por Paulo Quintela. 1 vol. Coimbra: Arménio Amado, 1985. (Col. Studium).

MODERN, Rodolfo E. *El expresionismo literario*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1958. (Conpendios Nova de Iniciación cultural, 23).

PAZ, Octavio. *O arco e a lira* (1956). Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. (Col. Logos).

ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: São Paulo Ed., 1965. (Col. Buriti, 5).

e) Obras críticas:

ANDRADE, Mário de. "A poesia em 1930 (1931)". In: *Aspectos da literatura brasileira*. Apres. col. Álvaro Lins. Rio de Janeiro: Americ=Edit., 1943, p. 41-65. (Col. Joaquim Nabuco).

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira* (1970). 32. ed. rev. e aum. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. "Cavalcada ambígua". In: *Na sala de aula – caderno de análise literária* (1988). 3. ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 38-53.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira* (1951). 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1955.

LUCAS, Fábio. *Mineiranças*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

MILLIET, Sérgio. *Diário crítico VI* (1950). 2. ed. São Paulo: Martins/Edusp, 1981.

f) Artigos:

JAKOBSON, Roman. "O que fazem os poetas com as palavras". *Colóquio/Letras*, n. 12, Lisboa, mar. 1973, p. 5-9.

SANTAELLA, Lúcia. "Palavra, imagem & enigmas". *Revista USP* (Dossiê Palavra/Imagem), n. 16, São Paulo, dez.-jan.-fev. 1992-93, p. 37-51.

POESIAS (1941)**POEMAS DO COLÉGIO INTERNO****I**

Nunca eu soubera o segredo da alegria alheia.
Ouvia os risos que enchiam o pátio de recreio
e sofria dessa dor sem nome de sentir a vida
muito mais cedo do que os outros sentem.

O sol refulgia no dorso branco dos muros
e trazia o desejo como a morte aos caminhantes.
Mas que estranha maldição tinha tombado nos meus ombros
para que só eu sentisse o frio das grandes árvores solitárias?

É certo que lutava para compreender o menino triste,
insensível à agitação em torno.
Sabia que ele tinha medo do ruído que ouvia,
mas também tinha medo do silêncio que devora.

E em breve, vendo o tempo crescer como a noite das águas,
reconheci a meninice que fugia
e senti mais funda a dor de compreender
o terrível e frágil segredo das horas.

Quis deter o menino que morria,
quis falar alguma coisa ainda não dita,
uma palavra, um soluço,
um riso que era como a sombra de um outro ser,
vivendo do meu sangue.
Mas era muito tarde
e eu sentia os anos implacáveis que chegavam.

II

Ouçõ os bondes que passam na pureza da madrugada.
Decerto os bancos vão vazios e o condutor adormeceu,
ouvindo as rodas que cantam nos trilhos.
As árvores dormem como ilhas perdidas na sombra,
o frio da noite envolve as coisas,
o orvalho pinga da beira das casas
e tomba na face fosforescente dos trilhos que fogem.

O silêncio nasce da nevoa que rola.

Ó noites sem termo do colégio interno,
naufrago na hora em que os outros repousam,
pressentindo o carro que voa nas trevas,
vazio, vazio meu Deus,
levado pela mesma angústia, pela mesma dor,
pela loucura inexprimível que me desperta
e me faz arder como a chama nascida
dos misteriosos detritos que fecundam as águas mortas.

Ó minutos que passam como asas
lançadas no espaço febril da minha insônia,
som agonizante que aos poucos se extingue,
trilhos feridos que adormecem na penumbra,
solidão que acorda tão fundo em meu espírito,
a certeza do vazio que demora,
do abandono que me envolve como as vagas ao corpo conquistado...

MAZEPA

Sentir todas as fibras do espírito
tangidas, uma a uma,
por misteriosos dedos.

Sentir o mundo exterior sufocado
Ao jugo poderoso desta música interior.

Não poder reter a imaginação
Que galopa sem freios por estradas absurdas.

Agonizar sobre o dorso da loucura
como um Mazepa inconsciente —
sofrer nesta corrida sem limites,
beirar a linha divisória da compreensão,
ver — sobretudo ver e ouvir e sentir
o escuro que sobe das trincheiras
onde a razão humana mal dardeja ainda
os fogos trêmulos do entendimento.

Voar, voar sempre, sobre os mares, sobre a vida,
conhecer faces que me surgiram,
ouvir vozes que me soaram,
estar ao mesmo tempo em dois mundos distintos!

E saber, consciente até às profundezas do sangue,
que este mundo um dia surgirá à luz do sol
e tremerá aos olhos dos outros homens,
atônitos diante desse poder que faz brotar
as forças mais secretas da Criação
num assomo brutal da luta pela claridade.

Porque bem sei, bem sei não é possível mais
que eu continue sempre como um Mazepa alucinado
cavalgando neste mundo de imagens perdidas...

OS SIMULADORES

No silêncio da noite as velas se erguiam arquejantes
e iam se arrastando pesadas como braços abertos.
Olhares se alongavam aflitamente sobre o grande vazio
e nenhum grito rompia — apenas as luzes se extinguíam
e tudo se desenrolava no âmago de um pesadelo atroz.

Desciam as grandes águas mudas e sem cores.
Eram levados para regiões de brancos sofrimentos,
onde o gesto é morto e o coração cala como uma rocha fechada.
Eram corpos que se queimavam eternamente
porque tinham mentido — e o amor que mente é morte para o homem.

Aqueles olhos seguiam o tempo em cada passo,
viam crescer dos rios as madrugadas humildes.
Então sentiam o horror crestar a carne espedaçada
ao contemplarem ao longe o sol esmaecendo
e a noite vindo — sobre os campos a bandeira desfraldada,
ocultando nas dobras amorosas o fulgor das estrelas
e o perfume acre dos frutos maduros.

Depois rolavam das manhãs as nuvens indolentes,
e vinha de novo a noite que trazia no seu peito
os murmúrios da floresta e o vento do deserto.
Diziam: é o riso dos chacais ou a prece dos jaguares.
Mas aqueles cuja face o sofrimento corrompera,
diziam: é o canto verde dos pastores nas planícies.
E choravam.

Mas vindo após o desalento que devora,
os sonhos renasciam da embriaguez dos solitários.
e a carne se erguia — ó fúria triunfante,
retendo entre os dedos de chamas liquefeitas,
o espírito perdido.

2

Dentro da sombra cheia de desejos em tumulto
os peitos se abriam como arcas seculares.
Bocas amargas cantavam um amor mais frágil do que o amor
e se calavam como se não tivessem forças para mentir.
Solitários que desciam o grande rio morto,
sonhavam que no todo quente e traiçoeiro
palpitavam seios cor de rosa e corpos brancos de sereias.

Sonhavam com as Campinas amadurecidas pelo estio,
onde ciganas leves ofereciam os ventres amarelos
e tremiam nos cabelos ondas de perfumes venenosos
que ardiam e incitavam o coração dos dissolutos.

As visões se amontoavam nascidas do próprio desespero.
Os lábios gretados pela angústia roçavam a noite fria
e os olhos pendiam no abismo
onde corpos adolescentes fremiavam ao sabor da correnteza,
e de onde subia o crepúsculo do pântano condenado.

Mas da febre noturna outros céus renasciam.
Um novo espaço azul cintilava sem astros.
Flores de faces serenas subiam como lâmpadas acesas
e se queimavam nos altos céus que a aurora dominava.

3

“Esperei um dia — gritava o profeta — virá das mãos de Deus
e trará a alegria perfeita”.

Eles se debruçavam sobre a amaruda e procuravam
com os corações opressos de angústia desconhecida.
Sabiam que alguma coisa mais forte do que o medo
viria naquela noite — porque o ar era denso e cruel.

E eis que sem aviso mais do que um oscilar no alto,
ele chegou — e foi como se uma estrela abrisse as asas de fogo
e descesse de repente ao rio que avançava lento pela noite.

Eis — gritaram — é uma águia! — e os dedos agudos apontavam
e os olhos seguiam o grande vôo no céu deserto.

Irmãos! é uma estrela! — e o vento murmurava nos velames
e viram chegar então o Prometido.

Mas ora, em vez da estrela encontraram uma criança nua.

E pasmaram.

Não havia mais vento. A noite era distante. A voz falava:

— Eu sou o mar e o ser escuro dos mares.

Quando chega o inverno arrasto o meu corpo diluído
e sinto o frio das rochas submersas penetrar-me até o ventre.

Mas no outono sinto-me erguer árvore dos campos
e balanço ao sol a cabeça cheia de terra.

Minhas faces se alongam em folhas quando é tempo,
enlanguescem pétalas nos meus dedos e nascem flores nos meus braços.

Mais tarde outras vidas palpitam com a minha.

O meu peito se abre como a boca vermelha de um pêssego

E os pássaros do céu descem para comer da minha carne.

Eis quem sou eu. Irmãos, chegai a mim a estendei as mãos,

Porque sou a água que aplaca a sede mais forte e a fome mais lenta.

De joelhos estavam, de joelhos ficaram, porque acreditavam.

E durante algum tempo o amaram e o serviram.

Mas pouco a pouco foi crescendo nas suas almas o desejo mau
e antes que o sol surgisse se atiraram sobre o corpo frágil,
arrancaram-lhe o coração e destruíram-lhe o sexo.

.....

E chegou de longe um longo vento que chorava.

Disseram: é o riso dos chacais ou a prece dos jaguares.

Mas aqueles que já não podiam alimentar no peito o grande engano,
diziam: é o canto verde dos pastores nas planícies.
E tremiam.

Mas de repente sentiram o horror da solidão.
Cada irmão era inimigo a lembrar um tormento.
— Oh! Eles jamais se libertariam daquela sombra!
Distantes, bloqueados pelo rancor da mesma condição,
eles se debruçavam com o coração flamejando ao vento do remorso
sobre o escuro da noite e a miséria do próprio destino.

E sempre mais, vinham da lassidão noturna,
Sombrios velames que se arrastavam lentamente
Com as asas pesadas do frio sono da morte.

POEMA ESCRITO NA PENUMBRA

O que quero de ti é bem pouco e é bem mais do que uma simples promessa de segredo,
é menos do que uma flor que o vento leva e mais do que na memória a lembrança do perfume
[longamente aspirado...
Bem sei que o teu amor é menos absoluto do que a morte, mas é profundo como um desmaio,
e é preciso que eu parta, pois nesta serenidade a traição dorme como num lago espesso a sombra
[imóvel —
ouve este silêncio onde a essência de todos os gestos já parece esgotada e onde as asas do sono
[vão se alongando —
ah! formas eternamente imóveis, onde outrora mãos úmidas de beijos, como flores desmaiadas de
[calor,
acendiam o crepúsculo das cortinas o odor evanescente do pecado.
Deixa-me partir — ouve este apelo que desce como um punhal na carne branca do silêncio,
ouve antes que eu odeie estas mãos infantis que trazem nos dedos o perfume das alegrias
[consumadas
que rodeia a forma dos teus seios como duas rosas adormecidas nas primeiras sombras da noite.
Se ouvisse esta voz que me chama e que é como o arrepiro daquele que do fundo da carne sente
[passar o olhar de Deus —
se a ouvisses, fugirias de mim porque o teu amor é como o raio aceso um minuto na tormenta,
depois extinto como a luz de uma estrela que tomba deixando após si o deserto.
Como não maldizer esse sortilégio que pouco a pouco consome a chama da existência,

como não dizer, diante de tudo o que nos cerca e traz no olhar o signo da morte
que o infernal na vida é a beleza das coisas?...

(Um sorriso de Deus as levantou do caos efêmeras e solitárias como coisas em si e nós,

[descobrimo-as na sombra, erigimo-las em ídolos no fundo do coração)

Rosas! Pobres rosas molhadas que o tempo um dia soprará nos caminhos como frutos na

[tempestade,

vós sois a longa flama cor de mel onde o meu desespero se consome e se reaviva...

É por isso que permaneço sempre, vendo, com o olhar que desse abismo lanço para o alto,

A indiferença que cresce como a luz da madrugada e envolve o astro fatigado do teu corpo,

Astro mortal, misterioso sol nascido como um lírio na escuridão impura da minha vida...

A VOZ DE LÁZARO

No abismo que se abre em mim uma só voz escuto:

— És tu, Senhor? És tu que sopras o meu nome de tão longe?

Ah! Bem entendo esse ruído que rola como a música no silêncio de uma nave —

És tu? Responde, ao menos para cobrir de desespero a minha face!

Eis que aqui sozinho e cheio de brancas ataduras,

fechado num sepulcro que apesar do odor das mornas terras banhadas pela chuva,

conserva ainda no âmago o traço do incenso funerário.

Eis-me Senhor, como no dia em que nasci,

longe do amigo e da mulher que traem o meu ciúme,

longe da casa onde na sala arde a lâmpada para a ceia familiar.

Não disseste ser preciso estar nu como a criança que vem de surgir das veias maternas,

não disseste ser preciso abandonar as terras, os vizinhos e tudo o que trouxesse um nome sem

[som correspondente?

Longe de mim, pois, estão todas as formas que não têm o seu berço no espaço que dura,

longe os muros em que a alma é prisioneira.

Se é verdade que só aproveitamos na medida daquilo que atiramos fora,

contempla a minha carne marcada pelos vergões de todas as correntes com que me aprisionei em

[vida.

Sinto agora a tua presença porque no meu coração a energia se renovou como no grão prestes a

[se transformar em folha,

sinto porque do fundo esquecimento renasceu em mim a aurora da infância abandonada

e a pele desfeita se uniu e o sangue tornou a borbulhar nas antigas cicatrizes...

Assim nada morre; tudo o que teve um nome, som ou pensamento, volta do profundo abismo onde
[a cegueira mora —

eu vejo, mas um estranho pressentimento perturba a perfeição da minha alegria:
se és tu, bate com mais força à porta onde as sombras do sono me envolvem,
bate, pois que estive tanto tempo sepultado no silêncio
que os meus ouvidos já confundem os sons e os perfumes se turvam irrevelados.

É verdade, já não é possível duvidar, pois quem, senão tu, poderia conceder-me a graça de
[reverdecer como a planta seca pelos anos,
mas o meu coração é fraco e os meus olhos se obstinam na quietude da morte.
Dá-me, Senhor, a fé selvagem que cobre de espinhos o esqueleto das árvores vencidas,
clareia com fogo imperecível as minhas órbitas escuras
que a noite é imensa e eu sinto a vastidão que se dilata
e tenho medo de me perder, como o santo a quem o desespero envolve nas trevas da danação.

ESTRELA

Estrela, eu acompanho o silêncio da tua grande solidão.
És para mim como o primeiro frêmito da rosa
no úmido jardim da madrugada.
Quando da minha cama olho a janela aberta,
o grande espaço onde vibra a tua chama soturna,
sinto em mim confusas revelações que se antecipam,
emoções defuntas que se reencarnam
e se desfazem como a miragem que retorna ao nada.

Não és acaso a companheira alucinada dos amantes,
Não és o misterioso sorriso da amplidão?
Quando a tarde desce nas lagunas tristes,
a tua imagem, como uma lágrima, cintila.
E dentro da noite voluptuosa que agoniza,
ainda és, como um olhar infantil que acorda,
o primeiro raio de luz sobre as vagas crispadas.

Quem não te amaria, ó peregrina,
sabendo-te o grande olhar inquieto do deserto,
quem não cederia ao pálido convite dos teus lábios,
quem não compreenderia a doce loucura dos viajantes
que nas cisternas viram boiar a tua loura imagem?

Quem — senão eu mesmo ousaria esquecer-te,
ousaria um minuto odiar a tua face gelada,
o teu perfil de prata, carnação de lírios violados?
Não te desse eu todo o meu amor neste momento,
quando, olhando aflitamente o céu vazio,
sinto cristalizar-se na tua alma de luz
o meu destino — ó grande, imaterial estrela,
chama que no abismo fumega solitária como um grito.

O ANJO DA NOITE

O anjo da noite se desprende da forma hirta dos rochedos
e alonga as asas dentro do grande silêncio primitivo —
ei-lo que atravessa a distância nebulosa dos horizontes submersos
e sacode no ar a cabeleira triunfante onde floresce o riso pálido dos raios —
ei-lo que se encaminha para a costa onde a água rola com verdes arrepios
e mergulha o olhar nos golfos que agasalham os brancos veleiros solitários...
E então, dentro da espessa, inviolável noite das almas castigadas,
a fosforescência se eleva do mar como uma aurora prematura,
as ondas circulam detritos dos astros que a explosão atirou na imensidade
e nas areias geladas vomitam cadáveres coroados de espumas.

A PORTA

Anjo, grande anjo imóvel na bruma violácea,
asas tombadas como um pássaro ferido em pleno vôo...
Quando da porta contempla a tua mocidade,
o esplendor funéreo do teu corpo de mármore,
vejo rolar da atmosfera escura que defendes
o clamor do teu áspero destino.

Que negra imagem se gravou nas tuas pupilas de pedra
para que elas exprimissem tão grande terror?
Que mortal paisagem desvendaram os teus olhos,
que fatal aurora, que sanguinolentas vagas,
que mundo de sonhos massacrados?
Fala! Que vento aniquilou o teu grito primitivo,
que inferno vazio colheu o sopro dos teus lábios?

Vai! Solta nas trevas os teus cabelos gelados,
rompe com a tua grande lâmina de fogo
a silenciosa vastidão das terras condenadas...
Que fazes eternamente frente a mim
como um puro olhar de maldição?
Que esperas para romper o imenso vôo,
anjo, grande anjo imóvel na bruma violácea?

Mas jamais atenderás aos meus apelos.
Diante de mim a tua espada inerte
fere apenas a madrugada cheia de relâmpagos.
Jamais o teu manto se desenrolará no espaço
como uma tímida vaga prateada...
Jamais, oh! — jamais as tuas formas se aquecerão,
jamais o grito romperá dos teus lábios lacrados...

E porque me seguirás eternamente,
porque serás em mim como a sombra de um remorso?
Vai! Sacode a poeira das tuas asas dormentes,
sobe à noite límpida que aguarda,
aos lívidos céus, à verde imensidão...
Sobe! — Que eu veja o teu manto arder no espaço,
fugir de mim — destino e sonho meu!

NOVAS POESIAS (1944)

AUTO-RETRATO

A fronte onde uma veia denuncia a vida concentrada
pensamentos breves, desejos que se avolumam ao correr das horas graves,
uma centelha — e o mistério sempre renovado da música que nasce.
Os olhos, alvo onde se fundem os elementos de discórdia,
como o azul e o negro sobre os mares abertos,
como o riso e o pranto nos delírios do amor.
Sombras, ainda sombras dolentes ao longo das narinas que fremem,
os lábios que se abrem ávidos para os turvos vinhos da terra,
para a memória maldita dos beijos sem resposta.
E de tantas sombras que se misturam nesta face humana,
qualquer coisa que lhe empresta um ar alucinado,
como se uma força maior, de suprema distância,
tentasse arrancar das trevas o anjo adormecido,

A UMA ESTRELA

Meu domínio é o do sonho,
minha alegria é a do céu que a tormenta obscurece,
meu futuro é aquele que amanhece à luz do desespero.
Só tu saberás o segredo da minha predestinação.
Só tu saberás e extensão de tantas caminhadas,
só tu conhecerás a casa humilde em que morei.
Quem saberia romper o sortilégio que me cerca,
ó sol vermelho, aurora dos agonizantes!

Mas não reflitas nunca o gesto que condena.
Ai, este país é o da eterna aridez!
Se da altura a estrela não baixar o olhar ao pântano,
maior será a sua impiedade que o seu esplendor.
E só tu, Vésper, só tu aplacarás o meu desejo,
só tu poderás depositar nesta carne crispada,
o beijo que nas trevas dá ao sono a serenidade de repouso.

SINOS

...mas que poderão dizer estes sinos,
que outras palavras, que outros soluços,
que outras tardes, meu Deus, que outras tardes mais frias,
que tons mais pungentes na gelada distância?

Que gritos nascerão dos seus lábios de bronze,
que blasfêmias rolarão sobre o abismo vazio das catedrais?

Mas canta, pobre alma alucinada,
dentro da sombra onde o teu desespero se agita,
canta manhãs, canta as praças ao sol,
canta o adeus dos que partiram para a meia-noite dos festivos oceanos,
os que desfilam agora junto aos veleiros naufragados
avultando à luz vermelha das medusas...

O APELO DA NOITE

Ó noite, insondável noite que se abre sobre mim,
veja no teu beijo escuro o nascimento dos astros,
viajando na escuridão como luzes perdidas —
ouço romper na bruma o teu primeiro suspiro
e o repassar do vento em cujas ondas, longe,
ondulam velas beijadas na distância azul das praias...

Virgem que nos campos abrirá o seio ao nascimento da luz,
que palavras reterão o teu corpo cingido pelas intempéries,
que blasfêmias romperão o signo do teu destino implacável,
que catástrofe fará da tua passagem a eterna permanência,
e levará o meu apelo aos navios bloqueados pelo espanto,
às ilhas que lutam sobre as vagas,
aos inacessíveis horizontes...

Ó noite, ó treva crispada no sangue das insônias,
volta, estende a tua sombra augusta,
deságua como um negro dique que se rompe

sobre os algodoais vermelhos e os trigos infecundos,
sobre a lúcida visão desta cidade monstruosa,
envenenada pela respiração dos suicidas...

CORSÁRIO

Trágico, subiste um dia ao nítido azul,
ao reino imenso onde a música flutua,
e onde se digladiam ventos negros
juntos às estrelas virgens que desmaiam.
Livre pairaste sobre as vagas abertas,
junto às velas que fogem palpitantes
à rouca ameaça das tormentas.
Livre pousaste sobre os mastros altos,
atento à estranha voz dos marinheiros
e ao resvalar das âncoras pesadas.
E voaste ainda mais longe,
além dos grandes campos vigilantes,
que estremecem à flor das madrugadas.
E desceste a distâncias maiores,
onde só rochedos emergem sobre o mar.
E conheceste o silêncio supremo,
o vácuo onde as chuvas se formam
e a forja onde a mão de Deus
esculpe o metal dos astros.
Vogaste livre na amplidão,
sombra, no seio ígneo dos raios.
Ousado, arrebataste ao mar escuro
o coração dos naufragos.
E assim viveste, ó príncipe,
alma da solidão sem limites,
velando a fria morte sem luar.
Mas um dia a deusa da Vingança
selou de longe o teu destino
e tombaste, úmido de sangue,
o olhar voltado para o céu imenso
onde em certas horas, como o vento,
o terror vagueia.

A FLORESTA

Chegou o tempo em que as palavras
já não exprimem a idéia,
nem o pensamento condiciona a emoção.
O caos é verde e úmido
como a floresta após a tempestade.
As feras passeiam sobre a névoa,
enquanto a lua sobe solitária,
as abelhas zumbem nas corolas frias
e a memória se extingue.
Um inseto de ouro gira na sombra
e zumbe — enquanto as rosas, vítreas,
suspiram pela morte.
Solene, a loucura surge sob as árvores,
fitando o céu com olhar cinzento.

O QUARTO ENFEITIÇADO

Quando a hora chegou depois da febre,
senti enfim que a tua alma havia começado
a descida ao vale em que o sono perdura.
A cortina voava como a nuvem que pairasse
acima das formas adormecidas no silêncio
dos que se recusam sem remorso...
Ô amada, para que outras lágrimas,
para que outras lutas no cemitério da memória,
para que sangrar no aço dos minutos vazios,
para que sondar, como quem chama o abismo,
a solidão deste destino sem remédio?
A mim, os flagelados. A mim, os parricidas, [sic]
A mim, os poetas a quem o anjo do remorso
conduz as mãos marcadas para o crime!
Cale-se a voz do desespero, pois a noite
criou junto a mim o seu imundo sortilégio.
Vejo um grande peixe que lento se aproxima,
oscilando na sombra o seu dorso de prata.

Vejo a rosa que canta nas brumas geladas
e a estrela que dança no declive dos mares.
E não será acaso o mesmo sonho que vivi?
Não será a ameaça desta rubra madrugada
rolando sobre os negros tetos da cidade?
Não! Pálido, sinto agitar-se neste quarto,
subindo como uma onda fria dos lençóis,
a imagem deste passado que retorna
e acusa pela voz dos seres que eu amei.

VOTO

Não violento, não cheio de orgulho,
não atento à transitória perfeição
e à força deste mundo alucinado.
Não desejando a fria imagem,
nem mentindo ou com os lábios molhados
pelo sabor dos vinhos que dão febre.
Não com a música nos olhos,
a cor que faz nascer desejos vãos,
o terror e a saudade das viagens.
Não com a voz — e nem com o amor,
que é triste e traz à carne
essa noite de brumas amarelas
em que lento se aviva o desespero
e morre a fé na redenção.
Não com a carne, nem com o som,
nem com a branda púrpura da rosa,
nem com o bafo das águas contempladas
num minuto de efêmero consolo.
Só — e com humildade, olhos baixos,
o silêncio das noites sem mistério
e esse calmo desejo de viver
sob a roxa unção das catedrais.
Só — sem este terror ante o espaço aberto,
sem esta vontade que falece a cada instante
sem esta angústia, meu Deus, sem esta angústia
ante a visão de um céu que não responde.

Mangaratiba, 23/08/99

Pezado Esio.

Bom dia, meu amigo, eis a xerox da carta da Maria Helena Cardoso, sobre os poemas de minha autoria e que acabaram se tornando "antológicos". Boas saas da história da literatura (pitoresco!). Lembra-me o dia em que o príncio bondoso, na mesa do restaurante "Oceanus" (não sei se o nome era o mesmo), de frente para o mar e a plataforma da Estação de Mangaratiba (E.F.C.B.), leu alguns poemas que lhe entreguei num caderno manuscrito e me deu uma primeira lição do (que) fazer poético, etc. etc.

Ao ar da noite, a plataforma "ferroviária" de gente que circulava de um lado para o outro, e príncis, sentados à vontade, alheios aos tais mundos, ao próprio mundo, totalmente desentusados de culpa. Tiveram ~~uma~~ ^{em} outra dimensão.

Fico-lhe devendo novas lembranças.

Mace.

Grilão

CARTA DE EMIL DE CASTRO

[Mangaratiba, 23/08/99]

Prezado Ésio.

Conforme prometi, eis a xerox da carta da Maria Helena Cardoso, sobre os poemas de minha autoria e que acabaram se tornando “antológicos”. Coisas da história da literatura (pitoresco!). Lembro-me do dia em que o Lúcio Cardoso, na mesa do restaurante “Oceano” (não sei se o nome era o [sic] mesmo), de frente para o mar e a plataforma da Estação de Mangaratiba (E.F.C.B.), leu alguns poemas que lhe entreguei num caderno manuscrito e me deu uma primeira lição do (que) fazer poético, etc. etc.

Ao cair da noite, a plataforma “fervendo” de gente que circulava de um lado para o outro, e Lúcio, sentado à hindu, alheio a todo mundo, ao próprio mundo, totalmente isento de culpa. Vivendo em outra dimensão.

Fico-lhe devendo novas lembranças.

Abraços,

Emil de Castro]

Falto em rasmanha porque com algumas galarias, tudo
fui datado graças hoje não Rio 30/10/84
sou mais. Agrorante 81 anos.

Emil, perdõe a familiaridade
do tratamento, mas amigo de
Leicio é meu também.

Através da correspondência
que dirigiu à "Editora Nova
Trabalho" que por sua vez trans-
mitiu à minha grande amiga,
Maria Alice Barros fiquei sabendo
do ocorrido com relação
aos três poemas de minha autoria
publicados, por engano no livro
"Poemas medidos", de 1982.

Agora posso explicar -
lhe o que ocorreu: quando meu
mundo rotou do Hospital, rein-
duetamente para minha ca-
sa, sendo então alojado
no quarto em que até então
morava Walmir Agalca, que
residia conosco. Este por sua
vez, transferiu-se provisoriamente,

para o apartamento do Leão
minho ao meu, completamente
instaliado e com tudo que lhe
pertencia. Por algum tempo a situa-
ção continuou como estava, até
que, sabendo pelo médico que meu
muito mas mais poderia viver
só, eu consegui alguém de tra-
zer para minha casa toda
a papelada de Leão, que ele
reclamava, guardada numa
sella alca. O eucafeado
da incumbência não me lembrou
mais quem foi a residência do
Wahum ex-do Leão, retirando
todo o conteúdo da arca que
trouxe dentro de um lençol
amarrado como uma trouxa
de roupa, e me entregando.
Posteriormente a arca foi tam-
bem removida para
meu apartamento. Finalmente
a instrução, a confusão da pa-
pelada, os atos, formas, que assim se-

maneceu por muitos anos, por isso
era trabalho para uma pessoa
que tivesse experiência do
assunto. Anos passados qdo.
Octávio Faia começou a pedir
pelos poemas qualq' poema do
Bucina a quem os tivesse, sit-
citou também que eu entregasse
a ele tudo que estivesse em
meu poder. Com muita difficul-
dade, cativei tudo que esta-
va datado grafado e com
nome retirando apenas al-
guns originaes até mesmo
de livros, escritos à mão,
julgando que os de maxime
pertencerem a Nôis. Enten-
guei os a Octávio que fez
a escolha, os originaes sendo
posteriormente ^{doados} entre ~~gruís~~ ^{gruís} é
Casa de Rui Barbosa a que a
meu pedido, está fazendo uma

busca rigorosa para ver se en-
contra alguma outra coisa
que nos seja de autoria dele.
Temos muitas dúvidas a respeito
desta busca pois se nos me-
engano tudo estará datado-
grapeado e sem nome do autor;
alguns ^{poemas} conhecidos outros não.
Sei que você, grande amigo de
Juiz, só quer se resguardar
futuramente, o que é mais
do que justo! Entretanto, de-
pois do livro publicado e
vários exemplares vendidos,
só resta aguardar a 2ª edição
para retirá-los e no caso
de ^{dejar} publicar algum livro
seu (antes, diga no prefácio
os fatos acontecidos e que
podem ser testemunhados por
muita gente viva ou de
qualquer um de nós confirmar

do a sua vida de

dele. De qualquer modo, o principal, embora lamentável, para nós se aproxima, me dando uma grande alegria.

Aproximo para agradecer a sua carta, iniciando juntos à Prefeitura de Mangaratiba, pare que esse deu o nome do meu nome a um dos seus filhos. Ninguém ama tanto a Costa do Sol como ele principalmente Mangaratiba e seus arredores. Até já agradeço tempos atrás, me comunico a este respeito, mas dirigida à Prefeitura de Mangaratiba, pelo fato de não ter conseguido deparar a assinatura de quem

suron. Felyse recebeu uma resposta sua.

Acho que desta maneira
tremos resolvido o caso. Entre-
tanto estarei sempre aqui,
nem como apenas uma pessoa
comente interesse de um resol-
ver uma injustica, embora
sem nenhuma má fé, mas
como a amiga e mãe de
de um grande amigo seu.

Com muito carinho e
amizade.

Maná Helen Gordon

A demora desta explicação
se deve ao fato de somente
agora ter tido conhecimento
do ocorrido. Perdôe a letra, os
rabisco, mas uma carta longa exi-
girá um rascunho, o que não posso
fazer no momento devido à pressa
em explicar-lhe tudo como se deu.

CARTA DE MARIA HELENA CARDOSO

[Rio 30/10/84]

Emil, perdoe a familiaridade do tratamento, mas amigo de Lúcio é meu também.

Através da correspondência que dirigiu à Editora Nova Fronteira que, por sua vez transmitiu à minha grande amiga, Maria Alice Barroso fiquei sabendo do ocorrido com relação aos três poemas de sua autoria, [sic] publicados por engano no livro *Poemas inéditos*, de 1982.

Só agora posso explicar-lhe o que ocorreu: quando meu irmão voltou do hospital, veio diretamente para minha casa, sendo então alojado no quarto em que até então morava Walmir Ayala, que residia conosco. Este, por sua vez, transferiu-se provisoriamente, para o apartamento do Lúcio, vizinho ao meu, completamente mobiliado e com tudo que lhe pertencia. Por algum tempo a situação continuou como estava, até que, sabendo pelo médico que meu irmão não mais poderia viver só, encarreguei alguém de trazer para minha casa toda a papelada de Lúcio, que ele reclamava, guardada numa velha arca. O encarregado da incumbência, não me lembro mais quem, foi à residência do Walmir, ex do Lúcio, retirando todo o conteúdo da arca que trouxe dentro de um lençol amarrado como uma trouxa de roupa, me entregando. Posteriormente, a arca também foi removida vazia para meu apartamento. Imagine a misturada, a confusão da papelada, escritos, jornais, que assim permaneceu por muitos anos, pois era trabalho para uma pessoa que tivesse experiência do assunto. Anos passados quando Octávio [de] Faria começou a pedir pelos jornais qualquer poema do Lúcio a quem os tivesse, solicitou também que eu entregasse a ele tudo que estivesse em meu poder. Com muita dificuldade, catei tudo que estava datilografado e sem nome, retirando apenas alguns originais até mesmo de livros, escritos à mão, julgando que os à máquina pertencessem a Nonô. Entreguei-os a Octávio, que fez a escolha, os originais sendo posteriormente doados²⁴⁷ à Casa de Rui Barbosa que, a meu pedido, está fazendo uma busca rigorosa para ver se encontra alguma outra coisa

²⁴⁷ Riscado, se lê outro termo: “entregues”.

que não seja de autoria dele. Tenho minhas dúvidas a respeito desta busca, pois, se não me engano, tudo estava datilografado e sem nome do autor; alguns poemas conhecidos, outros não. Sei que você, grande amigo de Lúcio, só quer se resguardar futuramente, o que é mais do que justo. Entretanto, depois do livro publicado e vários exemplares vendidos, só resta aguardar a 2ª edição para retirá-los e no caso de desejar publicar algum livro seu antes, dizer no prefácio os fatos acontecidos e que poderão ser testemunhados por uma carta minha ou de qualquer um de nós confirmando a sua verdade.

De qualquer modo, o incidente, embora lamentável, principalmente para você, serviu para nos aproximar, me dando uma grande alegria.

Aproveito para agradecer a sua carinhosa iniciativa junto à Prefeitura de Mangaratiba para que seja dado o nome do meu irmão a um dos seus logradouros. Ninguém amou tanto a Costa do Sol como ele, principalmente Mangaratiba e seus arredores. Até já agradeci tempos atrás uma comunicação a este respeito, mas dirigida à Prefeitura de Mangaratiba, pelo fato de não ter conseguido decifrar a assinatura de quem enviou. Feliz se receber uma resposta sua.

Acho que desta maneira teremos resolvido o caso. Entretanto estarei sempre aqui, não como apenas uma pessoa somente interessada em resolver uma injustiça, embora sem nenhuma má fé, mas como a amiga e irmã de um grande amigo seu.

Com muito carinho e amizade.

Maria Helena Cardoso

A demora desta explicação se deve ao fato de somente agora ter tido conhecimento do ocorrido. Perdoe a letra, os rabiscos, mas uma carta limpa exigiria um rascunho, o que não posso fazer no momento devido à pressa em explicar-lhe tudo como se deu. Falo em rascunho porque como sílabas, palavras, tudo. Fui datilógrafa, hoje não sou mais. Agravante: 81 anos.]

FIGURA

Auto-retrato. Óleo s/tela, s/dimensões, déc. de 1960. (Ass.: “Lúcio”).²⁴⁸
(Col. Rachel de Queiroz).

²⁴⁸ Reprodução copiada da Tese de Doutorado de Enaura Quixabeira Rosa e Silva, *op. cit.*, p. 44.

E-MAIL DA BIBLIOTECA NACIONAL (RJ)

resposta de pesquisa

From: Divisao de Informacao Documental <dinf@bn.br> 24/11/1999 18:13
Subject: resposta de pesquisa
To: esio@usp.br

Prezado Sr. Esio,

Nao localizamos na revista O Malho de 1928 e 1929 os contos de Lucio Cardoso.

Atenciosamente,
Maria das Gracas/Pesquisadora

ANEXO:

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DE E SOBRE LÚCIO CARDOSO

Nos últimos cinco anos me dediquei intensamente à pesquisa bibliográfica de e sobre LC. Esta abrangeu as seguintes instituições e pessoas, aqui citadas por ordem alfabética da cidade em que se encontram:

1) Belo Horizonte, MG: Coleção Mineiriana da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa; Arquivo do Suplemento Literário do *Minas Gerais*; Arquivo do *Diário da Tarde*; Bibliotecas da Faculdade de Letras – FALE e da Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais. Contatos e intercâmbio de material com a professora Ruth Silviano Brandão, estudiosa da obra cardosiana, que mantém, na UFMG, um grupo de estudos voltados à análise e interpretação da obra de LC e com Andréa Vilela, sobrinha-neta de LC.

2) Brasília, DF: Acervo particular de Cassiano Nunes. Mantive correspondência com este escritor, que foi amigo de LC, com Ronaldo Cagiano, com Vivaldo Trindade e com um professor da Universidade de Brasília, Denílson Lopes, que defendeu doutorado sobre a obra de LC — pessoas que colaboraram com informações e/ou envio de material.

3) Campinas, SP: Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio” – CEDAE; Biblioteca da Faculdade de Letras e Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas.

4) Maceió, AL: Correspondência e intercâmbio de material com a professora Enaura Quixabeira Rosa e Silva, da Universidade Federal de Alagoas, que tem trabalhos publicados sobre a obra de LC e apresentou mestrado e defendeu doutorado sobre a obra cardosiana.

5) Mangaratiba, RJ: Correspondência e recepção de material do poeta Emil de Castro, amigo de LC.

6) Porto Alegre, RS: Biblioteca de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Arquivo do *Zero Hora*; e Instituto Estadual do Livro. Intercâmbio de informações com o bibliófilo Waldemar Torres, que me ajudou a completar minha biblioteca cardosiana, enviando-me livros

extremamente raros de LC, como, por exemplo, alguns dos opúsculos publicados pelo MEC, dos quais a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro só tem um dos 18 exemplares que levantei e possuo e a edição argentina do livro *Salgueiro: Morro de salgueiro* (1939).

7) Recife, PE: Correspondência com o poeta e bibliófilo Paulo Bruscky, que me enviou a raridade *Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa: Cecília Meireles, Murilo Mendes e Lúcio Cardoso*.

8) Rio de Janeiro, RJ: Arquivo Lúcio Cardoso, Arquivo Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa; Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica; Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Biblioteca Nacional; e os acervos particulares de André Seffrin e de Antonio Carlos Secchin. Mantive ainda contato com escritores, pesquisadores e com um parente de LC: Adriana Saldanha Guimarães, Eliane Vasconcellos, Júlio Castañon Guimarães (que fez o estabelecimento de texto da *Crônica da casa assassinada* para a edição crítica da Coleção Archivos e traduziu a biografia *Corcel de fogo: Vida e obra de Lúcio Cardoso (1912-1968)*, escrita por Mario Carelli), Maria das Graças (pesquisadora da Biblioteca Nacional), Rafael Cardoso — sobrinho-neto de LC, Raimundo Barbadinho Neto e Valéria Lamego, pessoas que colaboraram com informações e/ou envio de material. Destaco a ajuda inestimável de André Seffrin durante a revisão final da bibliografia de e sobre LC.

9) São Paulo, SP: Biblioteca de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB – USP; Biblioteca Mário de Andrade; Centro de Apoio à Pesquisa em História – USP; DEDOC – Departamento de Documentação da Editora Abril; Arquivo da Empresa Folha da Manhã Ltda.; Arquivo do Banco de Dados da *Folha de S. Paulo*; Arquivo de *O Estado de S. Paulo*; acervo particular do professor Antonio Soares Amora, de Humberto Werneck, de Ivan Teixeira e de José Mindlin; intercâmbio de informações com Donizete Galvão, Egon de Oliveira Rangel, que

apresentou mestrado sobre a obra de LC, Fabio Weintraub, Flávio Carlos Pagliúca, Gênese Andrade Silva — que me trouxe da Argentina um raro livro sobre LC, Hamilton dos Santos — que escreveu uma pequena biografia de LC, João Silvério Trevisan, Marcos Bagno, Oscar D'Ambrosio e Tereza de Almeida.

Na presente bibliografia, menciono livros, artigos, ensaios, teses, dissertações, resenhas, catálogos e notas que contenham citações e/ou qualquer tipo de menção à obra e à vida de LC, além de poemas a ele dedicados.

O levantamento bibliográfico teve por referências principais os trabalhos de Mario Carelli, de Rosângela Florido Rangel e Eliane Vasconcellos e as 24 dissertações e teses por mim levantadas, incluindo a tese de doutorado de Enaura Quixabeira Rosa e Silva, defendida em setembro de 1999, que reviu e ampliou a bibliografia de e sobre LC.

Visando facilitar a consulta desse levantamento, dividi a bibliografia de Lúcio Cardoso da seguinte maneira:

a) Livros publicados:

Romances,
Novelas,
Poesias,
Diários,
Peças teatrais,
Literatura infanto-juvenil,
Ensaio,
Opúsculos,
Traduções;

b) Artigos, contos, novelas, romances (trechos), crônicas e poemas dispersos;

c) Entrevistas e depoimentos;

d) Exposições de pintura e retrospectiva;

e) Capas de livro;

f) Obras traduzidas pelo autor;

g) Filmes em que Lúcio Cardoso colaborou;

h) Prefácios;

i) Inéditos:

- Romances,
- Novelas,
- Contos,
- Poesias,
- Crônica,
- Peças teatrais,
- Crítica literária,
- Diários,
- Ensaios,
- Artigos,
- Conferências,
- Entrevistas,
- Obras traduzidas pelo autor,
- Notas;
- j) Correspondência ativa;
- k) Roteiros inéditos;
- l) Desenhos.

E a sobre Lúcio Cardoso, deste modo:

- a) Livros;
- b) Dissertações e teses;
- c) Artigos de jornais e de revistas;
- d) Obras de referência;
- e) Documentários e filmes baseados na vida e na obra de Lúcio Cardoso;
- f) Correspondência passiva;
- g) Correspondência de terceiros;
- h) Inéditos;
- i) Inéditos de autores não-identificados.

Creio que este levantamento será de grande relevância para os presentes e futuros estudiosos da obra cardosiana.

I. Bibliografia de Lúcio Cardoso

a) **Livros publicados:**

Romances:

Maleita. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: Schmidt, 1934.

2. ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1953. (Col. Contemporânea, 4).

s/ed. Pref. de Marcos Konder Reis; intr. crítica de M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Ediouro, 1963.

s/ed. Pref. de Marcos Konder Reis; intr. crítica de M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967.

3. ed. Rio de Janeiro: Presença/INL/MEC, 1974.

s/ed. Intr. de M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [c. 1975].

s/ed. Pref. De Marcos Konder Reis; intr. crítica de M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Ediouro, [1988].

Salgueiro. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

A luz no subsolo. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

2. ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura/INL, 1971.

Dias perdidos. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Crônica da casa assassinada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

2. ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1963.

3. ed. Foto da capa de Alair Gomes. Rio de Janeiro: Bruguera, s/d. [1968].

[4. ed]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

[5. ed.]. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. [1979].

[6. ed]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.²⁴⁹

[7. ed.]. Prefácio de Walmir Ayala.²⁵⁰ Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. [1989]. (Col. Prestígio).

8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/MEC/FNDE, 1998.²⁵¹

²⁴⁹ A editora Nova Fronteira lançou esta edição como sendo a segunda, mas esta informação é incorreta.

²⁵⁰ Título: "Lúcio Cardoso e a casa assassinada".

²⁵¹ Reimpressão da edição de 1979 pela Nova Fronteira.

[9. ed.]. Rio de Janeiro; São Paulo: Record/Altaya, s/d. [1999]. (Col. Mestres da Literatura Brasileira e Portuguesa, 35).

Ed. comemorativa de 40 anos. Pref. de André Seffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

Crônica da casa assassinada. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. Espanha: Archivos/CSIC, 1991. (Col. Archivos, 18).

2. ed. rev. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996. (Col. Archivos, 18).

3. ed. Ed. Crítica. Coord. Por Mario Carelli. Nanterre; São Paulo: ALLCA XX/Scipione Cultural, 1997. (Col. Archivos, 18).

O mistério dos MMM. Coord. e apres. de João Condé. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1962.²⁵²

s/ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. [1991]. (Col. Prestígio).

O viajante (inacabado). Ed. e intr. de Octávio de Faria, nota de Adauto Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

Novelas:

Mãos vazias. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

O desconhecido. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

Céu escuro. Ilus. de Jeronymo Ribeiro. Rio de Janeiro: *Vamos Lêr!*/A Noite, 1940.

Inácio. Rio de Janeiro: Ocidente, 1944.

2. ed. Apres. de Mario Carelli. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

A professora Hilda. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

O anfiteatro. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

O enfeitado. Orelhas de M. S., capa de Luís Jardim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

Três histórias da província. (*Mãos vazias*, *O desconhecido* e *A professora Hilda*).

2. ed. Pref. de Maria Alice Barroso. Rio de Janeiro: Bloch, 1969.

²⁵² Romance policial escrito por Rachel de Queiroz, Antônio Callado, Dinah Silveira de Queiroz, Orígenes Lessa, Viriato Corrêa, José Conde, Jorge Amado, Lúcio Cardoso, Guimarães Rosa e Herberto Sales. Teve sucessivas edições pela Ediouro, cito aqui a mais recente.

Três histórias da cidade. (Inácio, O anfiteatro e O enfeitiçado). 2. ed. Pref. de Marcos Konder Reis. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1969.

O desconhecido e Mãos vazias. 3. ed. Pref. e sel. de André Seffrin, orelhas de Leo Gilson Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Poesias:

“10 poemas de Lúcio Cardoso”. In: *Cadernos da hora presente*. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, jul.-ago. 1939, Ano I, n. 3, p. 122-9.

Poesias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

Novas poesias. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

Poemas inéditos. Apres. e ed. de Octávio de Faria, pref. de João Etienne Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Diários:

Diário I. Orelhas de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Elos, s/d. [1961].

Diário completo. Rio de Janeiro: José Olympio/INL, 1970.

“Diário de terror”. In: *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. Espanha: Archivos/CSIC, 1991, p. 743-9. (Col. Archivos, 18).²⁵³

“Pontuação e febre”. In: *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. Espanha: Archivos/CSIC, 1991, p. 751-3. (Col. Archivos, 18).²⁵⁴

Peças teatrais:

O escravo. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1945.²⁵⁵

2. ed. Rio de Janeiro: SNT/MEC, 1973.

²⁵³ Também publicado na 2. ed. rev., 1996.

²⁵⁴ *Ibidem*.

²⁵⁵ Esta peça foi o terceiro espetáculo encenado pelo grupo Os Comediantes, apresentado no Teatro Ginástico, no Rio de Janeiro, em dez. 1943. Diretor de Cena: Adacto Filho. Cenário: Santa Rosa. Atores: Luiza Barreto Leite Sans (Augusta), Nadyr Braga (Izabel), Maria Barreto Leite (Criada), Walter Amendola (Marcos) e Lisette Buono (Lisa).

“O filho pródigo”. In: NASCIMENTO, Abdias do. *Dramas para negros e prólogo para brancos* – antologia do teatro negro-brasileiro. Ilus. da capa de Mário Cravo. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961, p. 29-72.²⁵⁶

Literatura infanto-juvenil:

Histórias da lagoa grande. Ilus. de Edgar Koetz. Porto Alegre: Globo, 1939.

2. ed. Ilus. de Gian Calvi. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1974, 2 vols.²⁵⁷

3. ed. Ilus. de Marco Cena. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

Ensaio:

“A voz do um profeta”. In: *Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa: Cecília Meireles, Murilo Mendes e Lúcio Cardoso*. Reunião e apres. de Edson Nery da Fonseca. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1985, p. 31-44. (Documentos, 24).

Opúsculos:²⁵⁸

O Aleijadinho. Tiradentes. Ilus. de Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 1, Série As Figuras, vol. I).

Fernão Dias Pais. Heroínas Brasileiras. Ilus. de Barboza Leite & Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 2, Série As Figuras, vol. II).

Dois sábios (padre Bartolomeu de Gusmão e Osvaldo Cruz). Ana Neri. Ilus. de Ênio Damázio. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 3, Série As Figuras, vol. III).

Vieira. Anchieta. Ilus. de Ênio Damázio & Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 4, Série As Figuras, vol. IV).

²⁵⁶ Peça em três atos, escrita especialmente para o Teatro Experimental do Negro. Foi apresentada no Teatro Ginástico, no Rio de Janeiro, em 1947.

²⁵⁷ Esta edição saiu em dois volumes (Livro I e II) e com o título alterado para *História da lagoa grande*, diferentemente da 1. e da 3. edição.

²⁵⁸ Todos os opúsculos foram realizados para a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, do Departamento Nacional de Educação, do Ministério da Educação e Cultura.

- Rosa da Fonseca. A Preta Ana e Jovita.* Ilus. de Ênio Damázio. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 8, Série As Figuras, vol. VIII).
- Joaquim Nabuco. José do Patrocínio.* Ilus. de Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 27, Série As Figuras, vol. XII)
- Álvares de Azevedo. Gonçalves Dias.* Ilus. de Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 28, Série As Figuras, vol. XIII).
- Machado de Assis. Castro Alves.* Ilus. de Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 29, Série As Figuras, vol. XIV).
- Mauá.* Ilus. de Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 30, Série As Figuras, vol. XV).
- I-Juca-Pirama.* Adaptação do poema de Gonçalves Dias. Ilus. de Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. [1961]. (Col. Educar, n. 5, Série Ficção, vol. II).
- Iracema.* Adaptação do romance de José de Alencar. Ilus. de Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Educar, n. 13, Série Ficção, vol. IV).
- Índios e negros do Brasil.* Ilus. de Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 21, Série Os Hábitos, vol. I).
- O ouro.* Ilus. de Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 23, Série Os Hábitos, vol. III).
- O vaqueiro nordestino. Jangadeiros do nordeste.* Ilus. de Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 24, Série Os Hábitos, vol. IV).
- O descobrimento. Os jesuítas.* Ilus. de Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 11, Série Os acontecimentos, vol. I).
- O quilombo dos Palmares. Guerra dos mascates.* Ilus. de Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 15, Série Os acontecimentos, vol. V).
- A descoberta de Minas. Borba Gato.* Ilus. de Fernando Pieruccetti. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 16, Série Os acontecimentos, vol. VI).
- O grito do Ipiranga.* Ilus. de Ênio Damázio. Rio de Janeiro: MEC, s/d. (Col. Brasil, n. 17, Série Os acontecimentos, vol. VII).

Traduções:**para o espanhol**

Morro de Salgueiro (Salgueiro). Traducción del portugués y prefacio por Benjamín de Garay. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1939.

para o francês

Chronique de la maison assassinée (Crônica da casa assassinada). Traduction du portugais (Brésil) et postface par Mario Carelli. Paris: A. M. Métailié/Mazarine, 1985.

Inácio. Traduit du portugais (Brésil) et présenté [“Inácio, l’ensorceleur”] par Mario Carelli. Paris: A. M. Métailié, 1991.

b) Artigos, contos, novelas, romances (trechos), crônicas e poemas dispersos.²⁵⁹

“Marcha fúnebre” (conto). *Literatura*, Rio de Janeiro, 1933.

“Poema da meninice morta” (poema). *A Nação*.

“Noturno de colégio interno” (poema). *A Nação*.

“Sinos” (poema).

“Noturno amanhecendo” (poema).

“Scardanelli” (artigo).

“Virgínia Woolf” (artigo).

“Hawthorne” (artigo).

“O pátio” (conto). *O Jornal*, Rio de Janeiro.

“Uma exposição”.²⁶⁰

“Faulkner vivo”.

“Livros do dia – perfil” [João Condé].

“A propósito de traduções”.

“Onde se conta como Donana matou seu filho” (Romance). [1965-1966].

“Um capítulo de romance”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro.

²⁵⁹ Todos os artigos não identificados encontram-se no ALC, AMLB, FCRB.

²⁶⁰ Artigo sobre uma exposição de pintura do artista plástico Athos Bulcão.

“Único poema de amor” (poema). *Revista Acadêmica*.

“Poema do ferro e do sangue”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 abr. 1934; *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 22 maio 1934, Coluna “Os Nossos Poetas”, p. 2; *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 maio 1934.²⁶¹

“Confissão”. *Lanterna Verde: Boletim da Sociedade Felipe d’Oliveira*, Rio de Janeiro, fev. 1935, n. 2, p. 76-80.

“Uma interpretação da poesia de Vinicius de Moraes”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 5 jan. 1936.

“Sobre um poeta” (A. F. Schmidt). *Lanterna Verde: Boletim da Sociedade Felipe d’Oliveira*, Rio de Janeiro, jun. 1937, n. 5, p. 90-2.

“À margem de mundos mortos”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 1937.

“Uma retificação”. *Jornal do Commercio*, Recife, 30 set. 1938.²⁶²

“A poesia em pânico”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1939.²⁶³

“Saudação a dois pintores”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, Jan. 1940.²⁶⁴

“Versos de Lúcio Cardoso” (“Rosa verde” e “Rosa Vermelha”). *Letras Brasileiras*, Rio de Janeiro: A Noite, Ano I, n. 4, ago. 1943, p. 32.

“A propósito de um inquérito”.²⁶⁵

“Capítulo de romance (final de *Dias perdidos*)”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1944, Suplemento Literário, Vol. VI, p. 93-4.

“Baudelaire”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1944, Suplemento Literário, Vol. VI, p. 94-5.

“Um capítulo de novela inédita”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1944, Suplemento Literário, Vol. VI, p. 95.

²⁶¹ Na primeira edição da edição crítica de *Crônica da casa assassinada* (Archivos:1991), aparece esta referência: “‘Poema do ferro e do sangue’, 9 abril 1934 et 25 mai 1934”; na Segunda (Archivos:1996) a data foi traduzida: “9 de abril de 1934 e 25 de maio de 1934”. A segunda data não é equivocada, a referência correta e que pude pesquisar diretamente nos jornais, são as que mencionei acima.

²⁶² Publicado também em *O Jornal*, Rio de Janeiro, set. 1938.

²⁶³ Artigo sobre Murilo Mendes.

²⁶⁴ Encontrei outra referência com data diferente: 1937.

²⁶⁵ Publicado posteriormente em *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. 759-60.

- “Auto-retrato” (poema). *A Manhã*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1944, Suplemento Literário, Vol. VI, p. 96.²⁶⁶
- “Perto do coração selvagem”. *O Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1944.
- “João Alphonsus”. *A Noite*, Rio de Janeiro, 2 jun. 1944.
- “A família Brontë”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 8 jun. 1944.
- “Os romances do ódio”. *Letras Brasileiras*, Rio de Janeiro: A Noite, Ano II, n. 14, jun. 1944, p. 3-4.²⁶⁷
- “Os romances do ódio”.
- “As imaginações”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 1944.
- “Edgar Poë”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 19 jul. 1944.
- “Edgar Poë (II)”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 19 jul. 1944.
- “Marcier”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 5 ago. 1944.
- “A marca”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1944.
- “Arte pela arte”. *Letras Brasileiras*, Rio de Janeiro: A Noite, Ano II, n. 16, ago. 1944, p. 64-5.
- “Arte pela arte” (artigo).
- “Um poeta inédito”. *Letras Brasileiras*, Rio de Janeiro: A Noite, dez. 1944, n. 20, p. 57-8.²⁶⁸
- “A professora Hilda”. *Atlântico – Revista Luso-Brasileira*, ESPN/DIP, n. 6, 1945, p. 150-3.
- “Mar português” (artigo). *Letras Brasileiras*, Rio de Janeiro: A Noite, jan. 1945, n.º 21, p. 14-5.
- “O sangue dos grandes homens”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 11 fev. 1945.
- “Exercício poético”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 3 mar. 1946, Revista, p. 2.²⁶⁹
- “Ainda Edgar Poë. Pensamento da América”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1947, Vol. 6, n. 1, p. 3.

²⁶⁶ Fac-símile de manuscrito-autógrafo, de LC, do poema de abertura do livro *Novas poesias* (1944).

²⁶⁷ Segundo a pesquisadora Cássia dos Santos: “provavelmente este texto foi veiculado em outro periódico em data anterior a esta, já que a revista *Leitura* responde às provocações de Lúcio Cardoso em maio de 1944, um mês antes, portanto, da publicação do artigo em *Letras Brasileiras*.” (In: Cássia dos Santos. *Polêmica e controvérsia: o itinerário de Lúcio Cardoso de Maleita a O enfeitado* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 1997, 201 p., p. 119.). Realmente existe o recorte do artigo mencionado por ela, no ALC, AMLB, FCRB, como se vê na menção acima, sem referência bibliográfica.

²⁶⁸ Resenha sobre o primeiro livro (originais) do poeta capixaba, Élcio Xavier (3 maio 1920): *O véu da manhã*, publicado em 1951.

²⁶⁹ Artigo sobre João Cabral de Melo Neto e a nova poesia brasileira.

A Manhã, Rio de Janeiro, Suplemento Literário Letras e Artes:

“A existência de ‘Moll Flanders’”. p. 10.

“Uma geração”. 1. seção, n. 3, 26 maio 1946, p. 4.

“Fernando Pessoa”. 2. seção, n. 9, 21 jul. 1946, p.1, 12 e 14.²⁷⁰

“Reaparição de Inácio”. 1. seção, n. 11, 11 ago. 1946, p. 5.

“A papoula azul”. 1. seção, n. 13, p. 7, 25 ago. 1946.

“Olhos mortos” (novela). I. 2 nov. 1946, II. 1, 21, 6, 10 nov. 1946. III. 1, 22, 5, 17 nov. 1946. IV. 1, 24, 7, 8 dez. 1946. V. 1, 25, 10, 15 dez. 1946.

“Uma carta (trecho)”. 30, 5, 2 fev. 1947.

“A escada”, I. 31, 7, 9 fev. 1947. II. 32, 7, 16 fev. 1947. III. 33, 7, 2 mar. 1947.

“Rilkeana”. 32, 13, 16 fev. 1947.

“Lawrence”. 2, 41, 5, 11 maio 1947.

“Acontecimento”. 2, 42, 11, 25 maio 1947.

“Quase um manifesto”. 2, 43, 3, 1 jun. 1947.²⁷¹

“Num jardim”. 2, 67, 7, 7 dez. 1947.

“Valores”. 2, 44, 5, 8 jun. 1948.²⁷²

“Nascimento das piscinas”. 2, 72, 12, 11 jan. 1948.

“Poemas inéditos de Lúcio Cardoso” (“As vagas”, “Saxifraga”, “As estações”, “Instante” e “Olhos da noite”). 2, 74, 7, 1 fev. 1948.²⁷³

“Andorinha”. 2, 80, 3-4, 4 abr. 1948.

“Solilóquio de um solitário”. 2, 82, 5, 18 abr. 1948.

“Poema”. 3, 88, 16, 13 jun. 1948.

“Josué, o rápido”. 3, 95, 3, 15 ago. 1948.

“O anjo da noite”. 3, 107, 16, 5 dez. 1948.

“Junto ao mar”. 4, 153, 11, 14, 5 fev. 1950.

²⁷⁰ Conferência pronunciada na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, dedicada a Murilo Mendes, conforme datiloscrito pertencente ao ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 06 pi, 13 p. (faltando a página 8). Posteriormente foi publicada, com o título alterado para “A voz de um profeta”, em *Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa: Cecília Meireles, Murilo Mendes e Lúcio Cardoso*.

²⁷¹ Publicado também In: *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. 760-1.

²⁷² Encontrei informação de data divergente: 08 jun. 1947.

²⁷³ O poema “As vagas” foi publicado novamente no mesmo jornal: 4, 170, 12, 9 jul. 1950.

- "Ode". 4, 154, 4, 12 fev. 1950.
- "Água de meninos". 4, 154, 4, 12 fev. 1950.
- "O amigo". 4, 154, 4, 12 fev. 1950.
- "O viúvo". 4, 157, 5, 12 mar. 1950.
- "O delírio". 4, 158, 13, 19 mar. 1950.
- "Basílio da Luz". 4, 161, 5, 16 abr. 1950.
- "Aventura". 4, 163, 5, 14, 7 maio 1950.
- "Capítulo de romance". 4, 164, 6, 14 maio 1950.
- "Novela humilde". 4, 165, 7, 21 maio 1950. 4, 166, 5, 4 jun. 1950.
- "Simples encontro". 4, 172, 9, 23 jul. 1950.
- "A cartomante". 4, 174, 5, 13 ago. 1950.
- "Flora". 4, 180, 9, 8 out. 1950.
- "Uma 'explicação' de Fernando Pessoa". Ilus. de Oswaldo Goeldi. Ano 4, n. 187, p. 3, 10 dez. 1950.
- "Agora/poesia". *Revista Branca*, Rio de Janeiro, 1, 11, jun.-jul. 1948.
- "Acontecimento da noite" (novela). *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, Ano II, n. 17, 1 nov. 1950, p. 1 e 15.
- "Viagens". *Revista da Semana*, n. 4, out. 1954.
- "Literatura de fim de ano". *Revista da Semana*, n. 4, p. 37, jan. 1955.
- "Rondó da perdição". *Revista da Semana*, n. 5, p. 17, jan. 1955.
- "A menina morta". *Revista da Semana*, n. 6, p. 41, fev. 1955.
- "Romances". *Revista da Semana*, n. 7, p. 41, fev. 1955.
- "Homenagem". *Revista da Semana*, n. 8, p. 35, fev. 1955.
- "Literatura política". *Revista da Semana*, n. 9, fev. 1955.
- "Classificações". *Revista da Semana*, n. 12, p. 47, mar. 1955.
- "O menino e o palacete". *Revista da Semana*, n. 13, p. 17, mar. 1955.
- "Lawrence no cinema". *Revista da Semana*, n. 4, p. 17, abr. 1955.
- "Claudel". *Revista da Semana*, n. 16, p. 37, abr. 1955.
- "Resumo". *Revista da Semana*, n. 18, p. 38, abr. 1955.
- "Anotação da febre" (poema). *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1957, Suplemento Literário Letras e Artes, p. 2.

- “Poemas do colégio interno”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1959.
- “Vera Bocayuva Mindlin”. *Muros velhos*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, nov. 1960.
- “Por que pinto?”. Ilus. (Urubus) de Lúcio Cardoso. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, mar. 1961.
- “Diário proibido – páginas secretas de um diário e de uma vida”. *Senhor*, Rio de Janeiro, nov. 1961, p. 68-73.²⁷⁴
- “Liliana”. *Galeria Santa Rosa*, 05 nov. 1962.
- “Diário proibido”. *Senhor*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 11, nov. 1964, p. 74.
- “Antinous” (poema). In: M.A. [Marcos André] “Um poema inédito de Lúcio Cardoso”. [Rio de Janeiro, c. 1963]; In: ANDRÉ, Marcos. “Um poema inédito de Lúcio Cardoso, com muita saudade”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1970, p. 3.
- “Fragmento de um poema de Natal” (poema). *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 24 dez. 1966, Suplemento Literário, Ano I, n. 17, p. 7.
- “Os velórios e a crítica literária”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 26 out. 1968, Suplemento Literário, Ano III, n. 113, p. 14.²⁷⁵
- “Sombra” (poema). Ilus. de Márcio Sampaio. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Suplemento Literário, Ano III, n. 118, p. 1.²⁷⁶
- “Mãos Vazias” (fragmento). *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Suplemento Literário, Ano III, n. 118, p. 3.
- “Testamento” (poema). *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Suplemento Literário, Ano III, n. 118, p. 7; *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 13 abr. 1969.²⁷⁷

²⁷⁴ Encontrei outra referência: “Diário Proibido”. *Senhor*, Rio de Janeiro, nov. 1964, Ano 3, n. 11, p. 74.

²⁷⁵ Crítica ao livro de contos, *Velórios*, de Rodrigo Melo Franco de Andrade. LC *et alii*.

²⁷⁶ Encontrei um recorte da revista (?) *Nosso Suplemento*, na Coleção Mineiriana da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte, em que aparece este poema acompanhado de um pequeno texto biográfico sobre LC sem os dados bibliográficos. O poema foi publicado também junto aos artigos “Hora da sombra”, de Walmir Ayala; e “Lúcio Cardoso, o escritor versátil”, de Elvira Martins (V. bibliografia sobre LC). Há, ainda, no datiloscrito de LC deste poema, uma anotação manuscrita: “foi publicado no *Jornal do Brasil*”, mas ele não fornece outras informações desta suposta publicação. O poema fora escrito em 20 set. 1961, segundo o mesmo datiloscrito (ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 28 pi).

²⁷⁷ No jornal *Minas Gerais*, o poema está datado: “(Rio – fevereiro de 1961)” e no *Jornal do Commercio*: “11-11-1961”.

- “A floresta” (poema). *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Suplemento Literário, Ano III, n. 118, p. 7.
- “Ubá” (inédito do Diário de Lúcio Cardoso). *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, *Suplemento Literário*, Ano III, n. 118, p. 9.
- “Inácio” (trecho). *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Suplemento Literário, Ano III, n. 118, p. 13.
- “Crônica da casa assassinada – do livro de memórias de Timóteo (II)” (excerto). *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Suplemento Literário, Ano III, n. 118, p. 15.
- “Poema falso conselho” (poema). *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 11 jan. 1969, Suplemento Literário, Ano IV, n. 124, p. 9.
- “Antes que a chuva comece”. *Revista do Globo*, Rio de Janeiro, 24 jul. 1970, p. 62.
- “Epitáfio” (poema). *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 21 out. 1973, *Tribuna Literária*, p. 11.²⁷⁸
- “Poemas inéditos de Lúcio Cardoso (“O demônio no terraço”, “Em tom de rosa”, “Em tom de pardo”, “Em tom de carne”, “Em tom de malva”, “Em tom de ouro”, “O jardim”, “Em tom de branco”, “Poema fúnebre nº 2”, “Em tom de preto”, “Janela”)”. *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 21 out. 1973, *Tribuna Literária*, p. 12.
- “Diário completo – (1949 a 1962) – Trechos”. *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 21 out. 1973, *Tribuna Literária*, p. 13.
- “Pós-escrito numa carta de Padre Justino” (Trecho de *Crônica da casa assassinada*). *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 05 fev. 1977, Suplemento Literário, Ano XII, n. 541, p. 11.
- “Evocação” (poesia). *Minas Gerais*, Márcio Almeida e Gutemberg da Mota e Silva, org. Belo Horizonte, 14 out. 1978, Suplemento Literário, Ano XIII, n. 628, p. 1.
- “Lúcio e Ubá”. *Minas Gerais*, Márcio Almeida e Gutemberg da Mota e Silva, org. Belo Horizonte, 14 out. 1978, Suplemento Literário, Ano XIII, N 628, p.11.²⁷⁹

²⁷⁸ Poema dedicado a Homero Homem, escrito no Bar Jangadeiro, em 9 fev. 1962.

²⁷⁹ São dois poemas sem título, escritos por LC quando de sua visita a Ubá, em 1959.

- “[Frases de Lúcio Cardoso]”. In: *Momentos de Minas*. Sel. dos textos por Ângelo Prazeres; Sel. Fotografias Núcleo de Fotografias de Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1984, p. 4, 34, 67 e 88.²⁸⁰
- “À margem de mundos mortos”. In: FARIA, Octavio de. *Tragédia burguesa: obra completa*. Afrânio Coutinho, org. Rio de Janeiro: Pallas; [Brasília]: INL, 1985, p. 223-6.
- “Diário do terror”. In: CARELLI, Mario. “Écrits intimes de Lúcio Cardoso”. *Caravelle; Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*, Toulouse, n. 45, 1985, p. 63-78.
- “Confissões de um homem fora do tempo”.²⁸¹
- “Diário do terror (um texto inédito)”. *Letras & Artes*, n. 13, Rio de Janeiro, jun. 1991, p. 25-6.
- “Clarice”. In: *A paixão segundo Clarice Lispector* (catálogo). Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB, 1992, p. 16-8.
- “O livro de Jorge Amado é uma miséria”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo 01 jan. 1995, Mais!, p. 4.²⁸²
- “Diário de Betty (V)”. In: GONÇALVES, Magaly Trindade *et alii*, org. *Antologia de antologias – prosadores brasileiros “revisitados”*. Apres. de Plínio Doyle, pref. de Fábio Lucas. São Paulo: Musa, 1996, p. 596-9. (Col. Ler os Clássicos, 5).
- “Um poema inédito – ‘Doação a Cida’”. *Poesia etc.*, Rio de Janeiro, out. 1997, Ano 1, n. 2, p. 6.
- “Jane Austen e sua obra”. In: AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. Trad. e intr. de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998. (Biblioteca Folha. Clássicos da Lit. Universal, 6).
- “Do primeiro capítulo de Crônica da casa assassinada” (Rápido mergulho no texto de Cardoso). *O Povo*, Fortaleza, 6 fev. 1999, Vida & Arte/Sábado, p. 5B.

²⁸⁰ Textos de Lúcio Cardoso, Maria Helena Cardoso *et alii*.

²⁸¹ Publicado posteriormente In: *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. Espanha: Archivos/CSIC, 1991, p. 762-3.

²⁸² Transcrição de uma carta de LC enviada a Erico Verissimo, datada: “27 set. 1937”.

“Diário não íntimo”. *A Noite*, Rio de Janeiro, s/d., 63 p.²⁸³

“O tempo recorde” (poema inédito). *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 jan. 2000, Prosa & Verso, p. 2.

“Diário completo” (trecho). *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 jan. 2000, Prosa & Verso, p. 2.

“Crônica da casa assassinada” (Fragmento). *Palavra*, Belo Horizonte, mar. 2000, Ano 1, n. 11, p. 72.

“As cartas” (poema).²⁸⁴

“Sentimento do Mar” [excerto] e “[A estática cor, o ausente]” (poemas). In: *Bolsa de Arte do Rio de Janeiro*. Sel. dos textos de André Seffrin. Rio de Janeiro: BARJ, 09 maio 2000, s/p.²⁸⁵

“[Este céu inteiro feito]” (poema). In: *Bolsa de Arte do Rio de Janeiro*. Sel. dos textos de André Seffrin. Rio de Janeiro: BARJ, 15 maio 2001, s/p.²⁸⁶

“[Que é que vale? Se vale]” e “Doze anos depois” (poemas). In: “Triálogo entre trezentos”. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, jun. 2001, nº 72, p. 16.

c) Entrevistas e depoimentos:

“Entre Minas Gerais e Ipanema balança a vida íntima de Lúcio” (depoimento).

“Entrevista com Lúcio Cardoso”. *A Gazeta*, São Paulo, 24 maio 1938.

“Os intelectuais pensam — Da imaginação à realidade...”. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 9 jun. 1938. [entrevista a Brito Broca].

“Depoimento”. *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, fev. 1941, n. 53.

“O mundo de após-guerra”. *Vamos Lêr!*, Rio de Janeiro, 12 abr. 1945. [entrevista a Ary de Andrade].

“Inácio”. In: CONDÉ, João, org. *Dez romancistas falam de seus personagens*. Rio de Janeiro: Condé, 1946.

²⁸³ In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 02 j, s/d., 63 p. (correspondentes a 63 colunas do jornal). Encontrei outra informação: CARDOSO, Lúcio. ‘Diário não-íntimo’. *O Jornal*, s/d.

²⁸⁴ Este poema foi publicado duas vezes, numa destas, com dedicatória: “(Para Breno Accioly)” e com a indicação: “(Especial para o ‘D.P.’)”. Iniciais que sugerem referir-se ao jornal *Diário Popular*.

²⁸⁵ Publicados anteriormente em *PI*.

²⁸⁶ *Ibidem*.

- “Depoimento de Lúcio Cardoso”. *A manhã*, Rio de Janeiro, 1. seção, n. 21, 10 nov. 1946, Suplemento Literário Letras e Artes, p. 10. [entrevista a Almeida Fischer].
- “Reaparição de Lúcio Cardoso” (entrevista). *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, Ano III, n. 27, set. 1951, p. 5.
- “Lúcio Cardoso em 21 respostas”. *Revista da Semana*, n. 38, p. 39, 21 set. 1957.²⁸⁷
- “Lúcio Cardoso (romancista)” (entrevista). *Mundo Ilustrado*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1956.
- “O romancista responde a 10 perguntas indiscretas” (entrevista). *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 08 fev. 1958.
- “[Entrevista]”. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1958.²⁸⁸
- “Como nasceu a sua vocação? – depoimento do romancista Lúcio Cardoso”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 maio 1959, Literatura. [depoimento a Renard Perez].
- “Lúcio Cardoso conta como nasceu sua vocação”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 24 maio 1959. [depoimento a Renard Perez].
- “Lúcio Cardoso considera-se um grande pecador, porém confia na indulgência divina”. *BBB*, Rio de Janeiro: A Estante Publicações, vol. VII, n. 4, maio 1959, p. 172-3. [entrevista a Walmir Ayala].
- “Lúcio Cardoso (Romancista)” (entrevista). *Mundo Ilustrado*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1959.
- “Flash” (depoimento). [Senhor], Rio de Janeiro. [Acervo André Seffrin].
- “Lúcio Cardoso”. *Chuvisco*, Rio de Janeiro, fev. 1961, n. 36. [Entrevista a Tatí Bueno].
- “Lúcio Cardoso (patético): ‘Ergo meu livro como um punhal contra Minas’” (entrevista). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, [1961], Vida Literária.
- “Cinco minutos com... Lúcio Cardoso”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 out. 1962, Suplemento Literário, p. 9. [Entrevista a Armindo Pereira].

²⁸⁷ Entrevista concedida a Edson Guedes de Moraes. Encontrei número da revista e data divergentes: n. 35, 2 set. 1957.

²⁸⁸ Sem título.

“Depoimento pessoal”. In: *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962, p. 125-7.

“Lúcio Cardoso I” (entrevista). *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 17 maio 1964, Suplemento Literário, p. 3.

“Lúcio Cardoso II” (entrevista). *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 maio 1964, Suplemento Literário, p. 2.

“Depoimento”. *Ficção*, Rio de Janeiro: Livraria Ed. Cátedra, Ano II, n. 2, fev. 1976, p.71-2.²⁸⁹

d) Exposições de pintura e retrospectiva:

individuais

Galeria Atrium. São Paulo, 16 jun. 1966 (vernissage). LC expôs 30 obras.

Galeria Goeldi. Rio de Janeiro, 19 maio 1965 (vernissage). LC expôs 39 obras.

Galeria Décor. Rio de Janeiro, 1968.

Automóvel Clube de Minas Gerais. Belo Horizonte, 23 set. 1966 (vernissage); exposição de 24 set. a 2 out. 1966. LC expôs 26 obras.

Galeria Rodrigo M. F. de Andrade – Funarte. “Retrospectiva de Lúcio Cardoso – pintura – literatura – fotos – projeção de filmes”. Luiz Carlos Lacerda, org. Rio de Janeiro, 7 a 23 abr. 1981.

coletiva

“Planète Couleur – peintres d’exceptions. Paris-Berlin, 1989 a 1991. LC expôs sete obras.”²⁹⁰

e) Capas de livro:

Novíssima poesia brasileira II (antologia). Walmir Ayala, org. Rio de Janeiro: Cadernos Brasileiros, 1965.

²⁸⁹ Depoimento concedido a Fausto Cunha, em 1961, e publicado pela primeira vez nesta revista. Publicado também In: *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p.763.

²⁹⁰ Exposição internacional de artistas deficientes físicos, organizada pela AIDA – Association Internationale des Arts. O Brasil foi representado por LC, e este, por sete obras. Em Paris, a exposição aconteceu no 1º Andar da Torre Eiffel, de 20 set. a 1 out. 1989; em Berlin, na Hathaush Wedding, de 21 jun. a 27 jul. 1991.

O muro amarelo (poesia), de Marcos Konder Reis. Rio de Janeiro: José Alvaro, 1965.

Absalão (1959-1962) (poesia), de Júlio José de Oliveira. Rio de Janeiro: O Menestrel, n. 1, mar. 1965.

A sombra de Deus (romance), de Octávio de Faria. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

Por onde andou meu coração (1966), de Maria Helena Cardoso. 2. ed. rev. Pref. de Octávio de Faria, nota da editora e de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

f) Obras traduzidas pelo autor:

Fuga, de Ethel Vance. Capa de Raul Brito. Rio de Janeiro: José Olympio, [1940]. (Col. Fogos Cruzados, 2).

2. ed. Capa de Raul Brito, Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. (Col. Fogos Cruzados, 2).

O fim do mundo, de Upton Sinclair. Capa de Raul Brito. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. (Col. Fogos Cruzados, 5).

O livro de Job. Ilus. de Alix de Fautereau. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. (Col. Rubaiyat, 11).

Drácula - o homem da noite, de Brahm Stoker. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1943. (Col. Mistério, 1).²⁹¹

Ana Karênina, de Léon Tolstói. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

A ronda das estações, de Kâlidâsa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. (Col. Rubaiyat, 13).

O vento da noite (poemas), de Emily Brontë. Pref. de Lúcio Cardoso, capa e illus. de Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. (Col. Rubaiyat, 14).

Os segredos de Lady Roxana (romance), de Daniel Defoë. Pref. de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Pongetti, 1945. (Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 52).²⁹²

²⁹¹ Fato curioso, esta tradução feita por LC, segundo minha pesquisa, não consta de nenhum trabalho anterior sobre o escritor, nem no acervo de nenhuma das bibliotecas em que pesquisei.

²⁹² *Idem, ibidem.*

A princesa Branca (1925), de Maurice Baring. Capa de Luiz Jardim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946. (Col. Fogos Cruzados, 63).

As confissões de Moll Flanders (1722), de Daniel Defoë. Pref. de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: José Olympio, s/d. [1947]. (Col. Fogos Cruzados, 17).

2. ed. Pref. do autor e do tradutor. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

Memórias, de Johann Wolfgang Von Goethe. Trad. feita de acordo com a versão francesa da Baronesa A. de Carlowitz; estudo de Agripino Grieco. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

Orgulho e preconceito, de Jane Austen. Trad. e intr. de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948. (Col. Fogos Cruzados, 1).

2. ed. Trad. e intr. de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Bruguera, s/d.

[3. ed.]. Trad. e intr. de Lúcio Cardoso. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

[4. ed.]. Trad. e intr. de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998. (Biblioteca Folha. Clássicos da Lit. universal, 6).

“A caverna” (Conto), de Eugênio Zamiatin.²⁹³ Trad. de Lúcio Cardoso. In: *O livro de ouro dos contos russos*. Traduções de Manuel Bandeira *et alii*. Coord. e apres. de Rubem Braga, prefácio de Annibal M. Machado, notas biográficas de Valdemar Cavalcanti, supervisão de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d., p. 293-8.

g) Filmes em que Lúcio Cardoso colaborou:

***Almas adversas*, 1948**

Longa-metragem

Produtores: João Tinoco de Freitas, Newton Paiva, Lúcio Cardoso, Leo Marten.

Roteiro: Lúcio Cardoso.

Direção: Leo Marten.

Fotografia: George Fanto, Pedro Neves.

Cenário: Adrian Samoilof.

²⁹³ Eugeni Ivanovitch Zamiatin (1884-1937).

Atores: Bibi Ferreira, Fregolente, David Conde, Labanca, Nelson Dantas, Graça Mello, Rosita Gay.

Local de filmagem: Congonhas do Campo (Minas Gerais).

***A mulher de longe*, 1949.**

Longa metragem.

Produtores: João Tinoco de Freitas e Tapuia Cinematográfica.

História, roteiro, direção e produção: Lúcio Cardoso.

Fotografia: Ruy Santos.

Assistentes de direção: Fernando Torres, Nelson Dantas, Paulo Brandão.

Atores: Iracema Vitória, Nelson Dantas, Orlando Guy, Fregolente, Maria Fernanda, Rosita Gay.

Local da filmagem: Praia de Itaipu (Rio de Janeiro).

***Despertar de um horizonte*, c. 1950.²⁹⁴**

Longa-metragem [35 mm / 80'].

Direção: Igino Bonfioli.

Texto: Lúcio Cardoso.

Fotografia: Igino Bonfioli, José Silva e Sinésio Silva.

Montagem: Sálvio Silva.

Narração: José Américo.

Coordenação: Zoltan Gluek.

Produção: Libertas Filme.

Local da filmagem: Belo Horizonte.

***Porto das caixas*, 1961.**

Longa-metragem.

Produção, roteiro e direção: Paulo César Saraceni.

Baseado em uma história de Lúcio Cardoso.

Fotografia: Mário Carneiro.

Assistentes de direção: Fernando Torres, Nelson Dantas, Paulo Brandão.

Cenário e figurino: José Henrique Bello.

Música: Tom Jobim.

Atores: Irma Alvarez, Paulo Padilha, Reginaldo Farias, Sérgio Sanz, Margarida Rey.

Local de filmagem: Praia de Itaipu.(Rio de Janeiro).

²⁹⁴ Filme redescoberto pelo videomaker mineiro, Éder Santos (Grupo Mineiro da Moda), no começo dos anos 90, cf. "Filme Preserva o passado de BH". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 ago. 1992. Encontrei esta passagem no diário de LC, datada de 21 de maio de 1958: "... ontem, terminando o texto para o documento cinematográfico para Belo Horizonte, ao mesmo tempo [*sic*] que me sentia velho de cem anos ante aquelas coisas que tão nitidamente marcaram o meu passado, fui ter a uma casa da Tijuca, exatamente nos arredores de uma das primeiras onde morei quando cheguei ao Rio." (DC, p. 249). Éder Santos menciona "c. 1950", por não ter podido precisar a data correta do filme, que deve ter sido realizado em 1958, como evidencia o texto de LC.

h) **Prefácios:**²⁹⁵

“Apresentação do pintor Toni Fertonani” (Catálogo da exposição). Galeria Penguin. Rio de Janeiro, 1961.

AYALA, Walmir. *Cantata* (poemas). Pref. Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966, p. 5.

i) **Inéditos:**²⁹⁶**Romances:**

Apocalipse. S.I., 1951, 151 fls.²⁹⁷

Crônica da casa assassinada. S.I., s/d, 685 fls.²⁹⁸

O riso escuro ou o pavão de luto. S.I., s/d., 21 fls.²⁹⁹

Novelas:

Baltazar. S.I., s/d., 97 fls.³⁰⁰

Introdução à música do sangue. S.I., 1962, 79 fls.

Mãos vazias. S.I., s/d., 25 fls.³⁰¹

*O menino e o mal:*³⁰²

- a. *A mulher e a arara* (1. versão). 14 fls. dat.
- b. *A mulher e a arara* (2. versão). 29 fls. man.
- c. *Casa de fazenda*. 27 fls. man.
- d. *O irmão leigo*. 39 fls. man.

O que vai descendo o rio. Ubá, 29 ago. 1962. 38 fls.

A revolta. S.I., s/d., 10 fls.³⁰³

O riso escuro: 8 f. man.

²⁹⁵ Há duas menções no ALC, AMLB, FCRB sobre prefácios feitos por LC, para Yvonne Azevedo [Recife, 1954-1955] e para José César Borba [Rio de Janeiro, 1944]. Não encontrei em nenhuma das bibliotecas em que pesquisei referências a estes autores.

²⁹⁶ Todos estes inéditos se encontram no ALC, AMLB, FCRB.

²⁹⁷ Anexo: notas. Texto incompleto.

²⁹⁸ Anexo: outra versão e notas. Texto incompleto (Manuscritos e datiloscritos).

²⁹⁹ Anexo: notas e outra versão. Texto incompleto.

³⁰⁰ Incompleta.

³⁰¹ Com dedicatória a Mário de Freitas, datado: “Rio, 1938”. Volume encadernado.

³⁰² No ALC, AMLB, FCRB, consta a seguinte referência bibliográfica: S.I., s/d., 76 fls., e não há referência às partes.

³⁰³ Anexo: outra versão com o título “A morte de um pecador”.

O menino abandonado: 1 f. man., 2 p.

Contos:

“Circo”. S.I., s/d., 3 fls. + 6 fls.-cópia³⁰⁴

“Noiva”. S.I., s/d., 4 fls. + 1 fl.-cópia.³⁰⁵

“Réquiem”. S.I., s/d., 2 fls.³⁰⁶

Poesias:

Poesias. S.I., s/d., 484 fls.

Crônica:

“Ubá”. S.I., s/d., 2 fls. + 2 fls.-cópia.

Peças teatrais:

A cigarrinha e o inverno. S.I., s/d., 19 fls.

O enfeitiçado, peça em três atos. S.I., 1945.

A corda de prata, peça em três atos (Teatro de Câmara, Rio de Janeiro, 1947).

S.I., 1947. 78 fls. + 189 fls.-cópia (mimeografado).

O coração delator (Teatro de Câmara, Rio de Janeiro, 1947).³⁰⁷

O filho pródigo (Teatro Ginástico, Rio de Janeiro, 1947) (mimeografado).³⁰⁸

Os desaparecidos, peça em três atos. S.I., s/d. 43 fls. + 30 fls.-cópia.

Angélica, peça em três atos. (Teatro de Bolso, Rio de Janeiro, 1950). S.I., 1950.

69 fls. + 126 fls.-cópia. (mimeografado).

O homem pálido, peça em três atos (escrita sob pseudônimo: João da Silva). S.I.,

1961. 77 fls. + 57 fls.-cópia.

O dia nasce. S.I., s/d. 21 fls.

A enfeitiçada. S.I., 1954. 25 fls.³⁰⁹

³⁰⁴ Publicado em *A Noite*, Rio de Janeiro, 9 ago. 1952.

³⁰⁵ Publicado em *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1952.

³⁰⁶ Incompleto.

³⁰⁷ Peça adaptada do conto “The tell-tale heart”, de Edgar Allan Poe.

³⁰⁸ Peça escrita especialmente para o grupo Teatro Experimental do Negro, que a apresenta no Teatro Ginástico (Rio de Janeiro), em 1947.

[*Iracema*]. S.I., s/d. 14 fls.³¹⁰

A morte e a donzela. S.I., s/d. 11 fls.

O morto na varanda. S.I., s/d. 3 fls.³¹¹

[*Prometeu*]. S.I., s/d. 4 fls.

A sombra de Berenice. S.I., s/d. 3 fls.³¹²

Peças sem título (11). S.I., s/d. 200 fls.³¹³

Crítica Literária:

9 f. man.

Diários:

Diário. Rio de Janeiro, 1957, 660 fls. + 241 fls.-cópia.³¹⁴

"Diário de terror" (fragmento anotado em caderneta). S.I., s/d., 27 fls.

"Livro de bordo". S.I., s/d., 4 fls.

Ensaio:

"O desenvolvimento de caracteres na ficção de Hawthorne". S.I., s/d., 18 fls.

"Energia". S.I., s/d., 32 fls.

Índios e negros do Brasil. S.I., s/d., 17 fls.³¹⁵

"Previdência". S.I., s/d., 23 fls.³¹⁶

Artigos:

["Assis Brasil"]. S.I., s/d., 9 fls.

"A borboleta amarela". S.I., s/d., 3 fls.

["Clarice Lispector"]. S.I., s/d., 18 fls. + 4 fls.-cópia.

"Enrique de Resende". S.I., s/d., 1 fl.³¹⁷

³⁰⁹ Incompleto.

³¹⁰ *Idem*.

³¹¹ *Idem*.

³¹² *Idem*.

³¹³ Quatro peças estão completas.

³¹⁴ Anexo: Cadernos-diários e notas esparsas. "Diário" parte não publicada (1944-1947), 241 fls.

³¹⁵ Publicado pelo Departamento Nacional de Educação do MEC, s/d. (Coleção Brasil, n. 21, Série Os Hábitos, vol. I). Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos.

³¹⁶ Incompleto.

“Uma retificação”. S.I., set./1938, 3 fls.³¹⁸

“Ubá”. 2 p.

Conferências:

“Fernando Pessoa”. Belo Horizonte, 1951, 13 fls.³¹⁹

[“Manuel Antônio de Almeida”]. S.I., s/d., 11 fls.

[“Memórias de um sargento de milícias”] (2). S.I., s/d., 24 fls.

Entrevistas:

[Casa de Proteção e Assistência ao Artista Provinciano]. S.I., s/d., 4 fls.

Entrevista de LC. S.I., s/d, 2 fls.

Obras traduzidas pelo autor:

As aventuras de João. Novela de Frederick Van Eeden. S.I., s/d., 21 fls.³²⁰

Como ele mentiu ao marido dela. Teatro de Bernard Shaw. S.I., s/d. 27 fls.

A gaivota. Teatro de Anton Tchekhov. S.I., s/d. 27 fls.

Jack, o estripador. Teatro de [?]. S.I., s/d. 5 fls.

“Rondó da noiva”. Poesia de Federico García Lorca. S.I., s/d. 1 fl.

Notas:

[Caio Mourão]. S.I., s/d. 1 fl.

“O enigma Vargas”. S.I., s/d. 1 fl.

“Faulkner”. S.I., s/d. 1 fl.³²¹

[Getúlio Vargas]. S.I., s/d. 2 fls.

“Goethe”. S.I., s/d. 1 fl.

[Igreja]. S.I., s/d. 1 fl.

[Lúcio Rangel]. S.I., s/d. 1 fl.

“O menino abandonado”. S.I., 12 set. 1958. 2 fls.³²²

³¹⁷ Incompleto.

³¹⁸ Publicado em *O Jornal*, Rio de Janeiro, set. 1938.

³¹⁹ Conferência pronunciada na Faculdade de Direito de Belo Horizonte. Incompleto: faltando a folha 8.

³²⁰ Incompleta.

³²¹ *Idem*.

[Minas Gerais]. S.I., s/d. 1 fl.

[Valmir *[sic]* Ayala]. S.I., s/d. 1 fl.

“O viajante”. S.I., s/d. 10 fls.

Textos não identificados. S.I., s/d. 110 fls.

j) **Correspondência ativa:**

Nome	Cartas	Folhas
1) Clarice Lispector	3	4 ³²³
2) Daniel Pereira	1	1 ³²⁴
3) Mário de Andrade	1	1 ³²⁵
4) Vinicius de Moraes	5	9 ³²⁶

k) **Roteiros inéditos:**

[*Almas adversas* (?)]. Roteiro para filme. S.I., s/d., 4 fls.

Com os olhos de chão. História inédita para Paulo César Saraceni.

Introdução à música do sangue. História inédita para Luiz Carlos Lacerda.

O baile da morte vermelha. S.I. s/d., 2 fls.³²⁷

Roteiro não identificado. S.I., s/d., 2 fls.

l) **Desenhos:**

43 desenhos, várias técnicas. S.I., s/d., 43 fls³²⁸

³²² Incompleta.

³²³ In: Arquivo Clarice Lispector, AMLB, FCRB, pasta CL/cp 024. (Assunto: comentários sobre *O lustre*, sobre a amizade que dedica a Clarice e sobre a criação do Teatro de Câmara.)

³²⁴ In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. 755. [datada: “26 de maio de 1954”].

³²⁵ In: IEB – USP, São Paulo, datada: “Rio, 21 jun. 35.” (Assunto: agradecimento por recebimento do livro *Belazarte*, em retribuição a *Salgueiro*.)

³²⁶ In: Arquivo Vinicius de Moraes, AMLB, FCRB, pasta VMcp 116. (Assunto: Informação de que escreveu artigo sobre *Forma e exegese*. Comentários sobre sua vida pessoal. Análise de comentário de Vinicius sobre o livro [*Salgueiro*] que está escrevendo. Menção a livros clássicos da literatura francesa por ele adquiridos. Obs.: Algumas cartas são documentos reservados que só poderão ser abertos a consultas em 2050.)

³²⁷ Adaptação de conto de Edgar Allan Poë, para o programa Câmera Um, da TV Tupi.

³²⁸ In: ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 01 di.

II. Bibliografia sobre Lúcio Cardoso

a) **Livros:**

ABREU, Caio Fernando. *Pequenas epifanias – crônicas (1986/1995)*. Org. e nota de Gil França Veloso. Porto Alegre: Sulina, 1996, p. 111.

———. *Petites épiphanies*. Traduction du portugais (Brésil) et préface par Claire Cayron. Paris: José Corti, 2000, p. 123. (Collection “Ibériques”).

ABREU, Estela dos Santos. *Ouvrages brésiliens traduits en france = livros brasileiros traduzidos na França* (1988). 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1998, p. 32.

ADONIAS FILHO. “O herói trágico”. In: *Moderno ficcionistas brasileiros*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958, p. 85-93 e 186.

———. “Lúcio Cardoso”. In: *O romance brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: Bloch, 1969, p. 125-34.

———. “*Crônica da casa assassinada*”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. 768-70.³²⁹

ALBERGARIA, [Maria] Consuelo [de Pádua]. “Espaço e transgressão”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. 681-8.

———. “Diário de Lúcio: o itinerário de um escritor”. In: *Anais do 2º Congresso ABRALIC [Literatura e Memória Cultural]*. Belo Horizonte, 1991, vol. III, p. 207-12.

ALMEIDA, Teresa de. “Marcas do texto: Julien Green e outros”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. 697-710.³³⁰

ALVES Filho, F. M. RODRIGUES. *O sociologismo e a imaginação no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

ANDRADE, Almir de. “Algumas tendências do romance: Lúcio Cardoso e Graciliano Ramos”. In: *Aspectos da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1939, p. 95-100.

³²⁹ Publicado no *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1959.

³³⁰ [Teresinha de Almeida Arco e Flexa].

- ANDRADE, Carlos Drummond de. "A mão esquerda". In: *Auto-retrato e outras crônicas*. Seleção de Fernando Py. Rio de Janeiro: Record, 1989, p. 69-70.
- . "A Lúcio Cardoso, na casa de saúde" (Poema). In: CARDOSO, Lúcio. *Diário completo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970, p. xi; In: ANDRADE, C. D. de. *Discurso de primavera e algumas sombras* (poesia). Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1977, p. 55-7; In: CARDOSO, L. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. Espanha: Archivos/CSIC, 1991, p. XVII.
- . *Conversa de livraria – 1941 e 1948*. Nota de Cláudio Giordano, pref. de Waldemar N. Torres. Porto Alegre: AGE; São Paulo: Giordano, 2000, p.17, 47 e 99. (Col. Memória, 24).
- ANDRADE, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*. Pref. e notas de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Simões, 1958, p. 336.
- . *Cartas a um jovem escritor – de Mário de Andrade a Fernando Sabino*. Pref. de Fernando Sabino. Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 102-17.
- . *Cartas a Murilo Miranda (1934-1945)*. Lembranças de Yedda Braga Miranda, advertência de Raúl Antelo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 66, 69, 71 e 77.
- & BANDEIRA, Manuel. *Correspondência*. Org., intr. e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: EDUSP: IEB, 2000, p. 588-9. (Col. Correspondência de Mário de Andrade, 1).
- ANDRADE, Oswald de. *Telefonema*. Pesquisa e estabelecimento de texto, introdução e notas de Vera Maria Chalmers. São Paulo: Globo, 1996, p. 280 e 433.
- ARAÚJO, Pe. Alberto Vieira de. "Lúcio e Deus". In: *Curvelo do padre Curvelo*. 2. ed. Curvelo, MG: Ed. do Autor.
- . "Joaquim Lúcio Cardoso Filho". *Ibidem*, p. 194-8.
- ARÊAS, Vilma. "Clarice Lispector". In: PIZARRO, Ana, org. *América Latina: palavra, literatura e cultura* (3 vol.). São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1995, vol. 3, p. 429-46. (LC, p. 432, 437, 439 e 444).
- ATAIDE, Vicente. *Modernismo*. Curitiba: HDV, 1983, p. 74-5.

- ATHAYDE, Tristão de. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.
- . *Meio século de presença literária (1919-1969)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969, p. 159-69; 173 e 213.
- . “Meio século de literatura brasileira”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. 770-4.³³¹
- AVELLAR, José Carlos. *Cinema e literatura no Brasil*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994, p. 74; 130 e 148.
- AYALA, Walmir. “[Orelhas]”. In: CARDOSO, Lúcio. *Diário I*. Rio de Janeiro: Elos, s/d. [1961].
- . *Diário I: difícil é o reino*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1962.
- . *Diário II - o visível amor*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1963. (Col. Lúcio Cardoso).
- . “Lúcio Cardoso”. In: COUTINHO, Afrânio & COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1970, vol. 5, p. 445-57.
- . *Diário de Bolso* (crônicas). Brasília: Ebrasa, 1970.
- . *A fuga do arcanjo (diário III)*. Rio de Janeiro: Brasília/Rio, 1976.
- . “Lúcio Cardoso e a casa assassinada”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada* (1959). 7. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. [1989], p. 6-7.
- . *O Brasil por seus artistas. Brasil through its artists*. Edição bilíngüe. Rio de Janeiro: Nórdica; São Paulo: Círculo do Livro, s/d. [1980], p. 44-5.
- . “Eu, Manuel Bandeira, e dois inéditos”. In: CARVALHO E SILVA, Maximiano de, org. *Homenagem a Manuel Bandeira - 1986 - 1988*. Niterói, RJ: UFF - Sociedade Sousa da Silveira; Rio de Janeiro: Monteiro Aranha / Presença Edições, 1989, p. 569.
- . “Então eu vi de perto o príncipe da noite”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. 2. ed.

³³¹ Publicado anteriormente In: *Idem. Meio século de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969, p. 159-66.

- Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996, p. 798-800.³³²
- BANDEIRA, Manuel. *Obras-primas da lírica brasileira*. Notas de Edgard Cavalheiro. São Paulo: Martins, 1943, p. 374-76.
- . *Apresentação da poesia brasileira – seguida de uma pequena antologia*. Pref. de Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946.
- . *Poesia e prosa* (2 vol.). Intr. geral de Sérgio Buarque de Holanda & Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958, vol. I, p. 259 e 1170; vol. II, p. 506, 1123, 1296 e 1298.
- . *Apresentação da poesia brasileira*. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, vol. II, 1958, p. 123 e s.
- . “A poesia depois do Modernismo”. In: *Noções de história das literaturas* (1940). 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1969, p. 339-40.
- . “Os voluntários do norte”. In: *Libertinagem & Estrela da manhã*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d., p. 98-9.³³³
- . “Lúcio Cardoso”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. 768.³³⁴
- BARBADINHO NETO, Raimundo. *Sobre a norma literária do modernismo – subsídios para uma revisão da gramática portuguesa*. Apres. de Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977, p. 55-6, 62, 64, 68, 70-73, 79-80. (Col. Lingüística e Filologia).
- . *Ibidem*. Reimpressão acrescida de apêndice. Apres. de Carlos Eduardo Falcão Uchôa e de Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977, p. 55-6, 62, 64, 68, 70-3, 79-80, 94-5, 118-21. (Col. Lingüística e Filologia).

³³² Publicado em *Letras e Artes*, Rio de Janeiro, out. 1988.

³³³ Poema publicado no livro *Estrela da manhã*, em 1936.

³³⁴ Publicado na *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 dez. 1960.

- & ROCHA LIMA. *Manual de redação* (1979). 5ª ed. revista. Rio de Janeiro: FAE, 1994, p. 53 e 59.
- BARROS, Jayme de. *Espelho dos livros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936, p. 217-26.³³⁵
- *Poetas do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944, p. 212-5.
- BARROSO, Maria Alice. “Lúcio Cardoso e o mito”. In: CARDOSO, Lúcio. *Três histórias da província*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1969.
- . “Prefácio”. In: CARDOSO, Maria Helena. *Sonata perdida – anotações de uma velha dama digna*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p. 5-7.
- BEDRAN, Ângela Maria. “A face do terror estancava nossa alma fascinada”. In: BRANDÃO, Ruth Silviano, org. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 21-2.
- . “A paixão segundo Lúcio Cardoso”. In: *Ibidem*, p. 134-41.
- BESANÇON, Guy. “Notas clínicas e psicopatológicas”. Trad. Ligia Vassallo. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. Espanha: Archivos/CSIC, 1991, p. 689-95.
- BESOUCHET, Lidia & FREITAS, Newton. “Lúcio Cardoso”. In: *Literatura del Brasil*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1946, p. 139-42.
- BESSA, Daniela Borja. “À procura do pai”. In: BRANDÃO, Ruth Silviano, org. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 68-86.
- BOSI, Alfredo. “Lúcio Cardoso”. In: *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. Org. e dir. de José Paulo Paes & Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 65-6.
- . “Um grande folhetim tumultuosamente filosófico”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. Espanha: Archivos/CSIC, 1991, p. XXI-XXIII.

³³⁵ Neste livro o nome do autor aparece com “i”: Jaime, já em *Poetas do Brasil*, com “y”: Jayme. Na *Enciclopédia de literatura brasileira*, dirigida por Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, aparece com “i”. Como não pude consultar o primeiro livro do autor em questão, optei pela forma com “y”, do segundo título que pude consultar.

- . “Lúcio Cardoso”. In: *História concisa da literatura brasileira* (1970). 32. ed. rev. e aum. São Paulo: Cultrix, 1994, 413-5.³³⁶
- BRANCO, Lúcia Castello & BRANDÃO, Ruth Silviano. “O corpo dilacerado da memória”. In: *Literaterras – as bordas do corpo literário*. São Paulo: ANNABLUME, 1995, p. 148-60. (Col. E, 4).
- BRANDÃO, Ruth Silviano. “O discurso da morte encenada”. In: *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG/Secretaria Municipal de Cultura, 1993, p. 223-92.
- . *Literatura e psicanálise*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996, p. 73-7. (Col. Síntese Universitária, 45-46).
- , org. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. (Col. Humanitas).
- . “Lúcio Cardoso: a travessia da escrita”. In: ———, org. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 25-45.
- . “A crise da representação”. In: *A força da letra – estilo escrita representação*. BRANCO, Lucia Castello & BRANDÃO, Ruth Silviano, org. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Pos-Lit – FALE/UFMG, 2000, p.150-7.
- BRAYNER, Sonia. “A construção narrativa: uma gigantesca espiral colorida”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. Espanha: Archivos/CSIC, 1991, p. 717-22.
- BROCA, Brito. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Luiz Dantas, org. Campinas: UNICAMP, 1991, p. 263.
- . *Papéis de alceste*. Projeto original de Alexandre Eulálio. Campinas: UNICAMP, 1991, p. 31, 228-9.
- . *Horas de leitura: 1ª e 2ª séries* (1957). Carlos Eduardo Ornelas Berriel, org. Campinas: UNICAMP, 1992, p. 153.
- . *Escrita e vivência*. Enid Yatsuda Frederico, org. Campinas: UNICAMP, 1993, p. 118-21.

³³⁶ Na primeira edição: “Lúcio Cardoso”. In: *Idem, ibidem*. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 464-7. Há, ainda, na 32. ed. outras referências a LC: p. 412; 384-6; 389-90; 392-3; 428 e 489.

- . *O repórter impenitente*. Márcia Abreu, org. Campinas: UNICAMP, 1994, p. 23-4 e 41.
- BRUNO, Haroldo. “Lúcio Cardoso, ou à margem da ficção”. In: *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1975, p. 167-70.
- . *Novos estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p. 183.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Literatura em campo minado – a metalinguagem em Graciliano Ramos e a tradição literária brasileira*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1999, p. 68. (Selo Universidade, 102).
- CABRAL, Mário. *Caderno de crítica*. 1945, p. 194-8.
- CACASO [Brito, Antonio Carlos Ferreira de]. “Lúcio Cardoso poeta”. In: ———. *Não quero prosa*. Org. e sel. de Vilma Áreas. Campinas: Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1997, p. 205-7. (Col. Matéria de Poesia).
- CÂMARA, Isabel. Quarta capa da 2. ed. de *A luz no subsolo*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971.
- CAMPOS, Sérgio. “Lúcio” (poema). In: *As iras do dia*. Nova Friburgo, RJ: Mundo Manual, 1990, p. 42-3.³³⁷
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade – estudos de teoria e história literária* (1965). 4. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975, p. 125.
- . *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, p. 188 e 204. (Série Temas, 1).
- CARDOSO, Maria Helena. *Por onde andou meu coração*. Pref. de Octávio de Faria, notas da editora e de Walmir Ayala, Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
2. ed. rev. Capa de Lúcio Cardoso, pref. de Octávio de Faria, nota da editora e de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
3. ed. Capa de Lúcio Cardoso, pref. de Octávio de Faria, nota da editora e de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984.

³³⁷ Poema dedicado a LC.

- . *Vida-vida* (memória). Nota de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: José Olympio/MEC, 1973.
- CARELLI, Mario. “Inácio ou o mágico”. In: CARDOSO, Lúcio. *Inácio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984, p. 5-7.
- . “Post-face”. In: *Chronique de la maison assassinée*. Traduction du portugais (Brésil) par Mario Carelli. Paris: A. M. Métailié/Mazarine, 1985, p. 417-9.
- . “Lúcio Cardoso: un romancier d'intention expressionniste”. In: *Transformations of literary language in latin american literature. From Machado de Assis to the vanguards*. Edited by K. David Jackson. Austin: Abaporu Press, 1987, p. 98-110.
- . *Corcel de fogo: Vida e obra de Lúcio Cardoso (1912-1968)*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães, orelhas de Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- . “Inácio, l'ensorceleur”. In: *Inácio*. Traduit du portugais (Brésil) par Mario Carelli. Paris: A. M. Métailié, 1991, p. 7-12.
- . “O resgate de um escritor maldito”; “Cronologia”; “Crônica da casa assassinada: a consumação romanesca”; “A recepção crítica”; “A música do sangue”; e “Bibliografia estabelecida”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. XXV-XXVI; 621-2; 625-39; 641-4, 723-9; e 793-810.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)* vol. II. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 323, 334, 374, 438 e 439.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 164 e 182.
- . “Lúcio Cardoso”. In: *Ela é carioca - uma enciclopédia de Ipanema*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.³³⁸
- CESAR, Ana Cristina. *Literatura não é documento*. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1980, 104-5.

³³⁸ Não mencionarei os números das páginas, LC comparece em quase todo o livro.

- COELHO, Nelly Novaes. *Tempo solidão e morte*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964.
- . “Lúcio Cardoso e a inquietude existencial”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. 775-81.³³⁹
- CORRÊA, Roberto Alvim. “Lúcio Cardoso”. In: *O mito de Prometeu*. Pref. de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: Agir, 1951, p. 163-8.
- COUTINHO, Edilberto. *Erotismo no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979, p. 146-55.
- CUNHA, Fausto. *Situações da ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970, p. 26.
- DANTAS, Maria Flávia Drummond. “Por uma escrita interminável”. In: BRANDÃO, Ruth Silviano, org. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 106-10.
- DIONYSOS (revista). Órgão do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação e Cultura. Ano XXIV, n. 22, Rio de Janeiro, dez. 1975.
- DORIA, Gustavo A. *Moderno teatro brasileiro: crônica de suas raízes*. Rio de Janeiro: SNT, 1975, p. 123-8.
- DUTRA, Waltensir e CUNHA, Fausto. *Biografia crítica das letras mineiras*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1956, p. 108. (Biblioteca de Divulgação Cultural, V).
- ESPÍRITO SANTO JÚNIOR, Lúcio Emílio do. “Os renegados – um paralelo entre Lúcio Cardoso e Otávio de Faria”. In: BRANDÃO, Ruth Silviano, org. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 151-60.
- ETIENNE FILHO, João. “Prefácio”. In: CARDOSO, Lúcio. *Poemas inéditos*. Apres. e ed. de Octávio de Faria. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 19-24.

³³⁹ Publicado em *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 out. 1968, Suplemento Literário.

- FARIA, Octávio de. "Nota final" [Lúcio Cardoso]. In: *Dois poetas: Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes*. Rio de Janeiro: Ariel, 1935, p. 333-43.
- . "Introdução". In: CARDOSO, Lúcio. *O viajante*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. XIII-XX.
- , org. "Nota editorial". In: CARDOSO, Lúcio. *Poemas inéditos*. Pref. de ETIENNE FILHO, João. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p.11-7.
- . "Lúcio Cardoso". In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. Por Mario Carelli. Espanha: Archivos/CSIC, 1991, p. 659-80.
- FIGUEIREDO, Guilherme. "Uma tradução". *Cobras e lagartos – rodapés de crítica literária (1943-1945)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 233-40.³⁴⁰
- FONSECA, Edson Nery da, org. "Apresentação". In: *Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa: Cecília Meireles, Murilo Mendes e Lúcio Cardoso*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1985, p. 7-15.
- FREITAS FILHO, Armando. "Achados & perdidos" (poema). In: *De corpo presente (1970-1975)*. Rio de Janeiro: Práxis, 1975, p. 52.³⁴¹
- FUSCO, Rosário. *Vida literária*. São Paulo: SEP, 1940, p. 21, 106, 144-7, 151-2, 176, 179-80 e 184. [Col. Estudos e Documentos, vol. I].
- GOMES, Paulo Emílio Salles. 2 vol. *Crítica de cinema no suplemento literário*. Rio de Janeiro: EMBRAFILME/Paz e Terra, 1982, vol. II, p. 411-6.
- GONÇALVES, Carlos Magno dos Santos. Lúcio Cardoso – de Curvelo para o mundo. Curvelo, MG: Edição do Autor, maio 1996, 52 p.
- GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice – uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995, p. 149-51, 161-4, 171-9, 181-2, 188-92, 194-204 e 240-51.
- GRIECO, Agrippino. *Gente nova no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935, p. 99-104.

³⁴⁰ Artigo sobre a tradução de *O livro de Job*, realizada por LC.

³⁴¹ Poema dedicado a LC.

- GUERRA, José Augusto. *Caminhos e descaminhos da crítica*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1980, p. 61.
- GUIMARÃES, Júlio Castañon. “Nota filológica: procedimentos de edição”; “Estabelecimento do texto”; e “Alguns procedimentos na produção do texto”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. XXVII-XXXVII; 1-618; e 645-55.
- $\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}\frac{3}{4}$. *Distribuição de papéis: Murilo Mendes escreve a Carlos Drummond de Andrade e Lúcio Cardoso*. Rio de Janeiro: FCRB / Ministério da Cultura, 1996. (Papéis avulsos, 27).
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. de Maria da Penha Villalobos & Lólio Lourenço de Oliveira, rev. e atual. pelo autor. São Paulo: T.A. Queiroz / EDUSP, 1985, p. 357, 364, 374, 376, 379 e 410.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra – estudos de crítica literária I – 1920-1947*. Org., intr. e notas de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 32; 324-5 e 327.
- . *O espírito e a letra – estudos de crítica literária II – 1948-1959*. Org., intr. e notas de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 32 e 209.
- INVENTÁRIO do arquivo Carlos Drummond de Andrade*. Eliane Vasconcellos, org. Rio de Janeiro: FCRB/MinC, 1998, p. 162. (Série AMBL; 6)
- INVENTÁRIO do arquivo Clarice Lispector*. Eliane Vasconcellos, org. Rio de Janeiro: FCRB/MinC, 1993, p. 24, 63 e 226. (Série AMBL, 5).
- INVENTÁRIO do arquivo Manuel Bandeira*. Beatriz Folly e Silva & Maria Eduarda de Almeida Vianna Lessa, org. Rio de Janeiro: FCRB/MinC, 1989, p. 7 e 73. (Série AMLB, 3).
- INVENTÁRIO do arquivo Vinicius de Moraes*. Eliane Vasconcellos, org. Rio de Janeiro: FCRB/MinC, 1999, p. 51, 69 e 90. (Série AMBL, 7).
- “JULGAMENTO da crítica brasileira sobre a obra de Lúcio Cardoso”. In: CARDOSO, Lúcio. *Diário completo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970, p. xii-xiii.

JUREMA, Aderbal. *Provincianas*. Recife: Nordeste, 1949, p. 113-8.

LACERDA, Nilma Gonçalves. “Caixas chinesas em Minas: túmulo e cova (*Crônica da casa assassinada: a outra cena*)”. In: *Anais do 2º Congresso ABRALIC* [Literatura e Memória Cultural]. Belo Horizonte, 1991, vol. III, p. 228-33.

LAFETÁ, João Luiz. 1930: a crítica e o modernismo (1974). 2. ed. Pref. de Antonio Candido. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000, p. 227 e 234. (Col. Espírito Crítico).

LIMA, Alceu Amoroso. *Voz de Minas*. Rio de Janeiro: Agir, 1945, p. 158, 162, 166 e 174.

———. *Quadro sintético da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Agir, 1956, p. 146.

LIMA, Jorge de. “Um anjo de tentação baixou junto ao poeta”. In: *Obra poética – edição completa* (1 vol.). Otto Maria Carpeaux, org. Rio de Janeiro: Getulio Costa, 1950, p. 379-81.³⁴²

LIMA, Luiz Costa. “Ficção: as linguagens do modernismo”. In: ÁVILA, Affonso. *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975, p. 71.

———. *A perversão do trapezista: o romance em Cornélio Penna*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 56.

———. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, p. 173 e 185.

LINHARES, Temístocles. “Um intérprete da vida interior”. In: *Interrogações II*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1962, p. 74-82.

^{3/4 3/4 3/4 3/4}. *Diálogos sobre a poesia brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/INL/MEC, 1976, p. 210.

———. *Diálogos sobre o romance brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos; (Brasília): INL, 1978, p. 33.

³⁴² Poema dedicado a LC.

- . *História crítica do romance brasileiro: 1728-1981*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987, p. 54 e 56. (Col. Reconquista do Brasil. 2. série; v. 16-118)
- . *Diário de um crítico – vol. I (1957-1963)*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001, p. 127, 129-30, 133, 141 e 213.
- . *Diário de um crítico – vol. II (1963-1966)*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001, p. 21 e 125.
- LINS, Álvaro. *Jornal de crítica*. 1. série. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941, p. 88-97.
- . *Jornal de crítica*. 6. série. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951, p. 79-87.
- . “No subsolo da natureza humana”. In: *Os mortos de sobrecasaca (ensaios e estudos 1940-1960)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 107-21. (Col. Vera Cruz, 44).
- LISPECTOR, Clarice. “Lúcio Cardoso”. In: CARDOSO, Maria H. *Vida-vida* (memória). Rio de Janeiro: José Olympio/MEC, 1973, p. ix-x; In: LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 243-5; In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. Espanha: Archivos/CSIC, 1991, p. 786-7.
- LITRENTTO, Oliveiros. *O crítico e o mandarim*. Rio de Janeiro: Livraria São José, s/d., p. 46.
- LOBATO, Luciana. “Sob o signo do mal”. In: BRANDÃO, Ruth Silviano, org. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 142-50.
- LOPES, Denilson. *Nós os mortos - melancolia e neo-barroco [sic]*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.³⁴³
- LOPES JÚNIOR, Francisco Caetano. “Uma subjetividade outra”. In: REIS, Roberto, org. *Notas de Ronald W. Souza. Toward socio-criticism: selected proceedings of the conference “Luso-Brazilian literatures, a socio-critical*

³⁴³ Estudo sobre *Crônica da casa assassinada* (1959), de Lúcio Cardoso; *A menina morta* (1954), de Cornélio Penna; e *Ópera dos mortos* (1968), de Autran Dourado.

- approach*". USA: Tempe: Center for Latin American Studies; Arizona State University, 1991, p. 67-75.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona, org. *Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 104.
- LUCAS, Fábio. *Mineiranças*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991, p. 186, 239 e 253.
- MAGALDI, Sábato. "Pluralidade de tendências". In: *Panorama do teatro brasileiro*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962, p. 248-9.
- . "[Orelhas]". In: CARELLI, Mario. *Corcel de fogo: Vida e obra de Lúcio Cardoso (1912-1968)*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.
- MAMEDE, Zila. *Civil geometria – bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto – 1942-1982*. São Paulo: Nobel/Edusp/INL/Vitae/Governo do Estado do RN, 1985, p. 290.
- MARTINS, Maria Terezinha. *Luz e sombra em Lúcio Cardoso*. Pref. [orelhas] de Gilberto Mendonça Teles. Goiânia: UFG/CEGRAF, 1997. (Col. Orfeu).
- MARTINS, Wilson. *Pontos de vista (crítica literária) 1955/1955*. vol. 1. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991, p. 495, 499 e 511.
- . *Pontos de vista (crítica literária) 1956/1957*. Vol. 2. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991, p. 82.
- . *Pontos de vista (crítica literária) 1958/1959*. Vol. 3. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992, p. 458-62.
- . *Pontos de vista (crítica literária) 1960/1961*. Vol. 4. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992, p. 231.
- . *Pontos de vista (crítica literária) 1962/1963*. Vol. 5. São Paulo: T. A. Queiroz, 1993, p. 333.
- . *Pontos de vista (crítica literária) 1968/1969/1970*. Vol. 8. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994, p. 230, 332-3.
- . *Pontos de vista (crítica literária) 1971-1975*. Vol. 9. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995, p. 14-8, 124, 130, 132, 316-20, 392, 458-61.

- . *Pontos de vista (crítica literária) 1978/1979/1980/1981*. Vol. 10. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995, p. 450-2.
- . *Pontos de vista (crítica literária) 1982/1983/1984/1985*. Vol. 11. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995, p. 148.
- . *Pontos de vista (crítica literária) 1986-1990*. Vol. 12. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996, p. 303-5.
- . “Um romance brasileiro”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. 2. ed. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996, p. 793-7.³⁴⁴
- . *História da inteligência brasileira*. v. 7 (1933-1960), 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996, p. 407.
- MASCARENHAS, Geraldo Magalhães. *Centenário da fábrica do cedro*. Belo Horizonte: Companhia de Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira, ed. particular, 1972.
- MEDEIROS, Aluizio. *Crítica*. Fortaleza: Cla, 1947, p. 60-2.
- MELO NETO, João Cabral de. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Org., apres. e notas de Flora Süssekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001, p. 68, 71 e 146.
- MENDES, Murilo. “Carta de Murilo Mendes a Lúcio Cardoso”. In: *Murilo Mendes: 1901-2001*. GUIMARÃES, Júlio Castañon, org. Juiz de Fora: CEMM/UFJF, 2001, p. 129.
- MENDES, Oscar. “Mãos Vazias”. In: *Seara de romances: ensaios críticos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982, p. 317-21.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Razão do poema – ensaios de crítica e de estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 55.
- . “A forma e a febre”. In: *O elixir do apocalipse*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 151-5. (Col. Logos).

³⁴⁴ Publicado em *Pontos de vista (crítica literária) 1958-1959*. v. 3. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.

- . “La crítica brasileña desde 1922”. In: *América Latina: palavra, literatura e cultura* (3 vol.). PIZARRO, Ana, org. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1995, vol. 3, p. 673-96. (LC, p. 679)
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. “Romance de tese e individualidade”. In: *A leitora e seus personagens*. Pref. de Bernardo de Mendonça; pesquisa biblio., sel. e notas de Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 74-7.³⁴⁵
- . “A favela verossímil de Lúcio Cardoso”. In: *Ibidem.*, p. 94-8.
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico I* (1950). 2. ed., São Paulo: Martins/Edusp, 1981.
- . *Diário crítico V* (1950). 2. ed., São Paulo: Martins/Edusp, 1981.
- . *Diário crítico VII* (1950). 2. ed., São Paulo: Martins/Edusp, 1981.
- MIRANDA, Wander Melo. “Ficção poética e de atmosfera: Cornélio Penna e Lúcio Cardoso”. In: *Seminário João Alphonsus*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura/MG, 1981, p. 123-47.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira – vol. V – Modernismo (1922-atualidade)*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1989, p. 308-18, 328, 461, 523, 560.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. “Lúcio Cardoso, Amando Fontes e José Américo de Almeida”. In: *O romance e os seus problemas*. Lisboa: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1950, p. 173-6.
- . *O romance (teoria e crítica)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964, p. 206-8.
- MOURÃO, Rui. “A ficção modernista em Minas Gerais”. In: ÁVILA, Affonso, org. *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- MOUTINHO, José Geraldo Nogueira. “Dois memorialistas”. In: *A fonte e a forma*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 114-5.
- . “A tragédia espiritual de Lúcio Cardoso”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. 711-6.
- M. S. “O enfeitado”. In: CARDOSO, Lúcio. *O enfeitado*. Capa Luís Jardim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, orelhas.

³⁴⁵ Seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros.

- MURICY, José Cândido de Andrade. *A nova literatura brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1936, p. 334-40.
- . (orelha). In: CARDOSO, Lúcio. *Maleita*. 2. ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1953.
- MURILO Mendes: 1901-2001. GUIMARÃES, Júlio Castañon, org. Juiz de Fora: CEMM/UFJF, 2001, p. 129 e 141.
- NASCIMENTO, Abdias do. *Dramas para negros e prólogo para brancos - antologia de teatro negro-brasileiro*. Ilus. e capa de Mário Cravo. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961, p. 29-72.
- “NOTA da editora”. In: CARDOSO, Lúcio. *Diário completo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970, p. vi-ix.
- OLINTO, Antônio. “Crônica da casa assassinada”. In: *A verdade da ficção*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1966, p. 149-52.
- OLIVEIRA, José Carlos. “Retrato de Joaquim”. In: *O saltimbanco azul*. Porto Alegre: L&PM, 1979, p. 33-5.
- PELLEGRINO, Hélio. “Um indomável coração de poeta”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. 782-5.³⁴⁶
- PEREZ, Renard. “Lúcio Cardoso”. In: *Escritores brasileiros contemporâneos* (1964). 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, vol. II, p. 225-44.
- PESSOA, José Eduardo Marco. “O pai ausente”. In: BRANDÃO, Ruth Silviano, org. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 46-67.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *La letteratura brasiliana*. Florença/Milão: Sansoni/Academia, 1972, p. 540.
- . *Literatura brasileira – das origens a 1945* (1981). 2. ed. Trad. de Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 99.

³⁴⁶ Publicado no *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 out. 1968.

- . *História da literatura brasileira* (1972).³⁴⁷ Trad. de Pérola de Carvalho; rev. e atual. de Alice Kyoko. Paulo Roberto Dias Pereira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 431, 540, 575, 634, 687, 704.
- PIRES, Antonia Cristina de Alencar. “A viagem da escrita: considerações sobre o diário de Lúcio Cardoso”. In: BRANDÃO, Ruth Silviano, org. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 94-105.
- POLVORA, Hélio. “Lúcio Cardoso”. In: *A força da ficção*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 87-95.
- PONTES, Elói. *Romancistas*. Curitiba: Guaíra, 1942, p. 13-20.³⁴⁸
- PORTELLA, Eduardo. “A linguagem prometida”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. Espanha: Archivos/CSIC, 1991, p. XIX-XX.
- PRADO, Décio de Almeida. *Apresentação do teatro brasileiro moderno*. São Paulo: Martins, [1956], p. 121-6.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. “Introdução crítica”. In: CARDOSO, Lúcio. *Maleita*. s/ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1963.³⁴⁹
- . “Lúcio Cardoso – Maleita”. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971, p. 487-92.
- RÊGO, José Lins do. “O enfeitado”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. Espanha: Archivos/CSIC, 1991, p. 767.³⁵⁰
- REIS, Marcos Konder. “A visita de um veterano”. In: *Caminho de pandorgas*. Rio de Janeiro: Ebrasa, 1972.
- . “Apresentação”. In: CARDOSO, Lúcio. *Maleita*. s/ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1963.³⁵¹

³⁴⁷ A primeira redação do presente livro foi *La letteratura brasiliana*, cuja referência é a primeira acima citada.

³⁴⁸ Encontrei outra referência em que o nome do autor aparece grafado diferente: Eloy Pontes.

³⁴⁹ A mesma introdução crítica aparece na edição de 1967.

³⁵⁰ Publicado em *O Jornal*, Rio de Janeiro, 3 jan. 1955. Publicado igualmente na orelha da 1. ed. da *Crônica da casa assassinada*.

³⁵¹ A mesma apresentação aparece na edição de 1967.

- . “A terceira pessoa”. In: CARDOSO, Lúcio. *Três histórias da cidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1969, p. 11-6.
- . “Balada de amigo - 1958 - 1965” (poema). In: *Teoria do vôo*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1969, p. 39-81.³⁵²
- REIS, Roberto. *A permanência do círculo: hierarquia no romance brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1987.
- RIBEIRO, Leo Gilson. “Apresentação”. In: CARDOSO, Lúcio. *O desconhecido e Mãos vazias*. 3. ed. Pref. e seleção de André Seffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, orelhas.
- ROA, Patricia *et alii*. “Lúcio Cardoso – *Crônica da casa assassinada*”. In: ——— *et alii. Miguel Angel Astúrias – 1899-1999*. Paris: Archivos, ALLCA XX, Université Paris X, 1999, p. 616-7.³⁵³
- ROCHA, Hildon. “Diário e solidão de um romancista – Lúcio Cardoso – sua história e sua obra”. In: *Entre Lógicos e Místicos*. Rio de Janeiro: São José, 1969, p. 109-22.
- RODRIGUES, Nelson. *O reacionário – memórias e confissões*. Pref. de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Record, 1977, p. 337.
- . *O óbvio ululante – primeiras confissões*. Ruy Castro, org. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 124.
- . *A menina sem estrela – memórias* (1967). Ruy Castro, org. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 84, 159.
- . *A cabra vadia - novas confissões*. Ruy Castro, org. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 68-9, 267-8.
- ROSA E SILVA, Enaura Quixabeira. *A alegoria da ruína: uma análise da Crônica da casa assassinada*. Apres. de Antonio Arnoni Prado. Curitiba: HD Livros, 1995.

³⁵² Poema longo, dedicado a várias pessoas, entre elas, LC, p. 47.

³⁵³ Catálogo da exposição organizada pela UNESCO e Colección Archivos, em homenagem ao centenário de nascimento de Miguel Angel Asturias, durante a XXX Conferência Geral da UNESCO.

- . “Prazer mortal: tensão erótica na narrativa de Lúcio Cardoso”. In: ————. *Prazer mortal - lições de literatura brasileira*. Pref. de Vilson Brunel Meller. Maceió: EDUFAL, 1997, p. 15-37.
- ROSSI, Carlos Alberto Khouri. “O sangue derramado”. In: BRANDÃO, Ruth Silviano, org. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 120-33.
- SAMPAIO, Newton. *Uma visão literária dos anos 30*. Curitiba: Fundação Cultural, 1979, p. 176-81.
- SANTOS, Cássia dos. “Polêmica e controvérsia: o itinerário de Lúcio Cardoso de *Maleita* a *O enfeitado*”. In: *Sínteses: teses*. Campinas: UNICAMP, vol. 3, 1998, p. 271-82.
- SANTOS, Hamilton dos. *Lúcio Cardoso, nem leviano, nem grave*. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Col. Encanto Radical, 79).
- SANTOS, Vito. *Poesia e humanismo*. 1971, p. 87-91.
- SARACENI, Paulo César. “Uma casa assassinada”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. 781-2.³⁵⁴
- . *Por dentro do Cinema Novo – minha viagem*. Orelhas de David E. Neves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.³⁵⁵
- SCHMIDT, Augusto Frederico. “Paixão segundo São João”. In: CARDOSO, Lúcio. *Poemas inéditos*. Apres. e ed. de Octávio de Faria, pref. de João Etienne Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 9.³⁵⁶
- SEFFRIN, André [do Carmo]. “Câncer e violetas”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. crítica. Coord. por Mario Carelli. España: Archivos/CSIC, 1991, p. 787-90.
- . “Uma gigantesca espiral colorida”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Ed. comemorativa de 40 anos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 7-12.

³⁵⁴ Publicado na *Tribuna da Imprensa*, [Rio de Janeiro], 20 out. 1973, p. 5, Tribuna Literária.

³⁵⁵ Não mencionarei as páginas, LC comparece em quase todo o livro.

³⁵⁶ Poema dedicado a LC.

- . “Demasiadamente humano”. In: CARDOSO, Lúcio, *O desconhecido e Mãos vazias*. 3. ed. Orelhas de Leo Gilson Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 7-8.
- SENNA, Homero. *República das letras* (1957). 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1968, p. 46.
- SOUZA, Eneida Maria de. “Vozes de Minas nos anos 40”. In: *A trama do arquivo*. Wander Melo Miranda, org. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995, p. 29-45.
- SOUZA FILHO. “Na trilha de Dostoiévski”. In: *Crítica humanística*. São Paulo, 1949, p. 15-20.
- SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. “Curvelanos ilustres”. In: GONÇALVES, Carlos Magno dos Santos. *Lúcio Cardoso – de Curvelo para o mundo*. Curvelo, MG: Edição do Autor, maio 1996, p. 21-2.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* (1986). 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 261-2.
- TURRER, Daisy. “Sob um sol que uniformiza tudo”. In: BRANDÃO, Ruth Silviano, org. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 111-9.
- VILELA, Andréa. “No fim, o que fica é o sangue”. In: BRANDÃO, Ruth Silviano, org. *Lúcio Cardoso: a travessia da escrita*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 17-20.
- . “A liturgia das cores de uma obra profana”. In: *Ibid.*, p. 87-93.
- WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada – jornalistas e escritores em Minas Gerais* (1992). 2. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 102, 114 e 127.
- WERNECK SODRÉ, Nelson. *Orientações do pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1942, p. 167-83.
- WOLFF, Fausto. “Apresentação”. In: *Crônica da casa assassinada*. Edição comemorativa de 40 anos. Pref. de André Seffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, orelhas.

b) Dissertações e teses.³⁵⁷

ALBERGARIA, Maria Consuelo de Pádua. "O espaço da loucura em Minas Gerais - análise da ficção de Cornélio Pena" (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982, 320 p.

ARCO E FLEXA, Teresinha de Almeida. *Lúcio Cardoso e Julien Green: transgressão e culpa* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, 1990, 2 v., 378 p.³⁵⁸

BARROS Jr., Fernando Monteiro de. *Aristocracia e monstrosidade: nostalgia da aura na Crônica da casa assassinada de Lúcio Cardoso* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

BARROS, José Américo de Miranda. *A constituição do narrador na ficção de Lúcio Cardoso* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 1987, 218 p.

BARROS, Marta Cavalcante de. *Espaço e decadência na Crônica da casa assassinada de Lúcio Cardoso* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 1997, 148 p.

BEDRAN, Angela Maria. *Nacos de real – a paixão da escrita em Lúcio Cardoso e Clarice Lispector* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2000, 125 p.

BONAPACE, Adolphina Portella. *O belo posto em questão: Crônica da casa assassinada de Lúcio Cardoso* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980, 302 p.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, 1989, 343 p.³⁵⁹

CARELLI, Mario. *L'univers romanesque de Lúcio Cardoso (1912-1968)*. (Doctorat d'Etat). Paris, Universidade de Paris III - Nova Sorbonne, 1986, 3 v., 1152 p.

³⁵⁷ Encontrei referência a mais um trabalho acadêmico sobre LC, mas não pude checar a fonte: SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. *Lúcio Cardoso – uma literatura da intensa paixão* (Tese de Doutorado). [MG].

³⁵⁸ Assina atualmente Teresa de Almeida.

³⁵⁹ O capítulo 5: "O discurso da morte encenada" é dedicado à análise da personagem Nina, do romance *Crônica da casa assassinada*.

- COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças. *O depoimento da errância: a experiência da palavra entre o provisório e o permanente* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1978, 96 p.
- . *O desastre da imortalidade e a crônica do sujeito na poética do diário* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1985, 174 p.
- GUIMARÃES, Adriana Saldanha. *Passeio literário pelo território das escrituras de mim - as cartas de Clarice Lispector e Lúcio Cardoso* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1998, 115 p.
- HERBOLD, Hildegard. *O sagrado e o profano na literatura intimista dos anos 1930/1940 no Brasil: o exemplo de Lúcio Cardoso e Cornélio Pena* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 1993, 120 p.
- JACINTHO, Valéria Franco. *Cartas a Clarice Lispector – correspondência passiva da escritora depositada na Fundação Casa de Rui Barbosa* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 1997, 689 p. LC, p. 124, 148-53, 651-75.
- LOPES, Denilson. *Nós os mortos (sensibilidades melancólicas, imagens neo-barrocas [sic])* (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, 1997.
- MARTINS [DO NASCIMENTO], Maria Teresinha. *Luz e sombra em Lúcio Cardoso* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991, 244 p.³⁶⁰
- RANGEL, Egon de Oliveira. *Sexualidade e discurso: o verbo feito carne* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 1994, 281 p.
- RAYMUNDO, Marie Louise Hurel. *Desejo e perversão: ou os atalhos da loucura* (a propósito do romance *Crônica da casa assassinada* de Lúcio Cardoso) (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1974, 188 p.

³⁶⁰ Assina atualmente Maria Teresinha Martins.

ROSA E SILVA, Enaura Quixabeira. *A equação da febre: uma leitura da Crônica da casa assassinada*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Alagoas, 1994, 92 p.

———. *A condição humana na obra de Lúcio Cardoso: entre Eros e Tânatos, a alegoria barroca brasileira* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Alagoas/Université Stendhal-Grenoble 3, France, 1999, 234 p.

SANTOS, Cássia dos. *Polêmica e controvérsia: o itinerário de Lúcio Cardoso de Maleita a O enfeitado* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 1997, 201 p.

SILVA, Guilherme Ferreira. *Formas de evasão em Lúcio Cardoso* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 1972, 93 p.

———. *A cidade e a província em uma obra intimista* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, 1978, 173 p.

SILVA, Maria Lucilene da. *Desvios da angústia: uma leitura de “O escravo”, de Lúcio Cardoso* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Alagoas, 2000, 100 p.

c) Artigos de jornais e de revistas.³⁶¹

“A AGONIA do festival”. *Veja*, n. 171, São Paulo, 15 dez. 1971, Cinema, p. 96-8.³⁶²

ABREU, Bricio de. “Carta aberta a Bricio de Abreu”. *Dom Casmurro*, São Paulo, 23 jun. 1939.

ABREU, Caio Fernando. “O profeta Lúcio Cardoso”. *Zero Hora*, Porto Alegre, 4 fev. 1973.

———. “Não vivi, esgotei-me”. *Leia*, São Paulo, 19 set. a 14 out. 1982, n. 50.

“A CRÔNICA do escritor assassinado pelo esquecimento”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 set. 1978, Caderno B, p. 8.

³⁶¹ Os artigos não identificados encontram-se no ALC, AMLB, FCRB; na Coleção Mineiriana da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte; no Arquivo do Banco de Dados, da Folha de S. Paulo, em São Paulo; e Acervo André Seffrin.

³⁶² Artigo sobre o festival de cinema de Brasília, que neste ano contou com a participação do filme *A casa assassinada*, de Paulo César Saraceni.

- ADONIAS FILHO. "Os romances de Lúcio Cardoso". *Cadernos da Hora Presente*, Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte, set. 1939, Ano I, n. 4, p. 57-86.
- . "Estante". *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 06 fev. 1958.³⁶³
- . "A crítica e as peças". *Diário de Notícias*, 6 fev. 1958.
- . "Crônica da casa assassinada". *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1959, Terceiro Caderno, p. 1.
- . "A mão do demônio". *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1966. Suplemento Literário, p. 4, c. 1-4.
- . "Lúcio Cardoso". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 out. 1978, Ano XIII, n. 628, Suplemento Literário, p. 9; *Última Hora*, Rio de Janeiro, 19 set. 1978.
- "AINDA Lúcio Cardoso". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 mar. 1971.
- ALBERGARIA, [Maria] Consuelo [de Pádua]. "Lúcio Cardoso". *Primeira impressão*, Rio de Janeiro: Ano 9, (), p. 9.
- ALEX. "As terríveis tempestades da vida". *Jornal do Commercio*, Recife, 18 ago. 1970.
- "ALGUNS já nascem póstumos". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 out. 1978, Ano XIII, n. 628, Suplemento Literário, p. 1.³⁶⁴
- ALMEIDA, Ary de. "Lúcio Cardoso, Elói Pontes e 'O Desconhecido'". *Vamos Lêr!*, Rio de Janeiro, 22 maio 1941.
- ALMEIDA FILHO, Augusto de. "Lúcio Cardoso – poeta da melancolia". *Carioca*, Rio de Janeiro, s/d., ano VII, p. 3.
- ALMEIDA FISCHER. "Depoimento de Lúcio Cardoso". *A Manhã*, Rio de Janeiro, 1. seção, n. 21, 10 nov. 1946, Suplemento Literário Letras e Artes, p. 10.
- ALMEIDA, Márcio. "Artista precoce e eterno". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 out. 1978, Ano XIII, n. 628, Suplemento Literário, p. 5.
- ALMEIDA, Tereza de. "Rascunhos, rabiscos e obras-primas". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 out. 1982, Suplemento Cultural.

³⁶³ "Estante" é o nome da coluna deste autor no *Diário de Notícias*. O artigo trata do romance *Crônica da casa assassinada*.

³⁶⁴ Número especial dedicado a LC, organizado por Márcio Almeida & Gutemberg da Mota e Silva.

- . “A metrópole expressionista”. *Cult*, São Paulo, set. 1998, Ano II, n. 14, p. 54-9.
- A. M. “O melhor de Lúcio Cardoso em reedição”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 dez. 1979, Ilustrada, p. 69.
- AMADO, Jorge. “Página de diário sobre um diário”. *Leitura*, Rio de Janeiro, dez. 1960, n.42,.
- AMÉRICO, José. “Lúcio Cardoso – o escritor e a lenda: a queda (primeiro capítulo de uma pequena biografia)”. Ilus. de Lúcio Cardoso. *Minas Gerais*, Ano XX, n. 958, Belo Horizonte, 09 fev. 1985, Suplemento Literário, p. 3.
- “AMIGOS lamentam a morte do ator Carlos Kroeber, cujo corpo será cremado hoje”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1999.
- ANDRADE, Almir de. “Lúcio Cardoso: Mãos vazias”. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 2, 3. fase, 9 mar. 1939, p. 107-9.
- ANDRADE, Ary de. “O mundo de após-guerra” (entrevista). *Vamos Lêr!*, Rio de Janeiro, 12 abr. 1945.
- ANDRADE, Carlos Drummond De. “Imagens de criação: a mão esquerda”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 maio 1965.³⁶⁵
- . “A mão esquerda”. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 22 jun. 1965.
- *et alii*. “Opiniões críticas sobre a obra de Lúcio Cardoso”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 2.
- . “A Lúcio Cardoso, na casa de saúde” (poema). *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 set. 1968; *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 04 mar. 1969; *O Povo*, Fortaleza, 6 fev. 1999, Vida & Arte/Sábado, p. 5B.
- ANDRÉ, Marcos. “Um poema inédito de Lúcio Cardoso, com muita saudade”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1970, p. 3.
- “A NOVA arte de Lúcio”. *Fatos e Fotos*, Rio de Janeiro, 05 jun. 1965.

³⁶⁵ Encontrei outra referência de data: 21 jun. 1965.

- “ANTOLOGIA da literatura brasileira contemporânea – 2. série – antologia da prosa – XXIII – Lúcio Cardoso”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1944, Vol. VI, Autores e Livros, Suplemento Literário, p. 93-6.
- ANTONIO, João. “Lúcio Cardoso renasce pintor”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 maio 1965.
- ARAÚJO, Inácio. “Filme de Saraceni é um desses anacronismos magníficos”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 fev. 2000, Ilustrada.
- A. R. F. “A fortuna crítica de Lúcio Cardoso”. *Jornal da UNICAMP*, out. 1997, p. 8.
- ARROYO, Leonardo. “Crítica literária de superfície”. *Folha da Tarde*, São Paulo, 5 maio 1952.
- “ASSISTÊNCIA ao artista da província”. *Folha de S. Paulo (1ª Edição)*, São Paulo, 7 ago. 1960, Folha Ilustrada, p. 4.
- ATHAYDE, José Constâncio Austregésilo de. “Crônica da casa assassinada”. *Jornal do Commercio*, 29 maio 1959.
- ATHAYDE, Tristão de. “Mãos vazias”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1939.
- . “O desconhecido”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 6 abr. 1941, Vida Literária, p. 6, c.3-4.
- . “Dias perdidos”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 14 maio 1944.
- . “O antidiletante”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 jan. 1961; *O Jornal*. Rio de Janeiro, 6 jan. 1961; *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 4.
- AUGUSTO, Sérgio. “Um escritor que não deu certo filmando”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 fev. 1998, Segundo Caderno, p. 5.
- “A VITÓRIA do jardim, segundo Saraceni”. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 16 ago. 1972.
- AYALA, Walmir. “O novo romance brasileiro”. *Cadernos Brasileiros*, Rio de Janeiro, ano V, n. 2, mar.-abr., p. 38-47.³⁶⁶
- . “Um romance de paixão”. [?].
- . “Crônica da casa assassinada - a véspera do livro”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1958.

³⁶⁶ Não há indicação do ano da publicação da revista.

- . “Lúcio Cardoso considera-se um grande pecador, porém confia na indulgência divina” (entrevista). *BBB*, Rio de Janeiro: A Estante Publicações, Vol. VII, n. 4, maio 1959, p. 172-3.
- . “Coelho Neto na opinião dos críticos e dos romancistas de hoje”. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, maio 1959, Ano XI, n. 118.
- . “Crônica da casa assassinada: um romance imoral?” (I). *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 jun. 1959.
- . “Crônica da casa assassinada: um romance imoral?” (II). *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1959, Literatura, p. 9, c. 3-6.
- . “Crônica da casa assassinada”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 set. 1959.
- . “Diário: Lúcio Cardoso”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 e 11 set. 1960, Suplemento Dominical, p. 1.
- . “Crônica da casa assassinada (personagens) André”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 19 mar. 1963, Folhetim, p. 4-5.
- . “Lúcio Cardoso – Crônica da casa assassinada – personagens – Nina”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1963, Folhetim.
- . “Lúcio Cardoso: Crônica da casa assassinada (III) – personagens: Nina (continuação)”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 abr. 1963, Folhetim.
- . “Lúcio Cardoso e a casa assassinada”. [?], Rio de Janeiro, 7 abr. 1963, p. 5-6.
- . “Lúcio Cardoso: Crônica da casa assassinada – personagens: Ana (I)”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 abr. 1963, Folhetim.
- . “Crônica da casa assassinada: Lúcio Cardoso – personagens: Ana (II)”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 abr. 1963, Folhetim.
- . “Crônica da casa assassinada: Lúcio Cardoso – personagens: Timóteo (I)”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 23 abr. 1963, Folhetim.
- . “Crônica da casa assassinada: Lúcio Cardoso – personagens: Timóteo (II)”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 30 abr. 1963, Folhetim.
- . “Lúcio Cardoso: Crônica da casa assassinada – personagens: Valdo Meneses”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 maio 1963, Folhetim.

- . “Crônica da casa assassinada: (Lúcio Cardoso) personagens: Demétrio”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 jun. 1963, Folhetim.
- . “(Crônica da casa assassinada) Alberto – o jardineiro”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 jul. 1963, Folhetim.
- . “As violetas”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 jul. 1963, Folhetim.
- . “Carta aberta a Gilson Amado”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1964.
- . “Dois encontros”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1966.
- . “Por onde andou meu coração”. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 21 out. 1967, n. 4, Caderno de Sábado, p. 10.
- . “Depoimento sobre Lúcio Cardoso”. In: *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 9.
- . “Um artista total”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1968.
- . “Hora de sombra”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 set. 1968; *Correio do Povo*. Rio de Janeiro, 30 set. 1968.
- . “Depoimento sobre Lúcio Cardoso”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 jul. 1969, caderno Folhetim.
- . “Lúcio Cardoso: notícia biográfica”. *Caderno de Sábado*, [Rio de Janeiro], 7 mar. 1970.
- . “Discurso com raiva e lágrima”. *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 20 out. 1973, Tribuna Literária, p. 5.
- . “A criatividade inconsútil”. Ilus. Lúcio Cardoso. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 out. 1978, Ano XIII, n. 628, Suplemento Literário p. 6-7.
- . “A túnica inconsútil”. *Letras e Livros*, [Rio de Janeiro], 5 mar. 1983, O Desenho da Vida, p. 12.
- . “A embriaguez que não termina”. *Nicolau*, Curitiba, set. 1988, p. 10.
- . “Então eu vi de perto o príncipe da noite”. *Letras & Artes*, Rio de Janeiro, out. 1988.
- . “Lúcio Cardoso, o corcel de fogo”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5 nov. 1988, Ano XXII, n. 1109, Suplemento Literário, p. 5.

- AZEREDO, Ely. "O desconhecido de cada um". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 out. 1978, Caderno B.
- AZEVEDO, Margarete. "Clarice sem mistérios". *Kalunga*, São Paulo, Ano XXVIII, n. 122, mar. 2001, p. 26-8.³⁶⁷
- BANDEIRA, Manuel. "Lúcio Cardoso". *Folha de S. Paulo (1ª edição)*, São Paulo, 03 dez. 1960.
- BARBARA, Danusia. "O homem ultrajado". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1982.
- BARRETO FILHO. "Maleita". *Festa*, Rio de Janeiro, set. 1934.
- BARROS, André Luiz. "Ecos da casa assassinada". *Bravo!*, Ano I, n. 12, São Paulo, set. 1998, p. 42-6.
- BARROS, Maria de Lourdes Cardoso de. "Meu irmão, Lúcio Cardoso". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 out. 1978, Ano XIII, n. 628, Suplemento Literário, p. 8-9.
- . "Depoimento – Paulo César Saraceni – Lúcio Cardoso". *Poesia etc.*, Ano 1, n. 3, Rio de Janeiro, fev. 1998, p. 3.
- BARROSO, Maria Alice. "Por onde andou o coração de Maria Helena Cardoso ou da vocação literária". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 20 maio 1967, Ano II, n. 38, Suplemento Literário, p. 2.
- . "A casa assassinada de Lúcio". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 14.
- . "A sombra de Lúcio Cardoso". *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 20 out. 1973, Tribuna Literária, p. 6.
- . "La casa asesinada de Lúcio Cardoso". *Nueva narrativa hispanoamericana*, Long Island, NY, 1973, Ano 3, n. 1, p. 35-8.
- . "Lúcio Cardoso revisitado". *Jornal do Brasil*, 2 ago. 19?.
- BATISTA, José. "O jovem Lúcio Cardoso". *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 set. 1969.
- BECHARA, Márcia. "O renascer de uma obra atormentada". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 fev. 1998, Espetáculo/Memória, p. 5.

³⁶⁷ O texto aborda, entre outras coisas, a relação de LC e Clarice Lispector.

- BECKER, Tuio. "Crônica de uma casa assassinada". *Zero Hora*, Porto Alegre, 6 mar. 1996, Segundo Caderno, p. 9.³⁶⁸
- . "Simplesmente Leila Diniz – uma estrela luminosa". *Zero Hora*, Porto Alegre, 15 jun. 1997, Caderno Donna, p. 7.³⁶⁹
- . "Memórias de um tempo sem paz". *Zero Hora*, Porto Alegre, 8 maio 1998, Segundo Caderno, p. 1.³⁷⁰
- . "Viagem sem retorno". *Zero Hora*, Porto Alegre, 30 jul. 1999, Segundo Caderno, p. 9.³⁷¹
- . "O assassinato com uma das belas letras". *Zero Hora*, Porto Alegre, 8 fev. 2000, Segundo Caderno, p. 4.
- . "Reverência a um mestre". *Diário Catarinense*, Florianópolis, 9 fev. 2000, Variedades, p. 5.
- BELINKY, Tatiana. "Lagoa grande: nem fadas, nem fábulas". *Jornal da Tarde*, São Paulo, 12 fev. 1985.
- BESANÇON, Guy. "Le journal intime de Lúcio Cardoso". *Cahiers du Monde Ibérique et luso-Brésilien – Caravelle*, Toulouse, France, n. 52, 1989, p. 73-90.
- BESSA, Marcelo Secron. "Os diários de Lúcio Cardoso". *Sui Generis*, Ano IV, n. 40, Rio de Janeiro, 1998, p. 21-2.
- BEZERRA, João Clímaco. "A volta de Lúcio Cardoso". *O Jornal*, Rio de Janeiro, 1 maio 1955.
- "BINÁRIO (no Brasil)". *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 dez. 1952, Atualidades e Comentários, p. 3.³⁷²
- "BINÁRIO (no Brasil)". *Folha da Manhã*, São Paulo, 20 fev. 1955, Atualidades e Comentários, p. 2.³⁷³
- BLOCH, Pedro. "Ser ou não ser...". *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1944, p. 18.

³⁶⁸ Este artigo aborda os livros de LC transpostos para o cinema, em particular, os realizados por Paulo César Saraceni.

³⁶⁹ O artigo aborda, entre outros assuntos, o filme *Mãos vazias*, de Luiz Carlos Lacerda, de 1971, baseado na novela homônima de LC.

³⁷⁰ Menção ao novo filme de Paulo César Saraceni, *O viajante*, baseado no romance homônimo de LC.

³⁷¹ Artigo sobre os filmes de Paulo César Saraceni, baseados na obra de LC.

³⁷² Artigo sobre a publicação do diário de LC.

³⁷³ Artigo sobre a publicação de *O enfeitado*, de LC.

- BOJUNGA, Cláudio. "O cinema visita os mistérios da casa assassinada". *Jornal da Tarde*, São Paulo, 16 ago. 1972.
- BORBA, Osório. "Alguns fatos do ano intelectual de 1940". *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro: Pongetti, n. 5, 1941, p. 17-20.
- BOSCOLI, Geysa. "A corda de prata, pelo Teatro de Câmera, no Glória". 23 out. 1947.
- BRAGA, Kenny. "O sonho e a vida de Lúcio Cardoso". *Folha da Tarde*, São Paulo, 26 set. 1970.
- BRAGA, Rubem. "O pintor Lúcio Cardoso". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 maio 1965.
- BRANCO, Aloisio G. "Lúcio Cardoso, a palavra desatada de um solitário". *O Globo*, Rio de Janeiro, s/d.
- BRANDÃO, Roberto. "Interpretação de *A corda de prata*".
———. "O filho pródigo a maior peça de 47".
- BRANDÃO, Ruth Silviano. "O corpo dilacerado da memória em *Crônica da casa assassinada* de Lúcio Cardoso". *Quadrant*, Montpellier, France: Centre de Recherche en Littérature de Langue Portugaise, 1991, n. 8, p. 165-74.
- . "Uma escrita de beira abismo". *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 11 ago. 1996, Cad. Cultura, p. 5.
- . "Lúcio Cardoso: ficção e memória". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, set. 1998, n. 41, Suplemento Literário, p. 3-5.
- . "Lúcio Cardoso: a voz de uma poética atormentada". *Almanaque Ouvidor*, n. 4, Belo Horizonte, jan. 1999, p. 8. (Livraria Ouvidor).
- BRASIL, Assis. "*Crônica da casa assassinada* – um romance imoral? (II)". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1959.
- . "Romance, depoimento e documentário II". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 fev. 1960, Suplemento Dominical, p. 7.
- BRITO, Antônio Carlos de. "Nervos à mostra". *Veja*, São Paulo, 7 jul. 1982, p. 117.³⁷⁴

³⁷⁴ Resenha sobre *Poemas inéditos*.

- BRITO, Glauco Flores de Sá. "O escravo e a alforria ao TEP". *O Dia*, Curitiba, 15 set. 1948.
- BRITTO, Sérgio. "A corda de prata, pelo Teatro de Câmera". *Diário da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 out. 1947.
- . "Lúcio Cardoso no Grande Teatro". *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1956.
- BROCA, Brito. "A propósito de uma retificação – a minha palestra com Lúcio Cardoso". *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 30 jul. 1938.
- BRUNO, Haroldo. "O enfeitiçado". *Diário de Pernambuco*, Recife, 12 jun. 1955.
- BUENO, Luís. "Biografia 'imita' Lúcio Cardoso". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 jul. 1988, Livros, p. D7.
- . "A tormenta da existência". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 abr. 2000, Mais!, p. 24.
- BUENO, Tati. "Lúcio Cardoso". *Chuvisco*, Rio de Janeiro, n. 36, fev. 1961.
- CABRAL, Mário. "Poesias, Lúcio Cardoso". *Correio de Aracaju*, Aracaju, 24 maio 1941, Coluna Vida Literária.
- . (?). 1943. (Artigo sobre *Mãos vazias*).
- CABRAL, Paulo. "Dr. Lúcio Cardoso e a paz". *Vamos Lêr!*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1944.
- CAETANO, Maria do Rosário. "A redescoberta de Lúcio Cardoso". *Jornal de Brasília*, Brasília, 27 fev. 2000, Civilização, p. 3-C.
- CÂMARA, Isabel. "O homem que venceu a noite". *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 5 out. 1968.
- . "A la recherche da mão direita de Lúcio". *Tribuna da imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 30 nov. 1973, Tribuna Literária, p. 11.
- CAMPOS, Paulo Mendes. "Adolescência e literatura". *Jornal de Letras*.
- CANÇADO, José Maria. "Imaginação do desastre". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 jun. 1999, Mais!, p. 9.
- CARDOSO, Maria Helena. "Lúcio e a nossa vida". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário p. 8.

- CARDOSO, Marília. "De próprio punho – manuscritos de Lúcio Cardoso e Pedro Nava". *Palavra*, Rio de Janeiro: PUC, n. 4, 1997, p. 44-57.
- CARDOSO, Rafael. "Uma harmonia difícil: Lúcio Cardoso e o cinema". *Cult*, São Paulo, set. 1998, Ano II, n. 14, p. 60-63.
- CARELLI, Mario. "Lúcio Cardoso lecteur de Manuel Antônio de Almeida". *Les langues neo-latines*, Paris, 1. trimestre 1983, n. 244, p. 39-68.
- . Octávio de Faria: témoin de la vie et de l'oeuvre de Lúcio Cardoso". *Bulletin des études portugaises et brésiliennes*, Paris: BEPIF, 1983-1985, n. 44-45, p. 341-87.
- . "Les écrits intimes de Lúcio Cardoso". In: *Cahiers du monde hispanique et luso-brésillien*, Caravelle, Toulouse: Université de Toulouse/Le Mirail, 1985, n. 45, p. 63-78.
- ¾¾¾¾. Apud Corcel de Fogo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 jun. 1986.
- . "Lúcio Cardoso: le romancier cache-t-il le poète?". In: Sep. de *Arquivos do Centro Cultural Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Paris: ACCP, 1987, v. XXIII, p. 1023-45.
- . "Vestígios de um amor impossível: Clarice Lispector e Lúcio Cardoso". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 ago. 1988, Folhetim, p. 9-11.
- . "Lúcio Cardoso sai do purgatório". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5 nov. 1988, Ano XXII, n. 1109, Suplemento Literário, p. 4.
- . "L'aventure d'être de Lúcio Cardoso". *Littérature, Médecine, Société*, Nantes, France, n. 10, 1989, p. 125-32.
- CARLE, Ricardo. "Muito distante dos corações selvagens". *Zero Hora*, Porto Alegre, 6 dez. 1997, Cad. de Cultura, p. 6.³⁷⁵
- CARLOS, José. "O bar Veloso". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 dez. 1960.
- CARNEIRO, Ferdy. "Lúcio". *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 21 out. 1973.
- . "Folclore de Ipanema – Lúcio Cardoso".
- CARVALHO, Pe. Celso de. "Sesquicenenário da vila Diamantina". *Imprensa Oficial*, Belo Horizonte, 1983.

³⁷⁵ Este artigo menciona a paixão de Clarice Lispector por LC.

- CASSESE, Patrícia. "Lançamento em Curvelo celebra escritor". *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 11 ago. 1996, Cultura, p. 8.
- CASTELLO, José. "O homem feito de fogo". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 jun. 1988, Caderno B, p. 1.
- . "Escritores famosos se revelam em traços e cores". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 set. 1992, Exposição/Visuais.
- . "A sinfonia de vozes destoantes de Lúcio Cardoso". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 jan. 2000, Caderno 2, p. D3.
- . "Diversificar foi a idéia fixa do mercado editorial". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 dez. 2000, Caderno 2, p. D6.³⁷⁶
- CASTRO, Moacir Werneck de. "Loucuras mineiras". Ilus. Leonardo. *Bundas*, n. 36, Rio de Janeiro, 22 a 28 fev. 2000, p. 15.
- CATANI, Afrânio M. "Lúcio Cardoso". *Jornal da Tarde*, São Paulo, 13 ago. 1988.
- CAVALCANTE, Ana Mary. "O semeador de assombros". *O Povo*, Fortaleza, 6 fev. 1999, Vida & Arte/Sábado, p. 1B.
- CAVALCANTI, Valdemar. "Do túnel para o ar livre". *Jornal de Letras*.
- "CINEMA mineiro 1". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1998, Cidade, p. 17.³⁷⁷
- COELHO, Nelly Novaes. "Lúcio Cardoso e o romance da danação". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 16 nov. 1968, Ano III, n. 116, Suplemento Literário, p. 8- 9.
- . "Lúcio Cardoso e a inquietude existencial". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 out. 1968, Suplemento Literário, p. 5.
- . "Lúcio Cardoso e a inquietude existencial (I)". *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, jul. 1969.
- . "Lúcio Cardoso e a inquietude existencial (II)". *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, ago. 1969.

³⁷⁶ Artigo sobre o relançamento de *O desconhecido*.

³⁷⁷ Artigo sobre o filme *O viajante*.

- COELHO, Ruy Galvão de Andrada. "Lúcio Cardoso – O desconhecido". *Clima*, São Paulo, n. 2, jul. 1941, p. 86-91.
- COLI, Jorge & SEEL, Antoine. "Lúcio Cardoso ou le domaine corrompu". *Le Monde*, Paris, 10 jan. 1986.
- CONDE, Ana Paula. "Uma paixão avassaladora". *O Dia*, Rio de Janeiro, 9 jun. 1999, O Dia D.
- CONDÉ, João. "Arquivos implacáveis". *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1958.³⁷⁸
- "CONFERÊNCIA do escritor Lúcio Cardoso sobre Fernando Pessoa". Belo Horizonte, [1951].
- "CORCEL de fogo". [O *Globo*], Rio de Janeiro. [Acervo André Seffrin].
- CORREIA, Wilson. "Tardes dessas noites". *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 21 out. 1973.
- CORTANZE, Gérard de. "La chute de la maison Menezes". *Le Magazine Littéraire*, Paris, 1986.
- COSTA, Cecília. "Um maldito e sedutor, com a carne em febre". *O Globo*, Rio de Janeiro. 22 jan. 2000, Prosa & Verso, p. 1-2.
- COTA, Ricardo. "Nossa frágil moral". *Jornal do Brasil/Programa*, Rio de Janeiro, 11 jun. a 17 jun., p. 5 e 10.³⁷⁹
- COUTINHO, Fernanda. "Um grito abafado". *O Povo*, Fortaleza, 6 fev. 1999, Vida & Arte/Sábado, p. 4B.
- COUTINHO, Mário Alves. "Cinema e literatura". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 16 dez. 1972, Ano VII, n. 329, Suplemento Literário, p. 9.
- "CRÔNICA da casa assassinada" (release). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. (Acervo André Seffrin).
- "CRÔNICA da casa assassinada". *Bravo!*, n. 30, São Paulo, mar. 2000, p. 46-7.
- CRUZ, Luís Santa. "O diabo no romance". *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 27 mar. 1960, Letras e Artes, p. 3, c. 6.

³⁷⁸ O romancista [LC] responde a 10 perguntas indiscretas.

³⁷⁹ Crítica e cartaz ao e do filme *O viajante*, de Paulo César Saraceni.

- CUNHA, Alécio. "Primeiras leituras". *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 11 ago. 1996, Cultura, p. 1.
- . "Fúria & sensualidade". *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 11 ago. 1996, Cultura, p. 1.
- . "A paixão entre Lúcio & Clarice". *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 11 ago. 1996, Cultura, p. 4.
- . "Filmes raros e mal lançados". *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 11 ago. 1996, Cultura, p. 4.
- . "Romance de Lúcio pode virar minissérie". *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 5 fev. 1998, Cultura, p. 3.
- . "O sumiço de Lúcio". *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 20 set. 1998, Cultura, p. 1.
- . "Iniciativas acadêmicas e comerciais podem pôr fim ao silêncio". *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 20 set. 1998, Cultura, p. 4-5.
- . "Homossexualismo não é determinante". *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 20 set. 1998, Cultura, p. 5.³⁸⁰
- . "Clarice Lispector não esquece 'corcel de fogo sem limite para o seu galope'". *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 20 set. 1998, Cultura, p. 4-5.
- CUNHA, Wilson. "Crônica de uma paixão". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 fev. 1972.
- "DADOS biobibliográficos". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 2.
- DAMATA, Gasparino. "Bate-papo". *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 7 set. 1952.
- DANTAS, Ismenia. "Lúcio Cardoso é apenas um 'Cidadão de Ipanema'".
- DANTAS, Raimundo Souza. "Lúcio Cardoso jornalista". *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 10 nov. 1960.
- DAVID-PEYRE, Yvonne. "Introduction à une étude psychocritique de Lúcio Cardoso (1912-1968): poemas, journaux, intimes, dernier roman". *Arquivos do Centro Cultural Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Paris: ACCP, 1987, n. 23, p. 1005-22.

³⁸⁰ Entrevista com a professora Ruth Silviano Brandão, da UFMG, BH.

- . “Dégradation et mort dans la *Chronique de la Maison assassinée*”. *Littérature, Médecine, Société*, Nantes, France, n. 10, 1989, p. 133-69.
- “DECADÊNCIA em forma de sinfonia”. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, fev. 2000, p. 56.³⁸¹
- D’ELIA, Miguel Alfredo. “La lección de Lúcio Cardoso”. *La Nación*, Buenos Aires, 1 jun. 1941.
- DINIZ, Domingos. “Um diário de Lúcio Cardoso”. *Tribuna Literária*, Pirapora, dez. 1970.
- D’HORTA, Arnaldo Pedroso. “A expressão de Lúcio”. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 23 jun. 1966.
- DOERING, Daniela. “Internationales im Rathaus”. *Berliner ZTs.*, Berlin, 22 jun. 1991.
- DORIA, Gustavo A. “O filho pródigo no Ginástico”.
- . “‘Vestido de noiva’, uma etapa”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 fev. 1971, Ano 16, n. 706, p. 5.³⁸²
- DOURADO, Autran. “Memória de Lúcio”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 out. 1978, Ano XIII, n 628, Suplemento Literário, p. 4.
- DUARTE, José Afrânio Moreira. “Breves notas sobre Lúcio Cardoso”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, Cad. 3ª Seção, 1968.
- . “Breves notas sobre Lúcio Cardoso”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 16 set. 1978, Ano XIII, n. 624, Suplemento Literário, p. 10.
- “DUAS vezes Lúcio Cardoso, obra literária/roteiro/filme”. *Filme Cultura*, Rio de Janeiro, n. 20, maio-jun. 1972.
- DUPONCHELLE, Valérie. “Le défi des handicapés”. (Acervo André Seffrin).
- DUPONT, Wladir. “Salgueiro”. *Boletim de Ariel*, 9 jul. 1935.
- . “A estréia do Teatro de Câmara”. *Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 26 out. 1947.
- . “Lúcio Cardoso: Diário”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 nov. 1960.

³⁸¹ Artigo sobre os 40 anos de *Crônica da casa assassinada*.

³⁸² Inclui no artigo o programa da peça *O escravo* (1943), de LC.

- . “Lúcio Cardoso e a pintura”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 out. 1963.
- . “Permanência e continuidade”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1966.
- . “Desespero trágico dos heróis de Lúcio Cardoso”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Suplemento Literário.
- . “Lúcio de volta”. *Veja*, São Paulo, 10 dez. 1980, p. 101.³⁸³
- EDUARDO, Carlos. “Tentativas frustradas com o cinema”. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 11 ago. 1996, Cultura, p. 4.
- “ESCREVER, dom presente desde os primeiros anos”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 11 jun. 1986.
- “ESCRITOR sofre novo derrame”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 set. 1968.
- ETIENNE FILHO, João. “Os homens fora do tempo”. *Diário*, Belo Horizonte, 6 abr. 1944.
- . “Lúcio Cardoso”. *Diário*, Belo Horizonte, 26 set. 1968 e 8 dez. 1968, [Páginas Literárias].
- EUSTÁQUIO, João. “Curvelo, aqui nasceu Lúcio Cardoso”. *Manchete*.
- FARFÂN, René Capriles. “Duas vezes Lúcio Cardoso: Luiz Carlos Lacerda de Freitas: ‘a poesia marcou meu cinema’” (entrevista). *Filme Cultura*, Ano VI, n. 20, Rio de Janeiro, maio-jun. 1972, p. 39-41.
- FARIA, Marcos Ribas de. “Um monólogo travado com a solidão”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 nov. 1980.
- FARIA, Octávio de. “Maleita”. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, n. 3, 12 set. 1934, p. 322-3.
- . “Salgueiro”. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, n. 9, 9 jun. 1935, p. 236-7.
- . “A estréia do Teatro de Câmera”. *Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 26 out. 1947.

³⁸³ Artigo sobre o relançamento de *Dias Perdidos*.

- . “Lúcio Cardoso: Diário”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 nov. 1960.
- . “Lúcio Cardoso: novas aproximações do Diário”. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 17 dez. 1960; *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1960.
- . “Lúcio Cardoso: aproximações finais do Diário”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1960.
- . “Lúcio Cardoso” (Estudo crítico inédito). Rio de Janeiro, 1960.
- . “Lúcio Cardoso e a pintura”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 out. 1963.³⁸⁴
- . “Permanência e continuidade”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1966, Suplemento Literário, p. 4, c. 1-4.
- . “Memória de Lúcio Cardoso (I)”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 27 out. 1968.
- . “Memória de Lúcio Cardoso (II)”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 nov. 1968.
- . “O desespero trágico dos heróis de Lúcio Cardoso”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 5.
- . “Novelas de Lúcio Cardoso”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 10 ago. 1969, Suplemento Literário.
- . “Lúcio Cardoso romancista”. *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 20 out. 1973, Tribuna Literária, p. 4.
- . “Poesias completas de Lúcio Cardoso”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 8 out. 1975.
- . “Presença de Lúcio Cardoso”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 out. 1978, Ano XIII, n. 628, Suplemento Literário, p. 12.
- . “Lúcio Cardoso: primeiras aproximações do Diário”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro.
- . “Teatro de Lúcio Cardoso”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro.

³⁸⁴ Encontrei outra referência deste artigo com data diferente: 1965.

- FERNANDES, Judith. "Lúcio". *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 20 out. 1973, *Tribuna Literária*, p. 6.
- FERRAZ, Geraldo. "Escritor faz pintura". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1966.
- FERREIRA, Procópio. "Resposta à crítica". Rio de Janeiro, 15 mar. 1984.
- "FILME preserva o passado de BH". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 ago. 1992.³⁸⁵
- FOEPPPEL, Elvira. "Crônica da casa assassinada" (2. ed.).³⁸⁶
- FONSECA, Carlos. "Saraceni – trilogia da paixão". *Manchete*, Rio de Janeiro, 22 maio 1999, p. 66-7.
- FONSECA, Edson Nery da. "Um poeta puro". *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, jun. 1950, Ano II, n. 12, p. 10.
- . "Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa". *Colóquio-Letras*, Lisboa: Colóquio, nov. 1985, n. 88, p. 102-9.
- FRANCA JÚNIOR, Saul Galvão de. "Publicado agora o romance que Lúcio Cardoso não pôde terminar". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 set. 1973.
- FRANCIS, Paulo. "Nova York por aí". *Zero Hora*, Porto Alegre, 23 jul. 1995, Segundo Caderno, p. 5.³⁸⁷
- FREIRE, Marconi. "Lírica desesperada – a beleza envenenada de Lúcio Cardoso". *Orobó*, Belo Horizonte, jan.-ago. 1998, Ano 1, n. 1, p. 49-59.
- FREITAS FILHO, Armando. "Achados & perdidos" (poema). *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 21 out. 1973, *Tribuna Literária*, p. 3.³⁸⁸
- FREITAS, Newton. "Crônica da casa assassinada" (Mundo e Literatura). *O Mundo Ilustrado*.

³⁸⁵ Artigo sobre a redescoberta do filme *Despertar de um horizonte* (c. 1950), de Igino Bonfioli, com texto de Lúcio Cardoso, pelo videomaker Éder Santos.

³⁸⁶ Encontrei esta informação bibliográfica na tese de doutorado da professora Enaura Quixabeira Rosa e Silva (V. Dissertações e Teses). Tenho a edição mencionada e não há referências a esta autora ou a este texto no livro. Há apenas um texto do editor nas orelhas do livro, mas sem a menção do nome do mesmo. Provavelmente se trata de um artigo sobre a segunda edição deste livro.

³⁸⁷ Fala sobre escritores esquecidos, dentre eles LC.

³⁸⁸ Poema dedicado a LC.

- FRIAS, Lena. "Ipanema relembra seus moradores ilustres". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 ago. 1996, Cidade, p. 20.
- FUSCO, Rosário. "*Filho pródigo*, no Teatro do Negro". *Diário de Notícias*.
- . "Sobre Lúcio Cardoso". In: *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 out. 1978, Ano XIII, n. 628, Suplemento Literário, p. 11.³⁸⁹
- GALERIA Atrium. "Catálogo da exposição". São Paulo, 1966.
- GARCIA, Gardênia. "Entrevista com Helena Cardoso". *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1966, Suplemento Literário, p. 4.
- GERSEN, Bernard. "Tempo e técnica romanesca". *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1959.
- . "Tempo e técnica romanesca". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 out. 1960, Suplemento Literário, p. 3, c. 4-8.
- . "Tempo e técnica romanesca". *O Estado de S. Paulo*, n. 850, São Paulo, 11 nov. 1973, Suplemento Literário.
- GIACOMINI, Paulo. "Cores datilografadas". *G Magazine*, Ano 3, n. 32, São Paulo, maio 2000, Estante, p. 21.³⁹⁰
- GOES, Alfredo Marques Vianna de. "Vultos e fatos do meu tempo". (Acervo André Seffrin).
- GOES, Carlos Augusto de. "Romance epistolar". *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1959, Letras e Artes, p. 3, c. 3.
- GOMES, Alair O. "Pavana". *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 20 out. 1973, Tribuna Literária, p. 7.
- . "Lúcio, o visual". *Ibidem*, p. 8.
- GOMES, Danilo. "Evocação de Lúcio Cardoso". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 out. 1968, Caderno 3ª Seção, p. 3.
- GOMES, Renato Bittencourt. "40 anos de decomposição". *Gazeta do Povo*, Curitiba, 3 jan. 2000, Caderno G, p. 1.

³⁸⁹ Este texto foi publicado anteriormente no livro *Vida Literária*, do mesmo autor.

³⁹⁰ Artigo sobre os 40 anos de *Crônica da casa assassinada*.

- GONÇALVES, Magaly Trindade *et alii*, org. *Antologia de antologias – prosadores brasileiros “revisitados”*. Apres. de Plínio Doyle, pref. de Fábio Lucas. São Paulo: Musa, 1996, p. 596-9. (Col. Ler os Clássicos, 5).
- GONZÁLEZ, Maria. “Dor silenciosa – Lúcio Cardoso ressurge em novelas esquecidas”. *IstoÉ*, São Paulo, n. 1639, 28 fev. 2001, p. 89.
- GRACINDO, Luís. “Arte e temperamento de Lúcio Cardoso”. *Vamos Lêr!*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1940.
- GRIECO, Agrippino. “Gente nova no Brasil: Lúcio Cardoso”. *Diários Associados*, [1934].
- GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. “O poeta Lúcio Cardoso”. *Correio Brasiliense*, Brasília, 17 maio 1969.
- . “Lúcio Cardoso, poeta”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 out. 1978, Ano XIII, n. 628, Suplemento Literário, p. 3.
- GUIMARÃES, Adriana Saldanha. “Obra de Lúcio Cardoso precisa ser redescoberta”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 out. 1998, Idéias/Livros, p. 2.
- HECKER FILHO, Paulo. “O enfeitiçado”. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1956.
- . “Uma proeza bem cumprida”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 maio 1959, Suplemento Literário, p. 3.
- HERZ, Carsten. “Kosmos hinter treppenstufen”. *Tagesspiegel*, Berlin, 22 jun. 1991. (Acervo André Seffrin).
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “A margem da vida”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 mar. 1941, p. 13-4.
- . “Um homem dentro do mundo”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1941.
- HOLLANDA, Haroldo de. “Lúcio Cardoso, diário das contradições”. *Mundo Ilustrado*, n. 42.
- INOJOSA, Joaquim. “Diário triste”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1970.

IstoÉ. São Paulo, 29 jan. 1986.³⁹¹

IVO, Lêdo. "Dias perdidos". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 jan. 1944.

———. "No cinqüentenário de Lúcio Cardoso". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 set. 1963, Suplemento Literário, p. 6.

———. "O emissário da noite: literaturas também sonham". *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1966, Suplemento Literário, p.3.

———. "No cinqüentenário de Lúcio Cardoso". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 6.

JAJA, Van. "O dramaturgo Lúcio Cardoso". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 maio 1965.

JANOT, Marcelo. "Um tricolor feliz da vida". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1999, Caderno B, p. 2.

JARDIM, Rachel. "Paixão de Minas". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 dez. 1979.³⁹²

J. L. "Poesias, de Lúcio Cardoso". *Revista da Semana*, [Rio de Janeiro], 12 jul. 1941, p. 10.

JORNAL da Cidade, Ano 1, n. 2, [Rio de Janeiro], 18 set. 1993.

JOSÉ, Adair. "Lúcio Cardoso - noite nas entranhas". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 jan. 1980, p. 6.

KARLAN, Sheila. "Uma obra escrita em 4 dias (para ser lida em 4 horas)". *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1985.³⁹³

"KINDERFEINDLICHE krankenhausplanung". *Tagesspiegel*, Berlin, 23 jun. 1991. (Acervo André Seffrin).

KLEIN, Cristian. "As sete vidas da sétima arte". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 fev. 1998, Caderno B, p. 1 e 2.

KLINTOWITZ, Jacob. "Um animal puro-sangue". *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 27 set. 1968.

³⁹¹ Artigo sobre a publicação da tradução de Mario Carelli, de *Crônica da casa assassinada: Chronique de la maison assassinée* (1985).

³⁹² Encontrei outra referência de data: 1 dez. 1968.

³⁹³ Artigo sobre o livro *Inácio*, de LC.

- LACERDA [DE FREITAS], Luiz Carlos. "O pavão de luto". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 11 jan. 1969, Ano IV, n. 124, Suplemento Literário, p. 9.
- . "Poema para Lúcio Cardoso anjo no céu de Minas". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 28 jun. 1969, Ano IV, n. 148, Suplemento Literário, p. 9.
- . "A poesia marcou meu cinema". *Filme Cultura*, Rio de Janeiro, n. 20, maio-jun. 1972, p. 39-41. (entrevista a René Capriles Farfán).
- . "[Finalmente o sudário se encerra]" (poema inédito [?]). Datado: 13 nov. 1980. (Acervo André Seffrin).³⁹⁴
- . "A Lúcio Cardoso" (poema). *Poesia etc.*, Ano 1, n. 2, Rio de Janeiro, out. 1997, p. 6.
- . "Lúcio Cardoso nem leviano nem grave". P. 12. (Acervo André Seffrin).
- LACERDA, Jorge. "Teatro: nesta coluna Jorge Lacerda dá sua opinião sobre – O escravo – de Lúcio Cardoso".
- LACERDA, Nair. "Lúcio". *A Tribuna*, Santos, 26 jun. 1966.
- LAMEGO, Valéria. "Uma família corroída". Ilus. Lúcio Cardoso. *Jornal do Brasil*, 22 jan. 2000, Idéia/Livros, p. 4.
- . "A ressurreição da casa". *Veredas* (CCBB), Ano 5, n. 49, Rio de Janeiro, jan. 2000, p. 12-5.
- "LANÇAMENTOS – O desconhecido e Mãos vazias". *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 nov. 2000, Prosa & Verso, p. 5.
- LEA, Maria. "A riqueza de Lúcio". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 maio 1965.
- LEITE, José Roberto Teixeira. "O novo livro de Lúcio Cardoso". *Jornal de Letras*, Jun. 1959.
- . "O novo livro de Lúcio Cardoso". *Anuário de Literatura Brasileira*, Ano I, n. 1, 1960, p. 80-1.
- LEITE, Luiza Barreto. "Lúcio Cardoso". *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 29 set. 1968, p. 5.
- . "Diário de Lúcio, em busca de sua alma". *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 31 out. 1970, caderno Folhetim.

³⁹⁴ Poema dedicado a LC.

- LEMOS, Tite de. "Atitude de Lúcio Cardoso – Crônica". *Metropolitano*, 1 maio 1963.
- . "Atitude de Lúcio Cardoso II". *Metropolitano*.
- . "Atitude de Lúcio Cardoso III". *Metropolitano*.
- LIFUNTOS, O. "Lúcio Cardoso". *Revista do Clube Militar*, n. 189, 1970.
- LIMA, Eduardo Souza. "Paulo César Saraceni por cabo e via satélite". *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 fev. 2000.
- LIMA, Marita. "Na trilha de Tennessee e Fellini: Lúcio Cardoso escritor cineasta".
- LIMA, Pontes de Paula. "Decenário de Lúcio Cardoso, uma noite mágica de Lúcio no teatro". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 25 nov. 1978, Ano XIII, n. 634, Suplemento Literário, p. 5.
- LINDON, Mathieu. "La course de Cardoso". *Libération*, Paris, 11 abr. 1991, p. 23.
- LINHARES, Temístocles. "Mãos vazias". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 jun. 1959; *O Jornal*. Rio de Janeiro, [1959].
- . "Outro Lúcio Cardoso". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 jun. 1959, Suplemento Literário.
- . "Itinerário de um romancista". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 jul. 1971, Suplemento Literário, p. 5.
- LINS, Álvaro. "Romances, novelas e conto". *Jornal de Crítica*, [Rio de Janeiro], 9 jan. 1948.
- LINS, Enio. "Fazendo a hora". *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 27 set. 1998, Cad. Serviço, p. B2.
- LISBOA, Luís Carlos. "Crônica da casa assassinada", ("Porta de livreria" de Antônio Olinto). *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 mar. 1960.
- LISPECTOR, Clarice. "Lúcio Cardoso". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1969, p. 2; *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 jun. 1973.
- "LITERATURA Mineira (desde as origens) – Lúcio Cardoso". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5 fev. 1977, Ano XII, n. 541, Suplemento Literário, p.11.
- LITRENTON, Oliveiros. "O abismo de carne". *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, 1959.
- . "Lúcio Cardoso". *Revista do Clube Militar*, n. 189, 1970.

- LOPES, Cláudio Fragata. “Crônica da casa assassinada”. *Galileu*, São Paulo, abr. 2000, Cultura, p. 78.
- LOPES, Hélio. “O ódio da professora Hilda”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 29 maio 1982, Ano XV, n. 817, Suplemento Literário, p. 8
- . “Lúcio Cardoso – *Poemas inéditos*”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 31 jul. 1982, Ano XV, n. 826, Suplemento Literário, p. 5.
- LOUREIRO, Celso. “O escritor Lúcio Cardoso visitará o Estado do Rio”. *O Fluminense*, Niterói, 1 ago. 1944.
- LOUZADA FILHO. “Tempo assassino”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 set. 1959, Suplemento Literário, p. 2, c. 6-8.
- LOUSADA, Wilson [de A.]. “O livro nacional: romancistas mineiros”. “LÚCIO Cardoso”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1944, *Autores e Livros*, Suplemento Literário, 6(6): 93-6.³⁹⁵
- “LÚCIO Cardoso”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1944.
- “LÚCIO Cardoso”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 1 jul. 1944.
- “LÚCIO Cardoso falou na Faculdade de Direito”. Belo Horizonte [1951].
- “LÚCIO Cardoso (patético): ‘Ergo meu livro como um punhal contra Minas’” (entrevista). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, [1961], Vida Literária.
- “LÚCIO Cardoso e a arte da coragem”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1965, Caderno B, p. 4.
- “LÚCIO Cardoso renasce pintor”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 maio 1965.
- “LÚCIO Cardoso, o escritor laureado, expõe em São Paulo”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 jun. 1966, 2º Caderno, p. 2.
- “LÚCIO Cardoso volta hoje a Minas após 43 anos para apresentar os seus quadros”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 set. 1966.
- “LÚCIO Cardoso está passando muito mal”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 set. 1968.
- “LÚCIO Cardoso de novo é vítima de derrame cerebral”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 set. 1968.

³⁹⁵ O artigo tem como título geral: “Antologia da literatura brasileira contemporânea”.

- “LÚCIO Cardoso está melhor mas ainda inconsciente”. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 16 set. 1968.³⁹⁶
- “LÚCIO Cardoso é sepultado no Rio”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 set. 1968, p. 10.
- “LÚCIO / a fé no desespero”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 set. 1968, Caderno B, p. 1.
- “LÚCIO Cardoso é sepultado no Rio”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 set. 1968.
- “LÚCIO Cardoso”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 28 set. 1968, Ano III, n. 109, Suplemento Literário, p. 1.³⁹⁷
- “LÚCIO Cardoso – Mãos vazias: 30 anos”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, Ed. especial, 18 p.
- “LÚCIO Cardoso o que doou”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1968, p. 10.
- “LÚCIO Cardoso” (número especial dedicado a LC). Coord. geral e editoria de Lúcia Miners. *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 21 out. 1973, Tribuna Literária, 16 p.
- “LÚCIO Cardoso – vida e obra dez anos depois”. *Minas Gerais* (Número especial), ALMEIDA, Márcio, org. Belo Horizonte, 14 out. 1978, Ano XIII, n. 628, Suplemento Literário, 12 p.
- “LÚCIO Cardoso – *Chronique de la Maison assassinée e Inácio*”. Catálogo da éditions A. M. Métailié. Bibliothèque brésilienne, Paris, 1989, p. 12 e 14.
- “LÚCIO Cardoso”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, maio 1997, n. 25, Suplemento Literário, p. 12-3.³⁹⁸
- “LÚCIO Cardoso volta à cena com festival”. *O Tempo*, Belo Horizonte, 17 fev. 1998, caderno Aqui.
- “LÚCIO Cardoso”. *Cult*, n. 31, São Paulo, fev. 2000, p. 3.

³⁹⁶ Sem identificação do autor.

³⁹⁷ Artigo sobre a morte de LC.

³⁹⁸ Inclui fragmento em fac-símile do romance *A luz no subsolo*.

- M. A. [Marcos André]. “Um poema inédito de Lúcio Cardoso”. [Rio de Janeiro, c. 1963].³⁹⁹
- MACHADO, Alvaro. “‘Casa Blindada’ tem sala da ‘cegueira’”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 abr., Ano 3, n. 161, Guia da Folha, 2000, p. 69.⁴⁰⁰
- MACHADO, Ubiratan. “A cidade, o campo, o mal, o bem”.
- MAGALDI, Sábato. “A propósito do ‘Teatro de Câmera’”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro.
- . “Escravo”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 jul. 50.
- . “Escravo”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 11.
- . “Reabre o teatro de bolso”. *O Jornal*, Rio de Janeiro.
- . “Angélica” (I e II). *O Jornal*, Rio de Janeiro.
- . “Lúcio Cardoso fala-nos de teatro”. *O Jornal*, Rio de Janeiro.
- MAGIOLI, Ailton. “‘O viajante’ marca retorno de Saraceni”. *O Tempo*, Belo Horizonte, 20 jan. 1998, Magazine Engenho & Arte, p. 4.
- MAGNO, Pascoal Carlos. “A corda de prata, Rio Glória”. *Diário da manhã*, Rio de Janeiro, 22 out. 1947.⁴⁰¹
- MALPARTIDA, Juan [J.M.]. “Crônica da casa assassinada”. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericana, mayo 1992, n. 503, p. 138-9.⁴⁰²
- MARION. “Estante literária”. *Jornal de Petrópolis*, Petrópolis, 10 set. 1970.
- MAROBIN, Luiz. “O enfeitado de Lúcio Cardoso”. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 15 maio 1955.
- MARQUES, Clóvis. “O desconhecido”. *IstoÉ*, São Paulo, 18 out. 1978, p. 76.
- MARTINS, Elvira. “Lúcio Cardoso, o escritor versátil”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 11 jun. 1986.

³⁹⁹ Poema: “Antinous”.

⁴⁰⁰ Na exposição mencionada neste artigo, havia uma frase de LC grafitada numa de suas salas: “A tragédia é o estado natural do homem”.

⁴⁰¹ Encontrei a mesma informação com título divergente: “A corda de prata, no Glória”.

⁴⁰² Resenha sobre a edição crítica de Mario Carelli.

- MARTINS, Gilberto Figueiredo. "Recordações da casa dos mortos". *Cult*, São Paulo, set. 1998, Ano II, n. 14, p. 48-53.
- . "História de mesmos e outros". *Cult*, São Paulo, set. 1998, Ano II, n. 14, p. 56-7.
- . "Confissões a Lúcio". In: *Cult*, São Paulo, set. 1998, Ano II, n. 14, p. 58-9.
- MARTINS, Marília. "Os bastidores da literatura". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 fev. 1992, Caderno B, p. 1 e 8.
- . "As entrelinhas de um romance". *Ibidem*, p. 8.
- MARTINS, Wilson. "Um romance brasileiro". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 ago. 1959, Suplemento Literário, p. 2.
- . "O falso diário". *O Estado de S. Paulo*, Ano 16, n. 706, São Paulo, 7 fev. 1971, Suplemento Literário, p. 4.
- . "Um romance inacabado". *O Estado de S. Paulo*, n. 850. São Paulo, 11 nov. 1973, Suplemento Literário, p. 3.
- . "O suicídio de Lúcio Cardoso". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 ago. 1974, Ano XVIII, n. 888, Suplemento Literário, p. 3.
- . "A tentação hagiográfica (II)". *Jornal da Tarde*, São Paulo, 22 out. 1988.
- MAUAD, Isabel Cristina. "Vídeo exhibe obsessões de Lúcio Cardoso". *O Globo*, Rio de Janeiro, 1993.
- MAURÍCIO, Jayme. "Lúcio Cardoso hoje, na Goeldi". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 maio 1965.
- MÁXIMO, João. "Lúcio e a arte da coragem". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1965.
- MEIRA, Mauritônio. "Lúcio Cardoso rejeita prêmio de romance do INL e dá suas razões!". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 dez. 1960.
- . "'Diários íntimos' de Lúcio Cardoso serão publicados finalmente: pela Simões". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, [6 dez. 1960], Vida Literária.
- MELLO, Barbosa. "Apenas bons romances". *Leitura*, Rio de Janeiro, n. 18, maio 1944.

- MELLO, Dante de. "Diário de Lúcio Cardoso". *Correio do Povo*, 25 fev. 1961.
- MENDES, Murilo *et alii*. "O teatro de Câmera – através da palavra dos escritores brasileiros". *A Manhã*, Rio de Janeiro, 28 set. 1947, Suplemento Literário Letras e Artes.
- MENDES, Oscar. "O desconhecido". *O Diário*, Belo Horizonte.
- MERQUIOR, José Guilherme. "Poesia de Lúcio Cardoso". *Jornal do Brasil*.
- . "A forma e a febre". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jul. 1982, Caderno Livro.
- MESQUITA, Luciano. "Lúcio Cardoso, o poeta". *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 17-8.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. "Salgueiro". S/i., s/d.
- . "A favela verossímil de Lúcio Cardoso". *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1935, Coluna "Livros", p. 6.
- MILLÔR. "Ela é carioca". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 05 dez. 1999, Caderno 2, p. D20.
- MINERS, Lúcia. "Editorial". *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 21 out. 1973, Tribuna Literária, p. 2.
- MIRANDA, José Américo. "Artista total". *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 11 ago. 1996, Cultura, p. 4.
- MIRANDA, Sésimo de. "Câmera fechada" (Falando de livros).
- M. M. "As entrelinhas de um romance". [*Jornal do Brasil*], Rio de Janeiro.⁴⁰³
- MONTEIRO, José Carlos & RIBAS FARIA, Marcos. "Duas vezes Lúcio Cardoso: Paulo César Saraceni: a crônica de *A casa assassinada*" (entrevista). *Filme Cultura*, Ano VI, n. 20, Rio de Janeiro, maio-jun. 1972, p. 33-8.
- MONTELLO, Josué. "Lúcio Cardoso em Paris". *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1764, 8 fev. 1986.
- . "A presença de Lúcio Cardoso". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 maio 1988 Opinião.
- MONTENEGRO, Olívio. "Vida e sexo". *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 abr. 1955.

⁴⁰³ Artigo sobre a publicação da edição crítica de *Crônica da casa assassinada*. Acervo DEDOC – Departamento de Documentação da Editora Abril.

- . “O enfeitado”. *Diário de Pernambuco*, Recife, 27 mar. 1955.
- . “Um romance imoral”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 17 maio 1959, Letras e Artes, p. 3.
- MORAES, Edson Guedes de. “Lúcio Cardoso em 21 respostas” (entrevista). *Revista da Semana*, n. 35, 2 set 1957.⁴⁰⁴
- MORAES, Nascimento. “Lúcio Cardoso, romancista e poeta”. *Diário Oficial*, São Luís, MA, 29 abr. 1941, Ano XXXVI, n. 96, p. 1-2.
- MORAES, Vinicius de. “Lúcio Cardoso, poeta e romancista”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1935.
- MOREIRA, Carlos Roberto Aguiar. “*In memoriam*”. Rio de Janeiro, s/d., 4 fls.⁴⁰⁵
- MOREIRA [SIMÕES], Maria de Lourdes Utsch. “Lúcio Cardoso, um mito?”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 19 set. 1970, Ano V, n. 212, Suplemento Literário, p. 1.
- . “O Diário de Lúcio Cardoso”. *Minas Gerais*, Ano VI, n. 234, Belo Horizonte, 20 fev. 1971, Suplemento Literário, p. 7.
- . “O barroco em Lúcio Cardoso”. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, jun. 1971, n. 251, Caderno 1, p. 4-5.
- MORICONI Jr., Ítalo. “[O ano que passou não foi dos piores para a memória de Lúcio Cardoso]”. *Verve*, n. 19, Rio de Janeiro, jan. 1989, Caldo Cultural.
- MOTA E SILVA, Gutemberg da. “A crônica do escritor assassinado pelo esquecimento”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 set. 1978, Caderno B, p. 8.
- . “Paisagens, fome e sede em Lúcio”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 out. 1978, Ano XIII, n. 628, Suplemento Literário, p. 2.
- . “Maria Helena Cardoso – Os 80 anos da autora de *Por onde andou meu coração*, a saga de uma família mineira do início do século”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 maio 1983, Caderno 2, s/p.
- . “Maria Helena Cardoso. Aos 80 anos a fascinante viagem de um coração”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 13 jul. 1983 Suplemento Literário.

⁴⁰⁴ Encontrei número da revista e data divergentes: n. 38, 21 set. 1957.

⁴⁰⁵ Homenagem a LC. ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 03 dc.

- . “Os 25 anos da *Crônica da casa assassinada*: a chácara dos Menezes, alma e nervos de pedra: as bodas do silêncio”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 20 out. 1984, Ano XIX, n. 942, Suplemento Literário, p. 2-3.
- MOURA, Flávio. “Dostoievski mineiro”. *Veja*, São Paulo, 1 nov. 2000, Livros, p. 138.
- MOURÃO, Rui. “Guerra ao obscurantismo”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 maio 1961.
- MOUTINHO, José Geraldo Nogueira. “Diário (1º) de Lúcio Cardoso”. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 5 nov. 1961.⁴⁰⁶
- . “Nosso Lúcio Cardoso”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 jul. 1966.
- . “Lúcio Cardoso”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 set. 1968, Ciência e Cultura, p. 2.
- . “O Brasil e o mundo no ano literário de 1968”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 dez. 1968, Folha Ilustrada, p. 38.
- . “Há dez anos morria Lúcio Cardoso”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 set. 1978, Ilustrada, p. 67.
- MUNIZ, Almir. “A volta do filme de autor”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1998, caderno B, p. 1.
- . “Um romancista autêntico e completo”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1998, caderno B, p. 2.
- . “Anna Maria troca novela por produção”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1998, caderno B, p. 2.⁴⁰⁷
- “NA trilha de Jorge Amado” (França II). *Isto É*, São Paulo, 29 jan. 1986.⁴⁰⁸
- NAVA, José. “Aparição de Ariel”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 1.
- N. C. “O poeta e romancista Lúcio Cardoso”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1959, Vida Cultural.

⁴⁰⁶ Encontrei outra referência com data diferente: 5 maio 1961.

⁴⁰⁷ Artigo sobre a produção do filme *O viajante* (1998), de Paulo César Saraceni, realizada por Anna Maria Nascimento Silva.

⁴⁰⁸ Artigo sobre livros de autores brasileiros publicados na França.

- “[NOSSO suplemento presta hoje uma justa homenagem ao autor de *Crônica da casa assassinada*”]. Ilus. de Cecy Curado. (Col. Mineiriana, BH).
- “NOTAS biobibliográficas”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 28 set. 1968, Ano III, n. 109, Suplemento Literário, p. 1.
- “NOVIDADES nas prateleiras – *O desconhecido e Mãos vazias*”. *Valor*, São Paulo, 24, 25 e 26 nov. 2000, Livros, p. 14.
- “NOVO romance de Lúcio Cardoso”. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 jul. 1959, Atualidades e Comentários, p. 4.
- “NOVOS filmes, velhas esperanças”. *Zero Hora*, Porto Alegre, 13 mar. 1999, Segundo Caderno, p. 1.⁴⁰⁹
- “OBITUÁRIO (Carlos Kroeber, ator, aos 67 anos)”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1999.
- “OBRA tem ainda hoje aplausos da crítica”. [Banco de dados].
- “*O desconhecido e Mãos vazias*” (Release). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, out. 2000. [Acervo André Seffrin].
- “O final da trilogia da paixão”. *Zero Hora*, Porto Alegre, 27 jul. 1999, Segundo Caderno, p. 4.⁴¹⁰
- OLINTO, Antônio. “Perigo do ócio”. *Porta da Livraria*.
- . “*Crônica da casa assassinada*”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1959.
- . “Morte e presença de Lúcio Cardoso”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 set. 1968.
- . “O grande acontecimento”. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 26 jan. 2000, Tribuna Bis, p. 6.⁴¹¹
- . “A força de um romancista”. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 16 fev. 2000, Tribuna Bis, p. 6.
- OLIVEIRA COELHO, Antonio de. “A literatura de Lúcio Cardoso”. *Diário Popular*, [São Paulo], 14 ago. 1969.

⁴⁰⁹ Artigo não assinado sobre o filme *O viajante*, de Paulo César Saraceni, de 1998, baseado no romance homônimo de LC.

⁴¹⁰ *Ibidem*.

⁴¹¹ Artigo sobre os 40 anos de *Crônica da casa assassinada*.

- OLIVEIRA, José Carlos. "Um romancista de Minas". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1959, Suplemento Dominical, p. 8.
- . "2 – O labirinto". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1959.
- . "3 – Mentira e verdade". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1959, Suplemento Dominical, p. 8.
- . "3 – Mentira e verdade (conclusão)". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jul. 1959.
- . "O homem e a fábula: tardes, rosas, tempestade". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 nov. 1962.
- . "Um romancista de Minas". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 4.
- "O LÚCIO humano". *Veja*, n. 4, São Paulo, 2 out. 1968, Literatura, p. 61.
- "ONDE escritores e artistas se reúnem no Rio". *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, jul. 1952, Ano IV, n. 37, p. 1,3-4.
- ONETO, João Domenech. "Um escritor visto através do cinema". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1994.
- "O NOME de Lúcio Cardoso acaba de ser proposto para o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras". *Manchete*, Rio de Janeiro, 6 nov. 1965.
- "OPINIÕES críticas sobre a obra de Lúcio Cardoso". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 2.⁴¹²
- "O ROMANCE de 30". *Zero Hora*, Porto Alegre, 14 abr. 1999, Jornal de Vestibular, p. 6.
- "OS dez + (*Crônica da casa assassinada*)". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 jan. 2000, Mais!, n. 416, p. 2.
- "OS dez + (*Mãos vazias e O desconhecido*)". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 nov. 2000, Mais!, p. 2.
- PAES, José Paulo. "Poemas inéditos". *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 4 jul. 1982, n. 108, Suplemento Literário p. 14.

⁴¹² Críticas de Carlos Drummond de Andrade, Octávio de Faria, Temístocles Linhares, Wilson Martins, Agrippino Grieco, Antônio Olinto, Bernardo Gersen, João Carlos Oliveira, Luiz Santa Cruz e João Clímaco Bezerra.

- PAULO, João. "Um homem que cultivava a tristeza". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 fev. 1998, Espetáculo/Memória, p. 5.
- . "Brumas e cheiro de violeta no ar". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 3 fev. 2000, Espetáculos, p. 7.
- PEIXOTO, Mariana. "Sem medo das profundezas". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 set. 1998, Espetáculo/Memória, p. 5.
- . "Retratos da alma humana". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 set. 1998, Espetáculo, p. 1.
- . "Todas as artes de Lúcio". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 set. 1998, Espetáculo, p. 5.
- . "Literatura superlativa". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 3 fev. 2000, Espetáculos, p. 7.
- PELLEGRINO, Hélio. "Um indomável coração de poeta". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 out. 1968.⁴¹³
- PEREIRA, Armindo. "Cinco minutos com... Lúcio Cardoso". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 out. 1962, Suplemento Literário, p. 9.
- . "Cinco minutos com... Lycio Neves". (entrevista). *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, [?], Suplemento Literário.⁴¹⁴
- PEREIRA, Teresinha Alves. "Los novelistas brasileños (a propósito de Clarice Lispector)". *Revista de Cultura Brasileña*, Madrid-3, Spain, 1973, n. 35, p. 109-15.
- . "Recursos estilísticos da nova narrativa brasileira". *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, 1974, n. 287, caderno 1, p. 6.
- PEREZ, Mário Arias. "Sob o signo da luta contra a morte". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 11 maio 1974, Ano IX, n. 402, Suplemento Literário, p. 12.
- . "O trágico e o demoníaco em Lúcio Cardoso". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 13 set. 1975, Ano X, n. 469, Suplemento Literário, p. 7.

⁴¹³ Encontrei outra referência de data: 7 out. 1968.

⁴¹⁴ O escritor Lycio Neves fala de LC nesta entrevista.

PEREZ, Renard. “Como nasceu a sua vocação? – depoimento do romancista Lúcio Cardoso”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 maio 1959, Literatura.

———. “Lúcio Cardoso conta como nasceu sua vocação”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 24 maio 1959.

———. “Lúcio Cardoso (I)”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 17 maio 1964, Suplemento Literário, p. 3.

———. “Lúcio Cardoso (II)”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 maio 1964, Suplemento Literário.

“PERIGOS do ócio”. Coluna Porta de Livraria, [1952].⁴¹⁵

PICCHIA, Menotti Del. “Salgueiro”. S/i., s/d.

PIRES, Ézio. “Memórias de Maria Helena Cardoso”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 19 jul. 1969, Ano IV, n. 151, Suplemento Literário, p. 5.

PIRES, Herculano. “Crônica da casa assassinada – Lúcio Cardoso e a ficção hipnótica”. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1959.

PIRES, Pablo. “Eventos fazem homenagem a Lúcio Cardoso”. *O Tempo*, Belo Horizonte, 20 set. 1998, Magazine Engenho & Arte, p. 3.

———. “Concerto de Mourão mostra *O viajante*”. *O Tempo*, Belo Horizonte, 30 mar. 2000, Magazine Minas, p. 3.

PLACER, Xavier. “Ausência de Lúcio Cardoso”. *Jornal de Letras*, Abr. 1969

“‘PLANÈTE Couleur’ – Ausdruck der lebensfreude”. *NordBerliner*, Berlin, 22 jun. 1991.

“PLANÈTE Couleur – Peintres D’exceptions”. Catálogo da exposição. AIDA – Association Internationale des Arts. Paris-Berlin, 1989 e 1991.⁴¹⁶

PÓLVORA, Hélio. “O realismo romanesco de Lúcio Cardoso”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 jan. 1970, Caderno B.

———. “Ainda Lúcio Cardoso”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 mar. 1971, Caderno B.

⁴¹⁵ O artigo trata dos projetos de LC ao completar 40 anos.

⁴¹⁶ Exposição internacional de artistas deficientes físicos. Países participantes: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil (Lúcio Cardoso), Dinamarca, Espanha, França, Grã-Bretanha, Hungria, Luxemburgo, Holanda, Senegal e Suécia. Em Paris, a exposição aconteceu no 1º Andar da Torre Eiffel, de 20 set. a 1 out. 1989. Em Berlin, na Rathaus Wedding, de 21 jun. a 27 jul. 1991.

- PONTES, Elói. "A luz no subsolo". *O Globo*, Rio de Janeiro.
- PONTES, Joel. "O escravo". *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jun. 1961.
- PONTES, Mario. "Lúcio na Archives". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1991, Idéias/Livros, p. 2.
- . "[O jornal *Letras & Artes*, da Fundação Rio, publica um trecho do *Diário do terror*"]". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1991, Idéias/Livros, p. 2.
- PORRO, Alessandro. "Destaque". *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 fev. 1998, Segundo Caderno, Swann, p. 3.⁴¹⁷
- PORTELLA, Eduardo. "A chácara das palavras metafísicas". *Bravo!*, Ano I, n. 12, São Paulo, set. 1998, p. 47.
- PRADA, Cecília. "Quem foi Lúcio Cardoso". *Problemas Brasileiros*, Ano XXXVI, n. 330, São Paulo, nov.-dez. 1998, p. 38-40.
- PREVATTO, Wanderley. "Dez anos sem Lúcio Cardoso". *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 24 set. 1978, Jornal de Domingo, p. 6.
- "PRODUTOR de cinema". Arquivo Banco de Dados da *Folha de S. Paulo*, São Paulo.⁴¹⁸
- QUEIROZ, Dinah Silveira de. "A casa assassinada". ("Do Planalto"). Brasília.
- RAMALHETE, Clóvis. "Coletivismo e literatura". *Letras Brasileiras*, Rio de Janeiro, Ano II, n. 13, maio 1944.
- RANGEL, Egon de Oliveira. "Em torno do discurso e da perversão". *Cadernos de estudos lingüísticos - o discurso e suas análises*, Campinas: UNICAMP, jul. dez. 1990, n. 19, p. 159-72.
- "RATHAUS Wedding informiert". Berlin, 18 jun. 1991. (Acervo André Seffrin).
- RAYMUNDO, Marie Louise Hurel. "A invenção do mal ou a Crônica da casa assassinada". *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1970, Suplemento Literário.
- REGO, José Lins do. "Homens, coisas e letras: O enfeitado". *O Jornal*, Rio de Janeiro, 3 jan. 1955; *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 3 fev. 1955.

⁴¹⁷ Nota sobre o filme *O viajante*.

⁴¹⁸ Artigo sem referência bibliográfica.

- REGO, Norma Pereira. "A volta de Lúcio Cardoso". *Palavra*, Ilus. Trimano. Ano 1, n. 11, Belo Horizonte, mar. 2000, p. 68-72.
- REIS, Marcos Konder. "Carta a Lúcio Cardoso". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 10-1.
- . "Lúcio Cardoso, profeta de uma decadência". *Revista Leitura*, Rio de Janeiro, dez. 1968, n. 110, p. 36-7.
- . "Um diário de fogo". *Revista do Livro*, Rio de Janeiro: MEC/INL, Ano 13, n. 41, 1970, p. 76-84.⁴¹⁹
- . "Lembrança de um caderno". *Tribuna Literária*, Ano I, Rio de Janeiro, 20 out. 1973, Tribuna Literária, p. 14-5.
- . "O viajante ou a profecia". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 set. 1973.
- . "A música do sangue". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 out. 1978, Ano XIII, n. 628, Suplemento Literário, p. 10.
- . "O mais belo dos filmes do cinema novo". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1999, Caderno B, p. 2.
- "RETROSPECTIVA de Lúcio Cardoso – pintura – literatura – fotos – projeção de filmes" (Catálogo da exposição). Galeria Funarte - Rodrigo Mello Franco de Andrade. Rio de Janeiro, 7 a 23 abr. 1981.
- RIAUDEL, Michel. "Inácio". *Infos Brésil*, Paris, n. 58, abr. 1991, p. 15-6.
- RIBEIRO, Ésio Macedo. "Um poema inédito de Lúcio Cardoso". *Verbo21 – Cultura & Literatura*, Brasília, maio 2001, s/p.⁴²⁰
- RIBEIRO, Leo Gilson. "Ele anda por estes quadros". *Jornal da Tarde*, São Paulo, 16 jun. 1966.
- . "O que o pintor procurara é a serenidade". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 jun. 1966.
- . "Questão de prioridade". *Veja*, n. 99, São Paulo, 29 jul. 1970, Literatura, p. 70.⁴²¹

⁴¹⁹ Há outra referência sob o mesmo título: *Leitura*, 1970.

⁴²⁰ Revista virtual: <http://www.verbo21.com.br>.

⁴²¹ Artigo sobre o lançamento das obras de LC pelo Instituto Nacional do Livro.

- ROCHA FILHO, Rubem. "A força de Lúcio". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1968, Segundo Caderno, p. 1.
- ROCHA, Hildon. "As 'novas poesias' de Lúcio Cardoso". *Letras Brasileiras*, Rio de Janeiro: A Noite, abr. 1945, n. 24, p. 35-6.
- . "O enfeitado". *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 02 maio 1955.
- . "'Prêmio Machado de Assis' de 1966: um escritor – sua obra e sua história". *Correio da Manhã*, Ano LXV, n. 22.448, Rio de Janeiro, 11 jun. 1966, 2º Caderno, p. 1.
- . "'Prêmio Machado de Assis' de 1966: Um escritor – sua obra e sua história". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 1 e 17.
- . "Substratum poético de um romancista". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 6.
- . "Um ano sem Lúcio". *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 11 set. 1969, p. 52-5.
- . "Lúcio Cardoso, poeta e romancista". p. 2.
- RODRIGUES, João Carlos. "[O viajante]". Cinemais, São Paulo, [1999].⁴²²
- RODRIGUES, Mônica. "Esteta da polêmica". *Sui Generis*, Rio de Janeiro, Ano III, n 24, 1997, p. 43.⁴²³
- RODRIGUES, Sérgio. "A queda da casa de Lúcio". *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 jan. 2000, Prosa & Verso, p. 1.
- ROLIN, Olivier. "Une vénéneuse affaire signée Lúcio Cardoso". *Libération*, Paris, 10 jan. 1986.
- "ROMANCISTA morre depois do segundo derrame cerebral". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 set. 1968.
- RONCARI, Luiz. "O verso da verdade". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 jun. 1982, Ilustrada, p. 53.
- ROSA E SILVA, Enaura Quixabeira. "Do desespero à salvação". *O Jornal*, Maceió, 22 set. 1998, Caderno Dois, p. 1.

⁴²² Artigo sobre o filme *O viajante*, de Paulo César Saraceni.

⁴²³ Entrevista com o cineasta Luís Carlos Lacerda, onde ele declara seu relacionamento amoroso com LC. Declaração reiterada na mesma revista, na matéria "Do armário pras ruas", assinada por Marcos Mazzaro. (*Sui Generis*, Ano III, n. 28, 1997, p. 28).

- RUPPEL, Ulrike. "Kunstwerke von behinderten Malern". *Berliner Morgenpost*, Berlin, 22 jun. 1991.
- SABINO, Fernando [Tavares]. "O poeta da sombra". 27 jul. 1941, p. 4 e 6.
- SALDANHA, Ione. "3 dias na vida de Lúcio Cardoso e também uma pergunta: Por que até agora não deram a Lúcio o lugar de artista plástico a que tem direito?". *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 20 out. 1973, Tribuna Literária, p. 9
- SALLES, Almeida. "O desconhecido, de Lúcio Cardoso". *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 fev. 1941, Suplemento Literário, p. 1.
- . "Lúcio Cardoso - Poesias". *Clima*, São Paulo, ago. 1941, n. 3, p. 72-5.
- SAMPAIO, Márcio. "Expressão autêntica de Lúcio Cardoso". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 15 out. 1966, Ano I, n. 7, Suplemento Literário, p. 6.⁴²⁴
- SANTA CRUZ, Luís. "Romance demonológico". *Leitura*, 17 (22), Rio de Janeiro, 14 abr. 1959.
- . "O diabo no romance". *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 27 mar. 1960; *Letras e Artes*, p. 3.
- SANTARRITA, Marcos. "Crítica e alienação". *Jornal do Escritor*, Ano II, n. 13, mar. 1971.
- SANTIAGO, Carlos Henrique. "Cineasta leva 36 anos para fazer trilogia". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 fev. 1998, Ilustrada, p. 9.
- SANTIAGO, Silviano. "Rumo à estação do inferno". *Leia*, n. 119. São Paulo, set. 1988.
- . "Se a bola tivesse entrado". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 jul. 1999, Idéias/Livros, p. 7.
- SANTOS, Benjamim. "Elementos para uma sinopse de filme (a partir do *Diário Completo* de LC)". *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 20 out. 1973, Tribuna Literária, p. 10.
- SANTOS, Hamilton dos. "Deuses e diabos em Lúcio Cardoso". *O Estado de S. Paulo*, 23 jul. 1988, caderno 2, p. 5.

⁴²⁴ Crítica sobre a pintura de LC.

SANTOS, Ruy. “Uma produção modesta. Um filme brasileiro que fala de Deus e dos homens”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 out. 1978, p. 37.

SANTOS, Vitto. “A casa assassinada”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 ago. 1959.

SARACENI, Paulo César. “A crônica da casa assassinada”. *Filme Cultura*, n. 20, maio-jun. 1972.

———. “Uma casa assassinada”. *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 20 ago. 1973, *Tribuna Literária*, p. 5.

———. *O viajante*. S.l., s/d., 17 fls.⁴²⁵

“SARACENI encerra trilogia de Lúcio Cardoso”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1998, *Cidade*, p. 25.

“SARACENI filma romance que ficou inacabado”. *O Povo*, Fortaleza, 6 fev. 1999, *Vida & Arte/Sábado*, p. 5B.

“SARACENI termina sua trilogia”. *Zero Hora*, Porto Alegre, 11 maio 1998, *Segundo Caderno*, p. 6.⁴²⁶

SARDUY, Severo. “Un zeste d’angustura”. *Le Nouvel Observateur*, Paris, 22 nov. 1985, p. 93.

SCALZO, Nilo. “Crônica: qualidade e falhas”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 jan. 1980.

SCHMIDT, Augusto Frederico. “Maleita”. S/l., s/d.

———. “Sobre um poeta”. *Lanterna Verde*, n. 5. Rio de Janeiro, jul. 1937, p. 90-2.

———. “Paixão segundo São João” (poema). *Tribuna da Imprensa*, Ano I, Rio de Janeiro, 20 out. 1973, *Tribuna Literária*, p. 11.⁴²⁷

SCHÜLER, Donaldo. “Conflito do poeta Lúcio Cardoso com o cotidiano”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1983.

SCIUTO, Giovanni. “Peintres ou mediums”. *L’Autre Monde*, Paris, Sept. 1991, *Echos*, p. 6.

⁴²⁵ Roteiro para o filme baseado no romance homônimo inacabado de LC. ALC, AMLB, FCRB, pasta LC 06 dc.

⁴²⁶ Artigo não assinado sobre o filme, *O viajante* (1998), de Paulo César Saraceni, baseado no romance homônimo de LC.

⁴²⁷ Poema dedicado a LC.

- . “Pleins feux sur lês peintres handicapés”. (Acervo André Seffrin).
- SEFFRIN, André [do Carmo]. “Lúcio: um triste retrato”. *Jornal de Letras*, Ano XXXIX, n. 438, Rio de Janeiro, jul. 1988, 2º Caderno, p. 9.
- . “Lúcio Cardoso por Mario Carelli”. *Jornal de Letras*, Ano XXXIX, n. 441, Rio de Janeiro, out. 1998, Vida dos Livros, p. 9.
- . “Um poema inédito – a poesia de Lúcio Cardoso”. *Poesia etc.*, Ano 1, n. 2, Rio de Janeiro, out. 1997, p. 6.
- . “Dois antípodas”. *Veredas* (CCBB), Rio de Janeiro, nov. 2000.⁴²⁸
- “SEIS décadas atrás da câmera” (Ruy Santos – 1910-1989). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 mar. 1989.
- SEIXAS, Heloisa. “A tragédia como estado natural do homem”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 jan. 2000, Caderno 2, p. D7.
- . “A biblioteca”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 jan. 2000, Domingo, n. 1238, p. 12.
- . “Começa a ser reparada injustiça a Lúcio Cardoso”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 nov. 2000, Caderno 2/Cultura, p. D6.
- SILVA, Aguinaldo. “Uma história de pecado e redenção”.
- . “Romancista Lúcio Cardoso: vai mostrar que é um pintor”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 1 maio 1965.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. “O tempo como dissolução”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 mar. 1983, Folhetim, p. 8.
- SILVA, Lúcia Ribeiro da. “A Lúcio Cardoso” (poema). *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 17.
- SILVEIRA, Alcântara. “O Diário de Lúcio Cardoso”. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 set. 1961, Suplemento Literário, p. 1.
- . “O diário de Lúcio Cardoso”. In: *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 12.
- . “Diário íntimo, uma forma de auto-conhecimento”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 ago. 1974, Suplemento Literário, p. 6.
- SILVEIRA, Joel. “Lúcio Cardoso, prêmio Machado de Assis”. *NP* [?], jul. 1966.

⁴²⁸ Texto publicado na versão eletrônica da revista.

- . “Lúcio”. *Diário de Notícias*, 26 set. 1968.
- . “Em Brasília com Rimbaud”. *Revista Nacional*, n. 1005, 1 a 7 mar. 1998, p. 16.
- SODRÉ, Nelson Werneck. “Lúcio Cardoso, a imaginação e a realidade”. *Vamos Lêr!*, Rio de Janeiro: *A Noite*, 25 abr. 1940.
- SOLEDADE, Juliana. “Lúcio Cardoso: um ser para a morte ou a leitura de um diário filosófico”. *Verbo21 – Cultura & Literatura*, Brasília, set. 1999, s/p.⁴²⁹
- SOUZA, Octávio Tarquínio de. “Salgueiro”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 jun. 1935, Vida Literária, p. 4.
- . “A luz no subsolo”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 1936.
- STAROSTA, Isaac. “A morte que nos acompanha”. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 6 mar. 1971, Vol. VII, Ano IV, n. 168, Caderno Sábado, p. 5.
- STERZI, Eduardo. “Equívocos sobre vida e obra de Clarice”. *Zero Hora*, Porto Alegre, 5 jun. 1995, Segundo Caderno, p. 16.⁴³⁰
- SUKMAN, Hugo. “Saraceni volta a filmar obra do escritor Lúcio Cardoso”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 dez. 1996.
- . “A volta do trio Saraceni, Jobim e Lúcio Cardoso”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 jan. 1998, Segundo Caderno, p. 4.
- . “O filme – poema do amor claustrofóbico”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1999, Rio Show, p. 8.
- TARTAGLIA, César & NEVES, Tania. “[Paulo César Saraceni *[sic]* está azeitando as câmeras]”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 jan. 1998, Rio, p. 15.
- TÁVOLA, Artur da. “O social e o psicológico nas telepeças brasileiras.
- . “Angélica: ‘Detesto este rosto formado com o resto de tantas pessoas mortas’”.
- . “Da ironia de se chamar ‘Angélica’”.
- “TESTE”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 jan. 1970, Folha Ilustrada, p. 30.
- “TESTE”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 jul. 1970, Folha Ilustrada, p. 20.

⁴²⁹ Revista virtual: <http://www.verbo21.com.br>

⁴³⁰ Artigo sobre o amor impossível entre Clarice Lispector e LC.

- TOLIPAN, Heloisa. "O viajante sedutor". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 abr. 1999, Caderno B, p. 9.
- TOMAZ, Jerzuí Mendes Torres. "Feminilidade/Verdade e seus disfarces". *Centro de Estudos Freudianos do Recife – Informativo*, Ano II, n. 11, abr. 1998.
- "TRIÁLOGO entre trezentos". In: *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, jun. 2001, nº 72, p. 13 e 16.
- "UBÁ a cidade dos sonhos". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 set. 1978, Caderno B, p. 8.
- "UM escritor - sua obra e sua história". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1966, Suplemento Literário, p. 1.⁴³¹
- "UM Sarraceni [sic] rodriguiano". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 mar. 1996, Filmes, p. 7.
- WAJNBERG, Daniel Schenker. "Cinema Literário". *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 25 set. 1998, Mostra Rio/Críticas.
- WYLER, Vivian. "Lúcio Cardoso, místico, barroco, autodestrutivo". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 dez. 1979.
- VALLADARES, Clarival do Prado. "A pintura de um esteta: Lúcio Cardoso". *Cadernos Brasileiros*, Rio de Janeiro, maio-jun. 1965, n. 29.⁴³²
- . "Pinturas de Lúcio Cardoso". *Galeria Goeldi* (catálogo). Rio de Janeiro, 19 maio 1965.
- . "Lúcio Cardoso, 1968". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1968, Caderno B, p. 5.
- . "Lúcio Cardoso, 1968". Ilus. Lúcio Cardoso. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 nov. 1968, Ano III, n. 118, Suplemento Literário, p. 16.
- VINCENT, Claude. "Angélica". *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 1950.
- . "O filho pródigo". *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, [s/d.].
- VIEIRA, José Geraldo. "Lúcio Cardoso". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 jun. 1966, Folha Ilustrada, p. 7.

⁴³¹ Sem identificação da autoria.

⁴³² Encontrei o mesmo artigo com informação divergente: *Cadernos Brasileiros*, n 3, p. 45-7, maio-jun. 1965.

XAVIER, Élcio. "Um poeta inédito – Lúcio Cardoso". *Letras Brasileiras*, Rio de Janeiro, dez. 1944, n. 20, p. 57.

———. "Livros do dia: sobre a questão de arte pura".

d) Obras de referência:

AYALA, Walmir. *Dicionário de pintores brasileiros*. 2. ed. rev. e ampl. por André Seffrin. Curitiba: Ed. UFPR, 1997, p. 83.

BIBLIOGRAFIA analítica da literatura infantil e juvenil publicada no Brasil 1965-1974. Coord. por Laura Constancia Austragesilo de Athayde Sandroni. São Paulo: Melhoramentos / MEC, 1977, p. 90-1.

"BIBLIOGRAFIA de Lúcio Cardoso". ALMEIDA, Márcio & MOTA E SILVA, Gutemberg da, org. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 14 out. 1978, Ano XIII, n. 628, Suplemento Literário, p. 11.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira* (1951). 3. ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964, p. 326-7.

DICIONÁRIO de literatura. 3 vol. 3. ed. Dir. de Jacinto do Prado Coelho. Porto: Figueirinhas, 1976, vol. I, p. 209.

DICIONÁRIO brasileiro de Artes plásticas. Vol. 1. CAVALCANTI, Carlos, org. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1973, p. 354.

DICIONÁRIO enciclopédico Koogan Larousse Seleções. Vol. 2.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil / juvenil brasileira – 1882-1982*. São Paulo: Quíron, 1983, p. 508-11.

ENCICLOPÉDIA Barsa. Coord. por Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro, São Paulo: Encyclopaedia Britannica Editores, 1977, vol. 4, p. 73.

ENCICLOPÉDIA de literatura brasileira. 2 vol. Dir. COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. Rio de Janeiro: MEC/FAE, 1990, p. 388.

ENCICLOPÉDIA Delta Universal. Vol. 3. Rio de Janeiro: Delta, 1980, p. 1749.

ENCICLOPÉDIA mirador internacional. Vol. 4. São Paulo; Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1975, p. 1700-1 e 1720.

"ESCRITORES Brasileiros: Filmografia". *Filme Cultura*, Rio de Janeiro, n. 20, maio-jun. 1972, p. 42-4.

- EWALD Filho, Rubens. *Dicionário de cineastas*. São Paulo: Global, s/d.
- INVENTÁRIO do arquivo Lúcio Cardoso. Rosângela Florido Rangel & Eliane Vasconcellos Leitão, org. Rio de Janeiro: FCRB/MinC, 1989. (Série AMBL, 4).
- LAROUSE Cultural – Brasil A/Z – enciclopédia alfabética em um único volume. São Paulo: Universo, 1988, p. 173.
- LEITE, José Roberto Teixeira. *Dicionário crítico da pintura no Brasil*. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988, p. 105.
- LUFT, Celso. “Lúcio Cardoso”. In: *Dicionário da literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1967, p. 66-7.
- MAIA, Pedro Américo, coord. *Dicionário crítico do moderno romance brasileiro*. Belo Horizonte: Grupo Gente Nova, 1970, p. 129-34.
- MODERNISMO brasileiro - bibliografia (1918-1971). PLACER, Xavier, org. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1972, p. 133; 161; 211; 214; 238 e 343.
- PEIXOTO, Mario. *Ipanema de A a Z – dicionário da vida ipanemense*. Colaboração de Marcelo Câmara. Rio de Janeiro: AACohen, 1999, p.117.
- PEQUENO dicionário de literatura brasileira (1976). 2. ed. rev. e ampl. Org. e dir. por José Paulo Paes & Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 99-100.
- PONTUAL, Roberto. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969, p. 108.
- REBELO, Marques. *Antologia escolar brasileira* (1967). 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1975, p. 14-5.

e) Documentários e filmes baseados na vida e na obra de Lúcio Cardoso:

O enfeitiçado, 1968 [p&b / 16 e 35 mm / 11’].⁴³³

Curta-metragem inspirado na vida e obra de Lúcio Cardoso.
Produção: Cinesul Ltda.
Produção, direção e roteiro: Luiz Carlos Lacerda.

⁴³³ Posteriormente editado em vídeo: In: *Luiz Carlos Lacerda*. MinC/FUNARTE, Rio de Janeiro, s/d. [Coleção Brasileiras, 15]. Contém, além deste, outros cinco documentários.

Direção de produção e som direto: Eduardo Ruegg
Argumento: Luiz Carlos Lacerda de Freitas e Ângelo Sant'Anna
Fotografia e câmera: André Palluch.
Som e montagem: Júlio Mendes [Heilbron].
Atores: Lúcio Cardoso, Walmir Ayala e Octávio de Faria.
Cenário e figurino: José Henrique Bello.
Local de filmagem: Rio de Janeiro.

***A casa assassinada*, 1971.**

Longa-metragem [103'].
Baseado no romance *Crônica da casa assassinada* de Lúcio Cardoso.
Roteiro e direção: Paulo César Saraceni.
Fotografia e montagem: Mário Carneiro.
Cenário e figurino: Ferdy Carneiro.
Música: Tom Jobim.
Som: Geraldo José e Vítor Raposeiro.
Maquiagem: Ronaldo Abreu.
Atores: Norma Benguel (Nina), Carlos Kroeber (Timóteo), Tetê Medina (Ana), Nelson Dantas (Demétrio), Augusto Lourenço (André/Alberto), Rubens Araújo (Valdo Meneses), Leina Krespi (Bete), Joseph Guerreiro (padre Justino) e Nuno Veloso (médico).
Produção: Sérgio Saraceni, Paulo César Saraceni, Mário Carneiro e Planiscope.
Distribuição: UCB: Rio de Janeiro.
Local de filmagem: Marquês de Valença (Rio de Janeiro).

***Mãos vazias*, 1971.**

Longa-metragem.
Baseado no romance de Lúcio Cardoso.
Roteiro, produção e direção: Luiz Carlos Lacerda.
Fotografia: Rogério Noel.
Cenário e figurino: Mara Chaves.
Música: Jaceguay Lins.
Montagem: Raymundo Higino.
Atores: Leila Diniz, José Kleber, Ana Maria Magalhães, Arduino Colasanti, Ana Maria Miranda, Nildo Parente, Irene Estefânia, Manfredo Colasanti.
Local de filmagem: Parati (Rio de Janeiro).

***O desconhecido*, 1978.**

Longa-metragem.
Baseado no romance de Lúcio Cardoso.
Direção e fotografia: Ruy Santos.
Cenário e figurino: Paulo Chada.
Roteiro: Marcos Konder Reis.

Música: Ayrto Barbosa.

Atores: Luiz Linhares, Ruy Resende, Marcos Alvisi, Ângela Valério, Isolda Cresta, Manfredo Colasanti.

Local de filmagem: Cataguases (Minas Gerais).

Lúcio Cardoso, 1993.

Curta-metragem [19'].

Vídeo: Em Foco Multimídia.

Produção: Karla Holanda, André Seffrin, Fátima Leal e Eliane Terra.

Roteiro e direção: Eliane Terra e Karla Holanda

Fotografia e edição: Eliane Terra.

Consultoria literária: André Seffrin.

Apoio: Fundação Casa de Rui Barbosa.

Música: Tom Jobim e Wagner Tiso.

Atores: Buza Ferraz (dramatiza textos do *Diário completo*), Nelson Dantas e João Tinoco de Freitas.

Depoimentos dos escritores: Antônio Carlos Villaça, Rachel de Queiroz, Lêdo Ivo e Maria Alice Barroso; cineastas: Paulo César Saraceni e Luiz Carlos Lacerda; familiares: Maria Helena Cardoso e Lourdes Cardoso.

Local de filmagem: Rio de Janeiro – jun. 1993.

O viajante, 1998.

Longa-metragem [117']

Baseado no romance de Lúcio Cardoso na visão de Octávio de Faria

Produção: Anna Maria Nascimento Silva e Shater Produções Artísticas Ltda.

Direção de fotografia: Mario Carneiro

Câmera: Luiz Carlos Saldanha

Direção de arte: Ferdy Carneiro

Cenografia: Claudia Moraes

Figurino: Bia Salgado

Som direto: Jorge Saldanha

Direção musical: Túlio Mourão, Paulo Jobim e Sérgio Guilherme Saraceni

Montagem: Maria Elisa Freire

Produção executiva: José Loyolla e Jaime Arthur Schwartz

Adaptação, Roteiro e Direção: Paulo Cezar Saraceni.

Apoio: Lei do Audiovisual e Lei Rouanet.

Atores: Marília Pera (Donana de Lara), Jairo Mattos (Rafael), Leandra Leal (Sinhá), Nelson Dantas, Myriam Pérsia, Ricardo Graça Mello (Zeca) e participação especial de Milton Nascimento.

Locais de filmagens: Ubá, Cataguases, Tocantis, Ubari, Rio Pomba e Lambari (Minas Gerais).

f) **Correspondência passiva.**⁴³⁴

Nome	Cartas	Folhas
1) Academia Brasileira de Letras	1	1
2) Adalgisa Néri	1	1
3) Adauto Lúcio Cardoso	2	2
4) Aderbal Jurema	1	1
5) Adonias Filho	7	13
6) Afrodísio Carminati	2	2
7) Agenor Barbosa de Almeida	1	2
8) Agir Editora	10	10
9) Alair Gomes	11	11
10) Albano Nogueira	1	2
11) Alceu Amoroso Lima	1	1
12) Alexandrino de Souto	1	2
13) Álvaro Ribeiro da Costa	1	1
14) Amando Fontes	2	3
15) Americ=Edit. Ltda.	1	1
16) A. M. [Lnagsner]	1	1
17) Ana Osório	1	1
18) Anauê!	1	1
19) Anders [Lörensens?]	1	4
20) Ângelo Ferrari	1	1
21) Aníbal Machado	1	1
22) Antônio Bandeira	1	1
23) Antônio B. Martins Aranha	1	1
24) Antônio Boto	7	8
25) Antônio Carlos Penafiel	1	3
26) Antônio da Nova Monteiro	1	1
27) Ariadne de Argos	1	1
28) Pe. Armino Trevisan	11	21
29) Arnoldo Mondadori Editore	2	2
30) Associação Brasileira de Escritores	1	1
31) Atos Bulcão	2	2
32) Augusto [de Resende Rocha]	3	7
33) Augusto Frederico Schmidt	1	1
34) Azarias Silva	1	1
35) Barcelos, Bertaso & Cia.	2	2
36) Benjamin de Garay	7	12
37) Biblioteca Luso-Brasileira	4	4
38) Biographical Encyclopedia of the World	1	1
39) Breno Accioly	1	2
40) Brito Broca	2	6
41) Camilo Alzergui	10	11
42) Carlos Devinelli	1	3

⁴³⁴ Toda esta correspondência passiva encontra-se no ALC, AMLB, FCRB. Existem, ainda, 100 cartas não identificadas. S.l., s/d., 150 fls.

43) Carlos Drummond de Andrade	5	5
44) Carlos Roberto	1	1
45) Catherine Moissan	1	1
46) Cida Guimarães	1	1
47) Clarice Lispector	18	37
48) Cornélio Penna	5	10
49) Cyro dos Anjos	3	4
50) Claribalte Passos	1	2
51) Clube del Libro A.L.A.	2	4
52) Cornélio Pena	3	3
53) Cristiano Machado	1	1
54) Custódio Rebelo Gonçalves	1	1
55) Dalva Diamantino Pinto	1	2
56) Daniel Pereira	7	9
57) Dario de Almeida Magalhães	1	1
58) Décor - Artes Decorativas Ltda.	1	1
59) Desdêmona R. de Melo	1	1
60) Dias da Costa	6	6
61) Dilton de Matos	1	1
62) Diretrizes [jornal político]	1	1
63) Domingos Dantas	3	3
64) Domus Arquitetura de Interiores Ltda.	3	3
65) Pe. D. Timoteo	1	2
66) Éditions Gallimard	28	30
67) Editora Cultrix	1	1
68) Edméa de San Tiago Dantas	1	1
69) Eduardo Veiga de Matos	2	2
70) Elcio Xavier	9	9
71) Emecé Editores S.A.	1	2
72) Emeric Marcier	7	11
73) Emílio Moura	12	23
74) Eneida	1	3
75) Érico Veríssimo	13	13
76) Eudóxia Alves de Sousa	14	15
77) Fernando Sabino	4	9
78) Ferreira Gullar	1	1
79) Festival Brasileiro de Poesia (1)	1	2
80) Flávio de Campos	1	2
81) Fortunata Abranches	2	2
82) Pe. Fraga	1	1
83) Franchini Neto	1	1
84) Francisco Inácio Peixoto	1	1
85) Francisco Rodrigues Alves Filho	1	1
86) Francisco V. J. Chaves	2	3
87) Freitas Vale	1	1
88) Pe. Gastão	1	1
89) Gastão Cruls	1	1
90) Geraldo Azevedo	1	1

91) Geraldo Ribas	1	1
92) Glória Pires	1	1
93) Gilberto Amado	1	1
94) Giovana Di Vito	1	1
95) Guido Piovene	1	1
96) Guilherme Figueiredo	1	1
97) Guilhermino César	3	3
98) Gustavo A. Dória	1	1
99) Gustavo Capanema	3	3
100) Haydn Goulart	2	4
101) Hélio Martins	4	18
102) Hélio Monteiro de Toledo Sales	3	3
103) Hélio Pelegrino	1	1
104) Heloísa de Faria	4	4
105) Henriette Morineau	1	2
106) Hermano Duval	1	1
107) Hugo Tavares	2	4
108) Ildeu Brandão	8	16
109) Instituto Brasil-Estados Unidos	3	3
110) IAPC	4	4
111) Instituto Mackenzie	1	1
112) Ione Saldanha	5	5
113) Irmgard	4	5
114) Isaura Sales Maro	1	2
115) Ivone Azevedo	1	3
116) Jacques do Prado Brandão	12	17
117) Jean Bazin	1	1
118) J. Felicíssimo de Paula Xavier	1	1
119) João Batista Mesquita	1	1
120) João Cordeiro	1	1
121) João Etienne Filho	5	8
122) Joaquim Lúcio Cardoso	1	1
123) Jorge T. Abdalla & Cia. Ltda.	2	2
124) José Antônio de Sousa Leão	3	4
125) José Cândido de Carvalho	1	1
126) José César Borba	1	1
127) José C. Austragésilo de Ataíde	2	2
128) José Geraldo Vieira	2	2
129) José Lourenço Pereira	4	9
130) José Mangiere	1	1
131) José Murilo de Carvalho	1	2
132) José Olympio	1	1
133) José Otávio de Freitas Júnior	1	1
134) José Pereira Dinis	2	3
135) Pe. José Valsania	1	1
136) Jubirá Marinho	3	4
137) Judite Fernandes	4	4
138) Kodak Brasileira Ltda.	1	1

139) Le Connoisseur	2	2
140) Pe. Leovigildo Balestieri	1	2
141) Livraria do Planalto S.A.	1	1
142) Lucie Marion Carr	3	4
143) Lucila de Barros Correia	1	1
144) Luís Carlos Felicíssimo Paula Xavier	4	5
145) Luís Jatobá	1	1
146) Luís Vergara	1	1
147) Manuel A. Cardoso Ltda.	1	1
148) Manuel Augusto Rodrigues	1	1
149) Manuelito de Ornelas	3	5
150) Marco Aurélio Felicíssimo Paula Xavier	1	1
151) Marcos Konder Reis	1	2
152) Maria de Lurdes Cardoso Barros	3	5
153) Maria do Carmo	1	1
154) Maria Fernandes	1	2
155) Maria Helena Cardoso	3	5
156) Maria Isabel da Câmara	4	8
157) Maria José Barbosa Marins	1	2
158) Maria Venceslina Cardoso	19	30
159) Mário de Andrade	3	3
160) Mário Cabral	1	1
161) Mário Couto	1	1
162) Mário F. Paladene	1	1
163) Mário Peixoto	6	16
164) Mário Sucupira	1	1
165) Mário Vieira de Melo	1	1
166) Manuel Bandeira	1	3
167) Menotti Del Picchia	1	1
168) Miguel Alfredo D'Elía	1	1
169) Min. da Justiça e Neg. Interiores	1	1
170) Mota e Silva	1	1
171) Mozart Meniconi	1	1
172) Murilo Gondim	1	1
173) Murilo Mendes	17	30
174) Nazaré Viana de Paula	2	4
175) Nélida Piñon	1	1
176) Nélson Nocello Veloso	2	2
177) Nélson Rodrigues	2	2
178) Nélson Werneck Sodré	1	1
179) Nestor Duarte	1	8
180) Newton Freitas	1	1
181) Octávio de Faria	28	71
182) Odorico Tavares	1	2
183) Olga Pedrani	1	1
184) Oscar Mendes	4	5
185) Oscar Neto	2	2
186) Osvaldo H. Castelo Branco	1	1

187) Otávio de Melo Alvarenga	3	7
188) Otto Lara Resende	4	7
189) Ovídio Chaves	1	1
190) Paula Lima	4	7
191) Paulo César Saraceni	3	3
192) Paulo de Campos Moura	1	3
193) Paulo Hecker Filho	3	7
194) Paulo Mendes Campos	1	2
195) Pedro [Jallok]	3	3
196) Pedro Otávio Carneiro da Cunha	1	1
197) Raimundo de Meneses	1	3
198) Regina Felicíssimo de Paula Xavier	11	18
199) Ribeiro Couto	1	1
200) Rio Publicidade Ltda.	2	2
201) Roberto de Cleto	1	4
202) Rodrigo Melo Franco de Andrade	2	2
203) Rodrigo Otávio Filho	1	1
204) Rogério Corção	2	1
205) Ronald de Carvalho	1	1
206) Rosário Fusco	8	14
207) R. Piper & CO VERLAG	1	1
208) Sábato Magaldi	9	9
209) Sátiro Pibernat Carvalho	1	1
210) Sebastião Bento Rabelo Brochado	1	1
211) Sebastião da Silva Ramalho	1	4
212) Sérgio Barbosa	1	1
213) Simão Pedro Casassanta	1	2
214) Sociedade Filipe de Oliveira	2	2
215) SURTO	7	7
216) Tânia Lispector	1	2
217) Teatro do Estudante do Paraná	1	1
218) Telêmaco [Belém]	1	3
219) Telmo Vergara	2	2
220) Temístocles Linhares	1	1
221) Thiers Martins Moreira	1	1
222) Tristão da Cunha	3	3
223) Vanessa (parente de LC)	9	21
224) Vera, Mogilka	3	4
225) Vinicius de Moraes	6	21
226) Wilson Figueiró	4	4
227) Zoltan Glueck	3	3

g) **Correspondência de terceiros:**

Nome	Cartas	Folhas
1) Emil de Castro	1	1 ⁴³⁵
2) Lêdo Ivo	1	1 ⁴³⁶
3) Maria Helena Cardoso	1	6 ⁴³⁷
4) Octávio de Faria	22	71 ⁴³⁸
5) Raimundo Sousa Dantas	2	3 ⁴³⁹

h) **Inéditos:**⁴⁴⁰

ACCIOLY, Breno. [Teatro de Câmara]. Nota. S.l., 16 set. 1947. 1 fl.

ANDRADE, Carlos Drummond de *et alii*. Opiniões das críticas. Clarivaldo do Prado Valadares, Octávio de Faria, Arnaldo Pedroso d'Horta e José Geraldo Vieira. Nota sobre exposições de pintura de LC. S.l., 1965 e 1966. 2 fls.

ANJOS, Ciro dos. [Teatro de Câmara]. Nota. S.l., 12 set. 1947. 1 fl.

AYALA, Walmir. [Lúcio Cardoso]. Biografia. S.l., s/d. 1 fl.

BRANDÃO, Jacques do Prado. "Poema". S.l., 20 ago. 1941. 1 fl.⁴⁴¹

BRASIL, Francisco de Sousa. "Um domingo com Maria Helena Cardoso" (Entrevista). S.l., s/d. 7 fls.

FARIA, Octávio de. "As grandes promessas de 1955", "Lúcio Cardoso – novas aproximações do *Diário*", "Lúcio Cardoso – primeiras aproximações do *Diário*" (artigo). S.l., s/d. 13 fls.

HORTA, Arnaldo Pedroso d'. "A expressão de Lúcio" (artigo). S.l., s/d. 1 fl.⁴⁴²

MELO, Mário Vieira de. "*Salgueiro*" (crítica). S.l., s/d. 3 fls.

⁴³⁵ In: Coleção Ésio Macedo Ribeiro. Assunto: Inserção de poemas de sua autoria no livro *PI*, de LC e comentários sobre sua amizade com LC. Anexo: xerox da carta de Maria Helena Cardoso, abaixo mencionada.

⁴³⁶ In: Arquivo Clarice Lispector, AMLB, FCRB, pasta CL/cp 063. Assunto: Entre outros assuntos, notícias de LC.

⁴³⁷ In: Coleção Emil de Castro. Assunto: Pedido de desculpas, pela inclusão em *PI*, de LC, de poemas pertencentes a Emil. Prontifica-se a reparar os erros na segunda edição do livro.

⁴³⁸ In: Arquivo Vinicius de Moraes, AMLB, FCRB, pasta VMcp 249. Assunto: Entre outros assuntos, plano para publicar, em coleção, obras de LC *et alii*. Elogio a *Salgueiro*, de LC. Envia, em anexo, o artigo "*Salgueiro*", sobre o livro de LC.

⁴³⁹ In: Arquivo Carlos Drummond de Andrade, AMLB, FCRB, pasta 514. Assunto: Entre outros assuntos, crítica ao estilo de LC.

⁴⁴⁰ Todos estes inéditos encontram-se no ALC, AMLB, FCRB.

⁴⁴¹ "Poema", de LC está transcrito na mesma folha.

⁴⁴² Publicado no *Jornal da Tarde*, 23 jun. 1966. No verso, transcrição de artigo de Leo Gilson Ribeiro, publicado em *O Estado de S. Paulo*, 16 jun. 1966.

MONTEIRO, Adolfo Casais. [*Salgueiro*] (artigo). S.l., s/d. 3 fls.⁴⁴³

MORAIS, Vinicius de. “Três instantâneos à posteridade” (crítica). Campo Belo – MG, 15 ago. 1935 e 1936. 6 fls.⁴⁴⁴

———. “Lúcio Cardoso, poeta e romancista” (datiloscrito). Campo Belo - MG, 1936, 10 fls.

REIS, Marcos Konder. “Sobre Lúcio Cardoso” (artigo). S.l., s/d. 2 fls.

SARACENI, Paulo César. *Crônica da casa assassinada e A mulher de longe* (roteiros de filmes). S.l., s/d. 81 fls.

SCHMIDT, Augusto Frederico. “Ela tinha uns ombros”, “Paixão segundo S. João”⁴⁴⁵ e “Passagem” (poesias). S.l., s/d. 8 fls.

SOUSA, Helena de Castro. “Lúcio...” (poesia). S.l., s/d. 1 fl.

VALLADARES, Clarival do Prado. “Lúcio Cardoso 1968” (crítica). Rio de Janeiro, mar. 1968. 4 fls.

VIEIRA, José Geraldo. [“Lúcio Cardoso”] (artigo). S.l., s/d. 1 fl.⁴⁴⁶

i) Inéditos de autores não-identificados:⁴⁴⁷

Ensaio sobre LC (4). S.l., s/d. 12 fls.

Poesias dedicadas a LC (5). S.l., s/d. 5 fls.

Textos de assuntos diversos (19). S.l., de 1959 a jun. 1966. 93 fls.

⁴⁴³ Publicado na *Revista de Portugal*, Lisboa (?), jan. 1937.

⁴⁴⁴ Encontrei, no ALC, AMLB, FCRB, um texto homônimo, datado: “Campo Belo – 16 – 8 – 1935”, em apenas duas páginas. Pasta LC 18 pit.

⁴⁴⁵ Publicado na *Tribuna da Imprensa*, sob o título “Paixão segundo São João: para Lúcio Cardoso”. Rio de Janeiro, 20 out. 1973, *Tribuna Literária*. Posteriormente, inserido em *PI* (1982), de LC.

⁴⁴⁶ Publicado na *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 jun. 1966. No verso, transcrição e artigo de Nair Lacerda publicado em *A Tribuna*, Santos – SP, 26 jun. 1966.

⁴⁴⁷ Estes inéditos se encontram no ALC, AMLB, FCRB.